

*"E se as duas pessoas que  
você mais ama na vida te traíssem?"*

# CORAÇÕES EM *Risco*



AUTORA  
BEST-SELLER  
DA AMAZON

**JAS SILVA**



## DADOS DE COPYRIGHT

---

### SOBRE A OBRA PRESENTE:

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

### SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---





**CORAÇÕES**  
**EM** *Risco*

**JAS SILVA**

Copyright @ 2021 JAS SILVA

EQUIPE EDITORIAL:

Capa:  
Mirella Santana

Preparação de texto e Diagramação:  
Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

# Nota da autora

Ao decidir escrever *Corações em Risco*, eu não imaginei que seria tão intensamente tomada pelas histórias de Adam, Hannah e Georgia. O que era para ser um *suspiro* entre dois furacões (*Sangue Real*, lançado em 2020; e *Rubi de Sangue*, o meu próximo lançamento), acabou por se tornar uma das histórias mais dramáticas que escrevi até esse momento.

E o drama vem em forma de realidade. O que vocês lerão nas próximas páginas, nada mais é do que um retrato de algo que poderia acontecer a sua vizinha, a alguma amiga... e até mesmo a você (eu realmente espero que não, mas enfim). Não foi fácil contar a realidade, porque ela machuca e incomoda. Mas é real. E como uma boa defensora de meus personagens, eu espero que se apaixonem por cada um deles.

Até mesmo um certo doutor... sem coração.

Encerro essa pequena nota, agradecendo a você, caro leitor, pelo carinho! E, desejando que sejam todos bem-vindos ao universo fictício de *East Village*!

Até a próxima,  
Jas Silva

# Prólogo



## ***Melhores amigas***

O vapor quente escapou entre os meus lábios, embaçando a janela da casa de Hannah, que seguia sentada ao meu lado. Distraída enquanto pintava suas unhas de um rosa suave, o oposto da explosão de cor que escolhi para as minhas. Esconder dela que o *seu rosa* era sem graça não me tornava uma amiga ruim, tentei me convencer enquanto me dava conta de que, para não a magoar, eu seria capaz de tudo.

Até de contar uma pequena mentirinha.

De forma dramática, suspirei ao afastar a franja torta da testa ao mesmo tempo que semicerrava meus olhos azuis na direção do novo vizinho dos Davis.

O que já vinha fazendo desde que cheguei à entrada da casa de Hannah – a melhor amiga do mundo inteiro –, e o vi arremessar a bola de futebol americano para o homem loiro que imaginei ser o seu pai. Eles eram parecidos, ainda que a expressão no rosto do adulto fosse de extrema impaciência, dando a entender que desejava estar em qualquer outro lugar, que não ali, perdendo tempo com o filho.

*Eu entendia disso melhor do que ninguém.*

Perdida em todos os meus pensamentos infantis, e fantasiosos, perguntei-me se ele não se sentia sozinho como eu. Se não ficava triste. Ainda que o pai dele estivesse presente, e a minha mãe sequer notasse quando eu estava em casa. Desatenta, eu me deixei levar pela curiosidade de saber quem eles poderiam ser, já que Hannah não havia contado nada sobre ter novos vizinhos.

Até antes das férias de outono começarem, a imensa e bonita propriedade ao lado da dos Davis esteve desocupada por meses. Eu sabia porque sempre que arrastava a minha velha bicicleta pela extensa rua arborizada me detinha em frente à casa e imaginava um futuro em que eu viveria nela.

Mamãe e os professores diziam que eu perdia tempo demais dentro da minha própria mente, sonhando coisas que não deveria. *Querendo o impossível*. O que me fazia sentir como se tivesse algo errado comigo, principalmente quando eu olhava para Hannah e percebia que eu era a única que preferia viver em meio às fantasias que criava a ter que encarar a realidade.

Hannah tinha sorte, pensei pela milésima vez. Seus pais a amavam, ela vivia em uma casa bonita e sua mãe sempre a recebia com o almoço pronto. Fora os lanches que ela levava para a escola e compartilhava comigo... Eu poderia ficar triste por não ter nada disso em minha vida, mas bastava olhar para Hannah para saber que ela merecia tudo. Minha melhor amiga era a pessoa mais legal do mundo. A mais gentil também.

Por diversas vezes comi na mesma mesa que ela, sempre convidada por seus pais, Michael e Lilian. Ele, de acordo com o que a filha dizia, era um advogado *muito* importante e ajudava todo mundo. Já a mãe dela, era uma dona de casa ocupada. Que adorava participar dos conselhos da escola e do condado. E, diferente do pai de Hannah, que parecia realmente gostar de mim, a senhora Davis me enxergava apenas como mais um caso de caridade dos tantos em que *ocupava o seu tempo*.

— O que tanto olha? — Hannah se pôs ao meu lado, praticamente me empurrando. Contrariando assim o pedido de

sua mãe, que odiava quando subíamos em seu sofá de estampa elegante e floral, ou quando éramos barulhentas. Segundo ela, garotas não deveriam se comportar como *monstrinhas*.

Hannah sempre concordava, educada como era, mas quando ficávamos sozinhas, ela sorria e se transformava em outra criança. A verdade era que nos fazíamos felizes.

Por isso não me importava nem um pouco que todos contestassem as razões pelas quais éramos amigas. Desde os professores até os alunos do colégio em que estudávamos. Era como se alguém como ela jamais pudesse andar com alguém como eu, que vivia no lado mais feio da cidade.

Logo que nos tornamos amigas, eu temi que seus pais também me olhassem da forma como todos os outros faziam, como se eu fosse uma pária, mas eles eram educados e formais demais para agir dessa forma. Nem mesmo a senhora Davis, em seus piores dias, chegou a me tratar mal.

Hannah dizia que a mãe era muito severa, mas que a amava. Eu não duvidava, mas, às vezes, tinha a impressão de que ela procurava por algo mais ao me olhar. Algo que eu não sabia o que era. Seus olhares estranhos faziam-me sentir menor ainda.

Nesses momentos, eu sempre me perguntava se a Sra. Davis enxergava em mim o mesmo que todos os outros: a minha mãe. Como se os pecados dela também fossem os meus.

— Georgiana? — Hannah me chamou pelo nome, algo que eu não gostava. — Você não está me ouvindo!

— Shhh — pedi para que falasse baixo, temendo que o garoto do outro lado do jardim pudesse, de alguma forma, nos

ouvir. Havia um muro de roseiras separando as duas casas, mas incapaz de me impedir de vê-lo. — Eu estou olhando o seu novo vizinho.

— Adam? — Então esse era o seu nome. — Ele se acha, e é chato! — Hannah revelou, surpreendendo-me. Porque ela nunca odiava ninguém.

Fascinada, apoiei o meu queixo sobre as duas mãos e liberei outra baforada, ficando sem graça ao ser capaz de escutar o meu estômago roncar, não pela primeira vez. Mas, até então, Hannah sequer havia notado.

Preferia que continuasse assim, porque, como imaginei, ela me lançou um olhar atento enquanto eu escolhia ignorá-la e fingir que não estava faminta.

Porque, vamos combinar, eu sempre estava com fome.

Na minha casa, se é que eu podia chamar o pequeno trailer em que vivia de casa, comida era algo que não havia em abundância. Até porque mamãe nunca se lembrava de cozinhar.

Hannah e eu poderíamos viver a menos de vinte minutos de distância uma da outra, mas a pequena comunidade em que eu vivia, às margens de *East Village*, não se parecia em nada com o bairro rico em que ela morava.

Pelo contrário. Os meus vizinhos eram, em sua maioria, imigrantes ilegais e operários que forneciam mão de obra barata ao restante da cidade.

Da forma grosseira como mamãe falava, nós éramos o *lixo humano* que os riquinhos de *East Village* precisavam para manter tudo funcionando. Diferente da maioria das crianças, que estudavam na escola da cidade vizinha, eu fui enviada para o

*E.A. School.* O que nunca fez sentido, e mamãe sequer explicou como ganhei a *tal* bolsa que me garantia estudar na mesma escola que Hannah.

Mas assim eram as coisas com mamãe, ela nunca tinha respostas para as minhas perguntas.

Outro ronco foi escutado e, como se não estivesse desde a noite anterior sem comer, eu olhei para a minha amiga e sorri.

— Eu o achei lindo — admiti, ignorando o olhar que ela me lançou.

Uma lufada de silêncio se impôs entre nós duas, até que Hannah continuou:

— Mamãe contou que ele vai estudar na minha turma. — Eu a encarei com atenção, conforme a curiosidade aumentava e o friozinho na barriga também.

Minha amiga era um ano mais velha, mas nós éramos inseparáveis desde pequenas – não que em nossa idade fôssemos grandes, mas enfim – quando, na pré-escola, ela atravessou o parquinho com seu rabo de cavalo ruivo e as sapatilhas de princesa mais lindas que eu já tinha visto, e afastou os meninos mais velhos que estavam ao meu redor. Rindo das minhas meias serem diferentes e por eu parecer suja, Hannah fez com que eu me sentisse especial.

— *Fiquem longe dela* — foi a primeira coisa que a escutei dizer aos garotos que sempre que podiam, chamavam-me de *sujinha*.

Com a sua interferência, os meninos bobos se afastaram enquanto ela se aproximava ainda mais, e, de forma delicada,

limpava as minhas bochechas abrindo um sorriso enorme e me oferecendo um sanduíche, que não tive como recusar.

Hannah não perguntou o que eles queriam, ou quis saber por que eu sempre vinha desmazelada para a escola. Para a minha surpresa, ela até mesmo me convidou para o seu aniversário.

Desde aquele dia, nós só deixávamos de nos ver nas férias escolares, quando eu não podia sair de casa, nem mentir para a mamãe dizendo que as aulas levavam horas além do que a verdade.

Até hoje, Hannah era a única pessoa no mundo a me fazer rir e esquecer todos os motivos pelos quais eu queria chorar. Ela me fez gostar de ir à escola, ainda que eu odiasse as aulas, e a esquecer do que me esperava quando o sinal tocava.

A verdade era que mamãe sequer tinha emprego e, quando tinha, ela sempre arrumava um jeito de estragar tudo. Quanto ao meu pai, eu nunca o conheci.

E acho que ele também nunca quis me conhecer, caso contrário já teria procurado por mim, não é?

— Como sua mãe descobriu? — perguntei, sentindo o cheiro de bolo de chocolate vindo da cozinha da senhora Davis. Um cheiro que em nada lembrava o fedor de álcool e perfume forte impregnado em minha mãe.

— Os pais dele contaram quando vieram jantar na última noite. — Voltei a olhar para o garoto, que agora fazia arremessos sozinho.

A expressão irritada em seu rosto ao ver seu pai se afastar me fez imaginar se o jogo para ele não seria como a dança era

para mim. *Tudo*.

— O que tanto pensa, Gigi? — Nunca houve segredos entre mim e Hannah; e, se dependesse de mim, jamais haveria.

— Se eu me casar com ele, nós seremos vizinhas.

Então, ela e os seus pais poderiam cuidar de mim mais facilmente. Eu não teria que ficar mentindo para a mamãe sobre as aulas extras, nem escondendo a comida que o senhor Davis enfiava na minha mochila, para que eu pudesse comer quando sentisse fome. Eu não sentiria mais vergonha, porque minha mãe era tida como *maluca e falada*, nem precisaria lidar com seus acessos de raiva quando as coisas dessem errado.

— Não é assim que funciona... — minha amiga respondeu daquele jeito que sempre me trazia de volta à realidade, mesmo que eu não quisesse. Sabia que não era culpa dela, mas as coisas que dizia me deixavam triste. Eu preferia não pensar, ou fingir que a minha vida era diferente.

— Charlotte e Amber — interrompi-a, o que a fez estreitar os olhos azuis, confusa.

— Hum?

— Esse é o nome que ele e eu daremos as nossas filhas. Charlotte e Amber.

Hannah me encarou séria, mas em seguida sorriu, rendendo-se a minha mais recente fantasia.

— Elas serão lindas bailarinas... e nós seremos vizinhas, sim, sua boba! — Eu a abracei, com força, fazendo-a rir de forma aguda e nada delicada, enquanto nos jogava no sofá.

Deitada ao seu lado, eu me peguei desejando crescer logo. Apenas para poder viver perto de Hannah e... *dele*.

Então eu nunca mais me sentiria sozinha.



## ***Quase irmãs***

Levei o dedo à boca, prestes a morder a unha, desistindo do irritante hábito antes que o esmalte preto descascasse. Irrequieta, alisei a saia do uniforme de líder de torcida, mal cobrindo as minhas pernas, e tentei não pensar na noite passada ou no pequeno hematoma que havia coberto com maquiagem essa manhã em minha coxa. Camuflar *os ataques* da minha mãe se tornara algo frequente, dada a constância com que ela se irritava comigo.

Se já não fosse o bastante, havia em mim a tensão por estar prestes a colocar meus olhos em Adam.

Hoje era o dia do último treino antes dos jogos da temporada finalmente começarem. Como a capitã do grupo de líderes, Hannah pedira a todas nós que ficássemos após o treino como um incentivo aos jogadores, mas eu sabia que ela não desejava estar aqui.

A única razão pela qual aceitou fazer parte do grupo era porque isso facilitaria a minha entrada e nós duas poderíamos passar mais tempo juntas. O fato de ela ter sido nomeada capitã era apenas a cereja do bolo. Era ela quem tinha toda a popularidade e genialidade para nos representar, de qualquer forma.

Com a entrada dos jogadores em campo, algumas garotas espalhadas pela arquibancada do colégio começaram a murmurar safadezas e comentários que não suportava escutar. Não foi uma ou duas as vezes em que me segurei para não pedir

que parassem com as brincadeiras e, finalmente, declarar Adam como meu.

A razão pela qual eu nunca havia feito?

Era porque a única pessoa que sabia sobre meus encontros com o capitão do time do colégio era a garota ruiva sentada ao meu lado.

Assim como também era a única a saber do meu amor por Adam desde que o vi pela primeira vez, seis anos atrás. Minha amiga acompanhou de uma posição privilegiada o crescimento dessa paixão até chegar à loucura que era hoje e, como de costume, nunca deixou de torcer o nariz fino e delicado ao me escutar falar sobre ele e o futuro que teríamos. O problema aqui era que Hannah e Adam nunca se deram bem, havia essa energia estranha vinda deles, que, como tudo o que me atingia, escolhi ignorar.

Eu amava a minha amiga, o tempo nos tornou irmãs. Mas também amava Adam, mesmo que fosse inegavelmente o seu segredinho sujo.

O que nunca impediu os encontros sórdidos após os seus treinos, ou as escapadas tarde da noite quando eu fugia pela janela de casa e me jogava em seu carro, depois que ele atravessava toda a cidade para me pegar. Havia também as ligações em plena madrugada, fosse para desabafar sobre as exigências e expectativas de sua mãe, fosse para falar safadezas até que dormíssemos. Eu preferia as safadezas, mas gostava de saber que ele se sentia confortável o suficiente para se abrir comigo sobre um assunto que não era discutido com mais ninguém.

Após a morte prematura de seu pai, um ano atrás, Adam havia se fechado e apresentado um comportamento destrutivo, foi esse o momento em que nos aproximamos. Por algum tempo, pensei que eu fosse o seu *escape*. *Aquilo que o afastava da realidade*. Mas meses haviam se passado e continuávamos juntos.

Ainda que em segredo.

Não que eu pudesse culpá-lo. Porque a pressão sobre Adam nunca partiu somente de seu pai. Sua mãe, se possível, conseguia ser drasticamente pior. Muito mais manipuladora também. Eu sabia, porque, na primeira vez em que me pegou escapando do quarto do seu filho pela manhã, ela fora intransigente e rude.

A forma como me encarou dos pés à cabeça, ou como pareceu cheirar o ambiente... à procura de algum fedor. Até então, ninguém nunca havia conseguido me fazer sentir tão humilhada como Grace Preston.

Mas esse era o nosso segredo, porque não tive coragem de contar a Adam a forma como sua mãe lidava comigo. Ele podia sentir-se pressionado de todos os lados por sua respeitada família, mas Adam a amava. E, uma parte dele, sempre quis atender a cada infeliz expectativa criada por ela. A pressão que antes era grande, após a morte do Dr. Preston – o proprietário da principal clínica de saúde da região – tornou-se gigantesca, porque agora era como se Adam se sentisse na obrigação de tomar o lugar de seu pai. Em tudo.

— Você não foi ao estúdio ontem à tarde — comentei, desejando que a pressão em meu peito diminuísse. Eu só tinha

16 anos, droga, não deveria me sentir como se houvesse um mundo de problemas em minhas costas.

*Mas havia.*

— Fiquei estudando. — Não seria a primeira vez.

Esse podia não ser o último ano no *High School* para mim, mas era para Hannah e Adam, o que refletia no tempo em que passavam estudando para o SAT<sup>[1]</sup>. Não que Hannah não tivesse matérias extras o suficiente para garantir sua posição em qualquer uma das universidades para a qual se inscrevera.

Enquanto ela se preparava para o futuro brilhante que teria, e merecia, eu me dobrava em duas para conseguir conciliar as aulas com o trabalho que havia conseguido com Madame Adeline, a dona do estúdio de dança em que mamãe trabalhou anos atrás, e que por causa dos atrasos acabou sendo demitida.

Sem ninguém com quem ela pudesse me deixar, por vezes eu a acompanhei e assisti várias das aulas. Sempre obrigada a ficar quieta e não atrapalhar, fosse ela ou à madame. Ainda assim, aquelas eram as melhores horas do meu dia! À minha maneira, eu sempre ia para casa dançar sozinha o que aprendia apenas ao assistir. Gostava tanto de dançar, que poderia dizer que nunca chorei tanto na vida como quando descobri que não poderia voltar ao estúdio por causa da irresponsabilidade da minha mãe.

Então, com o passar do tempo, e com a cara e a coragem, eu bati na porta de Adeline e implorei para que me deixasse ter aulas. Não foi fácil convencê-la, mas a oferta de ter uma *ajudante* a um preço tão barato a fez ceder. Ainda que a fama da minha

mãe tenha influenciado sua opinião a meu respeito, eu consegui o meu espaço.

Não que meu atrevimento tivesse nos tornado próximas, a Madame parecia realmente não gostar de mim e menos ainda do meu gênio forte, ela desconfiava de tudo o que eu fazia, e eu nunca – em quase três anos – havia escutado um elogio vindo de sua boca. Nem quando conseguia completar com perfeição cada passo ensaiado. Ou, para desespero dela, quando provava que era melhor do que qualquer uma de suas alunas *pagantes*.

Às vezes, Hannah aparecia no final da tarde para me ajudar a organizar tudo, ou apenas se sentar e me esperar. Então nós saíamos e tomávamos sorvete. Em outros dias, os que eu precisava ficar até mais tarde, quem aparecia era Adam. Ele sempre me ajudava, fazendo com que terminasse rapidamente para que pudéssemos ficar sozinhos em seu carro esportivo: o último presente dado por seu pai.

— Você está séria hoje. — A voz doce e baixa de Hannah trouxe-me à realidade enquanto ela me passava a embalagem de *Skittles*<sup>[2]</sup> que dividíamos.

— E durante a noite... você também estudou? — perguntei, afastando o ressentimento em minha voz.

Após o surto da minha mãe na noite passada, com todas as garrafas jogadas em minha direção e os insultos, eu havia simplesmente saído. Normalmente, Hannah era o meu refúgio, mas, sem conseguir falar com ela, não achei que seria uma boa ideia caminhar por todo o caminho até a sua casa.

Além do mais, eu sentia como se precisasse ficar sozinha.

O semestre da primavera estava prestes a terminar; e no outono, Hannah e Adam iriam para a universidade enquanto eu não tinha a menor ideia do que aconteceria comigo longe deles.

A incerteza deixava-me insana. Se antes era difícil me concentrar nas aulas, agora vinha sendo praticamente impossível.

— Acabei dormindo cedo — respondeu, sem me encarar. E esse foi o momento em que todo o time se posicionou em campo, inclusive o capitão.

— *Fiquei sabendo que ele não namora desde a perda do pai...*

— *Eu juro que o vi... se não era ele, era alguém muito parecido. E ele não estava sozinho.*

Duas garotas riram baixinho, conspirativas, enquanto eu lentamente me virei a fim de olhar para trás. Eu teria dito alguma coisa imprópria, ou apenas pedido para que se calassem e não dissessem absurdos, mas então senti a mão de Hannah sobre a minha em uma tentativa de me acalmar, quando tudo o que eu precisava era me lembrar de que era comigo que Adam estava saindo.

Que suas noites eram passadas ao meu lado, e que, às vezes, eu até dormia em sua casa. Não tinha como ele ter estado com outra pessoa, em qualquer lugar que fosse, não é?

Adam e eu não falávamos muito sobre fidelidade, porque achei que estivesse claro para ele que, depois de entregar a minha virgindade, não haveria ninguém. Não importava que os boatos rondando os corredores do colégio fossem indecentes. Eu podia ter beijado meu quinhão de garotos, saído para festas e me

divertido, mas Adam era o único a possuir o meu corpo e coração.

Eu esperava que ele soubesse.

Por causa das escolhas que fiz, antes e depois dele, eu não tinha a melhor das reputações e nunca me importei em provar nada a ninguém porque, ao me olharem, as pessoas só conseguiam enxergar Darana.

Precisei de anos para compreender que nada do que eu fizesse mudaria esse fato.

— Sua mãe... está bem? — Hannah perguntou, como se, de repente, sentisse culpa.

Nunca fui boa omitindo qualquer coisa dela, mas ultimamente, quando se tratava da vida que eu tinha em casa, era mais fácil manter tudo para mim.

— Uhum — respondi, não querendo deixá-la triste.

Odiava quando ela agia como se eu fosse sua responsabilidade.

— Eu ainda não sei para qual faculdade ele irá — mudei de assunto, fazendo-a finalmente me encarar.

— Como?

— Adam, eu ainda não sei.

Óbvio que ele tinha garantias por causa da posição como capitão. Se jogasse bem até o fim do semestre e conseguisse manter a atenção dos olheiros, que vinham acompanhando seus jogos desde o último ano, ele com certeza conseguiria uma bolsa. O que o deixaria livre para seguir o caminho que quisesse, sem a interferência da mãe.

O problema era que a *víbora de saia*, conselheira chefe do colégio e representante oficial da comunidade, deixara claro que esperava que seu único filho seguisse os passos do pai, que clinicou por anos no Texas e acabou abrindo a sua própria clínica ao se mudar para *East Village*.

Qualquer outro caminho que Adam desejasse seguir seria inadmissível para aquela mulher.

Essa era uma das minhas maiores preocupações, porque Adam sempre pareceu tão resoluto em jogar profissionalmente, e agora, nos últimos tempos, ele já não era capaz de dizer em voz alta como seria o seu futuro. Não fazia planos ou os discutia, pelo menos não comigo. Era como se já não houvesse espaço para que eu soubesse dessa parte de sua vida.

Pensar sobre o quanto estávamos distantes nas últimas semanas fazia com que eu me sentisse mal. Como se algo, lá no fundinho da minha alma, estivesse prestes a quebrar. Um empurrão e tudo se estilhaçaria. Eu poderia aparentar ser forte, revidar quando mexiam comigo e nunca engolir sapo de ninguém.

Mas a verdade era que estava com medo.

— Eu o amo, Hannah — admiti em um impulso, ao ver que ela não comentaria nada. — Amo de verdade.

Todo o sexo que vínhamos fazendo, todos esses meses juntos... e que rapidamente se transformaram em um ano. Um ano em que a minha merda de vida girava em torno de Adam e da certeza de que eu o amava. Não era paixão de criança, como Hannah tentou tantas vezes me convencer. Nem facilmente esquecível. Acredite, teve um tempo em que tentei não pensar



nele. Mas ninguém nunca mexeu comigo como o Adam. Estar com ele fazia com que eu sentisse que era especial. Ou como se pertencesse a alguém, e fosse mais do que realmente era.

Sendo honesta, Adam me fazia querer ser perfeita. Apenas para que pudéssemos ter um futuro juntos.

— Eu... — Hannah me olhou receosa e, em seguida, voltou a atenção para o campo. Ainda odiava esse olhar, e o fato de que ela sempre estava certa e eu errada, até mesmo sobre as coisas mais simples. — Acho que vou pegar uma Coca-Cola para a gente — disse de repente, afastando o cabelo ruivo e liso dos ombros. Diferente dos meus, que eram como uma cascata louca de fios loiros amarelados. Apenas outro detalhe que os fazia lembrarem minha mãe. — Estou morrendo de sede.

Eu também estava, e sua reação ao assunto já não era surpresa. Porque ainda que eu tivesse contado a ela sobre Adam, ele já não era um assunto recorrente entre nós duas. Ela não permitia que fosse.

Ao ver que se levantava às pressas, sem dizer nenhuma outra palavra, eu voltei a atenção ao campo procurando por Adam enquanto o sorriso ansioso em meu rosto se apagava ao vê-lo olhar para a arquibancada, só que não na minha direção, e sim na de Hannah, que se afastava como se fugisse do pior dos demônios.

## ***Eu te amo***

A porta de entrada do estúdio abriu e, antes que eu pudesse olhar, soube que se tratava de Adam. Com uma das barras móveis em mãos, usadas para o alongamento das alunas de Madame Adeline, sorri para que o infeliz bonito entrasse de vez.

O ambiente espaçoso, com piso laminado de madeira e um enorme espelho com vista para a fachada de vidro, encontrava-se semiescuro. Apenas uma luminária amena o iluminava.

Graças a constante enxaqueca de Adeline, eu costumava ficar além do horário das aulas de dança para poder organizar o estúdio. Assim, no dia seguinte, ela não teria qualquer atraso ou trabalho desnecessário.

Após colocar uma das barras no suporte lateral, eu atravessei o salão em que passei a maior parte da minha vida saltitando e tranquei o estúdio voltando ao trabalho em seguida.

A voz de Kelly Clarkson, uma das minhas cantoras favoritas, soava baixa no rádio de Adeline, o que ajudaria a abafar o som de nossa conversa. Já que ela sempre se mostrou contra a presença de Hannah e Adam.

Não vou mentir, a liberdade que Madame me proporcionava ao me deixar sozinha era uma das poucas coisas a me fazer feliz nos últimos tempos. Sem ela por perto, eu não precisaria me importar em manter a postura rígida, muito menos me abalar com suas críticas à forma como eu dançava.

O suor grudado em minha pele quente era a prova de que cada minuto que possuía era usado dançando exaustivamente. Esses eram, aliás, os únicos momentos que eu não pensava em nada. Dançar era a anestesia para impedir que o inferno em que eu vivia me atingisse. Sob meus pés, agora descalços, o mundo além dessa sala deixava de existir. *Ou quase.*

Porque o olhar faminto que Adam me destinava era uma constante em minha mente e corpo. Como se eu pudesse sentir o toque de sua boca e a insensatez do nosso sexo a cada minuto do meu dia.

— Onde está a megera? — perguntou com a voz grave, fazendo-me rir e jogar uma das polainas que eu havia retirado há alguns minutos em sua direção.

Porque, ao dançar sozinha, não era ao balé clássico que eu me dedicava. E sim à dança contemporânea, sem toda a austeridade e repetição que Adeline cobrava de suas alunas.

Até porque, sempre foi na imperfeição que eu me encontrei.

— Qual delas? — brinquei, porque além de Adeline havia a mãe dele.

Que, por uma infeliz coincidência, era amiga da minha professora de dança.

— A *sua* megera. — Adam piscou, após se desviar do meu repentino ataque, e jogou o cabelo ainda molhado para trás. Obrigando eu e meus dedinhos agitados, a não correr até ele e acariciar os fios que hoje eram um pouco mais escuros do que foram quando era apenas um garoto. O intenso dourado de

agora refletia o temperamento do homem que algum dia se tornaria.

— Enxaqueca — expliquei, dando de ombros, o que o fez relaxar instantaneamente.

Fascinada, que era a forma como sempre me via ao fitá-lo, eu o observei de longe. Indiferente ao fato de que havia muito a ser organizado, mas como poderia me concentrar se a atenção dele estava inteiramente sobre cada curva suada do meu corpo?

A roupa que, até então, não havia me incomodado, de repente pareceu apertada. Como se, ao ficar excitada, tudo dentro de mim vibrasse. Puxei a bainha do short para baixo ao me levantar, após pegar outra barra, e continuei a experimentar a intensidade do seu olhar percorrendo cada pelo loiro do meu corpo.

— Essas roupas que você usa... — referiu-se ao top que havia ganhado de Hannah e ao short de ginástica.

— Você não gosta? — provoquei-o, ciente de que brincava com fogo.

O pior é que, quando se tratava de Adam, eu não queria fugir do fogo, eu queria ser queimada... todos os dias da minha vida.

— Gosto — afirmou com sua habitual confiança. Alguém como ele não tinha razões para ser inseguro, por ser o melhor em tudo o que fazia. — Mas gosto ainda mais quando elas estão fora do seu corpo. De preferência, no chão. — De longe, eu o vi se inclinar e pegar três bastões de uma vez só.

Era como se estivéssemos jogando um jogo perigoso, ele se aproximava e eu me afastava. Nossas atenções nunca se

desviavam por completo um do outro. Em qualquer outro universo, nossos passos eram próximos aos de uma dança. Só que sem regras. Adam parecia ser, aliás, o único com a capacidade de entender a magia dos movimentos que eu fazia livremente. Repetindo sempre que amava a forma como o meu corpo ganhava vida enquanto me perdia junto com a música.

O olhar atordoado que me lançava deixava-me molhada entre as pernas. Não que fosse difícil para ele me excitar, porque era tão talentoso na cama quanto fora dela.

— Você parece distraída, *baby*.

— Estou cansada. — Meus pés doíam, e o dia não fora nem um pouco bom. Não que fosse perder tempo com Adam falando sobre a *incrível vida de merda de Georgiana*.

Um momento de distração foi o que bastou para que ele eliminasse a distância entre nós e me rodeasse com os braços.

— Tem certeza?

Assenti, ao levar uma pequena mordida em meu pescoço.

— Estou suada — revelei, ao ser totalmente envolvida pela cintura enquanto Adam arrastava a boca até o meu ombro. O que me permitiu sentir o aroma gostoso em que ficava após o banho ao fim dos treinos.

— Isso nunca foi um problema — admitiu, puxando-me para trás quando tentei me desvencilhar. Não por não querer sua boca em mim, ou o que vinha após seus beijos. Eu só queria conversar antes, olhar em seus olhos e acalmar a insegurança besta que eu vinha sentindo nos últimos tempos. — A menos que você não queira ficar comigo essa noite.

Fui rápida em negar.

— Você sabe que eu quero.

— Então qual é o problema? — perguntou, rouco.

Os anos que dedicou ao esporte, mais os treinos e a alimentação regrada, o deixaram com uma aparência madura e cheia de músculos, encobrendo o fato de que ainda era um adolescente. Um que tinha a voz e agia como um homem.

— Já falei... é só cansaço — menti, não querendo levar a conversa para um lado tão sério.

Adam mudou de assunto, mas a expressão em seu rosto continuou a ser de desconfiança.

— Tem muito o que fazer ainda?

— Não, eu só preciso guardar *tudo isso*. — Afastei-me dele, depois de empurrar as mãos grandes segurando-me pela cintura, e levei o material que faltava para o depósito certa de que ele me seguiria.

O estúdio não era grande. Havia o salão de dança principal, o secundário e o escritório, que era o único lugar no qual Adeline não me permitia entrar. Além do depósito havia uma pequena cozinha e um vestiário para as alunas.

E foi para o vestiário que eu segui após trancar o depósito.

— Eu só vou trocar de roupa...

— Eu vou com você. — Adam empurrou a porta, com um sorriso safado.

— Você pode até entrar, mas não vou fazer sexo aqui...

— Não? — inquiriu, sorrindo ainda mais. — Não faça promessas que sabe que não pode cumprir, *baby* — chamou-me pelo apelido carinhoso que havia me dado após o nosso primeiro

beijo e, sem pudor algum, arrancou a camisa que vestia, fazendo a minha garganta arder ao ver o tórax largo e intimidante.

Do alto dos seus 1,80m, Adam se aproximou lentamente fazendo-me recuar e bater com as costas em um dos armários de ferro destinado às alunas.

— Se Adeline descobrir, eu estou ferrada! — lembrei-o do perigo que corríamos, mas tudo o que o cretino fez foi fitar meus seios mal cobertos pelo top. O gesto foi o suficiente para tornar as minhas pernas bambas. — Pense no que irá acontecer se ela contar para a sua mãe...

— Não vamos pensar em nenhuma delas agora, Georgia. Ok? — Eu teria respondido que era loucura o que ele pretendia, mas a boca dele foi mais rápida, envolvendo-me em outro de seus beijos capazes de me arrancar o chão.

*Como se a minha mente já não vivesse tempo suficiente no mundo da lua.*

Ofeguei, sem qualquer resistência. Eu podia não passar de uma garota, mas sentia como se fosse inteira dele. Coração, corpo. O meu amor. E foi por ser dele que fechei meus olhos ao retribuir ao seu beijo. Sentindo os dedos largos se espalharem pelo meu corpo com a urgência de dois amantes que não tinham tempo.

Se Adam notou que eu estava preocupada, não demonstrou, mas a cada beijo, a cada toque possessivo seu e tentativa de me deixar nua, comecei a perceber que algo também o incomodava. Notei pela forma como, ao tentar me afastar, ele não permitiu, ou, então, quando deixou claro que quem teria todo o controle seria ele hoje.

Sem joguinhos ou sedução.

— Você está agitado — murmurei em meio ao beijo, retomando o meu fôlego e juízo. A sensação de que nós dois já não parávamos para conversar foi se intensificando. Era como se tudo o que fizéssemos fosse sexo. — Tem algo a ver com a sua mãe? — arrisquei, porque a *víbora de saia* era o ponto fraco dele.

Não sei que merda aquela mulher fazia com Adam, mas a bruxa má conseguia tudo dele. Mas ela não era a única a mexer com sua cabeça, porque, ainda que estivesse morto, o seu pai continuava a ter grande influência em cada decisão que Adam tomava. A verdade é que havia um caminhão de expectativas criadas por seus pais, que ele sempre tentou corresponder.

— Não foi para falar sobre Grace que eu dirigi até aqui, Georgia.

*Claro que não*, pensei ao virar o meu rosto e negar meus beijos a ele por míseros segundos antes da sua mão forçar o meu queixo fazendo-me encará-lo.

— Você sabe que pode confiar em mim, nós sempre falamos tudo um com o outro.

Pelo menos costumava ser assim. Adam era comigo o que ele não conseguia ser com mais ninguém, e na mesma medida em que a sua confiança me deixava feliz, parecia irritá-lo.

— Diga o que está deixando você dessa forma, eu te conheço.

Com a respiração densa, ele encostou a testa na minha.

— Grace me deu um ultimato — revelou, fazendo-me congelar diante das infinitas possibilidades que um *ultimato*



poderia significar para Adam.

— Como assim? — perguntei, preocupada, em meio a outro de seus beijos. Ele estava agindo como se ter a sua boca na minha fizesse todo o restante desaparecer.

— Georgia, não.

— Por favor, converse comigo. — A boca exigente parou de se mover, mas Adam não se afastou. Apenas colou o próprio corpo no meu, intensificando o contato. Meus seios raspavam no seu tórax nu, sentindo-o quente e duro. E o quadril foi empurrado contra a minha cintura, fazendo-me senti-lo em todo o seu comprimento e espessura.

O que exigiu o dobro de força de vontade para não me entregar a ele, exatamente naquele momento.

— As provas finais estão chegando. — Sua voz soou arrastada, em um sinal de que não queria dizê-las. — E Grace quer que eu deixe o time. Corrigindo, ela não quer. Ela exige.

As palavras saíram enfurecidas, com o mesmo efeito que teria um balde de água fria, permitindo-me entender o que o tinha deixado nesse humor. Confusa sobre os meus próprios sentimentos, eu estendi a mão a fim de tocá-lo. Porque, no fundo, ficou claro que, o que fosse que aquela mulher detestável estivesse planejando, acabaria por afetar a nós dois.

— Você não pode deixar que ela te controle, os jogos são tudo para você...

— Eu estou fora, Georgia. Acabou a temporada para mim.

Congelei, sentindo o hálito mentolado arder em minha boca.

— Você não pode deixar que ela estrague tudo, não é justo. — Meu comentário o afastou e o fez me encarar. — Essa é a única forma de conseguir uma bolsa fora do controle da sua mãe, Adam. E você...

Ele sacudiu a cabeça, em resposta.

— Você não está me ouvindo, está? Não há o que discutir, Georgia — declarou. — Pare um pouco para pensar e tente ser realista — pediu, daquele jeito adulto que sempre ficava quando o assunto era sério. Sua expressão me fez lembrar a do seu pai quando me atendia. Eu sempre o achei um esnobe, mamãe vivia repetindo isso... que ele achava ser melhor do que todos que viviam nessa cidade. Nunca prestei atenção ao fato de que Adam agia da mesma forma. Como se estivesse acima de tudo. — Eu sou bom, mas o meu talento dentro dos campos me daria o quê? Quatro, cinco anos na NFL e depois? Suponha que eu sofra alguma lesão e tenha que me afastar... — Adam estava desistindo.

*A víbora de saia* conseguiu o que queria.

Sem fôlego, por razões que iam além do fato de que ele continuou a deslizar as mãos ásperas pelo meu corpo, tentei compreender o quanto era grave o fato de que Adam estava dando as costas aos planos que fizera para o futuro. A confirmação de que ele era capaz de se afastar de um sonho me fez pensar no quanto seria fácil se afastar de mim quando o momento chegasse e Grace finalmente pedisse.

Porque, na hora certa, ela o faria.

*Eu só não a expulso daqui, garota, porque não quero perturbar o meu filho. Se é de você que ele precisa para superar a perda do pai, então que seja. Só não cometa o erro de criar ilusões nessa sua mente avoada... porque Adam sabe que merece mais do que você.*

— É o seu sonho — insisti, afastando as palavras ditas por sua mãe. — Você jogou por todos esses anos e agora vai desistir? Você não pode...

— É a merda de um jogo, Georgia! Um passatempo! Eu não quero e não vou deixar que os anos passem, para só então perceber que foi tudo uma perda de tempo!

*Perda de tempo.*

— Achei que você amasse o campo. — Essa era a única certeza que eu tinha a seu respeito.

— Você realmente acha que o meu amor pelo campo me daria algum futuro? — questionou, agindo como se eu não fosse capaz de entender o que me dizia. — O que estou falando, não é como se existisse algum tipo de exigência sobre você... ou expectativa. Você não faz ideia do que é ter que lidar com esse tipo de pressão, Georgia. Você sequer tem noção de onde estará quando se formar.

Não sei se era a sua intenção me magoar, mas ele estava conseguindo.

De forma defensiva, tentei afastar sua mão do meu corpo. Mas não teve como, porque, com a mesma intensidade em que se mostrou furioso, Adam pareceu necessitado. Carente de nós dois.

— Não gosto quando age como um idiota — murmurei, antes do repentino beijo que me deu. Deixando claro a urgência com que precisava *da gente*.

Enfiando a perna musculosa entre as minhas coxas, Adam me manteve de pé com seu corpo, como se reconhecesse o cansaço físico no qual me encontrava. Ofegante, nós nos encaramos em meio ao beijo. Eu, suada; e ele, quente.

— Talvez eu esteja sendo um idiota, *baby* — grunhiu contra a minha boca. — Mas estou sendo honesto aqui, não posso jogar a minha vida fora por causa dessa merda de jogo... além disso, há a clínica. Com a morte do meu pai, alguém precisará assumi-la no futuro, e você não entende...

— Quem parece que não entende nada aqui é você — falei ofendida.

*Por que ele e Hannah pareciam sempre achar que eu não levava nada a sério?*

*Que só pensava em festas e diversão?*

O que os dois não entendiam é que era difícil agir de outra forma quando o futuro soava tão assustador.

— Georgia, fica quieta. Só por um momento — pediu, arrastando a boca pelo meu pescoço.

— Você nunca quis fazer parte de nada disso — insisti, precisando que ele enxergasse o que iria perder. Que soubesse tudo o que estava jogando fora.

— Eu sei. Mas as pessoas mudam, Georgia. É bom que aprenda antes que se machuque.

— O que está querendo dizer?

— Você ao menos parou para pensar no que fará quando o colégio terminar? Ou pretende ficar na sombra de Hannah pelo resto da vida? Vai chegar um momento em que terá que caminhar com as próprias pernas, *baby*. Sem ela... e... — *Sem ele*. Adam não disse com todas as palavras, mas a verdade estava implícita, o que me deixou assustada.

— Essas suas saídas, as festinhas com os meus amigos... acha mesmo que eu não fico sabendo?

— É só diversão — me defendi, alterada.

— Exato, Georgia. Diversão demais é tudo o que você tem tido, não acha? Não leva a escola a sério, está enfiada nesse lugar após as aulas e, quando não estamos juntos, você só apronta...

Aturdida, eu virei o meu rosto, recusando-me a olhar para ele e escutar o que dizia. Ao se dar conta de que havia me magoado, Adam interrompeu e acariciou o meu rosto com carinho.

— Não quero que a gente brigue, *baby*. — Ele me fez olhar em sua direção. — Estou irritado, mas nem é com você, porra. É comigo, mas principalmente com Grace.

— Eu sei, mas não posso deixar de pensar que tudo está desmoronando, Adam. Eu sinto bem aqui. — Apontei para o meu coração, sendo beijada por ele devagarinho.

Seduzida, beijo após beijo, meu lábio foi inchando das pequenas mordidas que me deixava ao final de cada um deles.

— E sobre as festas, eu juro que não faço nada de errado nelas. Eu nunca trairia você.

A verdade é que eu seria capaz de escapar para qualquer lugar somente para não ter de passar a noite naquele maldito trailer. Mesmo que, para isso, eu tivesse que me juntar aos amigos de Adam e pessoas que eu sequer conhecia.

— Pergunte ao Ethan. — Seu rosto enrijeceu na menção do garoto que era o seu melhor amigo.

— Ethan é louco por você — resmungou, demonstrando ciúme. E essa não era a primeira vez que se irritava por causa desse assunto.

— Mas ele jamais mentiria para você, certo? — Adam não disse que *sim* nem que *não*, usando o meu nervosismo para que pudesse se aproximar um pouco mais.

— Vamos esquecer toda essa história. Eu só precisava te ver, estar aqui com você — admitiu, ao me pegar no colo, beijando-me com a mesma vontade que eu tinha de sentir sua boca na minha.

Os dedos já não afagavam apenas o meu rosto, emaranhando-se pelo meu cabelo, conforme perdíamos a cabeça. A cada grunhido rouco que deixou escapar, choraminguei sedenta de vontade de senti-lo dentro de mim.

— Você é o único — revelei, em um momento de vulnerabilidade. — Eu não quero amar nenhum outro homem nessa vida, Adam. Só você.

Seus beijos tornaram-se mais lentos, mas não menos profundos. Era como se, de alguma forma, Adam estivesse pensando na revelação que fiz. Analisando palavra por palavra. Não que eu esperasse que fosse me dizer de volta, ele não era o

tipo de *declarações e juras de amor*. Mas esperava, no fundo do meu coração, que entendesse que eu falava sério.

Para mim, beijar Adam era o mesmo que respirar. E não acho que algum dia conseguiria viver sem qualquer um dos dois. Para ele deveria ser o mesmo, porque tudo, de repente, saiu do controle.

Ficamos nus, pele com pele. Beijos, arranhões. Chupadas. Eu não queria sair dos seus braços quando terminou, ou ter de ir para outra cama que não a dele.

*Eu me sentia segura lá.*

Adam, por sua vez, não se mostrou disposto a me soltar também. Suas mãos seguiam fortemente envoltas da minha cintura. O que naquele momento me tranquilizou, a ponto de apoiar meu rosto em seus ombros e fechar os meus olhos.

Sem ideia de que aquele era o começo do nosso fim.

## *Última vez*

Inclinei-me sobre a penteadeira de Hannah, a fim de passar outra camada de rímel enquanto mordia a pontinha do lábio, nervosa com o encontro que teria logo mais com Adam.

Era noite de sábado e, enquanto minha melhor amiga seguia debruçada sobre livros e anotações da escola, eu havia escapado e pedido socorro a ela para que me ajudasse a escolher algo bonito – e sexy – para vestir.

— Você está estranha — comentei, ao terminar o olho direito mantendo os cílios bem afastados uns dos outros para que secassem sem grudar.

Hannah dizia que não era necessário, um hábito sem sentido, mas ela não possuía cílios como os meus. Imensos de tão grandes, que faziam até mesmo sombra sobre os meus olhos. Além do que, eles não eram escuros, o que revelava a minha natureza loira.

— Não estou, não — respondeu, sem levantar os olhos de suas anotações. O pijama rosa que vestia era apenas outro detalhe que nos diferenciava.

Quando criança, eu não entendia por que as pessoas achavam tão estranho que pudéssemos ser amigas, conforme os anos se passavam as nossas diferenças foram se tornando cada vez evidentes. Éramos praticamente o oposto uma da outra, mas nada disso importava quando eu pensava no quanto a amava.

Virando-me em sua cadeira de plumas brancas, eu a encarei com seriedade.



— Está preocupada por causa dos exames finais? — Hannah negou, ainda me ignorando. — As entrevistas? Ou... com medo que não gostem de você?

Não que houvesse um só osso inseguro em minha amiga, mas o meu comentário a fez erguer o rosto sem um pinga de maquiagem e me encarar de volta. A cabeleira ruiva e escorrida havia sido presa em duas tranças, e cada sarda em sua pele pôde ser vista.

— Sim, acho que deve ser isso. — Ela não me convenceu, não com a expressão azeda que assumiu ao ver como o vestido que eu usava era apertado e pequeno.

Antes que pudesse criticar o que fosse, continuei:

— Você é a pessoa mais inteligente que conheço, e esperta também — disse a verdade, querendo vê-la feliz e não preocupada. — Além de linda! E você é tão especial... — Hannah me ouviu, calada. — Eles irão te amar como eu amo. — Sentei-me ao seu lado e a abracei, mesmo que ela não retribuísse. — Sabe o que eu vejo quando olho para você? Um futuro brilhante. Você terá tudo o que mais deseja. Eu tenho certeza. — Minha amiga deteve os olhos azuis em mim, como se eu tivesse dito algum absurdo e, em seguida, se levantou voltando a olhar para o meu vestido e o tamanco alto que ainda não havia calçado.

— O que há de errado? — perguntei, agitada. — É o meu vestido? Ele não é bonito?

Hannah sacudiu a cabeça, como se afastasse todo e qualquer pensamento da sua mente.

— Não! Ele é lindo... você é linda. — Não pareceu um elogio vindo da boca dela, e sim algo ruim.

Mamãe sempre dizia o quanto eu era bonita, mas que, infelizmente, garotas bonitas como eu não serviam para muita coisa. *Elas nunca são as escolhidas.*

— Então qual é a droga do problema? — exigi saber.

— Não é nada, ok? — Ela andou pelo quarto, arrumando o que não havia para arrumar, porque seu quarto continuava impecável.

Sem freio como eu era, me levantei e fui até ela.

— Sei o quanto se preocupa comigo, mas eu juro, Hannah, que tenho me cuidado. Eu tomo pílula, você sabe e... Adam e eu quase nunca transamos sem camisinha. Nós somos muito cuidadosos, eu prometo. — Levantei meu dedinho para que ela cruzasse com o seu e, quando o fez, eu sorri. — Vai ficar tudo bem.

Hannah assentiu e tirou a correntinha que usava colocando-a em meu pescoço.

— Porque... — Eu sabia o quanto ela amava aquela correntinha com as nossas iniciais. Eu havia ganhado dela uma idêntica há alguns anos quando fiz aniversário, mas minha mãe acabou vendendo em troca de bebida e comida, e Hannah sabia.

— Fica mais bonito em você de qualquer forma.

— Mas essa é sua...

— Depois você me devolve — ela disse, como se não fosse nada, e voltou a se sentar.

Verifiquei o celular à espera de alguma mensagem ou ligação de Adam, já que estava atrasada, mas não encontrei nada. Não querendo deixá-lo irritado, eu peguei a bolsa jogada sobre a cama, não sem antes ir até Hannah e beijar sua

bochecha, deixando uma marca de batom vermelho em sua pele branca.

— Eu te amo, *Han-Han*.

Dei-lhe as costas, prestes a sair quando também a escutei dizer:

— Eu também te amo, Georgia.

Satisfeita porque tudo estava bem de novo, eu acenei e descii as escadas, tentando ser a mais discreta possível. Tendo a infelicidade de presenciar uma discussão entre o senhor e a senhora Davis. A mãe de Hannah se afastou quando me viu, sem sequer disfarçar o olhar de desgosto. Ultimamente, eu tinha a impressão de que a minha presença em sua casa havia se tornado um incômodo para ela. Por isso eu havia diminuído as visitas a Hannah, incluindo as vezes em que passava a noite. A última coisa que eu queria, de qualquer forma, era causar problemas para ela e o seu pai.

— Sinto muito, eu não queria atrapalhar — falei, ao senhor Davis.

— Está tudo bem, é coisa de casal. — Michael sempre foi mais receptivo a minha presença em sua casa do que a esposa. Ainda que eu o achasse triste, principalmente ao me olhar.

— Mesmo assim, eu não deveria estar aqui. É só que...

— Você nunca atrapalha, Georgia — garantiu, virando o rosto e pegando a xícara de chocolate quente sobre a mesa. — Adultos sempre têm problemas.

Ele me acompanhou até a porta.

— Adolescentes também — falei atrás dele, sem pensar direito.

— Está tudo bem com você? — Vi-o me encarar com atenção. — Quero dizer, você já não tem passado as noites com Hannah... e eu quase não a vejo mais.

— Eu ando um pouco ocupada. Com a escola e o estúdio não sobra muito tempo.

— E os garotos? — Havia curiosidade em seu tom de voz.

— Só há um — expliquei, e ele assentiu.

— Esse garoto, ele te trata bem? — Estranhei a pergunta, e Michael deve ter percebido, pois balançou a cabeça rapidamente. — Sinto muito, eu não deveria me envolver. Sei como Hannah é e imagino que todos os adolescentes sejam assim, certo? Prezam por sua privacidade.

— Um pouco — garanti, mas não era como se houvesse muitas pessoas perguntando ou se preocupando comigo, pensei ao descer os primeiros degraus da casa de Hannah. O que me fez virar antes que o pai da minha amiga pudesse fechar a porta. — Michael? — Ele se deteve. — O garoto... ele me trata bem, sim.

Michael assentiu com um sorriso contido e me observou caminhar até o fim da rua, com uma paciência que minha mãe jamais demonstrou.

Deparei-me com o carro de Adam estacionado um pouco mais à frente, como imaginei. Longe dos olhos de sua mãe, e da curiosidade alheia. Arrependida por não ter pegado sequer um casaco para me cobrir e proteger do vento frio, que vinha do lago cobrindo os arredores das casas nessa área do condado, apressei o meu passo até estar lado a lado com o carro.

Eu podia não ser mais a criança impressionada de anos atrás, mas não conseguia deixar de admirar as pequenas mansões envoltas por árvores e pinheiros gigantes.

*Engraçado como a vida parecia mais fácil desse lado da cidade.*

Tremendo de frio, eu abri a porta do carona e entrei rapidamente. Esfregando uma mão na outra a fim de me esquentar, até que o aquecedor do carro esportivo tivesse algum efeito sobre mim.

Em seu lugar, Adam demorou a virar o rosto em minha direção. O que me levou a desconfiar que algo o perturbava. A urgência em sua voz, que notei mais cedo, talvez não fosse somente pelo desejo de me ver... e ter.

— Você demorou — informou sério, passando a me encarar com os olhos esverdeados que eu tanto amava.

Olhos esses que desceram por cada pedacinho do meu corpo, fazendo-me questionar se eu não havia exagerado, talvez fosse o motivo pelo qual Hannah estivesse estranha.

— Estou bonita? — Eu não queria ter soado tão insegura, mas era impossível não estar.

Tudo a minha volta parecia a um passo de desabar.

— Você sabe que sim, porra — grunhiu baixo e passou a mão pelo cabelo, encostando o corpo musculoso contra o banco de couro, enquanto seus olhos desciam até as minhas coxas praticamente nuas. — Pegue. — Ele estendeu a jaqueta que pegou no banco de trás ao notar o arrepio em minha pele. — É melhor que se cubra.

Suas intenções poderiam ter sido boas, mas não fizeram sentido. Não se ele quisesse me despir daqui a pouco.

— Por que, se a ideia é ficar nua? — provoquei, inclinando-me no banco e colocando a mão sobre a coxa firme dele, arrastando meus dedos até quase tocá-lo lá embaixo. — Estou com saudade, Adam — admiti, querendo ir para o seu colo.

Algo que Adam não permitiu em um primeiro momento.

— Georgia. — Ignorei o tom que me pedia calma e, após retirar os tamancos que usava, eu me sentei em suas pernas.

O contato das coxas nuas sobre o jeans áspero que Adam vestia foi o que o levou a perder a cabeça. Sem aviso, Adam assumiu o controle que sempre era dele e cobriu com a sua boca o meu lábio, invadindo-me com sua língua enquanto me apertava a cintura. Emaranhando o meu cabelo com as mãos que eu tanto amava ter sobre o meu corpo.

Era dessa forma, louco e desesperado, que eu gostava de vê-lo. A camada de sensatez que possuía escorrendo pelo chão...

Não era o *menino de ouro* que eu queria aqui comigo, era o outro lado dele. O rebelde, dominador... O lado que agia por impulso movido pelo tesão.

— Quero você, Adam, quero você dentro de mim — pedi baixo, roçando o meio de minhas pernas no volume excitado.

Por sua vez, ele sacudiu a cabeça, ainda consumido pelo nosso beijo. E sem que sequer pedisse, abri as minhas pernas, fazendo-o entender o que eu desejava: seu toque e carícias.

Ele inteiro.

Adam se afastou, por um maldito segundo, olhando para o vão aberto entre as minhas coxas e, em seguida, me lançou outro de seus olhares que faziam cada centímetro do meu interior arder.

— Trouxe camisinha, na última vez nós...

Vi-o respirar fundo e bater a cabeça contra o encosto irritado, como se exigisse muito dele interromper o nosso beijo.

— Eu não te chamei aqui para isso, Georgia, então... — A forma como falou deixou-me em alerta, como se eu já não ficasse 24h por dia.

— Você quer conversar? — perguntei, ofegante, apertando uma perna na outra. Pensando no que poderia ter para conversarmos. — É sobre a temporada? Você mudou de ideia?

Ainda dava tempo se ele decidisse voltar para o time, garotos como Adam podiam tudo naquela escola.

E mesmo que não tivéssemos tocado no assunto depois daquele dia, eu sempre tentava voltar a ele. O problema era que Adam preferia me calar com beijos e sexo. Sim, nós tínhamos feito bastante sexo nos últimos tempos, como se tudo estivesse voltando ao normal. *Ou quase.*

Ainda que, no fundo do meu coração, eu sentisse que não estava.

— Eu não mudei de ideia, Georgia. Não volto atrás quando tomo uma decisão — confirmou o que já sabia. — Mas estive pensando... — Adam afastou minhas mãos dos seus ombros, colocando algum espaço entre nós dois. — Com os exames finais e as entrevistas nas universidades chegando, eu

vou precisar focar em outras coisas que não sejam nós dois. — Prendi a respiração e, por mais que desejasse gritar com ele, eu o deixei continuar. Talvez fosse apenas outro dos momentos em que eu não estava entendendo o que me era dito, ou Adam apenas não estivesse fazendo qualquer sentido. — Acabou, Georgia. — Ele me encarou, enquanto o meu coração se encolhia dentro do peito. Assustado. — Não é como se tivéssemos futuro ou... planos. Se eu for mesmo seguir os passos do meu pai, vou precisar focar no que é importante e...

Um zunido em meus ouvidos me impediu de continuar a escutá-lo. Ou talvez fossem as mãos que levei até os meus ouvidos que atrapalharam. Tudo o que eu soube naquele momento era que algo doía em meu peito, pensei, olhando para baixo a fim de ver o que poderia estar acontecendo. *Essa dor que eu sentia era porque meu coração estava acelerado? Ou ele estava... parando?*

Tateei Adam, apoiando-me nele a fim de voltar para o banco do carona. Mas nem enxergar direito eu conseguia... constatei, ao levar as mãos até os meus olhos, encontrando-os cheios de lágrimas.

Era choro.

*E quanto ao soco no estômago?*

*Essa dor horrível?*

— *Baby?*

— Eu... eu não consigo respirar — falei, inclinando-me para a frente, focando os olhos embaçados em meus pés no carpete do carro. — Não consigo.



Senti as mãos de Adam em meu pescoço, afastando o cabelo solto. Só que o seu toque não me trouxe conforto, e sim saudade.

Ele tinha acabado de dizer que tudo estava terminado, e eu já estava morrendo de saudade. Morrendo... longe dele.

— Dói — falei, puxando o ar de dentro dos meus pulmões.  
— Dói, Adam.

— Pelo amor de Deus, Georgia, não começa com o drama! Tudo o que estou dizendo é que...

— Vai me deixar. — Sim, acho que havia entendido essa parte. — Eu te amo e você vai me deixar.

— Você não me ama, Georgia. Que merda! — sou exasperado.

Não era *urgência em estar comigo* que identifiquei ao telefone, era urgência em terminar tudo.

*Mas por quê?*

— Você disse que acreditava em mim, quando eu falei...

— O que esperava que eu dissesse? — grunhiu, nervoso enquanto eu tentava encontrar desculpas para a sua decisão. Qualquer coisa que tornasse tudo menos doloroso e terrível.

— Foi a sua mãe? Ela te pediu para me deixar? — Pelo pouco que conhecia de Grace, eu sempre soube que era só questão de tempo até ela colocar as garras para fora e me tirar da vida de Adam.

Aquela mulher me odiava.

— Não tem nada a ver com Grace! Se você apenas me escutasse.

— Mas eu estou... e não entendo... você acabou de me beijar e...

Adam me encarou, enquanto eu lutava para respirar, confusa.

— Diga que é uma brincadeira! — implorei, desesperada.  
— Por favor, Adam.

— *Baby*.

Encolhi-me um pouco mais ao escutá-lo me chamar dessa forma, lutando contra a vontade de me jogar em seus braços e implorar por nós dois, para que não me deixasse e não fosse embora.

— Você sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, cada um de nós seguiria o próprio caminho...

— Não! — gritei. — Eu não sabia!

— Qual é, Georgia? Não aja como se fosse uma surpresa. O que pensou que aconteceria quando eu fosse para a universidade? De que forma achou que você se encaixaria na minha vida?

Enrijeci, porque não parecia Adam falando e sim uma versão adulta dele. Seu pai. Sua mãe. Eu já não sabia quem era a *peça* por trás da sua decisão.

— Você não pode me deixar. Eu te amo e você... — *Você é meu*.

— Amor é muito mais do que sexo, Georgia. E mesmo se o que diz sentir for verdade... *eu* não te amo.

Encarei-o, sentindo-me zozza.

— Foi um erro, *baby*. Tudo *isso*, nós dois. Você e eu nunca tivemos futuro.

— Um erro. — Tomei fôlego. — Um ano de erro? Todas essas noites... Foram meses, Adam, esgueirando-me para dormir com você. Na sua cama! Não uma, mas várias vezes. E eu não me refiro ao sexo, mas a todo o resto... eu confiei a você a minha vida. Conte coisas que nem mesmo Hannah sabe. E você me diz que foi tudo um erro?

Adam engoliu em seco.

— Merda, Georgia! — Ele socou o volante, tão ou mais nervoso do que eu estava.

Surpreendentemente, naquele momento, tudo no que eu conseguia pensar era em todos os avisos que minha mãe me deu ao longo do último ano. Sobre como o outro lado de *East Village* lidava com pessoas como nós. *Mulheres como nós*, éramos boas para limpar a sujeira deles e esquentar a cama. Mas acabava aí.

Nunca seríamos as escolhidas, ou as que eles levavam ao altar. Quando os filhos e filhas dos ricos saíam para a universidade, nós ficávamos para trás e éramos esquecidas.

Por muito tempo imaginei que mamãe fosse apenas amarga demais e que odiava me ver feliz. Mas Adam estava provando que ela tinha razão.

— Eu preciso pensar no meu futuro.

Não acho que essa era a razão por trás da sua tentativa em se afastar, mas eu não queria ouvir mais nada. Não quando a sensação apavorante em meu estômago só fazia aumentar. Era como se, a qualquer momento, eu fosse perder a consciência. E nunca havia me sentido dessa forma.

*Tão fora de mim.*

— Foda-se o seu futuro, Adam! — Voltei a gritar. — Apenas foda-se! Eu não posso acreditar que esteja me deixando. — Eu o empurrei. — Então vem com essa desculpa de que precisa pensar... como se as coisas já não fossem tão fáceis para você.

— Georgia? — Adam me deteve ao me segurar pelo braço. — Fique calma, eu estou tentando te explicar...

— Acho que não quero entender! Porque eu não quero que a gente termine, não quero ficar sem você, Adam. — Eu não saberia ficar. — Por favor, não faça isso... e se você se arrepender? E se perceber que...

— Eu não vou me arrepender, Georgia. — Ele nunca voltava atrás depois de uma decisão.

Atordoada, prestes a enlouquecer e sufocar dentro daquele carro, eu me virei a fim de abrir a porta, mas ele ainda não a tinha aberto.

— Eu quero sair.

— Diga que vai ficar bem.

— Eu quero sair! — gritei, engolindo as lágrimas. — Por favor! — implorei, ao olhar dentro de seus olhos. — Se você não me quer mais, se nada do que vivemos significou alguma coisa, então me deixe sair.

Ele destravou a tranca de segurança e lentamente me soltou. A ponta de seus dedos fez a minha pele arder. Algo que tentei arrancar de mim conforme a massageava e tropeçava no chão frio com as sandálias em minhas mãos. A noite pareceu ainda mais fria agora do que antes do *nosso encontro*, ou talvez

fosse apenas o meu corpo que já não era capaz de emitir ou sentir calor.

Continuei a andar pela rua deserta sem olhar para trás. Quinze, vinte minutos... era o tempo que eu levaria até chegar em casa. Eu conhecia o caminho, já o tinha feito centenas de vezes, se não milhares, mas nunca me senti tão sozinha e vazia como naquele momento.

Quando cheguei em frente ao conjunto de trailers espalhado pelo terreno afastado do lado rico da cidade, eu não tive coragem de entrar em casa. Podia ouvir as vozes lá dentro, mamãe e algum outro homem que ela deve ter convidado para passar a noite. A última coisa que eu desejava era um confronto, ou ser alvo dos olhares nojentos que alguns deles me destinavam. Voltar até Hannah mostrou-se como uma opção, e, ainda que eu não desejasse escutá-la me dizer que sempre esteve certa, eu não me importaria em dormir ao lado dela. Acho que nunca precisei tanto de carinho como agora.

Ao pegar o celular de dentro da bolsa, eu me sentei na escadinha do trailer, fazendo o mínimo de barulho possível, e apertei o seu nome na tela de registro de chamadas. Só que, para a minha surpresa, o telefone não chegou sequer a tocar, indo direto para a caixa postal.

Algo que raramente acontecia.

— Droga, Han-Han — falei baixinho ao tentar pela segunda vez, encolhendo-me sobre o degrau ao desistir, provando a acidez das minhas próprias lágrimas. O choro foi se tornando cada vez mais alto e desesperado, até que a raiva e o medo me dominaram.

E eu gritei.

Se essa era a única forma de não enlouquecer, eu gritaria pelo resto da minha vida.

## ***Traição***

Congelei o olhar na mulher descontrolada à minha frente, que de tão parecida comigo causava-me ânsia. O cabelo rebelde e loiro, os olhos azuis profundos cobertos pela maquiagem forte... e a forma como se descontrolava quando irritada. Vê-la dessa forma, tão alterada, fazia com que eu a odiasse mais, obrigando-me a remoer por dentro algo que sempre me perturbou: *por que ela tinha que ser assim?*

*Por que não podia ser como as mães das outras garotas da minha idade? Ou até mesmo como Lilian?*

Estar aqui com Darana, ouvindo-a gritar suas ofensas, era o mesmo que estar presa em uma brincadeira de mau gosto, que se repetia insistentemente e da qual eu jamais conseguiria escapar.

— Sua vagabunda! — Ela se aproximou, ficando cara a cara comigo, mas não me movi. Apenas a encarei. — Não me olhe como se fosse melhor do que eu, sua infeliz!

— Mas eu sou — soei amarga sem medo de que ela me batesse. — Eu sou melhor do que a senhora.

— Você age como ele, mas nunca será boa o suficiente, entende? Ele não quis você, garota... sabe por quê? Porque somos lixo. — Eu já havia escutado essas mesmas palavras no passado. Darana odiava o homem que dizia ser o meu pai.

Quando eu ainda tinha esperança de que, algum dia, ele fosse querer me conhecer ou cuidar de mim, eu tentava não me deixar envenenar pelas coisas que ela dizia a seu respeito. Mas

hoje? Hoje eu já não me importava se meu pai viria algum dia me salvar desse inferno ou se nunca me procuraria.

Aprendi da pior forma que eu era a única pessoa capaz de me salvar.

— A senhora acha que eu me importo com o que *ele* pensa? Acha que ainda me importo se ele quer ou não me conhecer?

Darana estreitou seus olhos cansados. A beleza de antes já não era mais a mesma, e a cada dia que passava todo o álcool e cigarro que consumia a estava apodrecendo. De dentro para fora.

Assistir a isso era horrível.

— Você é egoísta como ele.

— E a senhora, não? Olhe ao seu redor, mãe, olhe para o buraco em que vivemos... é o que quer para a sua vida? — Ela riu, bêbada. — Se me odeia tanto, por que me teve? Por que fazer isso conosco?

A pergunta a sacudiu.

— Achei que ele cuidaria de nós duas — respondeu, fazendo-me sentir tão horrível quanto ela. — E que se importava comigo. Eu não sabia naquela época, mas homens como o seu pai nunca se importam. Você já compreendeu isso, não foi? O filho daquela infeliz metida a besta já não aparece aqui para te pegar... O que foi, minha menina? — A mão de unhas grandes e vermelhas afagou o meu rosto, não por carinho, mas por maldade. — Ele cansou de você ou encontrou algo melhor?

Exigiu tudo de mim não a empurrar ou fazer outra besteira. Darana, por sua vez, voltou a sorrir.



— Não seja estúpida, Georgiana. Eu já fui bonita como você e olha onde isso me trouxe? Acorde para a vida antes que seja tarde demais e você termine como eu: com um fardo para alimentar e sozinha.

Ela me deu as costas, deixando-me paralisada. O choque em que fiquei por causa de suas palavras, tornaram meus próximos movimentos automáticos. Peguei a velha bolsa que ficava atrás da porta, calcei meus tênis e saí.

Minhas mãos tremiam a cada passo que dei, assim como o meu corpo. E foi dessa forma, engolindo o choro e toda a raiva, que tentei falar com Hannah. Essa não era a primeira vez que eu ligava para ela e ficava sem resposta, isso vinha acontecendo com tanta frequência nos últimos dias, que eu me sentia uma idiota por desejar o consolo dela.

Sem escolha ou lugar para ir, caminhei até a sua casa. Se Michael estivesse lá, ele me deixaria entrar e então eu estaria segura, certo?

Nervosa, e ainda sem resposta, enviei uma mensagem apenas para o caso de ela estar no banho ou jantando com os seus pais.

**Georgia:** *Posso ficar na sua casa hoje?*

Enviei enquanto caminhava até a sua rua, sentindo como se um peso enorme estivesse sobre as minhas costas, a ponto de me impedir de respirar.

*E se eu estivesse enlouquecendo como a minha mãe?  
Perdendo a sanidade?*

Com o mundo girando e o ouvido tomado por um zunido interminável, eu me dirigi até a entrada lateral da casa de Hannah. A mesma que dava para os fundos, com vista para o lago de *East Village*. Eu conseguiria respirar lá e poderia esperar até que Hannah me atendesse.

Sim, seria o melhor.

Prestes a desabar, eu empurrei a porta estreita de madeira e andei pela folhagem... Meus passos estavam tão lentos que nem mesmo o som feito pelo tênis foi capaz de denunciar a minha presença às duas pessoas sentadas no balanço.

Eu teria me virado, corrido para longe, se não tivesse ouvido a voz do Adam quebrar o silêncio. A voz rouca e grave, que eu teria reconhecido em qualquer lugar, não se dirigia a mim, no entanto, e sim a ela.

A minha melhor amiga. A única pessoa que jamais imaginei que me trairia. Eu esperava o pior de todos, mas não dela... por isso antes de deixar que o aperto em meu peito tomasse conta, tentei encontrar alguma desculpa que justificasse a cena diante de mim:

Hannah e Adam tão pertos um do outro, que eles poderiam... estar...

— Você pediu que eu tomasse uma decisão e tomei! — Contraí-me inteira, como se levasse um tapa no rosto. O mais dolorido de todos.

Enquanto a minha mente fazia o seu próprio estrago, perguntando-se: *por que Adam e Hannah estavam tão próximos? Por que a mesma mão que havia me tocado tantas e tantas vezes a segurava para que ela não se afastasse?*

*E pior, por que eu sentia como se estivesse sendo esmagada por dentro?*

*A um passo de cair?*

— Faz só algumas semanas, Adam. Eu não posso fazer isso com ela. — A voz chorosa de Hannah foi escutada, ainda que estivesse baixa. Era assim que minha amiga conseguia tudo o que queria com os pais, uma lágrima e o mundo inteiro era colocado aos seus pés. Pelo visto, eles não eram os únicos a cederem a Hannah.

Eu mesma teria feito o que ela me pedisse diante da possibilidade de magoá-la.

— Vai continuar com a ideia de esperar até irmos para a faculdade? — Escutei-o explodir, com seu jeito intempestivo de sempre. Ainda que houvesse algo mais em sua voz, algo como... medo de machucá-la. Um cuidado que nunca houve comigo. — Olhe o tempo que estamos perdendo, Hannah. Todos esses meses que poderíamos ter ficado juntos sem nos esconder...

*Meses?* A possibilidade de que o que eu via não fosse algo recente... fez-me recuar. Eu era boa em confrontos, mas muito melhor ao fugir do que me feria. E o que eu havia acabado de escutar era muito além do que podia suportar, pensei, querendo ser capaz de correr. O que não consegui porque meus pés mostraram-se imóveis. Como se pesassem uma tonelada. Eu sequer sentia o meu coração bater dentro de mim.

E essa não era eu sendo dramática, como todos me acusavam, era eu sendo jogada no fundo do poço pelas duas únicas pessoas que me permiti amar.

— Vocês mal terminaram, como acha que Gigi irá reagir?  
— Eu quase não a escutava. — Não seria justo.

— Como ela vai reagir? — Adam rebateu, enquanto eu pensava que tipo de justiça essa era que Hannah tentava manter. Porque eu poderia ser lenta, mas não era boba. — Não sei se já notou, amor, mas a sua amiga não parece estar sofrendo. Todas as festas, as drogas que ela tem usado... eu tenho escutado coisas no vestiário que...

Meu estômago embrulhou. Porque Adam não estava errado sobre as festas e as drogas, mas sobre todo o resto, sim. O problema era que os garotos daquela escola diriam qualquer coisa para se gabarem, inclusive que transaram comigo.

*Eu era lixo, mas um que todos queriam provar.*

— Eu estou preocupada, Adam — Hannah admitiu baixinho, deixando que ele a tocasse... que a beijasse com sua boca. A boca que eu beijei e que esteve em cada parte do meu corpo. — Eu não deveria ter pedido que você terminasse com ela, a gente poderia ter esperado até a faculdade. E então...

— E então o quê? — ele explodiu. — Você não vai precisar olhar na cara dela e dizer que eu sempre te quis e que você... só não ficou comigo por causa dela? Que, se você não tivesse me rejeitado lá atrás, eu jamais teria tocado na Georgia?

Meu estômago embrulhou e me curvei por um momento, enquanto sentia minhas pernas cederem.

— Mas você tocou. Você foi atrás dela e gostou!

— Amor...

*Ele a chamava de amor?!*

— Se me queria da forma como diz, jamais deveria ter cedido a ela — Hannah continuou, revelando uma parte dela que eu ainda não conhecia. — Você deveria ter esperado por mim e não deixado que ela acreditasse que vocês seriam para sempre!

— Foi só sexo. Georgia sempre soube... e eu nunca menti para ela. Todo esse drama que a sua amiga vem fazendo é desnecessário. Para não dizer um exagero.

Lutando para respirar, eu me apoiei em meus joelhos, decidida a não escutar mais nada, a nunca mais olhar na cara deles.

*Eu os odiava.*

Com tanta intensidade, que sentia como se o meu corpo fosse feito apenas disso: raiva.

— Sabe o que não entendo? — Hannah ignorou sua justificativa enquanto eu me perguntava por que seguia ali, parada, agindo como se o meu mundo não tivesse acabado de desmoronar. — Por que procurou por ela quando precisou, por que não veio até mim? Se me queria tanto...

— Gigi foi um escape, Hannah! Eu não estava pensando direito, meu pai tinha acabado de falecer e... a última coisa que queria era te machucar de alguma forma. E ela estava ali.

*Eu estava ali.*

Em uma única frase, Adam transformou tudo o que vivemos em nada. Cada lembrança que eu tinha de nós dois se resumia a: *eu estava ali.*

Ele me beijou porque eu estava ali, me tocou porque eu estava ali. Quebrou a porra do meu coração... porque eu estava ali.

E durante todo esse tempo, Adam sempre foi dela.

Sem suportar um segundo mais que fosse daquela loucura, eu me virei tão rápido que devo ter derrubado um ou outro vaso da mãe de Hannah, o som fez com que um gemido escapasse da boca de Hannah enquanto eu sentia as lágrimas deslizarem pelo meu rosto feito cachoeira.

Inundando o chão que eu pisava. Afogando-me ainda que eu estivesse seca. Gelada. Minhas roupas, meus sapatos... a minha alma.

Não importava se eu tinha apenas 16 anos, a dor não era medida pela idade. E eu já havia experimentado vários tipos de dores: dor ao ser ofendida pela minha mãe, ou acertada por qualquer objeto que ela encontrava à sua frente. Dor por não me encaixar em lugar algum, dor por querer alguém que se importasse comigo.

Mas nunca, em todos esses anos, senti o tipo de dor que se espalhava pelo meu corpo agora. Ou essa vontade insana de machucar alguém da mesma forma como estava sendo machucada.

Eu queria gritar com os dois, mas também queria desaparecer da vida deles para sempre.

— Georgia? — Hannah me chamou, ofegante.

Completamente assustada.

Só que era tarde demais, porque eu não queria escutá-la. E por essa razão eu não parei ou olhei para trás quando ela continuou a me chamar. Por me conhecer, eu soube que, se olhasse em seus olhos, eu perderia a cabeça.

Então, tentei me afastar, abafar o som de sua voz, mas a letargia impediu que eu fosse rápida e acabasse sendo alcançada. O tom choroso impregnado em sua voz me fez odiá-la. Porque era assim que Hannah conseguia tudo.

— Gigi, me deixe explicar. Você precisa me ouvir!

Estaquei ao escutá-la usar de forma tão autoritária a palavra *precisar* e me virei, olhando para a garota que era a minha melhor amiga desde os meus seis anos de idade. A garota que eu amava como se fosse a minha irmã.

— Você *precisa* que eu te ouça?! — gritei, dominada pela raiva. — O que você tem a dizer que justifique o que acabei de presenciar, Hannah? O quê? — Eu a empurrei, cedendo à mágoa, nervosa demais para pensar que poderia machucá-la, principalmente porque eu queria machucá-la.

E como um príncipe montado um cavalo branco, Adam escolheu esse momento para segurá-la. Impondo-se entre nós duas enquanto eu chegava à conclusão de que fora por causa dela que o infeliz me deixou.

Não foi sua mãe, foi ela.

— Volte para dentro comigo, Hannah — pediu, encarando-me como se eu fosse somente um incômodo. E não a garota que estive ao seu lado no último ano. A forma como a protegeu de mim, como a afastou com cuidado e a olhou com preocupação me fez finalmente compreender a verdade.

Eles eram perfeitos juntos.

Tão perfeitos que, de repente, eu quis vomitar.

— Há quanto tempo vocês dois... — Eu não sabia para quem olhar ou dizer qual deles havia enfiado a estaca em meu

peito. Até porque, acho que tinha sido os dois, não é? De formas diferentes, mas igualmente dolorosas. — Há quanto tempo, Adam? — dirigi-me a ele, que apenas sacudiu a cabeça, querendo que eu me calasse, que parasse de gritar como uma louca. — Ninguém vai me responder? Vamos lá, Hannah... não é você que quer ser justa? Então me diga algo, droga!

Se ela não abrisse a merda da boca, eu iria sacudi-la. Nem que para isso precisasse passar por Adam.

— Eu não queria te magoar, eu juro. Achei que...

— O que você achou? — cortei-a, a um passo de cometer uma loucura.

— Gigi, eu achei que você o superaria. Que, se eu falasse para você que estávamos juntos depois, você me perdoaria e nada mudaria entre nós duas...

Não era possível.

— Que tipo de lixo você acha que eu sou para passar por cima de tudo e continuar sua amiga? Ou pensou que preciso tanto de você, que eu engoliria o meu orgulho?

— Não, eu só...

— Demorei a entender, mas agora eu vejo, *Han-Han*. Você deve achar que sou um caso ridículo de caridade, que pode passar por cima do que eu sinto! Ou então, que o que eu sinto não importa. Afinal, não tenho um futuro, não é? Não sou como vocês dois... — Apontei o dedo na sua cara, prestes a tocar nela, mas Adam me segurou com força, impedindo-me de dar outro passo que fosse em sua direção.

— Não, não é isso... eu só achei que você o esqueceria!



— Por quê? Por que você o queria e então eu tinha que deixá-lo livre? — Hannah não me respondeu, só chorou. — Pelo amor de Deus, pare de chorar! Você sempre faz isso... sempre!

Minha cabeça doía tanto que eu não queria ouvir mais nada, só uma única coisinha e então tudo estaria terminado. Com os dois.

— Você pediu para ele terminar comigo? — Ela ofegou envergonhada, em uma tentativa clara de parar de chorar. Agindo como se fosse a única com o direito de sofrer. — Pediu, Hannah?

— Chega, Georgia. Você já disse o que queria...

— Eu não disse nada do que eu queria ou deveria. Nada! — Encarei-o com raiva. — Mas preciso que ela diga a verdade, e eu quero ouvir isso da boca dela, Adam.

— Eu o amo, Gigi — murmurou como se justificasse tudo. — E Adam também me ama, e eu não aguentava mais vê-lo com você... isso estava acabando comigo, só que... nenhum de nós queria te machucar. Eu juro. Nem era para que ficasse sabendo agora, só depois...

— Quando já não precisasse olhar na minha cara?

Hannah agora chorava copiosamente, não seria ela se não houvesse tanto choro e lágrimas. O fato de Adam puxá-la para dentro dos seus braços e sussurrar algo em seu ouvido, como se ele já tivesse feito isso um milhão de vezes antes, foi o que me quebrou.

Porque ele nunca havia me segurado com tanto carinho. Ninguém havia.

Assistir a cena fez-me sentir como a vilã dessa história.

E, de repente, eu parecia a errada. A que não deveria estar quebrada.

Muito menos morrendo por dentro.

— Diga a ela, Adam... diga que não foi a minha intenção.

— Não é sua culpa, amor. Nada disso é. — Adam me olhou por sobre o ombro de Hannah, confirmando o que já imaginava. Para eles, a culpa era minha.

Não querendo soar patética, eu limpei o meu rosto, esfregando-o com força e os encarei vendo tudo como realmente era, pela primeira vez.

— Nunca pensei que fosse dizer isso a você, Hannah. Mas eu te odeio. — Eu a vi franzir o cenho, porque a ideia de alguém odiá-la deveria ser terrível. Ignorando a expressão desolada em seu rosto, eu me virei para Adam. — Odeio vocês dois.

— Eu falei que chega — Adam grunhiu ao ver que o que eu pretendia era magoar Hannah. O *menino de ouro* dessa merda de cidade deve ter visto isso em meus olhos.

— Chega, por quê? Se não é você que está sentindo dor? Se não faz ideia de como é ser traído? Sua vida é tão perfeita, Adam... tudo para vocês é perfeito. Só queria que tivessem tido a coragem de olhar na minha cara e me dizer a verdade. Você, ela... não importa qual dos dois. Porque, depois de tudo, eu tinha o direito de saber que, enquanto transava com você e era amiga dela, vocês dois me traíam por trás!

— Você está passando de todos os limites.

Olhei para os dois, a casa atrás deles. A rua em que viviam. A vida que possuíam.

Desistindo de tudo.

— Acho que você já pode parar de chorar e ficar aliviada, Hannah. Ele é seu.

Adam estreitou os olhos, como se não acreditasse que seria tão fácil. Mas o que para ele era fácil, estava exigindo o mundo de mim. Tanto para não cometer uma loucura quanto para aceitar que gritar nenhum o faria me olhar como olhava para Hannah. Ou então, ter a decência de me dizer que sentia muito.

Porque a verdade é que ele não sentia. Nenhum dos dois sentia.

## ***Eu te odeio***

O olhar furioso de Adam me atingiu, deixando-me incerta sobre o que realmente desejava: pular em meu pescoço ou que eu simplesmente desaparecesse da sua frente. E ainda que eu estivesse zozza e entorpecida pelo álcool, não pude deixar de me sentir incendiar por dentro. Um ardor que nada tinha a ver com o que Ethan, seu melhor amigo, dizia em meu ouvido.

Sendo honesta, desde que *o casal perfeito* chegou à festa na casa de um dos jogadores do time, eu já não prestava atenção a nada do que acontecia ao redor.

Ao ver Hannah segurar a mão de Adam e murmurar algo praticamente contra a sua boca, eu virei o meu rosto, sentindo a velha dor. *Dias*, isso foi tudo o que precisou até que o casal revelasse que estavam juntos. A notícia se espalhou tão rapidamente e todos ficaram tão animados, que eu me perguntei se já não era o esperado. Se todos na escola, e fora dela, enxergavam algo que nunca fui capaz de ver.

— Quer subir? — Ethan perguntou, de repente, e eu assenti sem pensar direito.

Não importava o que iria acontecer, ou o que ele queria de mim, desde que a visão de Hannah e Adam, juntos, desaparecesse da minha mente.

Já na escada, olhei para baixo e odiei o olhar de pena que encontrei no rosto de Hannah. E mais ainda, o de raiva no de Adam.

Ambos estavam agindo como se eu fosse realmente a errada em toda a história.

Não que eles fossem os únicos, porque, a partir do momento em que Hannah e eu deixamos de ser amigas, eu me tornei a vilã de qualquer fofoca e mentira inventada pelos corredores do colégio.

Enquanto todos diziam o que queriam, e ninguém negava ou confirmava os boatos, Adam começou a me responsabilizar por Hannah se sentir culpada. Além de vê-los juntos, o infeliz queria que eu a perdoasse. Algo do qual eu jamais seria capaz.

Com a mão de Ethan entrelaçada a minha, eu o deixei me guiar até um dos corredores. O barulho da festa no andar de baixo foi ficando para trás conforme nos afastávamos. Quando o som da porta bateu atrás de nós dois, eu só pude sentir alívio.

O problema começou quando Ethan atravessou o quarto e começou a beijar minha boca. Não era como se nunca tivéssemos feito isso, mas não havia uma só parte minha que quisesse a boca dele naquele dia. Mas tudo aconteceu tão rápido que, quando dei por mim, eu estava deitada sobre a cama de casal dos pais de alguém, fitando o teto, completamente anestesiada. Talvez pelo álcool ou o comprimido que um amigo do Ethan distribuiu mais cedo entre o pessoal do colégio.

Tudo o que eu soube era que o meu corpo se mostrou incapaz de sentir o seu toque. Ou assimilar seu rosto sobre o meu, não quando as lágrimas inundavam meus olhos. Ethan, no entanto, não percebeu. Caso contrário, tenho certeza de que ele teria parado ao me ver prestes a desmoronar. *Pela milésima vez em tão pouco tempo.*

Com a sua boca se arrastando sobre a minha pele, eu virei o rosto e comecei a pensar em tudo o que não deveria.

Adam nunca disse que me amava, eu percebia agora. Mas também não fez nada para me impedir de acreditar que poderíamos ficar juntos. Quanto a Hannah, a dor era tão profunda que eu não conseguia pensar nela sem ficar furiosa.

Sentindo que não suportaria o corpo de outra pessoa dentro do meu, tentei empurrar Ethan para longe, mas ele parecia distraído demais para entender a dica ou simplesmente chapado demais para se importar. E tão rápido como começou, terminou. Porque, sem que eu esperasse, Ethan foi afastado de cima de mim enquanto o som de uma discussão ao redor era ouvida.

Sem entender nada do que foi dito, eu apenas me dei conta de que a porta voltou a ser fechada e o quarto tomado pelo silêncio.

Nada fez com que eu me movesse, porém, porque eu sabia o que encontraria lá fora se tivesse que encarar cada uma daquelas pessoas, não era segredo o que cada um deles pensava a meu respeito. Inclusive, Adeline já havia chamado a minha atenção, o aviso dado na semana passada seguia martelando em minha mente: *Outro atraso, e eu estaria fora.*

Pela primeira vez, a ideia de ficar sem minhas aulas não me aterrorizou ou causou pânico. Porque a verdade era que eu tinha coisas bem mais difíceis com as quais lidar naquele momento. E se não fosse o bastante, a Madame sabia. Como, eu não fazia ideia, mas ela sabia.

*Se você precisar de ajuda para lidar com isso...*

Suas palavras ainda tinham o poder de me fazer sentir doente, porque, no fundo, eu compreendia o que ela queria dizer.

— Georgia? — Reconheci imediatamente a voz e o cheiro, sentindo o peso dele sobre o colchão ao meu redor.

— Onde a sonsa está? — perguntei, referindo-me a Hannah, mal conseguindo formar as palavras. — Onde está a mentirosa? — destilei com rancor, passando a bater em seu peito quando Adam assumiu o controle ao me segurar, obrigando-me a encará-lo e ver tudo...

Os seus olhos, o cabelo espesso. A boca praticamente sobre a minha.

— Hannah foi embora, porra... será que não vê que suas atitudes a magoam? — grunhiu, com a voz grave. Áspera. — Por que não pode simplesmente esquecer tudo e perdoá-la?

*O filho da mãe não poderia estar falando sério!*

— Não se perdoa alguém que quebrou a porra do seu coração, Adam! E ela sabia que eu te amava... sempre soube. Desde... — *Desde a primeira vez*, pensei desnorreada. — Você também sabia — acusei-o. — Eu entreguei a minha virgindade a você, Adam. Te dei tudo, cada pedaço de mim.

— Quantas vezes mais terei de dizer que foi só sexo, Georgia? — Suas palavras soaram baixas. — E não me venha com essa história *de amor* porque você conhecia as regras.

Sacudi a cabeça.

— Eu não conhecia — confessei. — Eu acreditei que... eu achei que... você era meu.

Adam respirou fundo, sem qualquer paciência, e me encarou mais próximo do que estive há semanas. Sentir o peso

do seu corpo sobre o meu e a forma como suas mãos me seguravam me atormentou. Aumentando a saudade que eu sentia da gente.

Assim como a raiva.

— Escute-me, ok? — Entreolhamo-nos, e eu senti o hálito mentolado misturado ao álcool. — Eu preciso que você converse com a Hannah, e diga que a perdoa.

Não esperei que terminasse e comecei a negar, nervosa.

— Eu quero que ela morra! — rebati com raiva, lutando contra ele. — Que sofra tudo o que sofri. Hannah me tirou a única coisa boa que eu tinha... como se ela já não tivesse tudo! Uma família, o amor de todos...

Continuei a me debater, o que só o fez me segurar com mais força e prender uma mão em cada lado da cama enquanto respirávamos de forma ofegante e intensa.

— Você precisa parar, está me escutando? Essa loucura de dormir com os meus amigos, porra... o que tem na cabeça?

Adam parecia furioso, e eu gostei. Gostei que se importasse, mesmo que só um pouquinho.

O peso do seu corpo intensificou, deixando-me com as pernas bambas, fracas, incapaz de lutar contra ele, ou contra o que eu ainda sentia. Adam, por sua vez, não se afastou ao identificar a minha reação. Pelo contrário, o seu olhar se tornou enervante a ponto de doer encará-lo. Então, covardemente, desviei meus olhos dos seus, e o notei quase que inteiramente sobre mim. Suas pernas mantendo-me presa ao colchão, suas mãos impedindo as minhas de empurrá-lo ou coisa pior.



Nós não estávamos em pé de igualdade, nunca foi assim durante o sexo e não seria em uma discussão.

Mas o que fosse que estivesse passando pela mente dele pairava nessa linha sutil... Dei-me conta ao ver o maxilar largo enrijecer e o quadril pesado relaxar sobre o meu sem qualquer vergonha ou pudor. Porque Adam não era idiota, ele sabia que estava duro, excitado, e mais ainda... que eu podia senti-lo em todo o seu comprimento, o que fez com que o que não acontecia há meses, acontecesse.

Adam buscou pela minha boca com urgência, afundando a língua molhada enquanto arrancava-me ofegos de confusão e angústia.

O primeiro impulso que tive foi o de empurrá-lo, lhe bater no peito para que entendesse que a raiva era maior do que o meu desejo. Mas as minhas coxas o envolveram, seus dedos perdendo-se por cada curva. Estávamos furiosos, presos um ao outro como se houvesse algo maior e mais poderoso mantendo-nos amarrados.

A respiração, antes fraca, ganhou força. Assim como a maldita saudade e a humilhação por ser incapaz de reagir a cada afago deixado pelos seus dedos. Percorrendo o caminho de minhas coxas nuas, que Adam apertou como se lhe pertencessem, até o bumbum que foi praticamente esmagado por cada dedo. Em um misto de vontade e loucura.

Faltou-me lucidez para impedir que Adam me tocasse, que me virasse a cabeça e machucasse o meu coração.

Mas sobrou vontade. Dele. De nós dois.

— Eu preciso de você, senti tanto a sua falta.

Continuamos a nos beijar com urgência, já que no fundo sabíamos que não haveria tempo.

*E eu estava certa.*

— Merda, *baby*, não era para isso estar acontecendo. — Ele se afastou e me encarou, atordoado e nervoso ao se reorientar.

Cair em si antes que o pior acontecesse.

Suas mãos me deixaram, fazendo-me arder sozinha, enquanto sentia o olhar, que antes era de desejo e insanidade, se transformar em repulsa.

— Eu só tinha você, Adam. Só você e até isso ela me tomou! — gritei ao ver que não tínhamos mais volta.

Adam nunca mais se deixaria consumir pelo que tínhamos.

— Eu nunca fui seu para ser tomado, Georgia. — Suas palavras e o significado por detrás delas fizeram com que eu batesse com força em seu peito e o empurrasse. E teria feito mais, se ele não tivesse levantado e me olhado como se eu fosse louca.

— Você é como ela. — Eu sabia a quem ele se referia. — Minha mãe tentou me avisar, mas eu fui estúpido demais para ouvir. Cego!

— Agora você diz isso, que eu sou como ela... mas não pensava assim quando estava dentro de mim! Fodendo a pobre menina carente! — gritei, vendo-o dar um passo em minha direção. A última coisa que Adam deveria querer era um escândalo envolvendo o seu nome.

— Só pare de perturbar a Hannah, me ouviu? Fique longe, porra! — Tentei me levantar da cama, ainda grogue, até conseguir me ajoelhar, o que me deixou cara a cara com Adam. — Você não fala com ela, não olha...

— Eu estou grávida — sussurrei, à espera de uma reação, desejando ver o desespero dentro de seus olhos, o mesmo que ameaçava me corroer por dentro.

— Você está mentindo. — Ele diria isso mesmo, que era uma mentira. Um absurdo criado porque eu estava furiosa. Eu o escutei, mas só consegui sorrir. Amarga. — Eu não acredito em você. Sei como a sua mente funciona... e não vou permitir que ferre com Hannah dessa forma, entendeu? Se ousar repetir essa merda na frente dela...

— O que você fará? — Eu me aproximei, saindo da cama. Se eles queriam que eu fosse a vilã da fodida história de amor deles, então eu seria. — Vai quebrar o meu coração? Me fazer chorar?

Eu o encarei, precisando erguer o rosto para que pudesse atingi-lo de igual para igual. Não que o meu 1,60m de altura em algum momento fosse se comparar ao seu 1,80m.

— Adivinhe só, Adam. Não há nada que você ou aquela garota possam fazer para piorar a forma como eu já me sinto.

Pensei que já havia me sentido como lixo antes, com os olhares, todas as fofocas, a forma como era constantemente julgada, mas nada se comparava ao estrago que fizeram comigo.

— Você não seria tão vingativa, inventar algo assim seria baixo até mesmo para você, Georgia.

*Inventar...*

— E se não for invenção?

— Nós dois sabemos que é, porra! É a sua cara vir com essa merda justamente agora, é isso o que quer? Dar o golpe como a sua mãe? Se tornar ela, Georgia?

Estapeei seu rosto, antes que eu pudesse pensar ou raciocinar o que fazia.

Adam estava tentando me machucar de propósito, porque ele sabia como eu odiava ser comparada a ela. Como eu... *a odiava.*

— Você está descontrolada. — Fui segurada por ele, mas não estava satisfeita ainda. — E não vou admitir que todo esse drama me atinja ou atinja a Hannah. Ela e eu... estamos juntos, e nada do que faça irá afetar isso. Não importa a mentira que esteja disposta a inventar.

*O menino de ouro* segurou-me com um pouco mais de firmeza, deixando claro que a conversa não tinha terminado. Só para mim esse era um assunto encerrado.

Eu estava desistindo.

Dele, dela. De mim mesma.

A forma que encontrei de mostrar a ele talvez não fosse a mais inteligente, mas se era o nosso fim então que eu tivesse apenas mais um gosto de Adam. *O último.*

Agindo por impulso, eu estendi a mão e toquei o seu rosto, vendo-o enrijecer em resposta. Mostrar-se em alerta. A lembrança do beijo que trocamos naquela cama incentivou que eu me aproximasse até estar tão perto que pude sentir tudo: o seu coração bater, o seu cheiro.

*O cheiro dela.*

A raiva e o ciúme levaram-me a beijá-lo com desprezo enquanto as lágrimas molhavam o meu rosto e boca. De forma fria, eu o senti retribuir ao beijo, o que me enfureceu ainda mais. Somente quando se deu conta de que estava, outra vez, cedendo a minha loucura, Adam tentou se afastar... mas o impedi.

Na ponta dos pés, eu o segurei pela nuca e disse o que precisava que o filho da puta escutasse:

— Espero que pense em mim quando estiver com ela. — Eu o encarei, com nossas bocas ainda unidas. — Que eu esteja entre vocês dois a cada minuto do dia. E que ela nunca seja suficiente, Adam.

— Não diga bobagens, merda! — esbravejou, conseguindo enfim colocar alguma distância segura entre nós dois.

— Eu nunca vou te perdoar — declarei, cansada de lutar e brigar. — Nunca!

Furioso, ele não me deixou escapar tão facilmente.

— Não se preocupe, porque não pretendo vir atrás de perdão, Georgia. Eu não preciso dele.

Encaramo-nos profundamente, até que, sem dizer outra palavra, eu o vi abrir a porta e sair do quarto de forma tão brusca, que eu achava impossível que todos no andar inferior não tivessem escutado o estrondo dela ao se fechar. Sem Adam para presenciar a minha queda, eu me deixei cair no chão. Mas não chorei ou gritei.

Apenas fiquei ali, sentindo tudo girar a minha volta enquanto eu era engolida pelo desespero.

Horas depois, quando finalmente consegui me levantar, eu descii as escadas, ignorando os olhares voltados na minha direção e o chamado de Ethan. Não queria falar ou ver ninguém, quem dirá ter de lidar com o julgamento de todos eles. Por isso, sem pensar direito no que fazia, caminhei até o único lugar que ainda conseguia fazer com que eu me sentisse minimamente segura.

Não me restava muitos deles. Eu já não tinha o quarto de Hannah e, definitivamente, não tinha os braços de Adam ao meu redor.

Chovia quando cheguei ao estúdio de Madame Adeline, como se tudo o que havia acontecido essa noite não tivesse sido o bastante. Meus dentes tremiam e eu estava congelada, morrendo de frio, enquanto apertava repetidamente a campainha e gritava por ela. Foram precisos vários minutos, até que ela me escutasse e descesse a escada lateral.

Ainda de roupão, Adeline abriu o portão de ferro e me avaliou dos pés à cabeça. Não era preciso ser um gênio para imaginar o que ela via: meu cabelo inteiro molhado e embaraçado, a maquiagem borrada pelo choro. A expressão inconsolável no rosto e um corpo exausto. E, sem que eu precisasse dizer nada, Adeline teve a confirmação de que precisava.

— Nós vamos cuidar disso, sua menina tola. Confie em mim.

*Fosse esse um erro ou não, eu confiei.*

**1**

***Dias atuais...***  
***East Village***

## **Adam**

— Nós a estamos perdendo. — A voz de Frederick me fez observar por um segundo inteiro o monitor cardíaco enquanto minhas mãos continuavam tentando reanimá-la. A trazê-la de volta.

*Porque eu me recusava a desistir, a permitir que se fosse.*

— O tirem daqui! — Frederick, o diretor de cirurgia geral do hospital e um grande amigo, ordenou enquanto o enfermeiro ao meu lado me afastava da mesa de operação obrigando-me a empurrá-lo, com a certeza de ser o único entre a equipe médica recusando-se a desistir.

*Porque eu não podia.*

O alvoroço gerado pelo meu comportamento fez com que outro enfermeiro também tivesse que intervir. O que me deixou sem escolha, que não a de me afastar batendo minhas costas contra a parede enquanto assistia, com os punhos cerrados, a equipe cobrir o corpo dela.

A tragédia diante dos meus olhos confirmou o que Frederick tentou me alertar por semanas: eu não deveria participar da operação. Havia muito em jogo. E conhecendo-me, o homem previu a reação que eu teria caso algo desse errado.

— Hora da morte, 8h45 — Frederick declarou, recusando-se a me encarar, a olhar dentro de meus olhos e enxergar a maldita dor que ameaçava se alastrar para além do meu corpo.

*Foram meses lutando por sua vida e, agora, por insistência minha...*



— Você fez tudo o que podia, Adam. — Eu o ignorei enquanto os enfermeiros e cirurgiões da equipe oncológica se afastavam, deixando-me sozinho para lidar com a verdade.

Médicos são racionais por um motivo, era o que meus professores na Cornell<sup>[3]</sup> costumavam dizer. Quando você sente, você perde.

Eu, melhor do que ninguém, podia afirmar a veracidade por trás dessas palavras. Aprendi da pior maneira quando meu pai morreu. Foi por sentir demais a perda dele que cometi tantos erros.

— Não se culpe, meu amigo. Essa era a única chance que vocês tinham, pensar o contrário só fará com que se martirize.

Como se fosse impossível pensar em outra coisa que não no que poderia ter acontecido se eu não tivesse repetido, pelo menos mil vezes, que ela precisava ser corajosa e fazer isso pela nossa família.

Se a porra do meu cérebro não fosse tão racional, a minha esposa não estaria morta.

Não agora, e não pelas minhas mãos.

Não satisfeito em apenas afastar o olhar do porta-retratos sobre a mesa do consultório, eu o virei de modo abrupto tomado pela angústia.

Dois anos não haviam sido suficientes para voltar a ser capaz de respirar sem a sensação de que algo estivesse sendo rasgado em meu interior.

Mil anos não seriam, pensei ao girar a aliança em meu dedo.

Arrancá-la teria gerado mais angústia do que alívio, então eu a mantive. Consciente de que, com ou sem aliança, a memória de Hannah permaneceria comigo a cada segundo de cada minuto de cada hora. Minha esposa esteve ao meu lado em todos os melhores e piores momentos da minha vida. Desistiu de focar em sua própria carreira para que eu pudesse me dedicar inteiramente a residência e, em seguida, a minha posição no *Califórnia Medical Center* e a rotina um pouco mais branda na Clínica Preston, uma função que assumi no instante em que terminei a minha especialização.

Então vieram os plantões intermináveis, os estudos até a madrugada. Cirurgia após cirurgia.

Devorado pelo remorso, recostei contra a poltrona e observei o consultório apático. Não pela primeira vez. E sempre que o fazia, eu me via questionando cada maldita decisão tomada nos últimos dois anos. Perder Hannah acabou comigo a ponto de não restar certeza sobre mais nada.

*Nem mesmo do meu lugar.*

A ausência dela tornou-me um homem duro, propenso a exaustão e a raiva. O que culminou em um afastamento exigido por Frederick, que, a princípio, teria sido temporário. O ano sabático transformou-se rapidamente em dois ao me dar conta de que eu não era invencível. E que havia cometido o principal erro que nove entre dez cirurgiões cometiam: eu brinquei de ser Deus.

Frustrando-me ao perceber que eu poderia operar dois, três corações em um mesmo dia. E salvar todos eles. Mas tinha

sido incapaz de salvar o único pelo qual eu teria dado a minha própria vida.

A batida na porta afastou todo e qualquer pensamento a respeito de Hannah. Consciente de que, no instante em que voltasse a estar sozinho, eu voltaria a me culpar. A questionar...

— Adam? — Scarlet, a ginecologista da clínica, cujo plantão era todas as quartas e sextas, inclinou o corpo no batente da porta sem de fato entrar.

Acenei, recebendo como resposta um sorriso cheio de expectativas. E claro, a sua aproximação.

Scarlet esteve comigo no colégio, dois anos à frente, e assim como a maioria dos moradores que saíam para estudar em outros estados ela também havia retornado após a formatura. Somada a um conjunto de pequenas vilas localizadas a poucos quilômetros de *Monterey*<sup>[4]</sup>, a cidade havia se tornado um local disputado entre os endinheirados tradicionais. Que fugiam de Nova Iorque e cidades grandes.

A fama era a de que vivíamos em um novo e particular *Hamptons*, mas ao invés da areia branca a se perder de vista e o mar gelado, havia um extenso e profundo lago, além do típico sol da Califórnia.

E assim como acontecia com o balneário de luxo, *East Village* se tornou conhecida por fazer *vista grossa* aos forasteiros e aqueles que viviam às margens da cidade.

— Grace pediu para que eu o lembrasse de que médicos também se alimentam. — Claro que pediu, Grace e Scarlet haviam se tornado desconfortavelmente próximas com o passar

do tempo. Como se a repentina amizade com a médica tivesse um propósito maior.

Um que envolvia preencher o espaço que hoje existia em minha vida.

— Estou com a agenda cheia hoje — menti. — Além disso, há as meninas. Tenho trabalhado até tarde todos os dias da semana, e elas têm reclamado.

— Trinta minutos, Adam — insistiu, apoiando-se sedutoramente na mesa.

O jaleco rosa que usava encontrava-se aberto, revelando de forma intencional a leve transparência da camisa de seda que vestia por baixo.

Insinuações que vinham se tornando cada vez mais frequentes. E, ainda que eu fizesse o melhor para deixar óbvio o meu desinteresse, havia momentos em que as necessidades primitivas do meu corpo falavam mais alto, levando-me a questionar se ceder a Scarlet ou a qualquer outra mulher seria um erro.

Eu mal podia lembrar qual foi a última vez que Hannah e eu fizemos sexo. Dois anos sem ela, além de todos aqueles meses em que passou doente...

E ao pensar agora, ao simplesmente me imaginar na cama com outro corpo que não o dela, eu não sentia nada. E era aí que eu desistia da ideia de aceitar os convites de Scarlet para jantar ou sair. Até porque a ideia de trair a memória da minha esposa, era a responsável por trazer um gosto amargo à boca.

*Difícil de engolir.*

Desde os quinze, eu não sabia o que era ficar sem sexo, então, dois anos depois de perder a virgindade, Georgia entrou na minha vida e, porra, nós éramos como coelhos excitados. Transando em todo e qualquer lugar. E a todo o momento. Eu não me orgulhava dessa merda, mas se fechasse os olhos e deixasse o passado vir à tona... em enxurradas de gemidos abafados e gozo, eu podia jurar ser capaz de sentir o seu gosto.

*Caralho.*

Bati o punho contra a mesa ao perceber que meu cérebro refazia todo o caminho até Georgia. Outra vez. Procurando sempre por algum resquício mínimo dela em minha própria boca. Algo que me enfurecia na mesma medida em que excitava, porque eu deveria pensar em Hannah. Querer Hannah.

Mas, ao pensar em minha esposa, não era o tesão a me dominar. E sim a dor.

Frustrado, eu me levantei enquanto retirava o jaleco. Cometendo o erro de ficar cara a cara com outra das fotografias com que minha esposa decorou o consultório. Era como se, de alguma forma, ela soubesse que iria partir.

*Eu quero fazer essa cirurgia, Adam. Por você e pelas meninas.*

Sua voz me assombrou, não pela primeira vez. Forçando-me ao dia em que em que ela cedeu ao meu pedido. Não que tivéssemos outra escolha, o prognóstico dos médicos não deram seis meses de vida para Hannah. E ainda que as chances que a operação fossem menos do que 50%, eu queria tentar.

E queria que ela tentasse.

— Adam? — Ignorei Scarlet, ao não ser capaz de afastar os olhos da fotografia que mostrava minha esposa entre duas pequenas garotinhas.

Os amores da minha vida.

Era por elas que eu havia me obrigado a seguir em frente, a tentar agir de modo normal e não sucumbir ao álcool, como fiz no primeiro mês de luto. Ou pior, a não desistir da medicina. Algo que eu havia pensado em fazer pelo menos um milhão de vezes desde que a enterrei.

Se de um lado, Lotty sorria ao lado da mãe, do outro... mal se podia ver os olhos de Amber de tão alegre. Uma alegria que eu não enxergava em minha filha há um bom tempo. Hoje, tudo o que ela parecia fazer era se cobrar. Exigir o mundo de si mesma.

Nenhum de nós imaginou no dia em que a foto foi tirada, que Hannah morreria um ano depois. Esse foi o tempo que levou desde a descoberta do seu câncer até o fim.

— Elas são tão lindas. — Escutei Scarlet dizer, a mão de unhas longas e claras detendo-se em meu ombro. — Você é um homem de sorte.

*Um homem de sorte?*

— Você não tem ideia do que está dizendo — grunhi, baixo. Incapaz de me impedir de ser rude.

Em momentos assim era praticamente impossível. Eu deveria receber um maldito prêmio, aliás, por escutar exaustivamente a mesma conversa. O lamento pela Hannah, a sorte que eu tinha por ter duas filhas lindas... e o assunto cada vez mais recente: *quando o meu luto terminaria?*

Para essa pergunta não havia resposta. Literalmente nenhuma resposta.

— Sinto muito, eu não posso imaginar como deve ter sido difícil para você — Scarlet falava da mesma forma que todos os outros, como se o tempo tivesse conseguido sanar a dor da perda. — Mas o tempo cura tudo, e eu espero que...

— Esqueça. Não vamos falar sobre isso, tudo bem? — Peguei a carteira dentro do casaco pendurado atrás da poltrona e abri a porta, para que pudéssemos sair.

— Obrigada — agradeceu, aproximando-se a tal ponto que foi impossível não ser atacado pelo perfume irritantemente doce que usava.

Havia algo sobre as mulheres que sempre me fascinou, o gosto delas, o suor do corpo. O cheiro impregnado na pele após o sexo. Scarlet... só não tinha nada do que eu gostava. O cheiro dela era artificial, apesar de caro. Havia sempre tanta maquiagem em seu rosto, que eu me perguntava o que havia por trás.

Hannah nunca foi assim. Eu podia enxergá-la por inteiro apenas ao encará-la. Sabia quando estava triste, alegre. Quando era consumida pelo passado.

Diferente de mim, minha esposa nunca se importou em demonstrar.

Ao descer os degraus, que nos levaria ao andar inferior, nós alcançamos a bem equipada recepção, onde Ava e outra recepcionista intercalavam nos atendimentos aos pacientes. Com um aceno, eu avisei a mulher de cabelos brancos e uniforme

azul, que trabalhava para a clínica desde a época em que meu pai a fundou, que eu estaria de volta em poucos minutos.

Ava era como uma segunda mãe e adorava as meninas. Vinha dela o apoio de quando a babá furava comigo, ou estava ocupada.

Quando o ar quente, flutuando pelas ruas da avenida principal, atingiu o meu rosto eu me lembrei das palavras de Frederick. A cada ligação, e oportunidade, ele insistia em dizer que me acomodar a *East Village* e a essa clínica era o maior erro que eu poderia cometer. Um verdadeiro desperdício de talento.

O filho da mãe nutria a esperança de que eu fosse acordar algum dia, disposto a reassumir a minha posição no Califórnia Medical. Bastava que eu aceitasse e fizesse o que sabia de melhor: salvar vidas e operar corações.

Fazer a porra de alguma diferença.

— Achei que a essa altura, elas já teriam desistido — Scarlet comentou, referindo-se ao alto número de pacientes femininas à espera de uma consulta comigo. — Conheço a maioria dessas mulheres há anos, Adam, e nunca as vi tão obcecadas.

— Bom, pelo menos eu posso dizer que elas estão com seus *check-ups* em dia.

— No fundo, eu acho estão apenas à espera de que você esteja pronto para seguir em frente.

— Elas estão perdendo tempo. — *Você está*, pensei comedido.

— Felizmente, algumas mulheres são mais pacientes do que outras. — Sorriu, tocando o meu braço enquanto



caminhávamos lado a lado na calçada.

O calor da estação fazendo-se presente, de tal forma que a camisa de linho que eu usava se agarrou a pele. Dobradas nas mangas, eu a ajustei em meu braço. Usando o gesto como desculpa, a fim de colocar algum espaço entre nós dois.

— Hoje a minha prioridade é o bem-estar das minhas filhas, Scarlet. E quando se trata delas eu prefiro não correr riscos.

— Uma esposa seria um risco?

Eu a encarei, irritado com o assunto.

— Não seria, porque eu não pretendo me casar novamente.

Scarlet ficou pálida e dirigiu o seu olhar para o carro que passava, recompondo-se em silêncio. Essa era a verdade, no entanto. Depois de apostar tudo em Hannah, não restara um só osso em meu corpo disposto a passar por algo minimamente parecido outra vez. Principalmente, porque não acho que haveria outra mulher no mundo com quem eu quisesse repetir o que vivi com minha esposa.

— Claro. Ainda é muito cedo, imagino que, antes de pensar nisso, você queira retomar a sua carreira, voltar as cirurgias — Scarlet mudou de assunto. — Você era um deus para aquele hospital, Adam. Se não tivesse se afastado, aposto que ainda estaria naquele ritmo agitado.

Não me restava dúvidas. Essa era, aliás, a razão pela qual eu não retornei, porque eu pretendia ser um pai melhor do que o meu foi.

— *O curador de corações*, era assim que te chamavam, não é?

— Algo assim. — Desconversei, sentindo como se a época em que o meu nome e as técnicas cirúrgicas nas quais me especializei começaram a circular por rodas médicas e hospitais do país, tivessem acontecido em uma outra vida.

Nunca fui criticado por não ter medo em uma sala de cirurgia, pelo contrário, a minha confiança sempre foi algo pelo que meus professores se orgulharam. Houve mais vidas em minha mão, do que morte. Mais casos de sucesso do que o contrário. Mas bastou um único... para que a porra da minha vida desabasse.

Como a clínica ficava localizada no coração de *East Village*, tínhamos a sorte de estarmos próximos a diversos estabelecimentos. Incluindo a cafeteria de Emily, que Lotty amava. Assim como o antigo estúdio de Adeline, que podia ser encontrado no outro lado da avenida, bem na esquina.

Incapaz de prestar atenção ao que Scarlet falava, eu voltei a me questionar se essa amizade oportuna entre ela e Grace não era parte de alguma ambição diabólica da Sra. Preston, que usualmente costumava estender os seus planos de dominação *regional* para aquém dos corredores da prefeitura. Onde ela mandava e desmandava desde que foi eleita a representante política da cidade.

Um cargo que ocupava com mãos de ferro graças ao apoio do xerife Bob London, o responsável por esquentar a velha cadeira da delegacia há pelo menos trinta anos.

— É uma pena o que aconteceu com Adeline, não é? — inquiriu ao perceber que eu encarava o estúdio. O mesmo em que estive tantas vezes no passado, sempre à espera de Georgia.

*Merda!* Eu nunca abaixava a guarda quando se tratava *dela*, obrigando-me a não pensar na loucura que fomos quando adolescentes. Convencendo não apenas Hannah de que o que tive com Georgia não significou nada, como também a mim mesmo. Em uma base quase que diária. Mas se com ela eu tive fogo, tesão e sexo sem sentido, com Hannah eu tive paz.

O problema era que, somente hoje, a minha mente já havia percorrido o caminho da tentação duas vezes. Junte os atos falhos ao fato de que eu estava irrequieto, com a mente e o corpo agitados, e a fraqueza era facilmente explicável.

— O que disse? — perguntei, após o instante de distração.

— É uma pena o que aconteceu com Adeline.

— Sim — respondi simplesmente.

A minha relação com Adeline nunca foi das melhores e o tempo só fez piorar.

Ao me obrigar a olhar para a direção contrária, qualquer uma que não a do estúdio e as lembranças que aquele lugar trazia à tona, eu respirei aliviado ao perceber que, com mais alguns passos, chegaríamos ao restaurante.

— Você é um mistério para mim, Adam — acrescentou, sem explicar onde pretendia chegar. Só que Scarlet não era tola, esteve lá quando tudo aconteceu. Ouviu os boatos.

E, assim como toda a cidade, criou suas próprias teorias sobre o desaparecimento de Georgia e o meu envolvimento com ela.

— Scarlet...

— Eu sei, você não está pronto. Entendi.

Não era apenas a questão de estar ou não pronto, porque isso acho que jamais estaria. A questão aqui era querer.

E eu não queria ela ou qualquer outra mulher ocupando o lugar que foi de Hannah. Fosse em minha vida, ou em minha cama.

Não de forma definitiva.

## Georgia

Diminuí a velocidade, a fim de verificar quantas milhas faltavam até que a placa de boas-vindas de *East Village* surgisse a minha frente, como o letreiro de um filme de terror de merda. Não, era óbvio que eu não estava ansiosa. Quando deixei essa cidade para trás, eu jurei que nunca mais voltaria.

O fato de estar prestes a fazer justamente o contrário, dava-se por puro e simples desespero.

Apesar do calor infernal que fazia dentro do carro, eu tremia por dentro com minha respiração presa no fundo da garganta, enquanto pedia aos céus para que essa *lataria sobre rodas* não me deixasse na mão, somente pela milésima vez desde que nos conhecemos em um extenso pátio de automóveis usados. Ter terminado com o mais problemático deles, confirmava o dedo podre que eu tinha para toda e qualquer escolha que fizesse em minha vida.

O mero pensamento fez com que eu voltasse a me sentir uma idiota. Porque depois de tantos erros e decepções, no mínimo, eu deveria ter aprendido a reconhecer um problema quando o visse. E se uma parte minha passou a vida inteira lutando para ser autossuficiente e não depender de homem algum, a outra insistia em acreditar que, *daquela vez*, poderia ser diferente.

E não, eu já não estava pensando sobre o meu carro.

Fazendo uso da garrafa de água que havia comprado no caminho, eu bebi o que restava em um único gole enquanto

sentia desaparecer dos lábios os últimos resquícios do meu batom favorito.

Lambi a boca com a umidade provocada pelo calor e recostei contra o banco de motorista, sentindo dor em cada osso magro do meu corpo.

As mãos, cujas unhas tinham sido pintadas de vermelho dias atrás, seguiam apertadas ao redor do volante com tanta força que era como se eu estivesse com medo de soltar e... cair. Despencar de um penhasco ainda mais fundo do que todos os que já estive.

Essa não era a minha única preocupação, no entanto. Porque a cada milha que dirigi até aqui, eu me tornei mais e mais apreensiva conforme escutava o motor desse maldito carro chiar feito um gato no cio, enquanto o carburador soltava tanta fumaça, que parecia incendiar todo o caminho por onde passávamos.

Somente ao avistar a placa de boas-vindas, que pude voltar a respirar. Sem pensar duas vezes, forcei o carro até o acostamento querendo ganhar algum tempo, pensar um pouco melhor sobre a loucura que estava prestes a cometer.

Nunca estive em meus planos retornar. E o meu acordo com *aquela mulher* não envolvia atravessar o país. Até porque tudo o que tínhamos para tratar uma com a outra poderia ser resolvido a distância. Era bem simples, aliás.

Após descobrir que os advogados de Adeline haviam finalmente me encontrado, sem a ajuda dela, apenas para constar, Grace Preston, a bruxa má do meu conto de fadas frustrado, garantiu que se livraria do estúdio de Adeline sem que tivesse que mover um só dedo. Ou me acabasse em culpa. O

dinheiro viria para mim e eu apenas teria de assinar alguns papéis. Tudo teria ocorrido exatamente dessa forma, se eu não tivesse tido a brilhante ideia de dirigir por quase sete horas sem parar, ou olhar para trás.

*Não era como se eu tivesse opções.*

O meu relacionamento com Connor havia ultrapassado todos os limites do aceitável. Ele era ciumento, controlador e agressivo. Só nunca achei que teria coragem de me machucar fisicamente... Quando essa linha frágil foi cortada, eu me dei conta de que, se não o deixasse naquele momento, jamais me veria livre da dependência que esteve presente em cada relação que tive.

Eu me reerguia, apenas para cair em outra armadilha destrutiva e tóxica. Que mais me fazia mal do que bem. E eu estava cansada de sentir como se não fosse merecedora de um final feliz, ou pensar que havia algo de errado comigo.

Era egoísta da minha parte, mas ainda que me achasse incapaz de amar outro homem novamente, eu sempre desejei ser amada. Saber como era estar no lugar de Hannah ou todas essas mulheres felizes. Com casamentos e filhos. Eu não tive isso ao crescer e tinha medo de não ter agora.

De já estar velha demais para o meu final feliz.

Substituí o ressentimento por algo mais brando, ao me lembrar de que mesmo com a pressa em que estive ao deixar o apartamento de Connor, onde passei os últimos três anos, eu consegui colocar em uma única mala tudo o que possuía: algumas peças de roupas, sapatos favoritos e documentos. Não me despedi, não pessoalmente. E se a bagunça que deixei

naquele lugar fosse alguma resposta ao que Connor fez, era a de que eu estava indo embora.

Se havia apreendido alguma coisa nessa vida, era me defender.

*E a fugir.*

Usando-me de toda a coragem que possuía, deslizei para fora do meu rosto a armação grande que usava e que escondia o hematoma no canto superior da minha bochecha. Sem controle algum, meus olhos piscaram, úmidos. Não pelo calor dessa vez, e sim porque eu havia me transformado em meu maior pesadelo: uma versão jovem e fodida de Darana.

*E me odiava por cada uma das semelhanças que nos fazia iguais. Mãe e filha.*

— Esqueça Darana, esqueça Connor. Você não precisa deles, Georgia. — Procurei me acalmar. — Alguns dias e, então, terá dinheiro suficiente para recomeçar.

Em outro estado, outra cidade. Algum lugar onde eu poderia esquecer que algum dia tive o coração arrancado de dentro do meu peito por todos os que eu amei.

Ao ligar o motor, um pouco mais confiante, eu *desisti de desistir*. Até porque não podia voltar atrás agora. Com um carro prestes a desmoronar e que havia sugado metade do meu dinheiro com essa viagem, eu só podia contar com pouco menos do que alguns dólares que haviam me restado, e eles não me fariam chegar sequer à cidade vizinha.

Devagar, dirigi até o centro de *East Village* enquanto a lembrança de todas as vezes que Adeline entrou em contato comigo ao longo dos últimos anos me corroía. Fosse qual fosse a



sua intenção, ela sempre fez questão de me verificar a cada poucos meses. Ainda que nunca passávamos mais do que alguns minutos na linha e, por mais preocupada que se mostrasse, eu e meu orgulho sempre nos mantínhamos distantes.

Cometi o erro de aceitar a sua ajuda uma vez, um erro que acabou por se tornar o meu maior arrependimento.

Maior até que o de ter amado Adam e Hannah.

Mesmo ao me manter resistente às tentativas de Adeline em permanecer em minha vida, ela nunca se mostrou disposta a desistir. Ou a me poupar de assuntos com os quais eu não queria ter de lidar, se pudesse evitar. E se as suas ligações me deixaram desconfiada, o que aconteceu há cerca de dois anos fez com que eu finalmente entendesse de que lado a Madame estava.

E não era do meu.

Caso contrário, ela jamais teria entregado o meu número de telefone para o único homem que esperava nunca mais ter de ver ou escutar na minha vida.

— *Georgia, sou eu.* — Um silêncio foi ouvido, enquanto eu reconhecia a voz tão lentamente quanto o meu coração passou a bater. Os traços jovens de rouquidão o tinham transformado em algo potente. Grave. Duro. Mas como um pressentimento, eu soube que essa não era uma ligação amigável antes mesmo que Adam me dissesse que algo havia acontecido. Algo com ela. — *Eu devo estar louco, porra, mas é por Hannah que estou fazendo. Então se eu tiver que implorar a você que converse com*

*ela... que esteja aqui... por alguns dias.* — Lembro de ter segurado com mais força o telefone naquele momento, prestes a desligá-lo. Mas o choque impediu que eu o fizesse, o choque... e a saudade que eu havia sentido da voz dele. — *Ela está morrendo, Georgia. Minha esposa está morrendo, e tudo o que ela pede é por você* — Adam soou ressentido, magoado. Ele nunca acreditou que entre mim e Hannah pudesse haver um carinho verdadeiro, pelo menos não da minha parte. — *Se algum dia você a amou, por favor, volte para ela. Diga que a perdoa, mesmo que não seja verdade. Eu só não quero que ela... merda!* — Ele pareceu buscar forças para continuar, mostrando-se furioso. — *Nós estamos no Califórnia Medical Center, se decidir vir retorne à ligação. Ela... Hannah não tem muito tempo.*

Perdi a conta de quantas vezes escutei a mensagem enviada por Adam naquela mesma noite. Ou no número de vezes em que me revirei sobre os lençóis, até que três dias depois do seu telefonema eu tomei uma decisão. E, por mais egoísta que fosse, a decisão era a de que eu não voltaria.

Não quando me achava incapaz de olhar para qualquer um dos dois, e dizer que a perdoava. Além disso, eu não queria que eles vissem a mulher que eu havia me tornado. Porque eu não gostava dela.

Acho até que eu a odiava ainda mais do que algum dia odiei a minha mãe.

Angustiada, eu observei as ruas que não haviam mudado nada em todos esses anos. Era como voltar no tempo, ter

novamente 16 anos. A velha insegurança dava as caras, assim como a raiva por todo o julgamento que recebi.

Sem qualquer luta ou confronto, meu corpo entrou instintivamente na defensiva. E não havia nada que eu pudesse fazer para me impedir de querer gritar.

Com um propósito maior, eu dirigi até o *Coyote*, o *pub* que sabia que Ethan havia assumido após a morte de seu tio. A placa neon e luminosa me deixou nostálgica. Adeline dissera, certa vez, que o xerife rejeitou a decisão do filho em assumir o estabelecimento assim que ele deixou o exército e *voltou para casa*. Um destino, ao que parece, ser o de muitos moradores de *East Village*.

Ao ver o movimento no lado de fora, decidi aguardar até que a circulação de pessoas diminuísse e elas fossem para as suas casas. Enquanto aguardava, procurei dentro do porta-luvas pelo último frasco de comprimidos receitado pelo médico em que estive cerca de um ano atrás, e ao não encontrá-lo eu me desesperei. Puxei a mochila no banco de trás, joguei tudo no banco de carona, sem nenhum sinal dele.

— Não... — Olhei para a frente, nervosa, tentando não me preocupar com isso agora. Havia muito em minha mente para que eu fosse surtar por causa da porcaria de um frasco que a essa altura já deveria estar vazio, pensei, engolindo um punhado de balas azedas que eu havia comprado no caminho até aqui.

Elas não eram as melhores substitutas, mas me manteriam mastigando. Uma distração em meio às lágrimas silenciosas que escorreram pelo meu rosto, manchando a minha maquiagem, enquanto eu lutava para respirar.

Jurei que essa seria a última vez em que colocava a minha felicidade e segurança nas mãos de outra pessoa que não eu.

Encolhida no banco e exausta da viagem, fechei meus olhos por míseros segundos, cometendo a imprudência de adormecer. O que só descobri ter feito, ao escutar a batida brusca no vidro do meu carro, que me fez despertar em um salto assustado e reconhecer, quase que imediatamente, a versão adulta de Ethan.

Não gostava de lembrar, mas quando tudo ao redor começou a dar errado, foi esse homem que percebeu o fundo do poço para o qual eu estava caminhando. Até que precisei fugir, algo que acabou por se tornar um hábito.

*Um fruto nunca cai longe do pé.* Não era o que diziam?

Então sim, eu era boa em estragar tudo, mas era ainda melhor em dar as costas quando me via encurralada. *E foram tantas vezes*, pensei, chegando à conclusão de que, se não fosse pela dança, eu teria facilmente enlouquecido. Dançar, aliás, era a única estabilidade em minha vida.

O meu antídoto. Ainda que nem sempre eu o tenha feito por amor.

Ao perceber que Ethan não me reconheceu, tão rapidamente como fiz com ele, eu abaixei o vidro do carro e retirei os óculos. Esperando que o hematoma em meu rosto não o afastasse, ou pior, que ele acabasse por enxergar Darana ao me ver.

— Georgia — murmurou de repente, em uma mistura de surpresa e desconfiança. Que o deixou rapidamente preocupado.

— Ethan — sussurrei de volta, tendo a chance de estudá-lo um pouco melhor. O boné de futebol americano que usava impediu-me de ver seus olhos. Mas não atrapalhou que eu notasse cada tatuagem em sua pele. No passado, Ethan e eu acabamos fazendo coisas que hoje eu gostaria de não ter feito. Em parte, por carência; e a outra... por querer ferir Adam como ele me feriu.

Sacudi a cabeça e mordi o meu lábio manchado de vermelho, absolutamente nervosa ao perceber que Ethan não parecia feliz ao me ver.

*Acho que ninguém nessa cidade ficaria.*

Não que importasse, tentei me convencer, tudo o que eu precisava antes de sair novamente, era o dinheiro da venda do estúdio, que não herdei por questão de carinho ou motivado por algum afeto vindo de Adeline. E sim por uma tentativa tardia em restaurar o dano que ela e *aquela mulher* haviam me causado.

O que não aconteceria nunca, nem com todo o maldito dinheiro do mundo.

— Eu preciso da sua ajuda.

# 2

## *Adam*

O suor escorreu pelos meus ombros e costas conforme o impacto da corrida diminuía ao chegar ao centro da cidade. Esse não era o caminho habitual que eu seguia durante as manhãs, mas, como havia esquecido alguns papéis na clínica e só faria atendimento no período da tarde, optei por desviar da trilha onde normalmente corria e fazer uma rápida parada.

Após deixar o futebol americano de lado, eu precisei focar em outra atividade que não fossem as horas de treino e musculação da época de escola, e foi na corrida que encontrei o que precisava.

Com as chaves no bolso da calça esportiva, eu virei a esquina e passei a caminhar pensando na ficha clínica do paciente que Frederick me enviou no dia anterior, e que eu ainda não tinha tido a oportunidade de estudar. Além de confiar em minha opinião médica, ele esperava que eu me animasse com o caso a ponto de desejar me envolver pessoalmente nele. Não vou negar, eu fiquei interessado no momento em que escutei os detalhes, mas, até que tivesse tempo para analisar o caso, optei por me abster de qualquer decisão.

Sem intenção de demorar, por causa das minhas filhas que haviam ficado em casa dormindo, eu levei menos de dez

minutos para entrar e sair da clínica. Agradecendo ao fato de ter estacionado o carro nas proximidades da trilha. Caminhei de volta até a esquina, com a pasta em minhas mãos. E ao olhar para o outro lado da avenida, levei a porra de um susto ao me deparar com o estúdio aceso.

Algo que não acontecia desde antes do falecimento de Adeline.

Confuso eu demorei a reagir, e assim que o fiz, tomando a decisão de atravessar a rua, a fim de verificar o que poderia estar acontecendo, a luz se apagou. Tentei me lembrar se Grace havia marcado ou comentado algo a respeito da possível visita de um comprador, já que era ela quem estava cuidando desses pormenores, mas nada me veio à mente. Tudo o que podia dizer era que esse era um assunto que sempre a deixava irritada.

Aprensivo, por alguma razão que me fugia à mente, eu teria seguido com meus planos iniciais se a porra do meu mundo não tivesse congelado no instante em que vi, através da fachada de vidro, a cabelereira loira de uma mulher, que caminhou em direção ao corredor interno do estúdio.

*Desaparecendo da mesma forma como surgiu.*

Ao não conseguir enxergar o seu rosto, eu tentei me convencer de que estava apenas perdendo a razão. Que, ao me lembrar *dela* no dia anterior, algo dentro de mim se partiu. A sanidade, por exemplo. O pior era imaginar que eu preferia me descobrir louco, a ter de encarar Georgia outra vez.

O delírio, ainda que fosse logicamente um sinal de demência, era um campo muito mais seguro e confortável do que qualquer outra opção envolvendo o meu passado.

Antes que pudesse seguir o meu caminho, notei a proximidade da viatura de Bob London. Procurei mostrar alguma tranquilidade, recusando-me a aceitar que havia acabado de percorrer quinze quilômetros, em uma velocidade próxima a de atletas profissionais, e o meu corpo sequer reagiu. Mas que bastou a possibilidade de *vê-la* na minha frente, para que eu sentisse como se fosse implodir por dentro.

A raiva e o ressentimento ganharam força.

— Adam? Tudo bem, meu filho? — London perguntou, enquanto eu ainda estava atordoado.

Meus olhos desviaram-se do estúdio, como se eu não tivesse acabado de ver um fantasma. *E talvez eu tivesse.*

Ao perceber que Bob aguardava por uma resposta, eu apenas assenti sem intenção de entrar em detalhes.

— Certo, quando vir Grace você poderia avisar que preciso falar om ela? — Eu o vi encarar o estúdio, estreitando os olhos. — É importante. — Estranhei o pedido, mas concordei antes que ele voltasse para a viatura deixando-me sozinho para lidar com a minha falta de lucidez, a memória sufocada, lembrando-me de que, onde o meu sangue corria, o gosto e o suor de Georgia também circulavam. Essa era a verdadeira definição de ficar sobre a pele de alguém.

E por mais difícil que fosse admitir, a infeliz sempre esteve entre nós dois.

*O terceiro corpo em nossa cama.*

Incapaz de deter a direção de meus pensamentos, eu tentei me lembrar. Convencer-me de que ela era apenas uma mulher egoísta, que se recusou a perdoar minha esposa.



Ao retornar para casa, estacionei em frente ao espaçoso e luxuoso chalé, onde eu e minhas filhas morávamos. O ar puro que vinha dos eucaliptos e pinheiros ao redor foram o principal motivo da minha escolha, isso... e a vista que tínhamos do lago.

Nós não estávamos exatamente no centro de *East Village*, diria até que esse lugar era afastado o suficiente para que as meninas e eu tivéssemos alguma privacidade. Após entrar pela entrada da cozinha, cujas janelas davam para a imensidão azul escura que podia ser encontrada na parte de trás da propriedade, eu me servi de café forte diretamente da cafeteira elétrica enquanto analisava por alto a papelada trazida do consultório.

Havia semelhanças no caso da paciente de Frederick com algumas das cirurgias que participei ao longo dos anos que passei no *Califórnia Medical Center*, o que me fez entender porque Frederick me queria no caso. Ao verificar o relógio, que acabara de marcar oito horas da manhã, eu subi disposto a tomar um banho gelado antes que as meninas acordassem.

Acostumadas a manterem as portas de seus quartos abertas, eu as verifiquei como de costume. A primeira parada foi no quarto de Lotty, que dormia abraçada a um dinossauro rosa que minha garotinha insistia em carregar para todos os lugares desde que o encontrou no antigo quarto de sua mãe. Antes que Michael, pai de Hannah, decidisse se mudar da cidade.

Sua antiga casa continuava fechada, um prelúdio de que algum dia o advogado retornaria. Muitos o julgaram por partir após a morte de sua única filha, mas eu o entendia. Principalmente, porque anos antes de perdemos Hannah, ele

também havia perdido sua esposa. Ambas, acometidas por um câncer.

Suado, caminhei sem fazer barulho até o interior do cômodo e cobri as suas perninhas, aproveitando para fechar as cortinas e impedir que a claridade da manhã a acordasse antes do esperado. Diferente da irmã mais velha, Charlotte gostava de tudo o que era colorido e vibrante. Seu quarto se transformara em uma mistura de cores que, por vezes, me deixavam tonto.

Se não fosse o bastante, ela amava contos de fadas e histórias com finais felizes. Enquanto Hannah e eu sempre seguimos a razão, Charlotte parecia o oposto: emoção pura. Na segunda parada que fiz, deparei-me com Amber. Seu cabelo ruivo encontrava-se espalhado por todo o travesseiro, e essa era toda a bagunça que eu sabia que encontraria em seu quarto. Porque, aos dez anos, minha filha parecia mais adulta do que a maioria das crianças de sua idade. O que me preocupava.

Ela não tinha amizades com quem contar, não gostava de fazer coisas que as meninas de sua turma gostavam. Parecia sempre ansiosa. E tudo havia piorado com a morte da mãe, porque eu já não conseguia alcançar Amber. Ela parecia disposta a me deixar de fora.

De péssimo humor, não pude ignorar que ela havia, outra vez, dormido com os *headphones* na cabeça. Os tirei, empurrando para longe o som baixo que ainda podia ser escutado e me afastei seguindo para o penúltimo quarto do corredor.

Porque o último, bem, eu preferia mantê-lo trancado. Intocado desde que percebi que não suportaria me deitar em

nossa antiga cama, sem Hannah ao meu lado. Então entrei no quarto de visitas que se tornou o meu refúgio e, ao abrir a porta, me vi engolido pela vista. Foi por causa dela, aliás, que desisti da compra de uma casa na mesma rua em que Grace e Michael moravam.

Pisando no sobressalto de madeira que havia em frente às janelas inteiriças, eu passei pela poltrona de leitura e a mesa de escritório mantida por perto. Se em toda a casa havia a presença de Hannah, esse lugar era oco de qualquer lembrança.

Esgotado, enfiei-me debaixo do chuveiro frio e amaldiçoei a estupidez do meu próprio corpo. Enquanto jatos fortes de água caíam sobre as minhas costas e músculos fatigados, percebi que, além da raiva, eu estava inundado pela mesma agitação que me perseguia desde o dia anterior.

Vesti-me rapidamente ao sair do chuveiro, e coloquei de volta os óculos de leitura massageando a testa, em um hábito costumeiro.

Vestido com apenas uma calça de moletom, eu me sentei em frente às janelas do quarto e mantive-me ocupado com a ficha clínica pela próxima hora.

Concluindo que o caso que Frederick queria que eu me envolvesse, tinha um percentual de sucesso pequeno. Era um risco, a última tentativa de uma família desesperada.

— Você só pode estar querendo me foder, porra! — Levantei-me, frustrado, dando por encerrado o raro período de tranquilidade, ao escutar o som vindo do banheiro das meninas, cujos quartos eram interligados.

Com o recesso escolar, minhas filhas podiam dormir até mais tarde e, para que não tivessem que ficar com a babá por mais do que algumas horas, eu preferia levá-las comigo em alguns dias da semana para a clínica.

No automático, preparei os cereais de Charlotte, enchendo a tigela rosa com leite até a borda e, em seguida, coloquei o copo de suco ao lado, que era a única forma de vê-la consumindo frutas. Preparei também a mistura da panqueca que Amber e eu comeríamos e, por precaução, guardei o chocolate para evitar que Lotty terminasse com os dedos cheios de doce por pegar só um *pedacinho* da irmã.

O que faria com que tivéssemos o dobro de trabalho, porque além dos dedos ela sujaria as roupas... e muito provavelmente, o cabelo. Se esse fosse um bom dia, é claro.

— Bom dia, papai! — Lotty gritou, ao abraçar as minhas pernas.

Olhei para baixo, vendo aquele pingote de gente com o cabelo despenteado e o pijama amassado da noite.

— O combinado não era que você só desceria após o banho? — lembrei-a.

— A minha fome não sabe esperar, papai. Ela é *decontrolada*. — Aos quatro anos de idade, Lotty vinha passando pela fase de trocar ou *comer* algumas letras.

— Descontrolada. — Lotty riu ao ser corrigida e continuou com a cabeça apoiada em uma de minhas pernas, bocejando enquanto esfregava o nariz sardento em minha calça.

— Onde estão seus óculos? — perguntei, ao vê-la estreitar os olhos verdes.

— Onde estão os seus? — ela rebateu.

Vinha sendo um problema lembrá-la de usá-los, mas, o contrário disso, seria correr o risco de tê-la tropeçando por aí. A miopia, descoberta há quase um ano, ainda parecia chateá-la e com razão.

— No quarto?

— Você está me perguntando? — Ao fitar o rosto sapeca, eu a notei genuinamente envergonhada. — Não acha que *you* é quem deveria saber?

— Mas eu sei, só não lembro, papai — explicou, sendo salva pela entrada de sua irmã, que colocou seus óculos sobre a mesa.

— Da próxima vez, eu não vou pegar.

— Obrigada, *Amy*. — Só Charlotte a chamava assim, agindo como se não fizesse sentido ela ser chamada de Lotty e a irmã não ter qualquer apelido. — Eu não vou mais perder — murmurou, como se o fato de estar longe me tornasse incapaz de escutá-la.

Ao terminar de colocar a mesa, eu me sentei entre as duas. O silêncio ao redor me fez erguer o rosto e encarar Amber de forma contrariada, porque lá estavam os malditos *headphones* em sua cabeça outra vez.

— Retire os fones à mesa, Amber. Você sabe que é falta de educação. — Ela me ignorou, enquanto eu tentava imaginar como Hannah teria lidado com sua rebeldia se estivesse viva. E mais do que isso, querendo entender como a nossa pequena filha se transformou em uma diabinha teimosa, que parecia ter sempre uma resposta afiada na ponta da língua. — Amber?

A irmã dela a cutucou, chateada. Lotty ainda era um bebê, mas sempre ficava atenta as discussões entre nós dois. Como se, de alguma forma, pensasse que poderia defender a ambos.

— Escuta o papai, *Amby* — voltou a murmurar, e só então a irmã fez o que lhe pedi.

— Pensei que já tivéssemos tido essa conversa, filha — eu a lembrei, esforçando-me em manter a calma, o que só a deixou nervosa.

— Por que faz tanta questão que eu escute o que está dizendo? Você não se importa com a gente — despejou em um tom de voz baixo, mas não menos agressivo.

— Eu não me importo? O que acha que estou fazendo, Amber? Brincando de ser pai?

Minha filha sacudiu a cabeça, espalhando o cabelo ruivo pelos ombros.

— Eu preferia que fosse a mamãe a estar aqui. — Ela se calou ao ver os olhos exasperados de Lotty, que sempre ficava assustada com nossas discussões. Mas sua raiva era tamanha que Amber não poderia deixar de tentar me atingir. — A mamãe nunca teria fingido que nada aconteceu, você não fala sobre ela... você não lembra. — Amber se levantou, interrompendo o seu lamento e pegando os *headphones* sobre a mesa enquanto eu me convencia de que a seguir não ajudaria em nada.

Diante da expressão assustada de Charlotte, tentei retomar o controle.

— Termine o seu café, meu amor — falei, ao me recostar contra a cadeira e ver os olhinhos da minha caçula fitarem-me

como se eu fosse o monstro dos contos de fadas de que tanto gostava.

E tendo escolhido o seu lado nessa manhã, Charlotte pegou vários dos biscoitos sobre a mesa, enfiou na barra da blusa do seu pijama e saiu pisando duro enquanto enfiava o máximo possível em sua boca.

Frustrado, apoiei os meus cotovelos sobre a mesa. O som afiado dos sapatos altos, que só poderiam pertencer a Grace, distraiu-me dos meus problemas ao me dar conta de que não havia nada que fosse tão ruim, que não pudesse piorar.

— Você poderia ter batido, ou sei lá, avisado que viria? — perguntei, irritado, ao vê-la se sentar.

— Não sabia que precisava de um aviso para vir à casa do meu próprio filho, Adam.

Grace abriu um guardanapo de pano e se serviu, trazendo o assunto que deveria estar pinicando em sua língua à tona. Incapaz de esconder que havia escutado parte da conversa.

— Não se cobre tanto, você se lembra de como ficou após a perda do seu pai? — inquiriu, fazendo-me perder o apetite de vez. — Estive tão preocupada na época, Adam. O seu comportamento era horrível e eu tive medo de que acabasse estragando tudo, junto daquela... bem. — Minha mãe se deteve ao perceber o risco que corria ao trazer o nome *daquela garota* à mesa. — Eu realmente achei que o tinha perdido, meu filho. Falar com você era impossível, mas olhe só. O passado ficou para trás e...

— Onde pretende chegar com essa conversa, Grace? — Nada a aborrecia mais do que ser chamada dessa forma.

— Só estou tentando te dizer que Amber irá ficar bem — garantiu. — Você tem feito o melhor que pode. É provável que a minha neta não enxergue agora, mas em algum momento se dará conta de que tudo, no final, é para o bem dela. O fato de você ter deixado aquele hospital...

— Meu afastamento ainda não é oficial, Grace. — Algo me dizia que Frederick não iria desistir, ainda que já tivessem se passado dois anos.

— Mas você disse que manteria a sua atenção na clínica para estar mais perto de suas filhas. — Pareceu enérgica, como se o contrário não fosse uma possibilidade.

— Sim, e é o que estou fazendo. — Eu só não sabia até quando.

— Essa clínica era tudo para o seu pai, Adam. — Fez questão de me lembrar. — Richard trabalhou tanto para colocar o projeto de pé, eu não gostaria de ver o sonho dele sendo jogado fora. — Ela apoiou suas mãos sobre a mesa, lentamente.

— Explique-me como chegamos a esse tópico? — Algo maior deve ter motivado a sua visita, algo que ia além da preocupação e adoração por suas netas.

Limpando a garganta, ela se moveu de modo desconfortável na cadeira.

— Ava contou que você tem feito algumas mudanças na estrutura de atendimento da clínica nos últimos meses.

— Deixe-me adivinhar, isso não a agrada?

— Por que só estou sabendo agora? — perguntou baixo.  
— Não vê como todas essas transformações podem afetar os



ganhos da clínica? Eu vi os relatórios, Adam... e eles não são bons.

— Até onde sei, a administração da clínica é minha função — salientei.

— Desde que não nos arraste à falência. Sim, a função é sua.

— Não seja dramática, Grace. — Eu me levantei, disposto a colocar um fim a conversa. — Você sabe muito bem que a clínica não corre risco algum.

Eu me preocupava com a gestão tão ou mais do que ela, e essa foi a razão pela qual congelei as contas da clínica. Grace não arrancaria um tostão que fosse sem o meu consentimento, porque não era apenas o meu futuro em jogo, era o das minhas filhas também.

— Mas vai se continuar achando que pode fazer caridade e atender a qualquer um! Não foi para isso que o seu pai passou anos estudando, muito menos você.

Eu não queria discutir, nada que girasse em torno dessa conversa. Porque ela não nos levaria a lugar algum, se persisti foi porque precisava que Grace entendesse uma única coisa.

— Eu estudei para salvar vidas, mãe. E, infelizmente, nem todos são capazes de pagar por isso.

Afastei-me sem pensar duas vezes, surpreso por me deparar com Charlotte sentada no primeiro degrau da escada. Com a boca cheia de farelos de biscoito.

— Achei que pretendesse dividir os biscoitos com a sua irmã. — Cruzei meus braços em frente ao corpo.

Notando que Lotty pareceu envergonhada por ter sido pega em flagrante, minha pequena sardenta fechou os olhos conforme eu me aproximava, como se o gesto de alguma forma a fizesse desaparecer. — Você sabe que eu ainda te vejo, certo, meu amor? — Ela abriu as mãozinhas cobrindo todo o rosto e se sujando inteira do doce que restou em seus dedos. — Não mudou muito, Charlotte.

Sentei-me do seu lado e peguei o último biscoito que restou na blusa que ela havia usado como suporte.

— Onde está a sua irmã? Você a viu?

Charlotte balançou a cabeça, negando, em uma clara tentativa de proteger Amber.

— Você vai brigar com ela.

— Eu não vou, só pretendo conversar.

Charlotte abriu os olhos e me encarou com desconfiança.

— Conversar alto? — *Brigar*, era o que ela pensava que eu faria com Amber.

— Não, eu prometo que ninguém irá conversar alto.

Lotty assentiu, pensativa, e eu passei a mão por todo o cabelo castanho avermelhado, diferente do da irmã e o da mãe. Porque, se Amber era a cópia idêntica de Hannah, Charlotte havia permanecido em um meio-termo fofo.

— Ela sente falta da mamãe, eu acho. Por isso tá sempre *nevosa*.

Em alguns momentos, eu era surpreendido pela sua sensatez.

— Eu sei, meu amor.

— *Pincesa*, papai — me corrigiu. — Eu sou uma *pincesa*. O senhor sempre se esquece.

— Se você é uma *princesa*, eu sou o quê, me esclareça.

Ela sorriu, agora radiante, mostrando os dois dentes de leite que ainda não haviam caído.

— O pai da *pincesa*, né. O que a deixa comer todos os biscoitos que ela quer e todo o bolo. E a torta...

— E mais nada. Nunca vi princesas comerem tanto — brinquei, ao sorrir pela primeira vez no dia.

— É porque elas não eram *pincesas* de verdade, papai. Mas eu sou.

— Sem príncipes para você então, não é? Só bolos?

Lotty assentiu, animada.

— E biscoitos. Não esquece os biscoitos. — Eu a senti encostar a cabeça em meu braço. — O senhor lembra muito da mamãe? — *Apenas todos os dias da minha vida*, pensei, ao ser pego desprevenido.

— Um pouco, Lotty — foi o que consegui responder.

— Por isso não sorri?

Quebrava o meu coração saber que Charlotte não tinha tido tempo suficiente para conhecer a mãe e, mais ainda, que ela tivesse que lidar com duas pessoas que sentiam a falta de Hannah de uma forma que a minha filha mais nova talvez jamais fosse sentir. Porque ela não tinha como comparar, ou idade suficiente para ter criado lembranças com a mãe.

— Acho que sim.

— Ela nunca vai voltar? Nem para visitar a gente? A *Amby* chora de noite...

Eu também já tinha escutado o choro dela, e juro que, se pudesse arrancar essa dor das minhas filhas, eu arrancaria. Nem que fosse para ser o único a sofrer.

— Filha, nós já tivemos essa conversa. Sua mãe está no céu, olhando por vocês duas.

— E não se volta do céu — lembrou o que eu havia dito em outro momento.

— Não, meu amor. Não se volta. — Levantei-me após beijar a sua testa, ciente de que havia outra integrante da família Preston com quem eu deveria falar.

— Papai? — Lotty me chamou antes que pudesse me afastar. — Promete que o senhor nunca vai pro céu? A *Amby* não aguentaria.

*Amber ou ela?*

— Eu prometo, Lotty. — Apesar de saber que não cabia a mim manter promessas desse tipo. — Agora suba e termine de se arrumar porque nós temos que ir para a clínica. E, por favor, use sapatos iguais! — pedi para ela, que já havia corrido para o andar superior animada, como se não tivéssemos acabado de ter uma conversa séria.

Preocupado, fui até onde imaginei que poderia encontrar Amber e, sem dizer nada, caminhei até o balanço onde ela estava. Ao me sentar, o som da risada de Hannah foi ouvido através dos *headphones* que minha filha havia colocado de volta em sua orelha.

Não sei como ela suportava, dia após dia, escutar a voz de sua mãe. As gravações deixadas por Hannah para as filhas, deixavam-me puto de raiva. Porque a cada vez que eu me

pegava distraído, em paz ou até mesmo minimamente feliz, o eco da sua voz desestabilizava-me por completo.

Diante dos ruídos baixos, eu me inclinei sobre as minhas pernas e observei a suavidade gelada do lago à nossa frente, sentindo cada músculo do meu corpo tensionar. Em parte, pelo impacto de todas as manhãs ao correr e porque, de tudo o que imaginei para a minha vida com Hannah, criar nossas filhas sozinho nunca esteve em meus planos. Não era assim que as coisas deveriam ter acontecido.

— Eu também sinto a falta dela — admiti, ao perceber que Amber era capaz de me escutar apesar dos fones. — Todos os dias, filha. — Olhei para o rostinho cada vez menos infantil, ainda que coberto por sardas. O mais difícil ultimamente era lidar com todas essas mudanças de Amber. Em breve, ela se tornaria uma adolescente e não haveria ninguém para ajudá-la. Dar conselhos sobre garotos, ensiná-la a ser uma mulher.

Sequer sabia se estava pronto para enfrentar as etapas que ainda viriam. Porque, se dependesse de mim, as duas seriam para sempre crianças.

— Se você acha que é a única a sofrer nessa casa, está enganada, meu amor. Porque não tem um dia em que eu não pense em sua mãe. — Tive a confirmação de que me escutava, ao notar o tremor em seus lábios, seus olhos focados no horizonte, no céu azul, no barulho que os pássaros e as árvores faziam.

— Você é médico, deveria ter salvado ela — disse ressentida. Uma acusação que já havia escutado sair de sua boca antes. Não que precisasse de sua ajuda para alimentar a

minha culpa, porque o médico dentro de mim sempre se responsabilizaria pelo que aconteceu com Hannah.

Todos os anos de estudo e os meses em que passei analisando o caso da minha esposa, não serviram de nada no final. O pai de Hannah, e até mesmo alguns dos médicos da equipe a cuidar dela, tinham se mostrado contra a cirurgia. Hesitantes. Meu erro foi ter pensado mais como o marido dela do que como um médico, mas que escolha eu tinha?

Eu teria feito tudo para salvá-la, e tentei. Mesmo depois que a equipe médica dentro da sala cirurgia desistiu, eu continuei a tentar. Foram precisos dois homens para me afastar de perto dela, dois homens e eu teria partido para cima de qualquer um deles se acreditasse haver a mínima chance possível.

— Eu tentei, filha. Não pense que não fiz todo o possível para que ela pudesse estar com a gente agora, porque eu fiz. — As lágrimas no rosto de Amber escorreram com suavidade, levando-me a segurar a mão pequena entre as minhas. — Sei que está chateada comigo, que preferia que fosse a sua mãe a estar aqui, mas tem uma coisa que eu preciso que você entenda antes que se magoe mais, Amber. — Isso a fez me encarar. — Nem tudo é como a gente quer, e, às vezes, por mais doloroso que seja, nós precisamos seguir em frente.

— Você está seguindo?

— Eu estou tentando, mas só vou conseguir se você e sua irmã seguirem comigo. Sozinho eu não vou a lugar nenhum, entende?

Amber assentiu e, mesmo magoada, apoiou o corpo magro contra o meu, confirmando algo que descobri desde que

elas nasceram e que se fortaleceu em meio à turbulência que se transformou nossas vidas. Essa certeza era a de que Charlotte e ela sempre seriam a minha prioridade.

— Eu sinto muito a falta dela, papai.

— Você não é a única, meu amor.

*Você definitivamente não é a única.*

# 3

## Georgia

Olhei para o interior do estúdio escuro, sentindo um frio gelado invadir o meu estômago conforme eu afundava rápida e profundamente em um oceano de memórias. Em uma ponta havia a corda amarrada em minha cintura; e na outra, um peso de mil toneladas impedindo-me de submergir. O pior era me dar conta de que o fundo desse oceano sempre esteve à espreita.

Eu apenas o ignorei, como fiz com o meu passado.

Revirando os olhos, em resposta a minha própria dramaticidade, eu apertei o molho de chaves que peguei emprestado com Ethan essa manhã. Tudo bem, *emprestado* não era exatamente a forma que eu descreveria *entrar em seu quarto e as pegar*. Mas fiz o que precisava, ciente de que se contasse o que pretendia, ele teria tentado me convencer do contrário.

Viver fingindo que dezessete anos da sua vida não existiu era o mesmo que estar vazia. Não havia um passado, nenhum lugar para onde voltar. Ou memória a recorrer em momentos ruins. Por muito tempo eu não tive nada, pensei, sentindo-me esgotada pela noite em claro que passei ao lado de Ethan.

Até se certificar de que eu estava realmente bem, ele se manteve em alerta. Como se estivesse à espera dos problemas que a minha presença traria a cidade. *Escadas não causam*



*hematomas, Georgia...* o escutei dizer após a minha muito bem ensaiada desculpa para essa porcaria de mancha em meu rosto que maquiagem nenhuma era capaz de cobrir inteiramente.

Ao caminhar pelo interior, no alto de minhas *ankle boots*, deslizei os dedos pelo tecido empoeirado cobrindo as paredes. E mesmo que houvesse poeira na ponta de meus dedos e tudo aqui cheirasse a mofo, eu me vi tomada pela nostalgia ao ver os quadros de Adeline empilhados em uma fileira no chão.

Ajoelhei-me por um momento, vendo as fotografias antigas. Ela jovem, em uma das tantas apresentações de dança que fez antes de se *aposentar*. Nas outras, havia imagens das turmas para a qual deu aula. Curiosa, procurei entre elas a única fotografia que sabia que me encontraria.

E ao pegá-la em minhas mãos, precisei me sentar tamanho o impacto que senti. Era como se a garotinha com um sorriso contido na imagem fosse outra pessoa. O cabelo tão loiro, que chegava a ser branco. Menor que todas as outras crianças, mais magra também. Ninguém sabia, é claro, mas eu queria tanto ser aceita por Adeline naquela época e pelas meninas que nunca me dei conta de que nada que eu fizesse teria sido o bastante.

Engolindo o nó preso na garganta, ignorei o aperto melancólico em meu peito e me encostei contra a parede olhando ao redor, atordoada.

— *Em que momento voltar pareceu ser uma boa ideia?* — questionei, de repente, porque já não fazia sentido.

Eu não voltei quando Hannah morreu, nem quando descobri a respeito de Adeline.

*O que isso me tornava?*

— Essa foi a forma que encontrou para me arrastar de volta ao inferno, não foi, Adeline? — Não importa se eu parecia louca. Falar com as paredes não era um hábito, mas poderia facilmente se tornar se eu não fosse embora logo. — O que esperava com isso, Madame? Perdão? — inquiri com raiva. — Aposto que você pensou que eu seria grata... — Encostei a cabeça contra a parede e fechei os meus olhos. — Eu não menti ao dizer que te odeio pelo que fez comigo, Adeline.

*Não menti, nem esqueci.*

Furiosa, eu me levantei e fui até a porta fechada onde ficava o seu antigo escritório. Tentei abrir, mas a encontrei trancada. Cheguei até mesmo a testar as outras chaves do molho, com a esperança de que Ethan pudesse ter acesso ao santuário de Adeline. O esforço mostrou-se inútil ao me dar conta de que a única pessoa que deveria ter essa chave sequer sabia que eu estava na cidade.

*Ainda.*

Quando telefonou, Grace teve o cuidado de fazê-lo após dias do enterro de Adeline. Coincidentemente, ela o fez após uma semana do contato dos advogados cuidando do testamento. E agiu como se não ter entrado em contato comigo antes, ou cogitado a ideia de passar o meu contato a eles, fosse apenas um mal-entendido e não uma tentativa sórdida de impedir que me encontrassem.

Pelos dias que se seguiram aos dois telefonemas, eu matutei o assunto em silêncio. Em parte, porque não queria pensar naquela mulher ou em nada que envolvesse o passado; e

por outro lado, porque tinha medo de que Connor descobrisse. De Grace ficou a promessa de que, quando encontrasse um comprador adequado, ela voltaria a entrar em contato comigo.

Algo que até aquele momento, não me era uma necessidade urgente.

Só que as coisas já não eram como antes, certo?

Por três anos pensei estar segura com Connor, mas percebi, tarde demais, que eu praticamente entreguei o controle da minha vida a um monstro.

O ruído da porta da frente ao se fechar, ouvido de dentro do estúdio, me fez estranhar e olhar para o final do corredor. Aproximei-me devagar, mais por curiosidade do que medo. Detendo-me ao reconhecer as duas figuras prostradas no meio do salão. Ambos completamente alheios a minha presença.

— Não parece que houve um arrombamento, Sra. Preston. Veja, está tudo em seu lugar e a porta fechada.

— Não é possível, as chaves estão comigo, ninguém mais...

Ao virar o rosto, a *bruxa má* se deparou comigo. O repentino silêncio fez com que Bob London erguesse o rosto e me visse. A expressão assustada de ambos transformou-se em pavor.

— É a menina, Grace. Aquela que...

— Cale a boca, Bob! — chiou, ríspida como sempre enquanto Bob se enchia de razão e puxava aquele cinto ridículo, como se fosse uma medalha a se carregar.

Grace, por sua vez, não me decepcionou em nada. O cabelo loiro seguia perfeitamente penteado, como se ela jamais

tivesse saído da década de 90. O conjunto de blazer e saia eram rosa claro como a sua pele. E os olhos afiados e maldosos continuavam iguais.

Era triste e, ao mesmo tempo, assustador perceber que nada havia mudado.

— Achei que tivesse deixado claro ao telefone que não precisava vir até a cidade — lembrou-me. — O nosso acordo era de que eu iria até você, longe daqui.

Grace se aproximou, com a cautela de uma víbora. Seu veneno, porém, vinha em forma de palavras. Fui tão picada por ela no passado, que o meu corpo deve ter criado um antídoto próprio para lidar com essa mulher. Eu só esperava que ele fosse suficiente.

E, ao contrário de Grace, Bob se mostrou desconcertado. Incerto sobre ir ou ficar, demonstrando que ainda era uma marionete nas mãos da Sra. Preston.

*Ótimo, isso também não havia mudado.*

— Nosso acordo? — Cruzei os meus braços, de forma defensiva, enquanto Grace caminhava até a porta do escritório de Adeline, com o intuito de conferir se ele permanecia trancado.

Com um suspiro nervoso, a mulher se virou com a expressão severa contraindo em seu rosto engessado. Como Grace, eu conheci centenas de outras mulheres. E elas pareciam acreditar que estavam acima do bem e do mal.

Todo esse poder que Grace acreditava possuir era a razão pela qual ela me encarava como se pudesse, outra vez, expulsar-me da cidade. Porque não fugi somente por estar ferida, eu fugi porque não havia escolha.

*Ela não me deu escolha.*

— Acordo ou não, Georgia, o fato é que você não é bem-vinda a *East Village*.

— E é você quem decide, certo? — Ela não se alterou, agindo com sua habitual arrogância. — Mas não se preocupe, eu estou aqui porque precisava me despedir de Adeline — menti. O orgulho não me permitia mostrar o quanto eu estava desesperada por dinheiro. — Algo que você não me deu a chance antes.

— Como se você se importasse com ela ou qualquer outra pessoa dessa cidade — referiu-se à Hannah, sem nenhum resquício de culpa por colocar o dedo diretamente na ferida. O que me fez suspeitar de que, talvez, ela soubesse da tentativa do filho em me fazer voltar, em benefício único de Hannah.

*O quanto ele não a amava para ter sido capaz de implorar?*

— Sra. Preston? O que eu devo fazer? — O xerife se intrometeu, ainda indeciso sobre o que fazer comigo.

— Como entrou? — Grace questionou, o ignorando. — Eu sou a única com as chaves...

— Você não é a única, ou se esqueceu de que era Ethan quem acudia Adeline quando ela precisava? — Bob e Grace trocaram olhares, ao que parece nem mesmo o pai de Ethan sabia.

— Não me surpreende, você e Ethan sempre tiveram o mesmo tipo de comportamento. — A víbora não se intimidou com o fato de que Bob estivesse presente e a escutasse, ainda que o homem tenha se mostrado envergonhado. — Sinto muito, Bob.

Mas Ethan causou muitos problemas a essa cidade. Tenho certeza de que concorda comigo.

Se ele concordava, não revelou. E ao contrário de Bob, que permaneceu parado, Grace continuou a olhar ao redor procurando por algum objeto fora do lugar, ou que tivesse desaparecido. Quando essa mulher iria perceber que esse seu *reinado* em *East Village* não significava nada?

Não no mundo real, aquém dos muros dessa cidade.

— Sra. Preston? — O xerife voltou a chamá-la, só que agora de forma inquieta. Como se estivesse à espera de uma ordem.

*De fazer o quê? Me prender?*

— Sra. Preston? — insistiu, fazendo-a perder a paciência.

— Saia, Bob! — a mulher ordenou. — Posso cuidar dessa situação sozinha.

— Mas ela invadiu...

— Eu não invadi nada! — declarei, nervosa. — Mas, pelo visto, ninguém sabe, não é? — Grace contraiu os lábios e eu apenas encarei Bob. — O estúdio de Adeline é meu, xerife. Mas a prefeita desse inferno aqui anda muito esquecida ultimamente... então, acredito que tenha sido apenas outra falha da memória dela não contar.

— Não seja insolente! — rosnou baixo, achando que falava com a velha Georgia.

A que morria de medo dela.

— Eu te recomendaria um bom médico, Sra. Preston. Esquecer as coisas assim é o primeiro sinal de demência.

Nos encaramos e percebi o tempo que perdi deixando que me convencesse de que eu precisava ser uma garota melhor se quisesse ficar com seu filho, e eu tentei. Mas nunca fui Hannah. Delicada, inteligente. Minha mãe era uma alcoólatra agressiva, que saía com qualquer homem. Capaz de tudo por um pouco de atenção.

Eu conhecia esse comportamento, porque, ao que parece, tínhamos nos tornado iguais em tudo.

*Quantas vezes já não me odiei por querer tão desesperadamente ser amada?*

Mordi a ponta da língua, obrigando-me a parar de me martirizar. Era inútil me autorrecriminar, quando eu não pretendia ficar por tempo suficiente para que a opinião de todos a meu respeito fizesse diferença em minha vida.

— Bob. — Ela se virou de forma rígida, e tentou sorrir. — Como eu disse, você pode ir. Georgia não será um problema — falou, sem convencer a nenhum de nós dois.

Mas, ao contrário de mim, Bob era obediente.

— Sim, senhora. Qualquer coisa é só me chamar.

Bob se afastou e, ao chegar na calçada, acenou com o chapéu para duas senhoras que passavam em frente ao estúdio, mas que mantinham seus olhos vidrados no que acontecia no lado de dentro.

Vivi aqui por tempo suficiente para saber que até o meio-dia todos saberiam que eu estava de volta.

— O que realmente pretende vindo até aqui, Georgia? — Grace perguntou, aproveitando-se do fato de que estávamos

sozinhas para ser descaradamente hostil. — O combinado não foi esse.

— Nós não combinamos nada — voltei a lembrá-la. — Você apenas me ligou e ditou as regras, Grace. Em momento algum consigo me lembrar de você me perguntar se eu concordava ou não...

Os lábios finos se apertaram.

— Você quer ou não o dinheiro? — E essa era a pergunta de um milhão de dólares, não é?

Porque eu queria, eu *precisava* dele.

E, em um mísero segundo de hesitação, ela descobriu a minha fraqueza.

— Como imaginei, você o quer. — Grace se aproximou. — Só que a única forma de conseguir, será seguindo as minhas regras, Georgia. Eu prometi te arrumar um comprador e o farei, mas, para que aconteça... eu a quero fora da cidade.

— Achei que já houvesse um comprador. — *Qual a dificuldade de vender um imóvel, pelo amor de Deus?*

— Não é tão fácil assim — justificou. — A propriedade é antiga, precisa de manutenção e uma grande reforma. E isso é caro. — Ela olhou para o teto, onde alguns fios seguiam expostos. — Além do quê, não é como se houvesse muitas pessoas querendo investir em um estúdio de dança ou um imóvel tão antigo. Não com o lado leste da cidade se desenvolvendo... Em breve, *East Village* receberá o maior shopping da região, além de um centro comercial novo. Não que faça alguma diferença para você.



Eu vi o *outdoor* logo após a entrada da cidade, assim como a fotografia de Grace e o empresário, que provavelmente estava investindo milhões de dólares em uma das últimas cidades do sul da Califórnia a não terem sido *invadidas* pela modernidade tóxica que havia tomado o restante do país. Claro, não era como se *East Village* vivesse na Idade da Pedra, mas eu estive no lado de fora dessa *bolha luxuosa* e sabia reconhecer a diferença.

— A senhora poderia comprar...

— Isso está fora de questão — ladrou de volta, rápido demais.

Como se essa fosse uma opção já descartada, eu me perguntava o porquê.

— Sair dessa cidade sem o meu dinheiro, também.

Não havia escolha, droga.

Eu não tinha para onde ir e o pouco que consegui trazer comigo não era muito. A verdade é que Connor nunca deixava dinheiro suficiente para que eu pudesse fazer qualquer coisa.

*Faça-a depender tão fortemente de você, a torne dependente. Deixe-a sem saída.*

Era assim que a mente de homens como ele funcionava.

Respirei fundo, odiando que nada a respeito da minha vida soasse minimamente agradável. Até mesmo a dança, que era algo que sempre amei fazer, não foi suficiente. Não havia tantas maneiras assim de uma dançarina sem experiência ou formação ganhar seu dinheiro no mundo real, então fiz o que pude. Emendando um emprego atrás de outro, lanchonetes,

restaurantes. Qualquer coisa que me fizesse sentir no controle da situação.

Distraída, continuei a olhar para uma Grace insatisfeita e aborrecida. Diria até que, se pudesse, ela já teria lidado comigo de outra forma.

— Claro. Eu quase me esqueci de que você é uma dessas. O dinheiro no final sempre fala mais alto, não é?

Engoli em seco, recebendo a indireta que teve o mesmo efeito que um tapa bem dado.

— Você deve saber melhor do que eu, Grace. Afinal, duvido que esteja abrindo as portas dessa cidade para investidores apenas por generosidade.

A bruxa má ergueu o rosto, com arrogância.

— De quanto precisa para sair da minha frente agora e nunca mais voltar, Georgia?

— Eu não quero suborno. E sim o dinheiro que me é de direito, o da venda desse lugar.

— Eu não tenho tempo para essa besteira. — Eu a vi tirar a carteira da pequena bolsa *Chanel* que trazia consigo. — Apenas me diga de quanto precisa para desaparecer até que esse lugar esteja vendido.

A tentação era tão grande, pensei, ao olhar para as notas que ela segurava. Mas o meu orgulho falou mais alto. Até porque a última vez que aceitei dinheiro dessa mulher, ela arruinou a minha vida.

— Eu vou pensar.

Grace estreitou os olhos diante da minha resposta, a decepção nítida por eu não soar tão desesperada como imaginou

que estaria.

*Só que droga, eu estava. Grace não fazia ideia do quanto.*

— Se você acha que vou fazer outra oferta...

— Eu disse que vou pensar, Sra. Preston. — Nos entreolhamos com a mesma raiva.

— Minha oferta será por pouco tempo. No seu lugar, eu não abusaria da minha generosidade.

*Generosidade?* Não havia um só osso generoso no corpo dessa mulher.

— Eu vou me lembrar, não se preocupe — respondi irônica. — Diferente de você, que levou três semanas para me informar que Adeline estava morta.

— Eu não sabia onde te encontrar.

— Mentira! — reagi, de forma tempestiva. — Vocês eram amigas, Grace. E, pelo que sei, ela sempre contou tudo a você... principalmente coisas a meu respeito.

Adeline nunca pediu desculpas por se intrometer na minha vida.

Dando-me as costas, Grace caminhou até a mesa da recepção, folheando os panfletos espalhados. E se eu estivesse certa, sujando seus elegantes dedos com a poeira de semanas.

— Às vezes, uma mãe faz o que é preciso para manter seus filhos em segurança. Não que você seja capaz de compreender, não é?

Ela poderia ter dito qualquer coisa, até mesmo me ofender que eu não teria ficado tão magoada. O sangue em minhas veias, de repente, se deparou com um entrave, impedindo-o de circular livremente. Por dentro, eu me senti anestesiada. Ainda

que o desejo fosse de estapear o rosto perfeitamente maquiado de Grace.

Porque a culpa também era dela.

— Eu não sou mais a garota que você manipulou. — Meu tom de voz não foi baixo ou tranquilo, acho até que jamais seria ao se tratar desse assunto. — E me recuso a deixar que use *isso* contra mim. Não quando você sabe que é tão culpada quanto eu. — Observei a coluna da mulher se endireitar, como se ela já não estivesse rígida o suficiente.

— Não seja estúpida...

— Estúpida por dizer a verdade? — Sacudi a cabeça, alterada. — E como eu disse, eu não sou mais aquela garota e não tenho medo do que possa fazer comigo, porque para ter medo eu teria que ter com o que me importar. E eu não tenho, Grace. Você mesma se certificou disso.

Poderiam passar mil anos, que eu continuaria a sentir a dor com a mesma intensidade. Não se arranca uma parte de você e se esquece.

— Vejo que ainda me culpa. — Ela me fitou com uma seriedade cínica. — O que acha que teria acontecido se eu não tivesse interferido, Georgia? Se não tivesse agido como adulta e cuidado daquela situação? — Eu nunca teria as respostas para as perguntas que me fazia, e isso era o que mais machucava. — Meu filho nunca a amou e eu não iria permitir que colocasse uma criança nesse mundo que não fosse da mulher com quem ele se casaria. E essa mulher, minha querida, não era você. As decisões que tomei naquela época tinham como intuito protegê-lo...

Revoltada, senti cada osso do meu corpo queimar e não de modo positivo. A revolta que sempre me deixava enjoada, fez-me lembrar do estrago que uma única decisão causou em minha vida e do quanto eu me tornei sozinha por causa dela.

— Matando o seu próprio neto? — falei baixo, tão perto que Grace se sentiu ameaçada. — Tirando-o de mim?

— Sua vadiazinha aproveitadora! Não ache que vou permitir que retorne depois de todos esses anos e...

— E o quê, Grace? — Ela se calou. — Entenda uma coisa, eu não estou aqui por sua causa ou por causa do seu filho. Estou aqui pelo que é meu por direito, e não vou sair até que esse lugar esteja vendido.

— Pelo visto, abandonou o homem com quem estava. Ou será que foi ele que descobriu o tipo de mulher que você é?

*Filha da mãe*, pensei, agradecendo ao fato de que a armação de óculos em meu rosto era grande o suficiente para cobrir parte do hematoma deixado pelas mãos de Connor.

— Vejo que a curiosidade que sente pela minha vida ainda existe.

— Se fosse só um pouco mais esperta, você voltaria para a sua casa... antes que ele encontre alguém mais jovem e decente. — Ela encarou as roupas que eu vestia com pura repulsa, como se a quantidade de pele que eu mostrava fosse uma ofensa.

— Eu não vou voltar, já falei. — Grace tentou compreender o que havia por trás da minha insistência.

A ideia de que eu pudesse permanecer em seu território, a estava deixando alarmada.

— Se ousar contar a alguém a história que enfiou em sua cabeça, é bom que saiba que ninguém irá acreditar em você — insinuou, baixo, sem que eu sequer a ameaçasse. — Nessa cidade, Georgia, você vale tanto quanto a sua mãe valeu.

Claro que ela envolveria a minha mãe na história. Darana fez tudo errado, e se houvesse alguém com juízo suficiente perto dela, teria entendido que instinto materno era algo que sempre lhe faltou. E agora, depois que *encontrou* Deus na cama do seu atual marido, o pastor da cidade vizinha a *East Village*, Darana agia como se seus pecados não existissem.

Nem mesmo a sua única filha.

— Eu só quero o dinheiro, Grace. Nada além disso.

— Vou me certificar de que você o consiga — falou por fim.

— Obrigada. — Sorri, mostrando os dentes e o batom vermelho em meus lábios.

— Até que aconteça, porém, eu gostaria que se mantivesse longe de problemas. A última coisa que eu quero é que Bob tenha que interferir...

— Você e suas ameaças, achei que a essa altura tivesse aprendido a se defender sozinha, Grace. Sem todo esse maldito arsenal atrás das maldades que comete.

— Não é uma ameaça. Apenas um aviso.

— Pois enfie esse seu aviso no... — A expressão assustada em seu rosto me fez calar a boca e respirar fundo. O que aumentou a dor no meu lado direito da cabeça.

— Meu filho teve sorte em se livrar de você. — Se a víbora queria me machucar, essa era a oportunidade. — Alguém de sua

estirpe jamais teria se adaptado a vida dele. Seria apenas uma vergonha...

Ao ver que Grace encontrava-se prestes a sair, eu me enchi de coragem. Incapaz de deixá-la ficar com a última palavra.

— Sra. Preston? — chamei-a, antes que tivesse chance de seguir o seu caminho, e aumentar a fofoca que nesse momento deveria estar acontecendo de telefone em telefone por toda a cidade.

— Até que eu assine os papéis de venda, o estúdio é meu — lembrei-a. — Assim como as chaves que usou para abrir o lugar. — Sua expressão tornou-se impassível ao me ver estender a mão para que me entregasse as chaves.

Algo me dizia que, se isso não fosse deixá-la malvista, Grace teria facilmente pulado em meu pescoço sem um pingão que fosse de remorso.

— Tenha um excelente dia, Grace.

Não foi até que a porta da frente se fechou que eu percebi que cada músculo do meu corpo se encontrava sobrecarregado, como se eu tivesse passado horas rodopiando sobre as minhas velhas sapatilhas, a sensação era a mesma também. De puro esgotamento físico. A distração em que me encontrava ao vê-la sair foi interrompida pelo toque repentino do meu celular.

Peguei-o na parte de trás do meu bolso, e o verifiquei. A mensagem de Connor surgiu na tela como um lembrete de que talvez eu tivesse alguma opção.

*Só que ela era igualmente dolorosa.*

Ficar ou voltar para Connor. Independente do que decidisse, eu terminaria machucada.

# 4

## *Adam*

Enquanto passava as orientações para Claire Jones – esposa do xerife e integrante entusiasta do grupo conservador das senhoras de *East Village* –, tentei imaginar o que poderia estar acontecendo esta manhã. Não era nem meio-dia e todos da cidade pareciam ter marcado uma consulta de última hora.

Apesar de carregar sobre os ombros uma especialização em cardiologia, por questões práticas, desde que assumi a clínica, eu passei a atuar em duas áreas distintas. Em parte, porque ganhei experiência nas salas de emergência durante os meus anos de residência, então estava apto a clinicar. E isso hoje era o que tomava a maior parte do meu tempo.

— Ao que parece é apenas uma dor de cabeça, ainda assim se o incômodo persistir pedirei que retorne, mas acredito que não será necessário...

— Tem certeza? — Ela se inclinou, como se desejasse prolongar a consulta. — Quero dizer, o senhor poderia examinar melhor?

— Não há indício ou qualquer outro sintoma alarmante, Claire. — Na verdade, eu apostaria o meu diploma que a última coisa que Claire sentia no momento era dor. Os anos de residência em um hospital especializado em emergências, no



entanto, tornou-me comedido. *Ausência de sintomas, nem sempre significa ausência de problemas.* — Irei receitar um medicamento específico para a enxaqueca. Se em 24 horas não notar nenhuma melhora, peço que retorne o quanto antes.

Claire assentiu, varrendo o olhar pelo consultório.

— Oh, eu não vejo mais as fotos das suas filhas e nem a de Hannah. — Por incrível que pareça, essa não era a primeira *paciente* a notar. — Aconteceu alguma coisa?

Em qualquer outro dia, eu teria dado a Claire uma resposta minimamente educada, mas havia um caminhão de problemas acumulando-se no fundo da minha mente para que eu me preocupasse em sanar a curiosidade de qualquer pessoa.

Fosse ela amiga de Grace ou não.

— Não — respondi, enquanto retirava as luvas e afastava o banco em que tinha estado sentado.

— A cidade está agitada hoje — Claire continuou, com intuito de puxar assunto ou apenas insinuar alguma fofoca. Que até aquele momento eu não fazia ideia do que poderia ser.

— Papai, eu posso entrar? — A voz da minha filha caçula ecoou pelo consultório, mesmo que ela só estivesse com metade do corpo para dentro.

— Ainda estou em consulta, Lotty — avisei, recebendo dela um sorriso gigante. — Sua irmã não combinou de brincar com você?

Esse tinha sido o combinado com as duas, para que eu as trouxesse hoje.

— *Amby* saiu e não me levou. Então tô ajudando a tia Ava. — Ela entrou, aproximando-se de Claire. — A consulta acabou,

*Caire*. Agora é a vez da outra paciente do papai. Lá fora tá cheio.

Sem esperar pela minha autorização, ou até mesmo que Claire saísse, minha filha olhou para a paciente à procura do problema que ela poderia ter. Examinando a mulher, com olhos curiosos.

— Onde vai ter que cortar? O papai corta corações, sabia? Depois ele costura... se *tiver* curado.

— Charlotte.

Claire riu, mas acabou se afastando da minha filha e da mera possibilidade de terminar a consulta sendo *costurada*.

— Não há problema, Adam. Sua filha é uma graça, ela me lembra muito... não, Hannah não era assim. Era um pouco mais tímida, certo? A outra sim, me lembra ela... — Cerrei os dentes diante da aparente falta de tato.

Não que Charlotte tivesse entendido o teor do seu comentário.

— Eu lembro quem? — perguntou, ainda feliz.

— Você é única, meu amor. — Isso a fez sorrir, e a Claire também.

Ainda que fosse um sorriso genuinamente desconfortável.

— Eu sei, papai. — Minha filha me abraçou, enquanto prescrevia o horário da medicação para que pudesse dar a consulta como encerrada.

Com a receita em mãos, Claire foi acompanhada por Lotty, que a encheu de perguntas sobre o que havia acontecido com a sua cabeça. O som de voz das duas foi se tornando mais e mais distante, até que eu me vi sozinho. Os braços tensionados foram esticados sobre a mesa. Enquanto eu fechava os olhos por dois,

três segundos, no máximo, com a cabeça a um passo de explodir.

E como se reconhecesse o humor em que me encontrava, Ava bateu com cuidado na porta entreaberta e esperou até que eu autorizasse sua entrada. Havia uma xícara de café forte em suas mãos, a julgar o cheiro, e ela mais do que depressa me ofereceu.

— Amber foi até a cafeteria da Emily — explicou, antes que eu perguntasse.

— E por que não levou Charlotte? — *East Village* não era uma cidade violenta. E com todos se conhecendo, eu destinava a elas pequenas liberdades. Como a de acompanhar Ava ao mercado no final da tarde ou deixar que fossem sozinhas até a cafeteria da Emily.

Lotty, em especial, amava os pequenos passeios. E mais ainda, os doces. A psicóloga da escola alegou que ela estaria ansiosa pela situação que passamos. Pedi, como um favor, para que esses pequenos encontros após as aulas continuassem a acontecer, mesmo depois do período de luto.

— Acho que Amber queria um tempo sozinha — Ava disse com cuidado, levando-me a encará-la. — Não se culpe, Adam. Todos estão vendo que você tem feito tudo o que está ao seu alcance por essas meninas.

Ava era a segunda pessoa a me garantir o mesmo hoje.

— Andou conversando com Grace?

— Não. — Ava sorriu, de forma carinhosa. Os cabelos, que algum dia tinham sido loiros, agora eram em sua maioria brancos. — Mas não vou mentir, a Sra. Preston esteve fazendo

algumas perguntas a seu respeito essa manhã. Ela me pareceu preocupada. — Era a cara de Grace querer saber o que acontecia nessa clínica, ou comigo. E isso era o que, de tempos em tempos, me levava a avaliar a proposta de Frederick. Só que por mais que o desejo em voltar as cirurgias fosse grande, eu não estava certo se deveria causar uma mudança tão drástica na vida das minhas filhas. Afastá-las do colégio, de sua família. Do local aonde a mãe delas cresceu. — Agora, em relação a Charlotte... os pacientes a adoram, Adam, e ela fica tão feliz ao sentir que está ajudando.

A questão nem era a presença dela, e sim a sensação de que eu estava rodeado por um mundo falsamente organizado. Tudo parecia estar em seu lugar, só que era uma estabilidade frágil. Como se a qualquer momento, cada estrutura tão fortemente construída, fosse desmoronar.

*Afundar de vez.*

— Está preocupado com alguma coisa? — A mulher que trabalhou ao lado do meu pai por tantos anos, sondou. — A manhã está um pouco tumultuada, mas sua tarde está livre. Então se quiser programar algo com as meninas...

Recusei a ideia de imediato, havia muito trabalho a ser feito. Mesmo que fora daqui.

— Sei que não falamos muito a respeito do Richard, mas ele teria orgulho, Adam. Vocês dois são muito parecidos. — Eu a encarei, perguntando-me em que ponto poderíamos ser parecidos.

*Em só pensarmos em trabalho? Seremos péssimos pais?*

— Adam? — chamou ao perceber que eu estava, outra vez, distraído. — Posso pedir para que a próxima paciente entre? Ela pediu uma consulta de última hora e...

— Claro — respondi, com um aceno. — Certifique-se apenas de descobrir o que está acontecendo por aqui hoje. Todo esse movimento não é normal.

Ava assentiu e, antes de se retirar, eu tive a ligeira impressão de que desejava me dizer algo mais. Só que se calou no último momento e saiu.

Voltei ao trabalho, dando-me conta de que o restante da manhã foi preenchido com consultas emergenciais e ligações atrás de ligações. Ava não me trouxe qualquer resposta acerca do que estava acontecendo, e com a correria eu também não tive como descobrir por conta própria.

Quando a última paciente do dia saiu, Ava me avisou sobre a presença do Sr. Robson na recepção. Ele era um caso especial e minha secretária o conhecia.

— Tem tomado a medicação corretamente, Sr. Robson?  
— O senhor hesitou antes de assentir.

— Quando lembro sim, doutor. Como sabe, eu moro sozinho e...

— E sua filha? — perguntei, preocupado.

— Chloe tem a própria família para cuidar, não quero levar os meus problemas para ela. — Pacientes assim eram mais comuns do que ele poderia imaginar, só que privar a família da verdade nem sempre era o ideal.

— Sabe o que eu acho? Que dizer a sua filha o que tem acontecido é a melhor forma de não gerar futuras preocupações.

— Eu me levantei. — Converse com Chloe, ou melhor, peça que ela venha me ver nos próximos dias.

— Eu não sei... já paguei pela consulta de hoje e...

— Não irei cobrar nada, Sr. Robson. Não se preocupe. — Abri uma exceção, ainda que ele já estivesse no programa de consultas com custo abaixo do que normalmente eu cobrava por agendamento. Ava havia me ajudado a mapear pacientes que se enquadravam no que era necessário para receberem o auxílio, e ainda que eu tivesse a intenção de expandir o programa não poderia fazer isso de um dia para o outro.

Ou pior, sem interferir diretamente nos ganhos da clínica. Que era o que Grace temia que acabasse por acontecer.

Ao finalizar a consulta, eu me sentei em frente ao computador para encerrar o expediente, quando a entrada abrupta de Ava me alertou de que havia algo errado.

— O que foi? — perguntei, notando-a pálida.

— É a Charlotte, eu deixei a recepção por um minuto para avisar Amber de que você estava com o último paciente do dia e, quando voltei, ela não estava lá. Nós reviramos toda a clínica e...

— Onde está Amber?

Ava não precisou responder, porque assim que desci os degraus a fim de chegar na recepção eu me deparei com ela.

— Onde sua irmã estava na última vez em que a viu? — exigi saber, furioso.

Essa não era a primeira vez que Amber descumpria o combinado. Manter o olho em Charlotte era o único favor que eu pedia a ela.

— Eu não sei, Charlotte ficou magoada comigo porque eu demorei na Emily e não trouxe nada... então eu fui para a sala de TV e...

— Eu vou até a Emily, talvez sua irmã esteja lá.

— Mas nós já fomos. — A outra recepcionista informou, só que eu não a escutei porque estava preocupado demais ao pensar na possibilidade de que algo pudesse ter acontecido a minha filha.

E como um bônus extra para a porcaria de dia que eu estava tendo desde que abri meus olhos, eu me lembrei da última promessa feita a Hannah. Antes de perdê-la.

Sem minha esposa ao meu lado, cabia a mim proteger nossas filhas.

E eu jamais me perdoaria se algo ou alguém as machucasse.

## **Georgia**

Admirei o interior do escritório de Adeline, depois de conseguir abri-lo com as chaves deixadas por Grace. De toda a liberdade que Madame me ofereceu no tempo em que trabalhei em seu estúdio, entrar aqui nunca esteve entre as suas concessões. No fundo, acho que ela temia que eu fosse acabar roubando o seu dinheiro, ou algo que lhe fosse valioso.

Deslumbrada, meu olhar percorreu a vitrola sobre a estante, exibindo uma fina camada de poeira, assim como os discos antigos ao lado. O cheiro de incenso predominava no cômodo pequeno, como se a sua presença ainda pudesse ser sentida através dessas paredes, causando-me um fio de arrepio, que passou no instante em que me deparei com o disco favorito de Adeline.

Colocando-o para tocar, eu esperei que o som baixinho preenchesse o escritório, voltando a minha atenção aos jornais antigos deixados sobre a mesa. Assim como diversos extratos de pagamentos e cartas.

— Eu me pergunto se você sentiria vergonha de saber o que fiz com tudo o que me ensinou — falei, para o vazio do escritório. — Sua amiga tem razão, sabe? Às vezes, a gente precisa fazer o que é necessário. Ela quis proteger o filho e eu quis sobreviver, Adeline.

E foda-se se a forma que encontrei para isso foi ficando nua para um salão cheio de homens que pagavam para me assistir dançar. Não era o melhor dos empregos, mas compensou financeiramente, e eu não precisava me matar em dois turnos em



uma lanchonete qualquer com homens que pensavam que podiam me tocar ou dizer gracinhas. Na boate, pelo menos, eu não tive que me sujeitar ao toque de nenhum deles.

Ironicamente, foi lá que Connor me conheceu.

— Estou cansada de errar o caminho, Adeline — admiti, ao sentir o nó se formar em minha garganta. — Desde que fui embora, eu me vejo andando em círculos, como se nenhuma decisão fosse a certa.

Jurei que essa seria a última vez que eu cometia um erro. Eu estava cansada de homens, relacionamentos destrutivos. Fugir, ter de recomeçar. *East Village* não era o meu destino final, mas era o que me levaria até ele.

E esse era todo o motivo pelo qual eu não me deixaria intimidar por Grace ou qualquer outra pessoa que entrasse em meu caminho. De forma limpa ou não, eu pegaria o que era meu e iria embora. Dessa vez, para sempre, pensei, no instante em que me deparei com a fotografia de Hannah em um velho jornal.

A cidade tinha feito uma homenagem a ela.

*Esposa, mãe e cidadã excepcional. Todos sentiremos sua falta.*

Encarei o rosto da mulher que um dia fora a minha melhor amiga e senti o meu coração apertar. Hannah havia se tornado uma mulher bonita, eu a teria reconhecido ainda que não houvesse um nome abaixo de sua foto.

Empurrei o jornal para longe, como se ele tivesse o poder de me ferir de alguma forma e me levantei. Precisava respirar,

estar aqui dentro serviu apenas para fazer com que eu me sentisse sufocada.

Afastei-me do escritório, como se fugisse do próprio demônio. A rapidez de meus passos e o susto que levei ao me deparar com a visão de uma garotinha, fez-me tropeçar em meus próprios pés. Um grito me escapou, porque, em minha teimosia, eu havia escolhido o salto mais alto para usar essa manhã.

Ao me escutar gritar, a pestinha, fosse ela quem fosse, também gritou enquanto eu me curvava em reação à dor que me atingiu com tanta intensidade, que eu tive que buscar apoio na parede mais próxima.

— Pelo amor de Deus, pare com isso! — pedi, nervosa, quando o seu grito atravessou meus tímpanos e toda a fronteira da cidade. Impossível que alguém não a tenha escutado.

O desconforto e o suor causado pela dor fez com que eu tirasse os meus óculos. Sem pensar que, com isso, os olhos da garotinha se expandiriam e ela ficaria em silêncio.

*Não por muito tempo.*

— Você não é Adeline — comentou, desconfiada.

Não lhe dei atenção, preocupada com o meu próprio tornozelo. Eu já havia lesionado essa mesma área antes, e ainda que soubesse o que esperar eu nunca fui boa em lidar com qualquer tipo de dor. *Fosse ela interna ou externa.*

— Merda! — xinguei ao tentar apoiar o meu pé no chão e não conseguir, o que foi suficiente para me deixar enjoada. Ou talvez fosse o fato de ela ter falado sobre Adeline, de a estar procurando.

— *Merda* é um palavrão, sabia? — disse, aproximando-se.  
— Palavrões são coisa de gente que faltam à escola. — Estreitei os olhos para ela, que parecia ter saído de uma fotografia cuja família era perfeita. Bem no estilo dos porta-retratos vendidos a um dólar em qualquer esquina.

Os cabelos castanhos avermelhados eram curtos e os óculos que usava a fazia parecer engraçada. Então havia o fato de que a garota estava com a boca e o vestido rodado, sujos do que imaginei ser chocolate.

*De onde essa pestinha havia vindo?*

— Entrar em lugares sem convite também. — Seus olhos curiosos fixaram-se em meu rosto, a testa franzida ao perceber que havia um hematoma abaixo do meu olho.

Obrigando-me a erguer o queixo em desafio, porque eu me recusava a me sentir julgada pela opinião de uma criança que mal havia saído das fraldas.

— Você tá machucada.

— Que gênio você é — ironizei baixinho, tentando não parecer tão mal-humorada.

A verdade é que crianças e eu não éramos uma boa combinação. Elas me faziam pensar em tudo que abri mão.

— Cadê Adeline? — perguntou, de repente. — Ela te deixou entrar?

— Adeline está morta... — falei, achando estranho que a garotinha não soubesse ou que olhasse para o corredor como se Madame pudesse aparecer a qualquer momento.

— Que pena, eu achei que ela tivesse voltado para visitar a gente. — Mostrou-se triste e nem um pouco assustada como

eu estaria se Madame, do nada, decidisse aparecer na minha frente para uma visita. — Se ela tivesse, talvez Deus deixasse a minha mamãe vir também.

Meu cérebro lento deu um nó com as suas palavras, levando-me a encará-la com um pouco mais de atenção. A dor em meu tornozelo perdeu o seu apelo enquanto eu encontrava sentido no que a garota havia acabado de me dizer. Porque, de repente, os olhos verdes da garotinha não me pareceram assim tão estranhos.

Mas não era possível. Quais as chances de... eu estar cara a cara com qualquer uma delas?

— Qual é o seu nome? — sondei, mal conseguindo respirar.

— Sua bochecha tá roxa, moça. Você caiu? — Ela se aproximou, enquanto eu recuava instintivamente. — O meu papai é médico, sabia? Ele pode curar você.

O pavor me invadiu, quando a confirmação veio. A desconfiança não era ao acaso, eu deveria ter percebido assim que vi que os olhos que me encaravam de forma tão preocupada eram idênticos aos do pai dela.

— Seu nome. Eu te fiz uma pergunta — insisti, vendo-a franzir o rostinho redondo diante do meu tom ansioso.

— Qual é o seu? O meu papai diz que eu não devo...

— Charlotte! — Outra criança a chamou no lado de fora e a menção do seu nome me fez recuar. Por que não podia ser uma coincidência, certo?

Hannah não teria sido tão maldosa ou insensível a ponto de dar a sua filha o nome que eu havia escolhido. Parecia

mesquinho da minha parte querer briga por algo tão pequeno, mas esse *nome* era apenas outra coisa que ela me tomou.

— Charlotte, eu vou te matar, e o papai também! — A voz voltou a gritar, mas eu só tinha olhos para a pestinha à minha frente. Sem a menor ideia de que, ao erguer o meu rosto, a sensação de estar sendo esmagada por dentro fosse piorar.

— É a minha irmã mais velha — murmurou enquanto o mundo ao meu redor pareceu girar.

Não foi a idade ou o fato de que o estúdio estava prestes a se tornar uma creche que me fez ofegar em completo e total desespero. E sim o fato de que, depois de tantos anos, eu me vi cara a cara com um fantasma.

— Hannah? — perguntei, questionando se eu não havia finalmente me transformado em minha mãe.

*Louca, delirante.*

— A gente precisa chamar o papai... é *ugenti*. — Escutei a menor delas dizer, com meu coração martelando sem ritmo algum dentro do peito.

Sacudi a cabeça, assombrada. O cabelo ruivo era o mesmo, as pequenas sardas. Até a forma de se vestir era idêntica. Em todo esse tempo, eu tentei me convencer de que estava melhor sem Hannah em minha vida, mas, ao ver a garota que eu acreditava ser sua filha, eu só consegui pensar no quanto eu sentia a sua falta.

Ainda que eu a odiasse.

Afastei a saudade, não querendo pensar nela ou em qualquer outra lembrança que tivesse do passado. *Eu estava cansada delas!*, pensei, gritando por dentro enquanto o meu

estômago embrulhava. Deixando-me não me apenas enjoada, como zozna.

— Acho que ela vai cair, *Amby*. — A menor delas tentou me segurar, mas, antes que pudesse se aproximar outra vez, eu me arrastei até a cadeira da mesa de recepção.

— Moça... não cai, tá? Eu vou chamar o meu papai.

— Não! — falei alto demais, adiando qualquer outro confronto com o meu passado. Fui tola em pensar que eu conseguiria, e que ao me ver diante das filhas que tiveram eu não sentiria nada.

Não o meu coração se quebrando, e muito menos a sensação trágica de desabar. Se com as duas na minha frente, eu havia perdido o prumo... eu não queria nem pensar como seria quando tivesse de encarar Adam.

Olhar dentro dos seus olhos sem me sentir vazia. Destruída.

Infelizmente, eu não tive tempo para reagir antes que fosse tarde demais, para mim e para Charlotte, que sequer teve a chance de se afastar para cumprir sua promessa. Porque, assim que a pestinha se virou, o olhar de nós três se voltou para o homem que havia acabado de entrar no estúdio.

A expressão furiosa em seu rosto me fez encolher e perguntar a Deus que mal eu havia feito nessa vida para ter que levar pancada atrás de pancada.

Aquele foi o momento em que o único homem que eu amei e odiei, na mesma medida, avançou dentro do estúdio com a atenção focada inteiramente em suas filhas. Não ter sido vista ou enxergada a princípio, não teve qualquer efeito tranquilizador.

Pelo contrário, piorou tudo: o enjoo, a dor. *A raiva.*

Eu não havia imaginado que poderia ser dessa forma, mas encarar Adam após todos esses anos foi simplesmente a coisa mais difícil que eu tive que fazer na vida. *Depois, é claro, de fugir dele.*

Não sei dizer quanto tempo levou até que o homem se desse conta de que suas filhas não estavam sozinhas, e mais ainda... que a mulher à sua frente era a garota que ele quebrou o coração tantos anos atrás.

A que teria dado qualquer coisa para ter sido escolhida por ele.

Seu olhar inquisidor se deteve em mim, de forma drástica. Avaliando-me como quem avalia um possível oponente, e era o que tínhamos nos tornado: duas pessoas vivendo em lados completamente opostos.

— Você. — A voz do garoto que eu conheci em nada se parecia com a desse homem. Se Adam me causou arrepios no passado, hoje, com apenas uma palavra, ele arrancou a porra do meu chão. Depois de me empurrar.

Havia reconhecimento em seus olhos, o mesmo que passava pelos meus. E esse reconhecimento foi o que tornou incapaz que eu olhasse para longe. Incapaz também de me impedir de notar o quanto Adam havia mudado, transformando-se em um exímio deus nórdico. Seu cabelo loiro havia escurecido, a barba rala marcava o maxilar implacável, rígido feito pedra, moldando o rosto masculino em algo ameaçador. Eu não precisava ser esperta para saber que, por trás dos olhos verdes, algo havia se quebrado.

E se possível, Adam Preston parecia ainda maior. Em todos os sentidos.

Para a minha surpresa, eu não era a única incrédula. Não se fôssemos levar em conta a forma áspera com que a sua mandíbula endureceu ao me examinar, detalhadamente, dos pés à cabeça, deixando-me trêmula. O coração bateu descompassado, acelerando aos pouquinhos conforme eu era tomada por uma febre sem explicação ou causa, que começou por baixo de meus ossos e transbordou até a minha pele fazendo-me suar frio.

E, enquanto o meu corpo inteiro reagiu como se esse homem ainda tivesse algum poder sobre ele, o de Adam permaneceu impassível. Como se ele não acreditasse no que seus olhos viam, ou pior, como se eu fosse nada mais do que um delírio.

Quando o vi engolir em seco, o pescoço largo denunciando a dificuldade em empurrar a verdade goela abaixo, eu percebi que, ao olhar para mim, Adam procurava pela confirmação que até aquele momento eu não tinha sido capaz de lhe dar. Questionei-me, em silêncio, se havia dentro dele a mesma saudade insana que a sua presença despertou em mim.

Saudade de tocar um corpo conhecido, quente. De me perder em algo que eu confiava, ou que em algum dia confiei.

Mas não recebi nada vindo de Adam, apenas a certeza de que eu era a última pessoa que ele desejava ver a sua frente. Então, como se não fôssemos fantasmas de um mesmo passado, e ele já não conhecesse cada pedaço da minha alma e



do meu corpo, Adam me encarou... olho no olho. Procurando por algum resquício da garota que eu fui um dia.

Algo com que ele pudesse lidar, talvez?

Quando não encontrou, o seu olhar desceu de forma torcida pelo meu pescoço. Uma carícia seca que eu ainda não estava pronta para receber. Prendi a respiração, ao tentar imaginar o que ele enxergava. Se a mulher que me tornei também seria capaz de fazê-lo arder em chamas, como um dia a velha Georgia foi. Seus olhos verdes se estreitaram ao chegarem aos meus seios, mal cobertos pela regata cavada até a cintura, deslizando pelo vão roliço encontrado no meio de minhas pernas, comprimidas pelo jeans escuro.

A inspeção não levou mais do que poucos segundos, instantes que tiveram o efeito de horas. Sempre foi assim quando me vi alvo de sua atenção, mas diferente de antes, que nunca tive vergonha de ceder ao seu apelo, eu não demorei a compreender que não sabia o que fazer com o homem que Adam se tornou. A arrogância fria em sua postura e o olhar controlador de macho alfa não eram algo para o qual eu estava preparada.

*Os pensamentos indecentes e altamente nocivos rondando meu cérebro também não.*

O breve lapso de insanidade, no entanto, foi rapidamente interrompido quando Adam voltou a erguer o seu olhar detendo-o diretamente em minha bochecha e fazendo com que eu me lembrasse e levasse a mão ao rosto, a fim de impedir que o infeliz traidor me julgasse.

Fora que, de cada tentativa que fiz ao imaginar o nosso reencontro, eu nunca esperei estar tão vulnerável. Não fazia

parte dos meus planos estar com um hematoma em um lado do rosto, uma recente lesão no pé, sem dinheiro algum e absolutamente exausta.

— Papai? — A voz de uma delas o chamou, mas eu não as encarei.

Como poderia? Bem aqui na minha frente estava tudo o que eu sempre quis, cada fantasia, cada pensamento que eu tive sobre nós dois... E nada disso era meu.

Ao se reorientar e perceber que não estávamos sozinhos, Adam suavizou a expressão severa e encarou suas filhas. Após, instintivamente, levar a mão até a armação de óculos escura que usava e o ajeitar o em seu rosto.

É, acho que eu estava diante de um deus nórdico de óculos de grau. Sexy pra caralho, que tinha o poder de quebrar meu coração com poucas palavras. Adam mostrou esse poder no passado, a facilidade com que podia me machucar. E era por saber e estar ciente do que ele era capaz, que eu não deveria estar sentindo *certas coisas*.

Sensações impróprias e que poderiam facilmente me levar ao fundo do poço. Outra vez.

## ***Adam***

*Caralho!*

Xinguei como resposta ao perigo em forma de mulher que meus olhos se recusavam a enxergar enquanto a minha mente procurava saídas lógicas para que Georgia, a maldição da minha vida, estivesse a poucos passos de onde eu e minhas filhas nos encontrávamos. A parte mais primitiva do meu corpo, adormecida há tempo demais, reagiu rapidamente a ela. Como se a reconhecesse antes mesmo que o meu cérebro fizesse a ligação.

*Fazendo eriçar os pelos do meu corpo, cada nervo e músculo agora rijos.*

Sem fazer sentido algum, não foi apenas a minha garganta que ficou seca. Foi tudo. De repente, um copo de água seria bem-vindo. Qualquer líquido capaz de suprir a sede áspera que me alcançou e a necessidade de algo mais.

Ainda que eu nunca tivesse tido a certeza de que seria capaz de identificá-la em meio a uma multidão, algo me dizia que, no instante em que essa mulher me olhasse da forma como sempre fez, eu a reconheceria. Georgia era dona dos olhos mais atordoantes que conheci em minha vida, a carência que eles transmitiam era a responsável por mostrar ao mundo qual era a sua fraqueza.

Georgia buscava por amor como quem buscava por ar para respirar.

E da mesma forma com que toda essa *carência* me ligou a ela, também afastou. Porque, desde o primeiro beijo, o primeiro

contato com o seu corpo, eu soube que não poderia amar alguém como ela.

Atordoado como nunca, eu tentei me recompor após avaliar Georgia. Ignorando o efeito que a cabeleira loira e selvagem possuía sobre mim. Mas, principalmente, ignorando o apelo erótico dos lábios de aparência inchada e avermelhada, que sempre foram uma fraqueza quando se tratava dessa mulher.

Irritado, reagi da pior forma. Rejeitando-a sem que Georgia sequer imaginasse o tipo de acusação que eu construía em minha mente lógica. Procurando por razões que justificassem o desejo de vê-la longe de mim e das minhas filhas.

Por isso, eu me esforcei a não pensar ou olhar, outra vez, para o *sonho molhado* que havia se tornado o seu corpo. Seios fartos, cintura estreita que eu poderia facilmente envolver. Pernas grossas e tonificadas, ainda que eu as estivesse vendo cobertas pelo jeans apertado.

O fato de tê-la encontrado sentada, a mão envolta do seu tornozelo deveria ter sido um sinal. Um aviso de que algo estava errado, mas eu era um homem, caralho!

Um que não colocava as mãos em uma mulher há tempo demais.

— Amber e Charlotte, para fora. Agora! — grunhi, incapaz de pensar com clareza.

A última coisa que precisava era que as duas me fizessem perguntas que eu não estava pronto para responder, não se elas envolvessem Georgia. Porque se o hematoma cobrindo o alto de

sua bochecha fosse um sinal, era o de que pouca coisa havia mudado em sua vida nos últimos anos.

— Mas papai... — A voz de Lotty trouxe-me de volta do que só poderia ser o inferno. — A moça machucou o pé.

Procurei compreender o que minha filha dizia, notando o pavor no rosto de Georgia. Não pelo incômodo que demonstrou sentir ao apoiar seu pé no chão, mas por outro motivo.

Era bom saber que eu ainda causava algum tipo de reação nela, ainda que fosse pânico. Procurando agir de forma pragmática, eu observei o modo com que ela segurou o próprio tornozelo. As palavras de minha filha começaram a fazer sentido.

Apertei meus lábios em uma linha fina, ao ver o tamanho do salto que essa mulher usava. Georgia sempre foi baixa e, pelo tanto de vezes que a escutei repetir isso, eu sabia que ela odiava não ter a altura de Hannah ou a elegância que Madame cobrava de suas alunas.

*Não há bailarinas baixas, Adam. Elas simplesmente não existem.*

O que nunca revelei era que, diferente dela, eu nunca me importei. Pelo contrário. O fato de ela ser o oposto, em tudo, atraiu-me como um louco.

— Eu achei que Adeline tivesse voltado e entrei... não é, moça? — Charlotte continuou a falar, querendo explicar o que havia acontecido. — Fala para ele que a culpa não é minha — pediu, pegando a nós dois de surpresa ao segurar a mão de Georgia, como se as duas fossem velhas amigas.

— Vá com a sua irmã, Charlotte. — Dei a ordem, sem encará-la. Se Amber tinha o hábito de rebater tudo o que eu fazia, Charlotte precisava escutar por, pelo menos, duas vezes até me obedecer.

— Você vai cuidar dela? — quis saber, deixando claro que só soltaria a mão da *desconhecida* se eu dissesse *sim* ao seu pedido.

Ava estava certa, Lotty gostava de ajudar.

— Eu vou. — Somente para tranquilizá-la, concordei. — Agora vá. — Acenei para Amber, que pareceu irritada com toda a situação. — Deixem que eu resolva as coisas por aqui.

Ao vê-las se afastarem, Amber praticamente puxando a irmã, enquanto Lotty continuou a olhar para trás como se não desejasse ir. Respirei fundo, voltando minha atenção a Georgia, reconhecendo uma desconfiança em seu rosto que nunca esteve presente antes.

Sem coragem de me encarar por mais do que alguns segundos, eu a observei desviar seus olhos até a porta por onde as minhas filhas haviam saído.

— Ela é... — A voz soou embargada, causando-me um arrepio semelhante ao que ela causou no passado ao dizer obscenidades em meu ouvido. — Meu Deus, Adam, ela é a Hannah quando pequena. Elas são idênticas.

Identifiquei o ressentimento em sua voz, assim como a raiva. Não era um comentário ao acaso, não para Georgia. O que me fez reagir.

Armar-me contra as complicações que viriam com a sua presença nessa cidade.

— O que faz aqui, Georgia? — inquiri, querendo explicações.

*Precisando delas.*

Sua reação a minha pergunta a deixou pálida. O que fez com que o hematoma ganhasse vida em seu rosto, o mesmo aconteceu com a fúria que eu sentia.

— Como ela se chama? — perguntou sem fazer sentido, os olhos azuis vidrados. — Eu entendi que a menor é Charlotte, mas e a outra? Eu a escutei dizer...

Estranhei a dor que ela pareceu sentir.

— Que diferença faz? — Quando não respondeu, eu dei um passo em sua direção. — O nome das minhas filhas não importa, porra — grunhi baixo, mal me reconhecendo.

— É claro que importa! — Eu a vi tentar se levantar, mas uma careta de dor assumiu seu rosto. — Porque, pelo visto, até isso a sua esposa me roubou! — explodiu, na defensiva.

Atacando-me com o mesmo velho drama que tive que aturar antes, a mesma mania de empurrar a culpa do seu sofrimento para os outros. Georgia era vítima de si mesma, foi o que Grace disse uma vez. E eu não poderia concordar mais.

— Você não tem direito algum de chegar aqui... e exigir qualquer coisa. Seja de mim, ou da minha esposa! — rebati, tentando manter a sobriedade. E o controle. — Eu implorei para que você voltasse, Georgia. Para que a perdoasse.

Esse não era todo o motivo que eu tinha para odiar essa mulher, mas era o mais lógico e o que menos fodia com a minha cabeça.

Por que o outro...

— Você teria feito diferente? — perguntou, dando um passo em minha direção, que rapidamente a fez gemer pela dor que voltou a sentir.

— O seu pé...

— Não é nada! — respondeu com raiva, afastando as minhas mãos.

Encarei as botas que usava, sem ideia do que poderia ter acontecido. O *Adam Preston médico*, quis se certificar de que não era nada além do que uma torção, mas o *Adam homem*, com instintos primitivos, sabia que encostar um dedo que fosse nessa mulher seria a pior decisão de todos os tempos.

Eu a amaldiçoei por isso, e pela insanidade que me apossou diante da possibilidade de colocar a mão em algum pedaço de pele dela. Georgia sempre foi dada a exageros, e o seu temperamento se refletia nas roupas e maquiagem que usava.

Nada nela *nunca* foi suave. Não o comportamento e, definitivamente, não o sexo.

— Você ainda não me respondeu, Adam. Teria feito diferente? — A boca carnuda, que ela acabara de molhar com a ponta da língua rosada, exigiu saber, desorientando-me por um momento.

— Eu não vou discutir isso com você! — rebati, sem conseguir pensar direito. — O que for que você ache que Hannah tenha feito, você fez mil vezes pior, Georgia — deixei claro, prestes a me afastar de vez quando ela voltou a gritar. Escandalosa como sempre.



— Não é um *achar*, Adam. Eu tenho certeza! — A voz saiu alta o suficiente para que qualquer pessoa no lado de fora pudesse compreender, e foi o que me fez continuar, decidido a dar a conversa por encerrada. — Sabe por quê? — Detive-me ao segurar a maçaneta da porta. — Porque fui eu que escolhi os nomes das suas filhas. Eu os escolhi para mim... e até isso *ela* me tomou!

Sacudi a cabeça, sem paciência. Eu não queria ficar e ouvir nada do que Georgia tinha a dizer, porque nada de bom sairia de uma conversa entre nós dois. Mas não reagir, não gritar de volta, foi impossível.

— Não tente jogar a culpa da sua infelicidade em Hannah. Você pode não ter dado a mínima, mas, porra, ela sempre esperou por você, Georgia. Até o último momento. — A vi engolir em seco, nervosa com a aproximação. — Tudo o que eu te pedi foi para que a perdoasse — lembrei, a centímetros de distância dela. Não querendo correr o risco de que minhas filhas escutassem.

— Você realmente acha que eu deveria ter perdoado Hannah? — perguntou, com as bochechas ficando vermelhas.

— Você não precisa gritar.

— E você, Sr. Perfeito de uma figa, não precisa agir como se nunca tivesse cometido a porcaria de um erro em sua vida! Até o seu olhar é arrogante, Adam. Como se fosse melhor do que eu. — Ela me avaliou, desprezando tudo o que eu havia me tornado. — Mas parece se esquecer de que eu não tinha a obrigação de voltar e perdoar a sua esposa, ou até mesmo você! Era o meu direito sentir raiva, meu direito...

— De ir embora? — explodi cometendo o erro de parecer tão louco quanto ela. Esse era o efeito de Georgia sobre mim. Ela sempre me fez sentir mais animal do que homem. Mais fraco também. Como se, ao precisar me afastar da bagunça que ela era, eu não fosse forte o suficiente. — Deixar cada pessoa que se preocupava com você, preocupado? Hannah quase enlouqueceu, Georgia. Ela nunca teve paz e tudo porque você foi egoísta demais para ficar e enfrentar tudo!

— Eu fui egoísta? — Fez outra careta, mas não acho que a dor agora vinha do seu tornozelo. — Fugir não foi egoísmo, ficar teria sido, Adam... porque...

— Quer saber? — eu a impedi de continuar. — Não importa por que fugiu ou se só voltou pelo dinheiro de Adeline, desde que vá embora. — Nos encaramos, e só então notei o quanto eu me encontrava próximo dela. Seus gritos e o meu tom de voz mais duro nos deixaram ofegantes, irritados um com o outro.

*Mas essa não seria a primeira vez.*

— Essa cidade não sentiu a sua falta. — *Eu não senti,* tentei me convencer.

Afastando a lembrança das inúmeras tentativas que fiz de consolar Hannah, sempre insistindo que Georgia deveria estar bem, mentindo ao dizer que, quando menos esperássemos, ela retornaria. Tudo para acalmar a minha esposa.

Teria sido fácil, se eu não tivesse cometido o erro de acreditar em minhas próprias mentiras. Agarrando-me a elas como alguém que se agarra a um bote salva-vidas.

— Eu sei, você não precisa me dizer. Tudo o que vim fazer aqui é pegar o que me pertence, Dr. Preston. Vê esse lugar? — Ela apontou de modo amargo para o estúdio, deteriorado com o passar do tempo. — Foi o que eu ganhei por ter sido uma boa garota. — A mágoa piscou em seus olhos úmidos.

— Então é por isso que está aqui. Dinheiro. Por que não me surpreende?

— Julgue o quanto quiser, eu não me importo — sussurrou ríspida, dando de ombros, mas incapaz de aparentar indiferença ao se dar conta de que já não precisava gritar para que eu a escutasse. Não quando estávamos tão perto...

Loucos para tocar um ao outro e descobrir se o gosto seria o mesmo...

— Você se importa com alguma coisa? — provoquei, furioso com o meu próprio descontrole. — Além do dinheiro de Adeline, é claro.

O tapa que recebi veio seguido de um estalo alto, ainda que eu não tivesse movido um só centímetro do meu rosto. Meus olhos se estreitaram conforme me dava conta do que essa mulher havia acabado de fazer. Sem pensar, o que parecia um costume perto de Georgia, eu segurei o seu punho fazendo-a ofegar, entreabrir a boca e, em seguida, fechá-la privando-me do que estivesse se passando por sua mente.

Não que Georgia tenha desistido da brutalidade, porque, com o outro punho, ela me empurrou. Ou tentou.

O ato impulsivo teve o efeito contrário ao que pretendia. Porque, ao se esforçar, ela acabou apoiando o pé dolorido no

chão, curvando seu pequeno corpo pela dor ao perceber o erro que havia cometido.

— Se não fosse tão orgulhosa...

Aproximei-me um pouco mais, contrariando os sinais de alerta que o meu próprio corpo emanava.

— Eu não preciso da sua ajuda! — rebateu ao me ver ajoelhar em sua frente. — Sou perfeitamente capaz de lidar com a droga de um pé torcido, Adam. Eu lidei com muito mais no passado!

Ignorei seus protestos e, quando a teimosia em pessoa tentou puxar o pé, eu o segurei e retirei a sandália para que pudesse avaliar o estrago, seguro de que o gesto inocente não teria qualquer consequência.

O engolir em seco que dei assim que forcei a boca de um lado da sua calça até a sua panturrilha, expondo a pele branca, rapidamente provou o contrário. Eu não era o tipo de homem que se excitava com pés, droga, nunca fui. Mas, além da pele nua, as unhas pintadas de vermelho de Georgia me fizeram perceber como eu sentia falta *disso*.

Do toque, da sensação. Do tesão provocado pelas coisas mais simples.

Outro arranhar de garganta e apertei com cuidado toda a extensão do seu pé, sem causar qualquer comoção nela.

— Acho que não é aí — sussurrou, em um ofego. — É aí... aí... — revelou quando mudei a posição.

— Seu tornozelo — constatei ao afastar meus olhos e dedos dos ossos laterais do seu pé, que sempre foram os mais afetados pelos treinos. Eu podia me lembrar das queixas e de

cada vez que ela se deitou em minha cama, e pediu para que eu fizesse a dor passar com as minhas mãos.

Georgia nunca se poupou, o fato de tentar sempre agradar Adeline e se mostrar melhor do que as outras garotas a levaram a exaustão por diversas vezes.

Pés machucados, lesões frequentes e dores no corpo eram uma constante, não que ela tenha parado para me escutar quando pedia para que fosse com calma. Que não se cobrasse tanto.

— Diga-me como aconteceu — pedi, desconfiado de que Charlotte tivesse a sua parcela de culpa.

Georgia olhou para baixo por um momento, mostrando-se completamente desconfortável. Para não dizer, confusa.

— Georgia? — chamei ao perceber que ela não havia me escutado.

— Foi só uma torção — respondeu, puxando o pé para longe das minhas mãos.

— Eu sei. E não é a sua primeira, então acredito que já saiba o que fazer, certo? — Levantei-me, incapaz de ignorar o fato de que o cheiro dela parecia o mesmo. Uma mistura erótica de sândalo com baunilha. Como se todo o incenso queimado por Adeline dentro desse estúdio tivesse impregnado em sua pele.

Sempre achei sexy, mas percebia agora que havia algo mais. Um aroma que fez com que eu perdesse a razão, o efeito semelhante ao da porra de uma droga barata.

— Você adivinhou. Eu sei. — Georgia tentou se afastar, mas a impedi ao entrar na sua frente. E mesmo sem tocá-la, sem

me permitir encostar o tórax duro contra os seios que eu sabia serem macios, eu pude escutar o coração dessa mulher bater.

E pensar que, em outra vida, eu conhecia o seu ritmo. A forma como qualquer coisa o fazia acelerar, meus beijos, sorrisos... o meu pau enterrado profundamente dentro dela.

— Se minha filha estiver envolvida nesse incidente, eu preciso que me diga.

— Sua filha. — Ela pareceu chateada. — Adeline tentou me falar a respeito delas, mas eu nunca quis ouvir. A ideia de saber sobre vocês dois, ou de como poderia ser perfeita a vida que estavam vivendo...

— Georgia.

— Hannah te deu tudo, não foi? Absolutamente tudo.

— Chega — rosnei, irritado.

Um sorriso cínico se formou em seu rosto bonito. Georgia não era nada como Hannah, não modesta ou discreta. Mas ela era sedutora, sem fazer qualquer esforço.

— Então diga a sua mãe para que seja rápida, Adam. — Estreitei meus olhos, sem entender. — Grace anda muito esquecida ultimamente, não contou a você sobre o estúdio, e aposto que se esqueceu de dizer que é ela quem... se convidou a encontrar um comprador para este lugar.

*Grace, desde quando ela se referia a minha mãe dessa forma? E pior, como se, de alguma forma, a conhecesse melhor do que eu mesmo?* Talvez eu estivesse exatamente a frente do motivo pelo qual a Sra. Preston andava agitada nos últimos tempos.

— Não imaginei que fossem tão íntimas.

Ela sorriu, exibindo os dentes brancos e alinhados além da pequena covinha na bochecha direita.

— Nós não somos. Eu ainda gostaria de vê-la morta. — A franqueza com que me falou, a falta de emoção... *O que Georgia estava escondendo?*

— Esse é o momento que você passa a culpar Grace por tudo? Quem será o próximo, Georgia? Sua mãe? — Seu rosto se fechou a menção de Darana. — Não acha que já passou tempo demais?

— Quer saber? Vai embora! — pediu. — Não quero ter essa conversa com você, porque como sempre... você está certo. Já faz muito tempo e nós dois não temos mais nada a falar um com o outro, Adam. — Ao perceber que ela tentaria me empurrar, eu tomei a iniciativa e recuei. — Só vai, Adam, porque eu odiaria ter de gritar — ameaçou, fazendo-me voltar à razão.

— Não se preocupe, eu vou. — Me recompus ao que fosse que tivesse acabado de acontecer aqui. — Só quero que me faça um favor, fique longe das minhas filhas. Não volte a se aproximar delas, não ouse...

Georgia me empurrou em outro impulso, com raiva, ferida. O que me fez segurá-la com força, arrependido de ceder a todo o seu drama.

— Você é um idiota arrogante... e sem coração!

— Diga que me escutou?!

Uma única lágrima caiu do seu rosto, quando ela assentiu. Orgulhosa.

— Fique tranquilo, Dr. Preston, porque eu não pretendo permanecer nessa cidade por tempo suficiente para que eu

chegue perto delas outra vez. E digo mais: se depender de mim, eu atravesso a rua apenas para não ter que olhar na cara das suas filhas de novo.

— É o que eu espero. Já tenho problemas demais para ter que me preocupar em mantê-las longe de alguém como você.

— Alguém como eu — repetiu em um sussurro, rindo como se não se importasse.

*Ou pior*, como se eu não a tivesse machucado em nada.

A indiferença em seus olhos foi a deixa que eu precisava para sair.

Assim que alcancei a calçada, notei que, pela primeira vez em anos, eu havia perdido todo e qualquer controle. A agitação sentida no dia anterior não era nada perto da que eu sentia agora, pensei, ao cerrar meu punho. Dando-me conta de que precisava de um tempo para reorganizar os meus pensamentos antes de voltar a clínica.

Algo que não foi possível, porque as minhas filhas ainda estavam por ali.

— Você não curou o pé dela, não é, papai? — Charlotte concluiu, aborrecida, colocando as mãos em sua cintura e me olhando através dos óculos de grau. — O senhor gritou.

— Não começa, Lotty.

Não queria ter que explicar a ela que eu não era capaz de *curar* nada quando o assunto era Georgia, e mais, que, se pudesse, eu jamais voltaria a tocá-la. Amber, por sua vez, me encarou desconfiada, completamente em silêncio. Esse era o seu *modus operandi* nos últimos dias de qualquer forma.



— E o pé da moça? — As duas me seguiram pela rua, enquanto atravessávamos. — Ela caiu, e...

— A moça irá ficar bem, meu amor — garanti, esforçando-me em parecer neutro.

— Então você sarou o pé dela? — Duvido que essa fosse a sua intenção, mas Charlotte estava fazendo com que eu me sentisse um completo idiota. — Eu não quis que ela caísse, papai, mas então eu entrei e a moça se assustou... e falou um palavrão muito feio.

Eu podia apostar que sim. O que fez com que a culpa, de certa forma, diminuísse. Porque Georgia jamais seria uma boa influência para elas.

— Você viu o dodói dela no rosto? — continuou. — *Tava* roxo, não *tava*? — referiu-se ao hematoma, mas logo mudou de assunto. Era difícil acompanhar Charlotte algumas vezes. — Você acha que ela sabe dançar também? Igual a tia Adeline? — perguntou distraída.

E ao empurrar a armação de óculos até acima da pontinha do nariz, minha filha me encarou à espera de uma resposta. *É claro que Georgia podia dançar.* Ela era apenas perfeita ao dançar, ou havia sido. Eu já não sabia.

Seu corpo continuava esguio, tonificado. Mas seus pés não carregavam traços de alguém que atualmente exigia de seus ossos um esforço diário.

— Acho que não, Lotty — menti, não querendo que ela tivesse ideias erradas ou o desejo de procurar por aquela mulher outra vez.

— Médicas podem dançar?

*Qualquer coisa, Lotty. Qualquer porra de coisa, mas não isso.*

— Podem, mas não sei se fazer os dois seja o mais adequado, meu amor. Ambos exigem muita dedicação. Mas podemos conversar sobre esse assunto em outro momento, o que acha? Se até lá você ainda quiser...

— Eu vou querer, papai. Pode acreditar.

Respirando fundo, eu fiz o meu melhor para não aparentar nervosismo. E enquanto a fazia me encarar para ouvir o que eu tinha a dizer, ajeitei os seus óculos e afastei a franja cobrindo a sua testa.

— Você entende que o que fez hoje foi errado? — perguntei, e ela assentiu. — Então, você também entende por que vou ter que te colocar de castigo, não é?

— Não, papai. Eu não entendo essa parte. — *Espertinha.*

— O castigo fará com que entenda, não se preocupe. Agora entre e procure por Ava — pedi, exausto.

— Amber não vai? — quis saber, preocupada com a irmã.

— Ainda não, primeiro ela e eu vamos conversar.

Lotty assentiu, e saiu correndo.

Assim que a vi entrar na clínica, eu me virei para Amber, que tinha os braços cruzados em frente ao seu corpo. Diferente de Hannah, ela sempre pareceu pronta para uma discussão.

— Achei que tivesse pedido para que ficasse de olho na sua irmã — lembrei, decepcionado.

Éramos só nós três, e tínhamos um acordo. Elas me ajudariam, olhando uma pela outra sempre que fosse necessário;

e, em troca, eu não as deixaria aos cuidados da babá todos os dias enquanto estivessem de férias.

— Na próxima vez que pedir algo, Amber, eu quero que me escute. Já imaginou se algo acontece e sua irmã se machuca?

— Mas não aconteceu, pai, e ela não se machucou! — se revoltou. — Não é justo que eu tenha que cuidar dela...

— Não é? O que espera que eu faça então? Mantenha vocês duas 24 horas com a babá? Prefere que seja assim?

— Não.

— Então coopere, Amber. Porque eu sou apenas um, não posso trabalhar e estar com vocês ao mesmo tempo, venho tentando o possível para conciliar tudo... — *Mas era impossível.*

Magoada, minha filha desviou sua atenção até o outro lado da avenida, despejando o que deveria estar entalado em sua garganta desde que deixamos o estúdio.

— Ela conhecia a mamãe. — Franzi o cenho, sem compreender. — A mulher loira, ela... achou que eu fosse a mamãe.

*Merda!*

— Amber.

— Quem é ela, pai? Por que aquela mulher me olhou como se não quisesse me ver? E eu ouvi vocês gritarem um com o outro.

— O que escutou?

— Nada, quero dizer... eu escutei, mas não entendi — admitiu. — Charlotte não parava de dizer que estava atrás de

Adeline e... — Amber se calou, triste. — Ela era amiga da mamãe, não era? Aquela da foto...

— Aquela mulher não é ninguém, Amber. — A ideia já não era convencê-la disso, era convencer a mim mesmo.

— Pai! — Amber pareceu não acreditar, mas não deixei que continuasse.

Georgia não era um assunto que eu trataria com nenhuma delas.

— Agora entre e avise a Ava que estamos indo. Eu me junto a vocês em um minuto.

Amber se afastou, mas não pareceu nem um pouco satisfeita. Tomando o tempo de que eu precisava, eu respirei fundo e penteei meu cabelo para trás com os dedos.

E pensar que ainda essa manhã eu imaginei ter visto um fantasma, sendo que a verdade se mostrou mil vezes pior. Porque Georgia não era a porra de uma assombração, era o meu pesadelo.

*O pior deles.*

— Que merda está fazendo aqui, *baby*? — grunhi para o nada, irritado comigo mesmo. — Não há mais nada nessa cidade para você.

*Nada, porra!*

## **Georgia**

Não sei dizer ao certo como fui capaz de *mancar* até o corredor, e deslizar até o chão. Meus olhos estavam tão vidrados no vazio da parede, que desejei ser como ela. Dura, incapaz de sentir. E pensar que não era o meu tornozelo a doer, era a minha alma. Mas se os anos haviam me ensinado algo, era a não ter vergonha das emoções que me dominavam.

E ainda que, às vezes, eu me achasse a pessoa mais fraca da face da Terra, eu sabia, no fundo do meu coração, que fui forte ao não desistir. E continuei forte em todas as vezes que fiquei nua na frente de uma dezena de homens e não chorei. Ou gritei. Fui forte todos os dias em que pensei no bebê que perdi e não enlouqueci.

*Eu era uma sobrevivente, vivendo em meio ao meu próprio caos.*

— Como pôde fazer isso comigo? — perguntei, com o rosto enfiado entre os joelhos, esperando, desejando mais do que tudo, que Hannah pudesse me escutar. — Estou com tanta raiva de você, que eu poderia...

Havia tanta coisa não dita entre nós duas, tanta mágoa que foi impossível não me render ao choro.

— De tudo o que desejei a você, eu nunca quis que... merda! Nós deveríamos ter conversado nem que fosse a última vez... você deveria ter ficado viva para que eu pudesse te odiar em paz! Sem culpa. Só que até o direito de te odiar você me tirou!

Curvei o meu corpo, colocando as mãos entre o meu abdômen e as minhas pernas. Mas parecia que nenhuma posição era capaz de aplacar o desconforto que eu sentia. Continuei com a cabeça baixa, respirando devagarinho enquanto sentia as lágrimas escorrerem. Culpando-me por ter esgotado todos os comprimidos do frasco.

Ainda que houvesse uma excelente razão pela qual eu já não os deixava à vista, eu teria dado tudo o que eu tinha para não ter que lidar com a realidade.

Como se me puxasse do fundo de um oceano gelado, eu senti o toque das mãos pesadas que só poderiam pertencer a Ethan.

— Georgia, o que falei sobre não vir sozinha? — Eu o encarei. — Diga-me o que aconteceu...

— Tudo. Aconteceu tudo — revelei baixo, nervosa demais. — Achei que o passado já não tinha o poder de me machucar, Ethan, mas nada, nada, me preparou para elas. *As filhas dele.*

— Você as viu?

Assenti, ainda gelada por dentro, tremendo como se realmente tivesse acabado de emergir do oceano.

— Hannah teve tudo, não foi? Ela deu a ele algo que eu não pude porque...

— Esqueça isso, Georgia — pediu com autoridade.

— Como? — quis que ele me dissesse como apagar tudo da minha mente. Ainda que eu tenha tentado pelo menos uma centena de vezes. — Não tem um dia em que eu consiga deitar a cabeça no travesseiro e pensar que as coisas poderiam ter sido diferentes. Que eu deveria ter lutado pelo meu bebê. E então, se

eu tivesse sido forte *naquele momento*, eu não me sentiria tão sozinha agora.

— Ou talvez, apenas se sentisse sozinha e com um filho para cuidar — disse, colocando alguma razão em minha cabeça.

*Quantas vezes eu não me perguntei como teria sido se Adam tivesse acreditado em mim, ou me oferecido algum apoio?*

— Você acha que sou uma pessoa ruim? Por ter desistido do meu bebê?

— Você não é, Georgia — adiantou-se em dizer. — O que aconteceu não foi culpa sua. Grace é capaz de fazer um santo pecar, e o que ela e Adeline fizeram deveria ser considerado crime.

— Mas eu deixei. Estava tão confusa que deixei, Ethan.

— Elas não te deram escolha, deram?

Neguei, recusando-me a lembrar daquela época. Um sacudir de cabeça após o outro, e eu não consegui afastar o passado. Nem a certeza de que Grace jamais cogitou a possibilidade de que eu pudesse desistir. E quando tentei falar, explicar que não tinha certeza do que estava prestes a fazer, a bruxa má deixou claro que eu não tinha escolha.

Que tudo o que conseguiria se fosse adiante era o ódio de Adam e o destino de minha mãe.

— Foi um erro ter voltado, não foi? — perguntei, cedendo à insegurança.

— Não estou dizendo que estar aqui será fácil, Georgia — Ethan hesitou. — Mas entendo por que voltou, é o seu direito.

— Receber algo pelo que não fiz qualquer esforço? Adeline só me entregou o estúdio porque se sentiu culpada. —

Afastei-me do seu toque, dando-me conta do inevitável. Porque, pior do que saber as razões pelas quais Madame havia me deixado tudo o que possuía, era ter de passar por cima do meu orgulho ao entender que eu não poderia recusar.

— Acho que você deveria parar de pensar se foi por culpa ou não, e focar na parte boa.

— Que é? — perguntei, com a sobrancelha arqueada. — Esse lugar está caindo aos pedaços, Ethan. Talvez eu devesse apenas voltar, Connor vem tentando falar comigo desde que saí e, quem sabe, ele esteja arrependido?

— Acredita mesmo nisso? — A voz saiu em um tom mais alto.

— Não. — Essa era eu apenas tentando encontrar um motivo maior do que a minha necessidade por dinheiro, para voltar para o que já *conhecia*.

Só que, até para decidir o meu próximo passo, eu precisava de dinheiro.

— Se esse homem te bateu uma vez, Georgia, ele fará de novo. — Ouvir a verdade da boca de Ethan fez com que eu me encolhesse.

— Eu sei. — Pelo tempo que trabalhei na boate, eu conheci inúmeras histórias como estas. E todas elas começavam da mesma forma que a minha começou com Connor. — Só estou cansada de sentir como se não pertencesse a lugar algum. Aqui, lá. — Olhei-o perdida. — Fora que estar cara a cara com Adam hoje...

— Você ainda o ama. — Não foi uma pergunta.



— Não amo não — neguei, rapidamente. Porque a ideia de que eu ainda pudesse sentir algo por aquele homem me fez ter vontade de chorar. — Adam ficou no meu passado, Ethan. Se estou dessa forma é porque... tenho medo de que eles olhem para mim e a vejam. Que me julguem como a julgaram — murmurei baixinho. — Todo aquele álcool, os homens com quem ela saiu... os casamentos que destruiu.

— Você não é como ela.

— Como pode ter tanta certeza? Você não a conheceu, não faz ideia de quem a minha mãe era.

Eu podia lembrar da maioria dos homens que estiveram dentro daquele trailer, conhecia seus nomes, sabia de quem eram pais. Onde trabalhavam. Suas esposas.

— Posso não ter conhecido a sua mãe, Georgia, mas conheço você. E algo me diz que ela jamais teria se sacrificado pela felicidade daqueles dois como você se sacrificou.

Desviei o meu olhar do dele, porque eu não tinha tanta certeza assim. No fundo, a minha vontade sempre foi contar a Hannah que eu esperava um filho de Adam, e eu teria feito se Adeline não tivesse garantido que Grace interferisse.

— Não foi assim.

— Não? Você abriu mão do seu bebê.

— Por medo!

— Medo ou não, se eles foram felizes foi somente porque você recuou. Sua mãe teria feito algo assim?

Sacudi a cabeça, nervosa, ciente de que Darana só levou sua gravidez adiante porque acreditou que o meu pai ficaria com ela. Quando não aconteceu, restou só a raiva. E a evidente ajuda

que ela deveria receber mensalmente, e que nem sempre chegava até mim.

— Tem certeza de que não quer comprar o estúdio? — perguntei, ao empurrar o passado para longe, cansada de caminhar sobre ele, como quem pisava em destroços de uma guerra recente. Havia muito estrago no chão, mas principalmente lágrimas e segredos.

— Você sabe que tudo o que eu tenho é o *Coyote*.

Bufei, inconformada.

— Eu vendo barato. Só preciso da metade do valor.

Qualquer coisa que me fizesse ir embora o mais depressa possível.

— Vamos fazer o seguinte... — Ethan se sentou do outro lado, apoiando-se também contra a parede. — Você falou que está sem dinheiro, certo?

Assenti.

Trezentos dólares não me levariam nem a esquina, a minha sorte é que a possibilidade de *me hospedar* no sobrado acima do estúdio era viável agora que Grace entregou as chaves sem antes dar início a Terceira Guerra Mundial.

— Você sabe que sim.

— Veja que coincidência, eu estou precisando de ajuda no *pub*. Por pouco tempo, é claro. Época de férias o movimento por aqui sempre aumenta. — Isso era verdade, a cidade enchia de turistas nesse período do ano. — Então, se estiver disposta a fazer um pouco de dinheiro fácil...

— Eu topo qualquer coisa — disse, de repente, aliviada diante da perspectiva de juntar alguns dólares.

— Achei que fosse pensar primeiro, avaliar as possibilidades...

— Não preciso pensar em nada, aliás, pensar nunca me levou a lugar algum.

Ele sorriu, mas havia um *quê* de preocupação em seu rosto.

— Onde ficou o sonho de ser uma grande dançarina? — quis saber. — Eu consigo me lembrar todas as vezes que Adam correu após o treino para te encontrar aqui.

Senti meu rosto formigar e dei de ombros, tentando aparentar alguma indiferença.

Porque a verdade é que eu me sentia boba ao relembrar os sonhos que tive quando pequena.

— Havia duas opções, Ethan — revelei, esticando a perna dolorida. Seu olhar acompanhou o gesto, absolutamente indecifrável. — Passar fome enquanto continuava dando saltos em um salão com trinta garotas atrás do mesmo sonho ou trabalhar. O que você acha que fiz?

Grace garantiu que eu tivesse um ano de ajuda, que concluísse meus estudos em outro lugar. Adeline cuidou de tudo na época, mas depois de um ano as duas me abandonaram e fiquei por contra própria.

— Você trabalhou.

— Exatamente. — Sorri, não querendo que sentisse pena ou notasse a tristeza que o assunto me causava. — Agora, sobre a proposta que me fez, você precisa saber que a minha hora de trabalho não é barata...

Ethan forçou um sorriso, a expressão em seu rosto anuviou enquanto cedia ao meu pedido e me levava até o sobrado acima do estúdio em que eu só tinha estado algumas vezes.

E preciso dizer, o lugar continuava lindo. Ainda que cheirasse a mofo.

A modesta sala era integrada à cozinha e havia uma TV pequena e antiga com várias bailarinas ao redor, em poses clássicas. Sobre o sofá encontrei algumas almofadas coloridas de tricô, assim como o tapete sob os meus pés agora descalços por causa da dor. Conforme entrava no cômodo, notei que a casa de Adeline era como uma casa de boneca. Só que um pouco maior. Olhei através da cortina de franja, em um tom de roxo vibrante, e pude ver a cama com dossel de metal. Antiga e romântica.

Curiosa, eu me aproximei da porta dupla com vista para a sacada aberta. Nela, as flores e plantas que Adeline cultivou por anos mostravam-se murchas. Possivelmente pelo excesso de sol e escassez de água.

— Tem certeza de que quer ficar aqui? — Escutei a voz de Ethan, ao mesmo tempo em que me sentava na espreguiçadeira macia a fim de não forçar o meu pé.

Não vou negar, havia muito a ser feito para que o lugar voltasse a ser como antes. Mas não era o que eu pretendia de qualquer forma, tudo o que queria era um tempo sozinha até descobrir o que fazer em seguida.

— Tenho — respondi, aliviada quando Ethan se despediu a fim de receber um novo estoque de bebidas no *pub*.

Ao me ver sozinha, eu olhei para imensidão azul que era o céu e me deitei na espreguiçadeira, encolhendo-me como um bebê enquanto a sensação de frustração me atingia. Rodei o país, apenas para voltar e me ver diante dos mesmos problemas.

Eu podia não ser *a velha Georgia*, mas sentia-me como se ela nunca tivesse realmente deixado de existir. Só fingiu bem.

Sozinha no terraço, percebi que, pela primeira vez em anos, poderia chorar sem me preocupar com as perguntas de Connor. Ou as brigas que ele criava pelos motivos mais tolos. Até respirar pareceu mais fácil. Como se de uma forma doentia os braços de Adeline estivessem ao meu redor, consolando-me em silêncio e lembrando-me de que eu precisava ser forte.

*Não foi o que ela sempre exigiu de mim?*

*Seja forte, garota, porque ninguém o será por você.*

— No fim das contas, você estava certa, não é, Adeline?

## ***Adam***

A noite havia caído em *East Village* quando estacionei em frente à rua que cresci. No banco de trás, minhas filhas pareciam animadas com a perspectiva de visitarem a avó e, enquanto saíam do carro, eu me peguei observando a casa ao lado como se não o fizesse há um longo tempo.

Agindo de modo automático, eu as segui pela entrada até sermos recebidos por Grace. Hoje era o dia na semana em que nos reuníamos para jantar juntos e, por mais que a minha vontade tenha sido a de desmarcar, eu sabia que a Sra. Preston me causaria mais dor de cabeça do que se eu apenas comparecesse.

Assim que me viu, Grace me analisou à procura de sinais do que poderia ter me colocado nesse humor. Sua aparência sempre impecável, por vezes, fazia com que eu me sentisse em um filme dos anos 60 de mau gosto. Minha mãe cobrava a mesma perfeição das minhas filhas, algo que pedi para que não fizesse.

Quando Charlotte, por exemplo, inventou de cortar os cabelos como os da mãe, que na época estavam curtos por causa da quimioterapia, eu permiti mesmo com Grace sendo contra. Nesses momentos, era fácil perceber que Lotty viera ao mundo sabendo exatamente o que queria. Diferente de Amber, que sempre se mostrou suscetível ao julgamento e as exigências de sua avó.

Ao ver que as meninas se afastavam, em direção ao balanço que Michael montou tantos anos atrás, acabei ficando a

sós com Grace. A conversa da qual não poderia escapar por muito mais tempo, parecia-me inevitável agora.

— Você parece preocupado, meu filho. — Ela pegou o meu casaco e o pendurou.

A voz forçadamente calma, não escondia a dureza em sua expressão.

— Por que não contou que ela estava de volta?

Grace se deteve ao meu lado, sem demonstrar surpresa.

— O que o faz pensar que eu sabia? — perguntou calculista.

— Como acha, Grace? — A possibilidade de que eu tenha estado perto de Georgia, a deixou apavorada.

— Você a viu? Conversou com ela?

— Se gritar um com o outro for o mesmo que conversar, então sim. Nós conversamos.

Minha mãe exalou o ar, preparando-se para uma batalha em que ela não parecia querer entrar.

— Eu não contei para evitar exatamente esse tipo de situação, Adam — justificou. — Aquela garota não tem vergonha na cara... não posso acreditar na ousadia que teve de aparecer aqui e achar que a receberíamos de braços abertos.

Engraçado como Georgia tinha o poder de trazer o pior de Grace à tona sem nenhum esforço.

— Você também não me contou sobre o estúdio.

E era o que menos fazia sentido, porque Georgia nunca demonstrou qualquer tipo de preocupação com Adeline. Não que, em algum momento, eu tenha presenciado Madame ser carinhosa com ela, pelo contrário. Aquela mulher a tinha feito

chorar por diversas vezes e exigia tanto de Georgia, que não era apenas o seu corpo a ficar cansado após as aulas, mas sua mente também.

Nesses dias eu nunca forçava a barra, preferia levá-la para a minha casa e a deixava passar a noite. Um ato que sempre irritou Grace, mas que, pelo menos, manteve Georgia longe daquele maldito trailer e todos aqueles imbecis que sua mãe arrastava para casa.

— Georgia não é um problema com que você deva se preocupar. Não depois de todo o mal que aquela garota fez a sua esposa. Meu Deus, quando me lembro de que você implorou a Adeline para que te dissesse o paradeiro dessa infeliz...

— Pelo visto, não havia segredos entre você e Adeline, não é? — Minha mãe se calou, pega em flagrante. Eu desconfiava mesmo que as duas pudessem trocar confidências, mas nunca imaginei que Adeline revelaria o meu pedido a Grace.

Implorar, aliás, foi o último ato de desespero que tive depois de aceitar que as chances de Hannah sobreviver à cirurgia eram mínimas. A ausência de resposta, no entanto, foi algo que jamais consegui entender ou perdoar. Mas de uma coisa serviu: confirmar que a minha opinião a respeito de Georgia estava certa.

— Não me culpe por fazer o que é melhor para essa família, meu filho.

Encarei-a sério, sem resquício algum de humor.

— O melhor para essa família ou para a senhora?

Grace nunca teve limites. E quando queria algo, ela era capaz de tudo.



— Faz diferença? Tudo o que importa é que a garota não seja um problema. Se tivermos sorte, ela irá embora em alguns dias e, então, nós ficaremos bem.

Como se as coisas pudessem ser resolvidas tão facilmente.

— Não sei se percebeu, Sra. Preston. Mas Georgia já não é uma garota. — Ela era uma mulher, no sentido *letal* da palavra. — Agora, no que diz respeito ao estúdio, você ao menos sabe por que Adeline o deixou para ela? Não entra na minha cabeça. — Não depois de assistir por quase um ano a forma como as duas se tratavam.

— Foi um ato de loucura, que infelizmente descobri tarde demais.

*Tarde demais* para que Grace tentasse convencê-la a mudar o testamento, porque era o que ela teria feito se soubesse.

— Então Georgia falou a verdade.

— Você também não confia nela, não é? Já percebeu que a garota é uma interesseira.

Grace gostou que eu estivesse desconfiado, podia dizer até que ter seu filho ao seu lado nessa guerra era exatamente o que ela pretendia, pensei, ao me aproximar da janela observando minhas filhas a distância.

— Georgia voltou pelo dinheiro — concluí. — É isso o que está dizendo?

— Por qual outra razão haveria de ser? Pessoas como ela e a mãe dela não são confiáveis, Adam. Além disso, aqueles olhinhos nunca me enganaram, a garota era uma parasita.

Sugando Hannah, depois se enfiando nessa casa da forma como fez. Você deveria me agradecer, porque, no fim, tudo terminou exatamente como deveria.

Encarei-a através do reflexo da janela.

— Sério? Hannah morrer estava em seus planos também? Ou foi algum desvio do destino...

— Eu não quis que soasse assim.

— O seu problema, Grace, é pensar que o mundo gira ao seu redor. Quando nós dois sabemos que não. E não importa o que você e *aquela mulher* pretendem fazer, desde que a bagunça das duas não interfira na minha vida e na de minhas filhas.

— Eu jamais ousaria prejudicar minhas netas. É pelo bem delas, aliás, que aquela miserável sem-teto deve ir embora. — As palavras foram destiladas com raiva.

Mas não era meu dever me envolver nessa maldita história.

Eu não era como Grace, não alimentava a ideia de que essa cidade nos pertencia. Ainda que minha mãe pensasse o contrário. O fato de ter nascido em uma tradicional família de *East Village*, frequentado a faculdade de Direito, e voltado para a cidade em que cresceu casada com um médico renomado da Califórnia, fez com que a mente de Grace fosse afetada. Da pior forma possível.

— Acho que agora ela tem um teto, mãe.

Grace desviou seus olhos dos meus, em uma tentativa de esconder o que passava por sua cabeça.

— O que está planejando? — Ela voltou a me encarar como se eu tivesse dito algum absurdo, mas eu conhecia essa

mulher. — Grace?

— Nada. E mesmo que estivesse...

— Seria para o bem de todos — completei antes de ouvir a sua justificativa.

— Exatamente.

Eu não deveria estar preocupado, pensei, mas era impossível não imaginar o tipo de complicação que Grace poderia arrumar para Georgia.

— E como eu disse, não há nada com o que se preocupar. Georgia espera que eu consiga um comprador para o estúdio, e eu...

— Deixe-me adivinhar, você se ofereceu para ajudar?

— Eu sou uma boa pessoa, filho, por mais que insista em acreditar no contrário — defendeu-se. — Além disso, há muito em jogo para que eu deixe as coisas ao acaso — falou mais para si do que para que eu realmente a escutasse.

— Claro que há — grunhi, instantes antes de me servir de uma dose de uísque.

O gosto forte fez com que o rosto de Georgia invadisse a porcaria da minha mente, junto da lembrança dela jovem misturando-se com a da mulher que eu havia visto essa manhã. A mesma mulher que me fez lembrar o tipo de homem que eu era, ou costumava ser. Cada detalhe trazia à tona as minhas próprias necessidades.

Apertei o copo com as mãos e o coloquei sobre o bar, a cabeça ameaçando explodir.

— O que for que estiver passando pela sua cabeça, pare agora mesmo, Adam.

Continuei imóvel, vendo-a através dos espelhos do bar, achando impossível que Grace pudesse me ler tão bem.

— Você não tem ideia do que passa pela minha cabeça, mãe. — Afastei-me, ao vê-la se aproximar. — Avise as meninas que aconteceu um imprevisto na clínica e que eu volto após o jantar para pegá-las.

— Adam! — chamou meu nome, com o tom de voz baixo ainda que desesperado. — Se estiver pensando em cometer alguma loucura...

— Eu não estou, Grace.

Não quando concordava com ela sobre tudo o que tínhamos a perder se Georgia permanecesse nessa cidade.

A porra do meu autocontrole, inclusive.

## *Adam*

Passava das nove quando entrei no *pub* de Ethan, esforçando-me a ignorar o fato de que houve um tempo em que frequentei o lugar, não pela companhia, mas pelo esquecimento que ele me trazia. Noite após noite, eu me sentei em um dos bancos e bebi até esquecer o meu nome. A última coisa que desejava naquela época, era estar em casa ou com as meninas, rodeado por lembranças.

Três semanas foi o tempo de autopiedade que me permitiu ter. Eu não as tive quando perdi meu pai, ou quando Georgia foi embora. Em ambas as vezes eu apenas fingi para todos que estava bem. Quando o baque veio, horas após o enterro, eu só não queria mais ter que fingir. Então bebi.

O fato de estar prestes a repetir meus passos após o recente retorno de Georgia me fez questionar que tipo de poder aquela mulher poderia ter sobre o meu corpo e as minhas decisões.

Ao entrar, a música *country* tocando no *jukebox* fez com que eu me sentisse mais velho do que os meus 34 anos. Como imaginei, o lugar estava cheio. Homens com quem estudei e que procuravam por alguma diversão fora de suas casas. Mulheres solteiras, e mais dos que dispostas a entrar em uma aventura.

Passando pela horda de pessoas querendo ser atendidas, eu me sentei em frente ao balcão e acenei para Ethan, que pareceu não entender a minha presença.

— Dr. Preston — cumprimentou com cinismo, ao me encarar. Aproximando-se em seguida e me servindo com uma

dose dupla de uísque antes que eu sequer pedisse. O filho da puta conhecia o meu gosto. — Eu perguntaria o que o traz aqui, mas não curto conversa fiada. Então suponho que você a viu ou sabe que ela voltou.

Eu o analisei, sem expressar qualquer emoção, perguntando-me se a atração que Ethan teve por Georgia nos tempos de escola, persistia. Se ao vê-la ele sentiu o mesmo frio em seu estômago, a mesma vontade de agarrar toda aquela cabeleira loira e simplesmente beijá-la.

— Nós não estamos tendo essa conversa — deixei claro, ao virar a dose de uísque de uma só vez e pedir por outra.

— Querendo se esquecer de alguma coisa? — perguntou, ao me servir novamente. — Achei que não houvesse nada no mundo a foder com o superior Dr. Preston. Não depois da morte de Hannah.

— Qual é o seu problema comigo, Ethan?

Ele me serviu a bebida que pedi, fazendo o favor de exagerar na dose.

— Com você? Nenhum. Só fico surpreso que tenha decidido abandonar a imagem de viúvo sofrido para vir até o meu *pub* justamente no dia em que toda a cidade descobriu que Georgia está de volta.

— Achei que não gostasse de conversa fiada.

— Ela não está aqui. — Franzi o cenho, querendo entender onde ele pretendia chegar. — Se veio por ela.

— Eu jamais viria por ela — grunhi, ciente de que as pessoas ao redor nos escutavam.

— Então você não sabe que Georgia esteve aqui na noite passada, e que eu fui o único a estender a mão para ela?

Não, eu não sabia. Mas não era como se estivesse surpreso, desde o instante em que entrei essa noite no *pub* eu me perguntei se a veria. Se Georgia buscaria apoio em Ethan, como fez depois que eu a deixei.

— Vá se foder, caralho! — Eu me levantei, experimentando o gosto amargo do uísque na boca assim como os efeitos dele. Três doses poderiam não ser nada para o Adam que fui no passado, mas hoje eu já não podia me dar ao luxo de beber costumeiramente. Ser médico me exigia um cérebro apto, e comprometido.

— Veja, Adam, você não sabe que ela esteve aqui, mas eu sei que você esteve no estúdio hoje — falou baixo, não querendo ser escutado. — Suas filhas, Grace. Todo o arsenal diabólico dessa cidade. É de se esperar que Georgia tenha ficado no estado em que ficou.

Engoli em seco.

— Quando vai entender que você não é o salvador dela, Ethan? Que não passa de uma segunda opção de merda?

O infeliz sorriu, satisfeito em me fazer perder a paciência na frente de todos.

— Aí está o verdadeiro Adam. Preciso dizer que eu gostava bem mais dele do que do filho da puta frio que você se tornou.

— Você a quer — declarei, sentindo-me possessivo. — Depois de todos esses anos, você ainda a quer.

— Por que não iria? — Ele se inclinou sobre o balcão, querendo me irritar. — Você deu uma boa olhada em Georgia? Na mulher que ela se tornou?

*Eu dei*, e não vou mentir, foi difícil não me deixar levar pela atração que me despertou. Mas se o hematoma em seu rosto fosse um sinal, era o de que Georgia não era o tipo de mulher que eu escolheria ter ao meu lado.

— Você já foi mais esperto, Ethan. Duvido que não consiga enxergar o problema que Georgia é, qualquer coisa que faça para incentivar a permanência dela nessa cidade será um erro.

— Sabe o que eu acho? Que alguém aqui pode ter feito a escolha errada no passado, mas que sempre foi covarde demais para encarar a verdade.

Tomado pela raiva, eu o segurei pela camisa, prestes a partir para cima do filho da puta. Sob efeito ou não do álcool, eu teria reagido da mesma forma, porque o que insinuou era inadmissível.

— Eu só amei uma mulher na minha vida — grunhi, ao soltá-lo. — E não foi Georgia.

Ethan me encarou com o mesmo ímpeto. Tenho certeza de que ele teria adorado entrar em uma briga comigo, só que pretendia ceder a provocação. Porque, diferente dele, eu ainda possuía uma reputação a zelar.

— Você sempre esteve tão preocupado em atender às expectativas do seus pais, que se esqueceu de atender as suas. Primeiro foi o jogo, depois Georgia... e, por fim, os seus amigos. Agora me diga, valeu a pena?



— Fique longe dela, e isso não é uma sugestão, Ethan. É um pedido.

— Aí está a verdade. — O filho da puta voltou a sorrir. — Espero que esteja preparado para enfrentar essa cidade, Adam. Porque é o que terá de fazer se pensar em tocar em um fio de cabelo que seja de Georgia. Não que eu ache que exista a possibilidade, você teve a sua chance antes e não aproveitou. Agora é a minha vez.

Ethan se afastou, deixando-me apenas com o gosto ruim de suas palavras. Ou seria do álcool? Recusando-me a fazer papel de idiota, eu virei a última dose que serviu, e saí. Dando as costas a ele e ao falatório que se formaria com a minha partida.

Um sentimento de frustração me tomou. E, enquanto por dentro, eu ameaçava explodir; por fora, fui conduzido até o lugar em que o meu tormento começou. O motor do carro foi desligado pouco mais à frente do estúdio, cujas luzes seguiam acesas.

Estacionado na rua deserta, eu tentei me impedir de cometer essa loucura. Encontrar razões pelas quais me convencer de que ter outro confronto com Georgia não seria uma boa ideia. Principalmente porque eu me encontrava alterado, incapaz de pensar com clareza.

Qualquer tentativa de dar meia-volta com o carro e desaparecer foi jogada para o alto ao identificar a sombra de Georgia no terraço de sacadas baixas. A forma como seus cabelos encontravam-se soltos, caindo por sobre seus ombros, era o que me impedia de vê-la por completo.

E foi por querer vê-la que saltei do carro no instante em que a vi entrar. Atravessei a rua com poucas passadas e, antes

de pensar em chamá-la, girei a maçaneta do portão de ferro que dava para o andar superior e que, como imaginei, encontrava-se aberto. Um antigo hábito de Adeline, que Georgia decidira por algum motivo seguir.

Subi os degraus e bati na porta, à espera que me atendesse.

— Ethan? — a escutei perguntar, girando o trinco na parte de dentro. — Eu pensei que tínhamos combinado que... — Georgia se afastou ao me ver e, em uma tentativa inútil, tentou fechar a porta de volta.

A força que usou mostrou-se desnecessária, porque, com um único pé eu a impedi.

— Deixe-me entrar, Georgia! — exigi, ao ver o azul de seus olhos expandindo-se, assustados.

Não havia razão para tanto, mas eu não estava disposto a recuar ou ir embora.

— Nós já conversamos, Adam, e o resultado foi terrível. A última coisa que preciso é...

Não lhe dei chance de continuar e empurrei o restante da porta sem fazer esforço. A mulher diante de mim, que tinha estado à espera de outro homem, estava desconfortável.

*Não foi desconforto que sentiu comigo antes, baby.*

Pelo contrário.

— Nós não temos mais nada a dizer um ao outro — disse, orgulhosa.

O pequeno corpo recuou, demonstrando que ela já não confiava em mim.

— Você estava esperando por Ethan?

Georgia mordeu o lábio, marcando a pele sensível, como se sua boca já não fosse vermelha o bastante. Não havia tentativa de esconder o hematoma em seu rosto agora, e, da mesma forma como quis tocar a área marcada, eu desejei poder agredir o filho da puta que a havia machucado.

— Vocês iriam fazer o quê? Transar? — Seu rosto empalideceu, mas não me detive. — Você só está na cidade há um dia e já iria abrir as pernas para ele, Georgia?

Dei um passo à frente ao ver que ela era incapaz de dizer qualquer coisa, sei que havia bebido além do que o de costume, mas não pretendia usar o álcool como desculpa.

A raiva que sentia sempre teve nome e sobrenome. E voltou com a intenção de arruinar a minha vida.

## **Georgia**

*Quem era esse homem à minha frente?*

Porque eu já não o reconhecia, não a forma como as palavras saíam afiadas de sua boca, e não o modo cheio de ira com que me olhava.

— Você está bêbado.

A confirmação veio ao observar o modo com que seus olhos se mostravam incapazes de desviarem da minha boca. Havia também o fato de que o tórax dele subia e descia de forma agitada.

Tempestuosa.

— Por isso está aqui, não é? Teve de beber para ser capaz de me encarar? — inquiri, revoltada e confusa, como se tivesse sido a única a derramar álcool goela abaixo.

Eu queria afastá-lo, mandar que fosse embora, apenas para me proteger, mas Adam foi mais rápido e me segurou pelos pulsos tão imperturbável quanto estive ao quebrar meu coração.

— Eu quero você longe dele! — exigiu um direito que já não possuía. — Você não me ouviu, mas vai ouvir agora.

Sacudi a cabeça, querendo bater no infeliz arrogante.

— Nós já não somos aquelas pessoas, Adam. Você não pode entrar aqui e me pedir para ficar longe de quem quer que seja, e eu não tenho por que te escutar. Se foi para isso que veio...

— Não foi — ele me cortou. — Eu vim para te dizer... para gritar com você! — Pareceu transtornado. — Eu te liguei, Georgia. Implorei para que voltasse. — Passei a lutar contra

Adam, que apenas me trouxe para mais perto encurralando-me pouco a pouco contra a parede mais próxima. — Hannah morreu chamando por você, querendo a porra do seu perdão. — Engoli em seco, sentindo a culpa arranhar minha garganta. — Por que não voltou? — esbravejou, ferido. — Eu não preciso de você agora, caralho. Não a quero aqui!

O hálito alcoólico deve ter fodido com a minha pobre mente, porque jurei ter escutado esse homem dizer algo que só *não podia ser*. Não fazia sentido.

— Hannah só queria o seu perdão.

— E você? — perguntei baixo, magoada. — O que você queria?

— Nada! — rebateu, rápido demais. — Eu não quero mais nada de você.

*Ótimo.*

— Por que está aqui então?

— Minha esposa... depois de tudo o que ela fez por você...

— Tudo o que ela fez por mim? — gritei, debatendo-me no pequeno espaço em que ele me prendeu. — Está me dizendo que eu deveria ter passado por cima do meu amor-próprio apenas porque a sua esposa fez o favor de ser a minha amiga? É isso? — Ergui o meu rosto, sabendo que não seria o suficiente. Adam era alto demais. — Você nunca acreditou que ela pudesse gostar de mim, sempre achou que Hannah se sacrificava ao ser minha amiga.

— Da parte dela eu nunca duvidei.

Peguei-me rindo de nervoso. Era sempre assim: *eu ria de nervoso, chorava de nervoso*.

*Eu gritava de desespero.*

*Mas não adiantava.*

— Engraçado, porque não fui eu que a traí, Adam. Foi Hannah quem pediu para que terminasse comigo, e foi ela quem dormiu com você pelas minhas costas... por meses.

O rosto dele se tornou uma pedra de tão rígido.

— Se bem que, pelo que eu conhecia *da sua esposa*, eu duvido que ela tenha se entregado a você antes da promessa de um final feliz, não é? Sexo você só fazia comigo.

— Que diferença faz?! — o infeliz gritou e eu dei de ombros.

— Nenhuma. Porque não importa qual tenha sido a verdade. Hannah está morta.

Adam reagiu a minha provocação, batendo o punho na parede atrás de mim. Eu teria me afastado, se o filho da puta não tivesse entrado na minha frente. Acho que não tínhamos falado tudo um para o outro ainda.

— Não sei no que escolheu acreditar, Adam. Mas o meu perdão não teria salvado a sua esposa. Se é por causa disso que estamos tendo essa maldita discussão...

O homem sacudiu a cabeça, querendo me dizer algo, que eu não acho que conseguiria compreender. A linha de comunicação entre nós dois, pareceu ter sido cortada. Drasticamente.

— Você sabe que não é por isso também.

Eu o encarei, confusa, notando que seus olhos já não emanavam apenas rancor, havia desejo também. Um que ele me demonstrou pelo menos um *milhão* de vezes. Eu já não me

orgulhava disso, mas conheci cada necessidade primitiva desse homem. Assim como podia, somente ao fechar os olhos, imaginar seu toque sobre a minha pele. O cheiro da colônia. O gosto da sua boca e de cada pedaço rijo dele.

— Não, Adam, eu acho que não sei.

Primeiro, o filho da mãe encostou a testa na minha e, em seguida, me calou com um ataque bruto, que me fez gemer. Não apenas por experimentar a boca dele sobre a minha, mas pelo prazer que eu parecia não sentir por toda uma eternidade.

Os lábios duros, exigentes. A força com que esse homem me imprensou contra a parede e roubou de mim cada motivo, cada juízo.

As minhas mãos procuraram selvagememente pelo seu cabelo, da mesma forma que as dele mantiveram o meu rosto à sua mercê. Deixando-me sem outra opção que não a de aceitar o que a sua língua exigia.

De olhos fechados, nós nos perdemos em um único beijo... e ele foi enlouquecedor.

— Caralho! — Fechei os olhos ao escutá-lo praguejar, sua boca ainda colada a minha. Mantendo-me presa em um ardor que nenhum dos dois quis colocar um fim. E talvez, por essa razão, não tenhamos sido capazes de nos afastar ou beijar como dois seres humanos normais.

Adam e eu não precisávamos respirar, nem tomar fôlego. Só queríamos sentir um ao outro, da forma inconsequente que fosse.

A mão grande agarrou-me pelo cabelo, movendo meu rosto de um lado ao outro conforme nossas bocas se encaixavam

mais profundamente. Como se já não fosse o bastante que eu estivesse me sentindo engolida por Adam.

Quando ele escorregou os seus dedos pela minha cintura, apertando-a com tanta força que eu só consegui me perguntar se Adam não desejava arrancar um pedaço de mim quando se fosse. E, dessa vez, eu não me referia ao meu coração.

O pensamento por si só, me impediu de reagir.

Ao perceber que eu já não correspondia ao beijo, Adam suavizou a pressão de sua boca. Sem realmente se afastar.

Não sei quanto tempo ficamos assim, nos entreolhando. Respirando o ar um do outro. Mas quando interrompeu o beijo, o seu corpo teve uma reação contrária. Adam me esmagou contra a parede, e respirou fundo. Como se tentasse acalmar o animal ferido dentro dele.

Meus lábios, agora inchados, formigaram em resposta. Os toquei, desejando uma prova de que havíamos mesmo feito isso, apenas para encontrá-los úmidos e quentes.

Os beijos de Adam sempre foram como um fósforo acendido sem propósito algum, mas com o poder de colocar abaixo toda uma cidade.

— Esse é o momento que você diz que foi um erro — murmurei, próxima ao seu ouvido, fazendo-o me encarar com olhos febris de tão duros.

— Preciso que vá embora, Georgia. Preciso não, eu quero que você vá.

— Você quer — voltei a murmurar, sem acreditar na estupidez desse homem.

— Eu me recuso a ter de lidar com você outra vez.



— Teve que beber para me dizer isso?

— Diga que me escutou.

Adam pareceu pior do que quando chegou essa noite. Olhar para mim... me beijar, o tinha deixado em seu limite. Por isso insisti, instantes depois de limpar o gosto de sua boca da minha.

Bem ali, diante dele.

— Do que tem medo, Adam? De perder a cabeça e não ser capaz de manter as suas mãos longe ou de perceber que nunca apagou da memória o que tivemos?

— Você ficou louca.

— Talvez. Ou, então, apenas piorei. Não era o que gostava de jogar na minha cara? Que eu era como ela?

— E você é, porra! Nunca pensa nas consequências... é egoísta! Só faz merda com a sua vida. Você toma todas as decisões erradas, Georgia.

— Você é uma delas — sussurrei, arisca.

Vendo-o andar de um lado a outro, fiquei tonta.

*Quem esse cretino arrogante metido a sabichão pensava que era para julgar as minhas escolhas e os meus erros?*

Seu diploma não o tornava melhor do que eu, nem mesmo fazia dele um juiz de valor.

— Sabe o que não entendo? — continuou esbravejando o ódio que sentia de mim. — Por que ela e não você? Por que a minha esposa, mãe das minhas filhas, com um futuro inteiro pela frente, teve de partir? E não... — Adam passou os dedos pelo seu cabelo, de modo perturbado enquanto eu tentava me recuperar do choque.

Não que me achasse capaz.

As coisas que esse homem dizia na hora da raiva eram difíceis de serem esquecidas.

— Você queria que tivesse sido eu — constatei. — Seria mais justo, não é? Afinal, eu não tenho filhos ou alguém que me ame. É assim que escolhe os pacientes que merecem ou não viver, Dr. Preston? Pelo que possuem?

Adam engoliu em seco, tendo a decência de parecer minimamente desconcertado.

— Não é minha culpa não ter ninguém, ou você acha que isso aqui... — aponte para o meu rosto — não foi por tentar? E quer saber quantas vezes eu tentei, Adam? Centenas.

O infeliz permaneceu calado, com as narinas expandindo-se conforme inalava o ar.

— Odeie-me por estar viva, mas faça isso longe, a quilômetros de distância de mim! — gritei, atravessando a sala em um impulso e abrindo a porta para que ele saísse.

— Em algum momento, você vai cair na real e perceber que voltar foi um erro — o maldito proferiu como uma sentença, antes de partir.

— Eu já acho — resmunguei para a porta batida com força, gritando de raiva e dor, ao ficar sozinha.

O choro veio quando percebi que o beijo de Adam seria apenas outra memória que eu teria para lembrar nos momentos de desespero.

## ***Adam***

A canção no rádio, na maioria das vezes apenas ignorada, pareceu querer discutir comigo os motivos pelo qual eu havia perdido a cabeça hoje.

Furioso, perdi a conta de quantas vezes busquei pelo resquício dela em minha boca, xingando-me ao perceber que o que fazia era errado.

Porque beijar outra mulher com tanta vontade, já teria me feito sentir como um filho da puta. Agora beijar Georgia... em que tipo de homem isso me transformava?

Traí uma para ficar com a outra. E agora, em um lapso fodido de fraqueza, eu quase arranquei a boca da garota que havia abandonado.

Bati a cabeça insistentemente contra o couro bege do Jeep que dirigia, repetindo que Georgia já era uma mulher. E que retribuiu com o mesmo ímpeto e loucura. A boca molhada, quente como deveria ser o inferno... Eu teria parado por aí, se não fosse o choramingo que escapou de seus lábios. Os ofegos baixos que consumi um após o outro.

Como um viciado.

*Caralho, eu havia saído daquele estúdio há minutos e ainda estava duro!*

Dando um soco no volante, eu alonguei o pescoço enrijecido pelo estresse procurando me acalmar.

Algo que só consegui ao chegar em casa.

Entre acender cada luz apagada e subir diretamente até o meu quarto, eu optei pela segunda alternativa, depois, é claro, de

pegar uma das garrafas escondidas no armário alto da cozinha. As meninas iriam passar a noite com Grace, ficou decidido em um telefonema que mais preocupou a Sra. Preston do que o contrário.

Tudo o que eu precisava no momento era ficar sozinho, pelo menos, até ter a certeza de que conseguiria olhar para as minhas filhas sem sentir que havia cometido um erro. Pensar nelas, e em Hannah, fez com que eu caminhasse até o fim do corredor e abrisse a porta do quarto em que não fui capaz de dormir desde a morte de minha esposa.

Descalço, abri a camisa que vestia e tomei o primeiro gole do que seria a forma mais rápida de apagar, desejando, pela primeira vez, que fosse Hannah a preencher cada partícula de espaço dentro do meu cérebro.

Foi ela quem esteve ao meu lado por todos os últimos anos, me escutando e apoiando de todas as formas.

Nunca foi loucura entre nós dois. *Foi paz.*

Uma paz que nunca tive com Georgia.

## **Georgia**

Fitei o teto, esperando pelo momento em que a dor em meu tornozelo assumiria o comando do meu corpo. Eu podia lidar com ela, mas não sei se conseguiria lidar com todo o resto: Adam, o beijo, as filhas dele, essa cidade.

Suada, de rolar a madrugada inteira sobre os lençóis, eu dei um fim à tortura ameaçando deixar-me louca e me levantei.

A água gelada jogada suavemente em meu rosto despertou-me a ponto de pensar nas possibilidades que eu tinha. Não eram nem oito da manhã e eu sentia como se o dia já pudesse terminar, principalmente porque em todo o momento em que Adam esteve aqui na noite passada, a dor em meu tornozelo fora completamente ignorada. Não que o calor irradiado de dentro de meus ossos fosse permitir que eu sentisse algo que não a aflição quente que pareceu se agarrar a minha pele.

Olhei para o meu pé, notando o inchaço mais pronunciado.

Eu poderia tomar analgésicos comuns, pensei, mas a ideia escapou rapidamente, porque conhecia o meu corpo. E o problema com hábitos ruins era que uma caixa inteira deles não fariam a dor passar.

O toque do meu celular, apoiado sobre a mesa da cozinha, me fez atravessar a sala e olhar para a tela, onde o nome de Connor piscava. Hesitei antes de pegá-lo, mas a curiosidade destrutiva falou mais alto.

**CONNOR:** *Não foi minha intenção te machucar, minha rainha. Volte para casa, volte para nós dois, que eu prometo que nunca mais...*

Não consegui terminar de ler a mensagem, de tão nervosa que fiquei. Então fechei meus olhos, impedindo-me de reviver o acontecido enquanto buscava por uma rota de fuga. Algum alívio. Fosse da dor no meu tornozelo, fosse da que crescia em meu interior.

*Pelo menos agora eu tinha uma desculpa*, pensei, ao imaginar o que teria de fazer para conseguir a maldita receita. E talvez, se tivesse sorte, Adam nem estaria de plantão. Nenhum outro médico acharia estranho que uma ex-dançarina precisasse de algo um pouco mais forte para anestesiá-la a dor, não haveria perguntas ou julgamento que não o meu próprio.

Decidida, vesti a primeira coisa que encontrei, que acabou sendo um short jeans rasgado e uma *T-shirt* de onça, jogada por cima do sutiã de renda que eu já usava. Escovei meus dentes, preendi o cabelo e fui à luta, ignorando o risco que corria de justamente dar de cara com aquele homem outra vez. Não sei se suportaria em tão pouco tempo.

A mera possibilidade me fez formigar por dentro. Como se as próprias mãos de Adam estivessem agora mesmo me tocando em lugares íntimos e... escorregadios.

— Merda, Georgia. Não seja tão tonta! — recrimei-me, chateada comigo, porque a verdade era que eu havia chorado a noite inteira depois de ouvir da boca daquele filho da mãe arrogante que deveria ter sido eu e não Hannah.

*Infeliz de uma figa*, pensei ao me ver diante da clínica cuja fachada já não era nada parecida com a de tantos anos atrás. Adam, ao que parece, transformou o lugar em algo luxuoso.

— Foda-se, o que eu tinha a perder? Todos já pensavam o pior a meu respeito de qualquer forma.

Foi o que usei de incentivo para entrar, sendo capaz de descrever com exatidão a última vez em que tinha pisado nessa recepção.

Lembro-me de estar passando mal, e o Dr. Preston, pai de Adam, ainda estava vivo. Era ele, aliás, quem sempre me atendia e demorei a entender que era porque mamãe não pagava as consultas. *Não com dinheiro, pelo menos.*

Algo que nunca fui capaz de dividir com ninguém, porque eu morria de medo que, ao descobrir, Adam acabasse me odiando. Como se o final não tivesse sido exatamente esse. Cada escolha que tomei pareceu me empurrar exatamente ao mesmo lugar. Porque, lá no fundo, Adam sempre procurou por razões para me manter distante. Para que fosse mais fácil me deixar.

Voltei a pensar na última consulta com o seu pai, em como ela parecia um borrão em minha cabeça agora, assim como a forma séria com que me encarou. Já naquela época, os pais de Adam deveriam saber quais eram as minhas intenções. Afinal, eu vivia na cola do filho deles.

— *Você deveria ser mais esperta.* — disse-me o Dr. Preston.

— *Eu sou esperta.*

— *Se fosse, se manteria longe do meu filho.*

Penso que, se eu o tivesse escutado, não haveria tantas marcas e decepções hoje, mas também não haveria a memória de tudo o que vivi com seu filho. Os beijos, o sexo. O que senti por ele. Posso ter sofrido no final, mas e tudo o que eu aprendi?

— Bom dia, querida, nós ainda não estamos atendendo...

— A mulher se calou ao me reconhecer, comigo fazendo o mesmo. Ava não mudara quase nada, pensei ao prender a minha respiração. O mesmo rosto redondo e simpático, os cabelos grisalhos desde nova. A única coisa diferente nela agora era o modo assustado com que me encarou. — Georgia.

— A única — respondi, sendo surpreendida ao vê-la sorrir.

— Menina, você se tornou uma mulher linda — disse, genuinamente. — Está tão...

— Exausta? — Eu não era indiferente ao que os anos fizeram comigo. Sempre tive o mesmo tipo de beleza que a minha mãe, traços fortes, marcantes. Estatura baixa e seios maiores do que eu gostaria de ter tido na adolescência. E ainda que chamasse a atenção pelas ruas, eu não era cega, podia ver a tensão em meu rosto e as olheiras abaixo de meus olhos.

Fora que ser bonita nunca me trouxe vantagem alguma. Pelo contrário, só trouxe problemas a minha vida.

— Eu diria que... adulta — Ava me avaliou, acredito que se perguntando o que eu fazia àquela hora na clínica. Dando-se conta de que somente uma emergência me levaria até o *território inimigo*.

Algo que descobriu ao olhar para o meu tornozelo.



— Sinto muito, querida, sente-se aí. Vou ligar para o Adam. A essa altura, ele já deveria ter chegado... — Ava verificou o relógio, indiferente ao fato de que escutar o nome do seu chefe me deixou enjoada. Para não dizer, hesitante.

Foi essa hesitação que me fez dar as costas a Ava e fitar a porta pela qual eu havia entrado, prestes a escapar. E o teria feito, se aquele não tivesse sido o momento no qual Adam entrou, detendo-se instantaneamente ao me ver.

— Que bom que chegou, eu iria agora mesmo telefonar para você. — Ava o recebeu, adiantando-se em pegar a pasta e o casaco dele. — O tornozelo dela — revelou, em um tom de voz baixo, com o olhar sério deixando claro que não aceitaria uma recusa de Adam.

Porque era o que o maxilar rígido demonstrava: que o infeliz preferiria me deixar com dor a ter de me atender.

— Você o forçou? — A pergunta reverberou pela recepção, como se ele não tivesse estado lá na noite passada. Porque toda e qualquer imprudência que eu cometi, foi na presença dele.

— Você estava lá, Adam. Eu forcei?

Ava arregalou os olhos e aproximou a pasta e o casaco do seu próprio corpo. E, ao receber um olhar contrariado de Adam, a mulher se adiantou.

— O consultório de atendimento já está organizado, prepare tudo que eu mesma acompanho Georgia até lá.

*Merda. A última coisa que eu precisava era ficar sozinha com esse homem,* pensei ao fitar o corredor para o qual ele seguiu.

— A clínica passou por algumas reformas nos últimos anos, no andar de cima... — Ava apontou para a escadaria que se dividia em dois lados no topo — ficam os consultórios: ginecologia, cardiologia e outras especialidades. Aqui embaixo nós atendemos emergências ambulatoriais como a sua... A verdade é que recebemos de tudo um pouco, desde quedas a primeiros socorros. Adam conseguiu uma afiliação direta com o hospital geral, isso facilita as transferências.

Assenti, distraída, sem realmente dar-lhe atenção.

— Ava, eu acho que não está doendo tanto assim. — Fraquejei. — Se eu descansar um pouco, é provável que a dor passe sozinha.

— Sinto te informar, querida, mas seu tornozelo está inchado. Por isso não seja teimosa. Onde está a menina que morria de medo de lesionar a perna?

A menina parou de se importar quando deixou de dançar por amor. E passou a fazer por necessidade.

— Você adorava dançar.

— Eu amava — corrija-a, pensando que tudo o que amei nessa vida de algum modo se tornou tóxico.

— Não ama mais? — souu interessada, enquanto entrava comigo dentro da sala de atendimento. Havia uma maca na qual me ajudou a sentar.

— É difícil amar algo que mais te machuca do que faz bem.

E isso valia para tudo.

— Você sempre foi intensa, não é? — disse com um discreto sorriso em seu rosto. — Não deixem que te magoem por

ser assim, querida. Ou que te façam acreditar que *sentir demais* seja uma fraqueza. Porque não é.

Assenti, não querendo ter essa conversa, engolindo o meu orgulho inteirinho ao ver Adam se aproximar ao passo que Ava nos deixava a sós. A tensão aumentou consideravelmente quando ele puxou uma banquetta e se sentou à minha frente, fazendo-me prender a respiração.

Não era possível que ele não soubesse que *nos tocar* não era seguro. E ainda que soubesse, isso não o impediu de avaliar o estrago no meu tornozelo.

— O que está sentindo? — perguntou, de forma profissional. Sem demonstrar nada que não fosse preocupação clínica.

— Dor. Eu... — Segurei sua mão antes que ele cometesse o erro de encostar em mim. — Eu só preciso de uma receita, algo forte e tudo ficará bem.

Se era para passar por isso que, pelo menos, eu fosse direto ao ponto. Ainda que desconfiasse que Adam não me deixaria passar pela consulta tão facilmente quanto qualquer outro médico o faria.

O homem me conhecia.

— Algo forte — repetiu minhas palavras como se eu tivesse acabado de lhe pedir alguma droga. — Por isso que veio?

— É só um remédio, Adam. — Eu sabia que não era.

*Opioides* eram hoje considerados como o vilão número um dos Estados Unidos, e essa era uma notícia retratada em cada manchete de jornal americano. Eu vinha de inúmeras tentativas de parar, e já não os usava como forma de alívio há anos.

O problema era que desde que cheguei a *East Village*, as coisas haviam ficado um pouco difíceis.

— Se é dor o que está sentindo, então tome analgésicos comuns. Eu não vou receitar nada além disso para você. — Adam se levantou, o toque quente da sua mão foi interrompido enquanto ele me dava as costas.

— Julgar é com você mesmo, não é? — retruquei, levantando-me. — O menino de ouro que sempre faz tudo corretamente. Nunca pisa em falso...

— Há uma enorme diferença entre *pisar em falso*, Georgia, e te receitar uma droga que tem matado milhares de pessoas diariamente. Ou você acha que eu já não perdi pacientes por causa dessa merda?

— Não aja como se você se preocupasse, Adam — grunhi baixo. — Não é justo que seja você a decidir isso...

— Há quanto tempo está nessa?

— Eu não sou uma viciada.

— Engraçado, pois isso é exatamente o que uma viciada diria. — Ao vê-lo se afastar, eu me levantei causando-me um pouco mais de dor. — Eu ainda não terminei.

— Mas eu já, e se não vai me dar o que quero, então não vejo por que continuar aqui.

Adam me encarou, como se não reconhecesse a mulher a sua frente.

*Às vezes, nem eu mesma me reconhecia.*

— Odeio que você olhe para mim como se eu fosse uma qualquer, Adam. O pior tipo de mulher. Você já não me conhece, não sabe o que tive que passar para estar aqui hoje, de pé, em

frente a um cretino arrogante que se acha superior. E por quê? Por que tem a porcaria de um diploma?

— Não vou aceitar que grite em meu consultório. Quer fazer outro de seus escândalos, faça fora daqui, Georgia.

— Eu só quero a receita — pedi, desesperada.

Qualquer coisa que não me fizesse sentir absolutamente tudo, por, pelo menos, alguns instantes.

— E já falei que não darei. — Encarei-o, frustrada, vendo-o pegar uma caixa de remédios de um dos armários, além de uma pomada para a dor e me entregar. — Tome um analgésico desse a cada seis horas e passe o creme em seu tornozelo, que eu aposto que amanhã já não sentirá nada — disse friamente. — Agora, em relação ao seu rosto, quer que eu dê uma olhada?

Eu quase havia me esquecido do hematoma, e, ao perceber que não fiz nada para escondê-lo essa manhã, eu senti vergonha por saber que Ava também o tinha visto.

— Não é necessário — consegui dizer, desviando meus olhos dos dele.

— Claro, é provável que já esteja acostumada. — Suas palavras me feriram, mas não seria a primeira vez. Adam parecia querer exatamente isso: machucar-me a ponto de me fazer pensar duas vezes antes de entrar em seu caminho.

— É o que acha? Que eu realmente me transformei nela?

— Você já se olhou no espelho? — rebateu, com severidade. — Você se parece com ela, você se veste como ela... Não me surpreenderia se houvesse algum homem, em algum lugar, acostumado a fazer o mesmo que aqueles homens faziam com a sua mãe.

*Seu pai era um deles!*, quis gritar, mas me calei. Porque a verdade é que o Dr. Preston nunca bateu em minha mãe, não que eu me lembre, mas ele esteve em nosso trailer tantas vezes que me faltavam dedos para contar. E eles discutiam e gritavam um com o outro.

Grace nunca revelou, mas algo me dizia que ela sabia das visitas do marido a minha mãe. *Por qual outra razão aquela mulher me odiaria tanto?*

— Você não é só *filho da sua mãe*, Adam. Você também é cruel como ela. — Foda-se a dor que eu sentia, ele estava certo. Em um, no máximo dois dias, ela teria desaparecido. O problema aqui é que eu nunca fui boa em esperar.

Por nada.

— Oh, já terminaram? — Ava entrou no consultório, como se estivesse à espera de um momento adequado para nos interromper.

— Já. Adam se tornou um médico brilhante, Ava, igualzinho ao pai dele.

Passei pelos dois, escutando a voz dela atrás de mim.

— Voltou para ficar, Georgia? — perguntou, adiando a minha partida por alguma razão.

— Não.

— Achei que a veria quando Adeline morreu — insistiu, fazendo-me parar e tentar entender o que pretendia. — Que Deus a tenha. Vocês duas eram tão apegadas.

— Sim — afirmei. — Mas eu não soube quando aconteceu. Acho que se esqueceram de me contar.

Adam, que pareceu ter escutado, se intrometeu na conversa:

— Mas da herança te contaram, certo? — A voz grave estragou a aparente tentativa de Ava em suavizar a situação.

— Não é estranho, Adam? — o questioneei. — Não que eu tenha ficado sabendo por sua mãe, foi preciso que os advogados de Adeline me encontrassem depois de semanas, para que eu fosse avisada sobre a morte dela. Então, de repente, a benevolente Grace Preston se ofereceu para cuidar pessoalmente da venda do estúdio.

— Ela está tentando ajudar.

— É realmente o que acredita? Que sua mãe, a mesma que sempre me tratou como lixo, deseja apenas me ajudar?

— Não vou discutir com você, não aqui. — Olhei ao redor, vendo que havia duas pessoas à espera na recepção. E que Ava parecia mortificada em seu lugar, sem saber a quem apoiar.

Virei-me, querendo mais do que depressa sair daquela maldita clínica.

— Georgia? — Fui chamada pela voz grave, mas dessa vez eu não parei. Não até escutar suas próximas palavras. — São duzentos dólares.

*Por que eu esperaria que fosse diferente? Adam era filho de quem ele era, não é?*

Virei-me em sua direção.

— Claro. — Peguei as poucas notas que havia trazido comigo, recusando-me a contá-las na frente de Adam ou Ava. Seria humilhação demais.

— Quer saber, essa é por conta da casa, menina. Você está de volta e isso é tudo o que importa — Ava mediu, mas eu já estava decidida. — Não é, Dr. Preston?

Quando o cretino não respondeu, eu o ataquei. Empurrando o dinheiro contra o seu peito, que mal se moveu.

— Não, Ava. Eu faço questão de pagar. — Eu o encarei, ignorando-a. — Eu odiaria ser a responsável pela falência do Dr. Preston. Diferente de mim, ele possui muitas pessoas que se importam com ele.

Não fiquei por tempo suficiente para ouvir o protesto que fosse da boca de Ava, e muito menos a grosseria de Adam. Eu simplesmente saí, enquanto contava mentalmente o que havia me restado. Levando em conta que eu ainda precisaria abastecer a geladeira para os dias que passaria na cidade, não me restaria nada.

Nem um dólar que fosse.

A menos, é claro, que eu aceitasse o dinheiro de Grace. O problema de aceitar a ajuda daquela mulher era que o preço dela no passado custou a vida do meu bebê.



## ***Adam***

Entreguei o dinheiro a Ava, recusando-me a olhar para as duas notas amassadas. O golpe tinha sido baixo até mesmo para mim, mas, quando se tratava de Georgia, eu sempre perdia a cabeça. Essa era a razão pela qual eu precisava que ela se mantivesse distante, porque eu já não tinha tanta certeza de que eu não conseguiria ir atrás dela. Ou pior, não repetir o desastre que foi a noite passada.

— Não posso acreditar no que fez, Adam! — Escutei a reprimenda de Ava, como se eu fosse a porra de um garoto.

Ao se dar conta de que eu não havia me movido, ou expressado qualquer emoção, ela prosseguiu:

— Desde quando você decide quem paga ou não?

Eu não a encarei, apenas segui em direção ao meu próprio consultório certo de que Ava me acompanharia.

— No fim, Grace está certa. Uma coisa é ajudar quem realmente precisa, outra é fazer favores somente porque Georgia e eu fomos amigos um dia.

— Amigos — repetiu, jogando a mentira na minha cara. — Não é possível que continue enganando a si mesmo, Adam. E mais do que isso, que tenha se tornado um homem que toma decisões motivadas pela raiva que sente. Porque, se não estivesse tão disposto a punir a pobrezinha, você teria notado que ela parecia desesperada.

— *Pobrezinha. Menina....* Quando é que irão começar a enxergar Georgia pelo que ela é? Uma mulher? Que teoricamente deveria ser a responsável pelas coisas que faz.

— E o que ela te fez, além de engolir o orgulho e vir até aqui buscar por atendimento?

Ela não veio buscar por ajuda, porra, ela veio buscar por drogas.

Médicos do mundo inteiro poderiam ir contra a minha afirmação, e dizer que opioides eram somente remédios. Que não causavam vícios em pessoas que já não fossem pré-dispostas. Mas essa era a indústria farmacêutica criando e disseminando discursos prontos, sem experiência alguma em emergências hospitalares.

— Se ela foi capaz de vir até aqui buscar por *atendimento*, como está dizendo, então nada mais justo que também seja capaz de pagar por ele.

— Você me ouviu dizer que Georgia parecia desesperada?

— Georgia herdou o estúdio, Ava. A última coisa que ela está é desesperada! — revelei, sem paciência. — Não foi por Adeline que ela retornou. — *Muito menos pela minha esposa, ou por mim*, pensei. — Foi por dinheiro.

— E você a julga por isso.

— Como não poderia?

Ava se aproximou, sem se intimidar com o meu péssimo humor.

— Você já parou para pensar, Adam, que aquela garota se importa tanto com dinheiro... porque, talvez, seja algo que ela não tenha?

Eu me afastei, olhando para a janela cuja vista era a cidade e mais além o lago que parecia cobrir cada aresta de *East*

*Village.*

Tentei não me recordar da garota que Georgia foi. As roupas usadas que Hannah sempre lhe deu, nunca com dinheiro e sempre faminta. Quantas vezes Hannah não me disse que, se não tivesse sido por ela e seus pais, Georgia teria passado o dia inteiro sem comer?

Mas eu não queria voltar lá, sentir pena da mulher que fugiu dessa cidade sem nunca olhar para trás.

— Se Georgia voltar, você a envia para o clínico geral. — Pouco me importava se Ava iria cobrar ou não, desde que eu não tivesse que olhar para Georgia outra vez.

— Você era jovem, mas eu me lembro como se fosse hoje, Adam. A forma como ficou preocupado quando ela foi embora.

— Toda a cidade ficou! — rebati na defensiva.

— Mas algumas pessoas ficaram mais do que outras. Não se esqueça disso.

Ava saiu, deixando-me sozinho para lidar com o meu próprio inferno. Sufocado ao perceber que tudo o que vivi com aquela mulher parecia simplesmente não querer sair da minha mente. Como uma teia da qual eu jamais seria capaz de me livrar.

— *Ei, o que foi? — Hannah entrou no meu quarto extremamente pálida. E sem dizer nada, ela se sentou ao meu lado e respirou fundo. Tremendo inteira. — Amor?*

— *Ela fugiu — disse baixinho, com os dedos movendo-se de forma nervosa.*

— *Quem fugiu, Hannah?*

*Um pensamento passou pela minha cabeça, mas não poderia ser. Georgia jamais seria tão estúpida. Desaparecer, sem dizer nada a ninguém, não era algo que eu esperava dela, não após todas as suas tentativas em me fazer prestar atenção a ela. E ainda que os últimos dias não tenham sido fáceis, tudo pareceu ficar pior após a festa na casa de Ethan. Esperei seu ataque por todo esse tempo, o momento em que usaria a mentira para fazer com que Hannah se sentisse culpada, mas o confronto nunca veio.*

*Ela pareceu apenas ter desistido.*

*— Georgia, Adam! Eu escutei os meus pais conversando e ele disse que a mãe dela o procurou... e, pelo que entendi, faz três dias que Georgia não volta para casa. Três dias, e só agora aquela mulher decidiu procurar pela filha?*

*Senti como se tivesse acabado de levar um soco em meu estômago, porque, ao contrário de Hannah, eu notei a ausência de Georgia. Ela não fora as aulas, ou foi vista com qualquer um de meus amigos. Era como se eu não escutasse sua risada há séculos.*

*Só que a última coisa de que Hannah precisava no momento era descobrir que, mesmo a distância, eu mantinha um olho na garota que um dia foi a sua melhor amiga. Algo que eu fazia somente porque queria me certificar de que ela ficaria bem, que não cometeria qualquer loucura.*

*— Eu sou horrível, não sou? Eu não notei, Adam... Ela não foi a aula ontem e nem hoje... e eu não notei. Mas...*

*— Hannah. — Tentei fazer com que olhasse para mim, segurando o seu rosto entre as minhas mãos.*

— E se aconteceu algo? E se ela nunca mais voltar?

— Ela vai voltar — falei. — E mesmo que não volte, lembre-se de que Georgia não é responsabilidade nossa.

Nós tínhamos feito uma escolha, eu havia feito.

Com os olhos cheios de lágrimas, Hannah me encarou. Mas até olhar para ela era difícil, pensei, ao me afastar. Meus olhos se fixaram em sua casa, que podia ser vista através da janela do meu quarto.

A mesma janela em que peguei Georgia tantas vezes me olhando, sorrindo ou jogando o cabelo para trás, em uma tentativa de chamar a minha atenção.

E ela conseguiu.

Na escola, sempre que podia, a garota, sem querer, esbarrava em mim. Ou ria muito alto, de forma que era impossível não parar o que eu estivesse fazendo para olhar em sua direção. Então suas bochechas ficavam vermelhas, como se a sua tentativa em me seduzir terminasse ali e ela não soubesse o que fazer além daquilo. Sei que não fui o seu primeiro beijo, mas fui o primeiro homem com quem esteve. O sangue em meu lençol era a prova, ainda que os garotos falassem coisas que eu nunca gostei de escutar a respeito dela.

Coisas que me fizeram entender que Georgia não era o que eu procurava.

— A culpa é minha — Hannah disse, enquanto tudo em que eu conseguia pensar era que, se havia um culpado aqui em toda essa confusão, éramos eu e Georgia.

Porque não satisfeita em foder com a porra da minha cabeça, ela parecia disposta a não permitir que eu seguisse em

*frente.*

*— Tudo o que ela quer é atenção. Hannah. Georgia sempre fez esse tipo de coisa. — Havia uma carência nela, que a tornava impulsiva e que podia ser descrita pela forma como se vestia e se comportava.*

*— Você acha?*

*— Eu tenho certeza. — Virei-me para Hannah. — Quando Georgia perceber que ninguém se importa, ela irá voltar.*

*— Mas eu me importo, Adam. Eu sempre vou me importar — escutei-a dizer em um murmúrio, enquanto apertava os pingentes em seu pescoço com a sua inicial e a de Georgia.*

*Se Hannah soubesse como eu odiava aquele colar, ela nunca mais o usaria na minha frente.*

Caralho, não era costume pensar naquele dia, principalmente porque eu não gostava de ter de admitir que estive errado. Que, diferente do que acreditei, Georgia não voltou quando se sentiu sozinha.

Até agora.

## **Georgia**

Voltei ao estúdio de Adeline em uma missão: vasculhar tudo o que ela tinha para que eu pudesse vender. O incômodo em meu pé não me impediu de procurar em cada canto por algo de valor. Dinheiro rápido era o que eu precisava, porque a ideia de ter de pedir a Ethan, sendo que não havia sequer começado a trabalhar, não era uma opção.

O problema era ter de separar o que estava em boas condições e o que não estava. Adeline foi uma mulher organizada, mas também acumuladora. Por isso, fiz o possível para começar a reunir em um canto o que valeria a pena vender, perguntando-me em silêncio até onde eu seria capaz de ir para que *East Village* voltasse a ser somente uma lembrança, o que me levou a outra alternativa.

Orgulho nem sempre enchia a barriga, foi algo que aprendi a duras penas.

— *Georgia*. — O tom de voz de Grace soou desagradável ao me atender.

Não era como se eu estivesse exultante em ter de recorrer à bruxa má.

— Podemos conversar?

Um silêncio se fez no outro lado da linha, até que ela respondeu:

— *Claro. Eu estarei na clínica agora pela manhã, mas podemos nos ver depois do meu encontro com Adam.* — Esforcei-me a não revirar os olhos diante da menção do seu filho.

— Está ótimo para mim.

Agitada, passei o restante da manhã perdida entre caixas, papelão e entulhos. O próprio calor do meu corpo amenizou a intensidade da dor.

Marcava meio-dia quando Grace deu o ar da sua graça, deparando-se comigo sentada em frente a um velho baú de recordações que consegui arrastar para o corredor.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou como se fosse a dona do lugar.

— Separando o que pode ser vendido e o que precisa ser jogado fora. — Endireitei o meu corpo, que já não era tão flexível quanto fora aos 16 anos.

Ignorando-me, Grace pisou sobre alguns entulhos e papéis caídos no chão e observou do lado de fora o escritório de Adeline, dando-se conta de que eu havia arrancado vários objetos da prateleira e os separado em caixas.

— Vejo que já se apossou de tudo.

— É meu, não é? — O comentário fez com que ela me encarasse, incapaz de esconder sua raiva. Pois éramos duas, porque eu também a odiava.

— Não sei como a sua mãe não apareceu ainda. Você sabe como Darana tende a sentir o cheiro de dinheiro de longe...

— Não imaginei que fossem tão próximas, Grace. Essa é a segunda vez que você se refere a ela em tão pouco tempo.

— Darana é um problema do qual eu já me livrei, garota. Mas é impossível olhar para você e não pensar nela.

— E isso é o que te mata por dentro, não é? Que eu seja tão parecida com a minha mãe.



Grace ergueu o rosto, de forma arrogante, apertando tão fortemente os lábios que a boca pintada de rosa se transformou em uma única linha.

— Você nunca me enganou. Pode ter enganado Hannah, o meu filho... mas eu sempre soube exatamente o tipo de mulherzinha que você iria acabar se transformando.

— Eu não sou responsável pelos pecados da minha mãe, sabia? — A mulher compreendeu ao que eu me referia, ela não era burra. — Mas não foi para falarmos sobre Darana, ou o que ela fez no passado, que eu a chamei aqui.

— Claro que não.

— Você me ofereceu dinheiro para ir embora — lembrei-a, e Grace não confirmou ou negou. Esperta demais para cair em qualquer armadilha. — Pois eu quero o dinheiro.

Os olhos verdes se estreitaram.

— Está me dizendo que vai embora? — perguntou cautelosa.

— Não. Estou dizendo que quero o dinheiro. Embora eu só vou quando esse lugar for vendido.

— Acho que você não entendeu a proposta que te fiz, querida. Não é assim que as coisas serão.

— Quem não entendeu foi a senhora — retruquei. — Eu vou ficar em *East Village* até que a senhora encontre um vendedor para esse lugar, já que faz tanta questão — menti, porque a verdade é que eu não cruzaria os braços enquanto ela assumia o controle da minha vida. — Só que até que isso aconteça, eu quero o dinheiro.

E se a proposta de me ajudar fosse alguma de suas tentativas em ferrar comigo, Grace aprenderia da pior forma que eu já não era inofensiva. Ela tinha sido a única a fazer com que eu aprendesse a jogar sujo.

— Ou? — sondou em um tom de voz ríspido.

— Ou eu conto ao seu filho sobre o que a senhora me obrigou a fazer — declarei, sem um pingão de preocupação em minha consciência.

Porque, no fundo, eu sabia que Grace estava apavorada com a possibilidade de que eu fosse foder com ela. Dizer toda a verdade a Adam era algo que a mataria, ainda que eu soubesse que os estilhaços me atingiriam também.

— Adam jamais acreditaria em você.

Dei de ombros, mostrando que eu não poderia me importar menos.

— Eu posso ser bem convincente quando eu quero, Grace — ameacei. — Além disso, eu fico pensando o que as pessoas diriam quando descobrissem que a prefeita desse inferno de lugar arrastou uma garota de 16 anos até uma clínica clandestina e a obrigou a abortar. Pior, eu imagino o que as suas netas diriam. Porque se eu tivesse tido o meu bebê... eles teriam sido irmãos, não é?

— Fique longe da minha família, sua biscatezinha.

— Pode me chamar do que quiser, eu já não me importo — falei, despreocupada.

— Se acha que eu vou permitir que me ameace dessa forma e saia ilesa...

— Eu só quero o dinheiro, Sra. Preston. Foi você quem veio até aqui e o exibiu na minha frente, como se eu fosse me jogar sobre aquelas notas. Você acertou, eu as quero, mas não porque acho que você seja uma mulher generosa e sim porque você me deve.

— Eu não te devo nada.

— Você me deve tudo! — gritei, finalmente colocando para fora o que eu sentia.

Grace me observou, notando a raiva que escapava pelos meus poros. Todo o rancor. E sem dizer uma palavra, ela pegou um bolo de notas, maior do que o primeiro que me ofereceu e o colocou sobre uma das caixas, como se não significassem nada para ela.

— Você vai se arrepender disso.

Garanti que não haveria chance de Grace recuperar o dinheiro, guardando-o no bolso de trás do meu short, e a encarei.

— Eu tenho certeza que sim.

Quando se tratava dessa mulher, eu sempre esperava o pior, pensei ao me levantar disposta a fazer com que a Sra. Preston entendesse que a nossa conversa chegara ao fim.

— Você era só uma criança.

— O quê? — perguntei, confusa.

— Não percebe, não é? Se tivesse levado aquela gravidez adiante, você teria destruído a sua vida e a do meu filho. Eu apenas te livreii de um problema muito maior.

— Meu bebê nunca teria sido um problema. — Ela ficou pálida ao ver me aproximar. — E se acha que eu tenho que ser grata a senhora é porque não me conhece — disse baixo. —

Aquele bebê era o seu neto, Grace, por mais que tenha decidido ignorar a verdade. Ele não era apenas meu, era do seu filho!

— Eu te fiz um favor — voltou a repetir. — Meu filho... ele não merecia um destino como aquele, Adam merecia mais. Uma mulher decente, com quem ele pudesse se casar e...

— Você se refere a Hannah.

— Adam a amava.

*Por que escutar isso ainda tinha o poder de me ferir tanto?*

Não que eu tivesse alguma dúvida em relação aos sentimentos de Adam. Não era todo homem que usava a aliança de sua esposa mesmo depois de sua morte.

— Ele poderia ter me amado também — falei, sem realmente acreditar. — Mas a senhora nunca teria permitido, não é? Eu só me pergunto se a sua raiva... era porque eu nunca fui como Hannah, ou se porque a minha mãe dormia com o seu marido.

Grace congelou, bem ali, na minha frente.

— Escute bem o que vou dizer, Georgia. Se ousar repetir essa mentira outra vez, eu a escorraço dessa cidade com as minhas próprias mãos.

— A senhora sabe que o que eu falei aqui não é mentira.

O orgulho dela era tão grande, que ela preferia se agarrar à mentira que inventou do que encarar a verdade. E foi esse orgulho que fez com que Grace me desse as costas, transtornada, e deixasse o estúdio, deixando-me tão ou mais quebrada do que ela própria, enquanto eu tentava me convencer de que não era uma pessoa ruim.

Apenas alguém que fez muitas escolhas erradas na vida.



Olhei ao redor do *pub*, impressionada com o intenso movimento. Por sorte, peguei o jeito já na primeira hora de trabalho, sem ter quebrado qualquer uma das garrafas que Ethan confiou a mim e nem respondido à altura as conversinhas sem graça de seus clientes mais antigos.

Esbarrando de tempos em tempos na outra funcionária de Ethan, que exibia orgulhosamente a barriga de grávida, eu tentei não fazer comparações. Enquanto ela parecia suave demais, quase invisível para os homens dessa cidade, tudo em mim pareceu atrair cada olhar masculino durante a noite.

Eu era *carne fresca*, foi o que Ethan comentou nos meus primeiros quinze minutos de descanso. E ainda que eu fosse *novidade*, a ideia de que os garotos com quem cresci e que hoje eram homens me olhassem daquela forma era mais desagradável do que eu teria imaginado.

— Como está indo lá fora? — Ethan perguntou no instante em que me refugiei no depósito de bebidas, com a desculpa de reabastecer o bar do balcão.

— Agitado. Eu me sinto como um pedaço de carne. — Ele me encarou, indeciso entre achar graça e ficar preocupado. — Não que eu não esteja acostumada, eu dançava nua, Ethan.

Para mais do que uma dezena de homens, é só... eles não me conheciam. Não me viram crescer.

— Se você quiser, eu posso...

— Não. Eu não preciso que faça nada que não seja me pagar no final do dia — falei, com um sorriso. — O movimento por aqui é sempre assim?

Ele negou.

— Hoje está pior.

— Acha que é por minha causa?

Eu não queria acreditar que fosse.

As pessoas dessa cidade deveriam ter algo melhor a fazer do que ficar ao redor fazendo fofoca e falando da vida dos outros.

— É uma possibilidade, mas não se preocupe. Quando perceberem que você não é louca e que não morde, eles perderão o interesse.

— E quem disse que eu não mordo, Ethan? — brinquei, vendo a expressão em seu rosto se tornar séria. — Sinto muito, eu...

— Hoje eu entendo que essa é você brincando, Georgia. Mas no passado eu não consegui separar esse lado seu da garota que era apaixonada pelo meu melhor amigo.

Assenti, resignada.

— Você não foi o único. Adam nunca gostou das minhas *brincadeiras* ou que eu fosse *tão* simpática com seus amigos.

— Acho que o problema nunca foi gostar, e sim conseguir lidar com o fato de que você não era submissa a ele. Adam não foi criado para estar ao lado de uma mulher forte, que sabe o que quer...

— Mas eu nunca soube o que queria, pelo menos o que eu queria além dele.

— Você queria dançar.

— E veja onde acabei... — Pronta para sair e voltar ao balcão, eu o senti me segurar.

— Tem certeza de que está tudo bem? Refiro-me a você, Georgia. A forma como está lidando com tudo... Grace, Adam... o seu pé.

— Meu tornozelo não está doendo mais — menti. Ele doía um pouco, mas eu já tinha tido lesões piores. — E quanto a todo o resto, eu posso me cuidar.

— E você diz que não é forte. — Encarei-o.

— Se eu não fosse uma bagunça, meu amigo, eu juro que te beijaria — falei, ao me aproximar, deixando-o em alerta. — Mas você não precisa de alguém como eu em sua vida. Você merece alguém sem tanta bagagem.

Ethan segurou minha mão e a beijou com carinho. Ele podia ser um filho da puta gostoso, com todas as tatuagens e jeito de *bad boy*, mas nunca seria o homem certo para mim.

Eu era teimosa demais para acreditar que houvesse outro homem que não o Adam a preencher esse papel na minha vida. Todas as decepções que tive depois dele foram apenas tentativas de enganar a mim mesma e ao meu próprio coração.

Tentativas que acabaram por me machucar ainda mais.

Saímos de dentro do depósito, com Ethan logo atrás. Sua mão se desvencilhou da minha somente no último momento. Mais precisamente no instante exato em que avistei Adam no

outro lado do balcão. O rosto sério tornou-se uma armadura ao ver o quanto Ethan e eu estávamos perto um do outro.

— Deixe que eu o atendo — avisou e, por estarmos tão próximos, sua voz foi ouvida em um murmúrio ao lado do meu rosto. — Com o doutor ali, eu já estou acostumado.

Assenti, sem ter motivo pelo que protestar e voltei a minha atenção aos clientes, tendo que, de tempos em tempos, inclinar-me sobre o balcão para servir a bebida. O movimento fazia com que alguns *amigos* de Ethan me olhassem como se eu estivesse fazendo um verdadeiro *striptease*. A diferença é que eu não estava nua, droga!

Os raros momentos em que consegui uma pausa, peguei-me observando a interação entre Ethan e Adam a distância. Nenhum dos dois pareceu exatamente satisfeito. A tensão em meu próprio corpo aumentou quando Ethan voltou para perto de mim e me tocou na cintura. Um gesto que descobri ter sido feito para irritar Adam, ao encará-lo.

— Você o está provocando de propósito.

— Provocando quem, Georgia? — indagou, fazendo-se de desentendido.

Sacudi a cabeça e, ao procurar por Adam, tudo o que vi foram as costas do homem prestes a deixar o *pub*.

— Ethan...

— Por que acha que o infeliz veio aqui?

— Para beber? — Qualquer outro motivo não teria sentido.

— Não, não foi para beber — explicou. — Adam não põe o pé nesse bar desde que perdeu a esposa, Georgia. Foram dias sentado naquela mesma cadeira, bebendo tudo o que havia a ser



bebido. Ele não falava comigo, não falava com ninguém. Coube a mim garantir que o filho da puta chegasse em casa em segurança todas as noites.

— Então eu não sei — desconversei, limpando a minha parte do balcão, não querendo ter essa conversa. — Talvez ele só... não tenha se recuperado do luto ainda. Isso acontece.

Dois anos eram tempo demais, mas eu imaginava que, para alguém que perdeu a mulher que amava, nenhum tempo seria suficiente.

— Eu espero que seja isso, porque não há nada aqui nesse bar para ele. — Pela forma como se expressou, eu podia apostar que Ethan dissera exatamente essas palavras a Adam.

— Ethan... obrigada.

Agradei, não por achar que estava marcando território. E sim porque ele fez questão de garantir a Adam que havia alguém cuidando de mim.

— Faça o seu trabalho, Georgia. — Ethan me cutucou, antes de se afastar. — E pare de sorrir dessa forma para os meus clientes, você os está assustando.

Senti minhas bochechas queimarem ao ficarem vermelhas. Tudo o que fiz nas últimas horas foi encontrar os clientes certos e respeitosos, e sorrir um pouquinho a fim de garantir uma gorjeta melhor no final da noite.

Essa era eu cuidando dos meus próprios interesses.

## ***Adam***

Quando a porta se fechou às minhas costas, a escuridão do chalé deu-me boas-vindas. Irrequieto, eu me dirigi ao andar superior enquanto tentava não pensar na indecência que Georgia era. Nenhuma roupa que fosse conseguiria encobrir as curvas do seu corpo, e nem se ela tentasse a bagunça de seu cabelo teria outro apelo que não o erótico. Porque um olhar nas ondas loiras e tudo o que vinha à mente era a imagem daquela mulher sobre lençóis macios e amarrotados.

Eu me perguntava agora, se era assim para os outros homens também. Se o fato de eles terem voltado ao balcão a uma velocidade quase alarmante se dava pelo fato de que Georgia os faziam desejar e pensar em sexo. Do tipo tórrido e suado.

A visão dela usando aquele maldito jeans apertado não havia desaparecido desde o momento em que saí do *pub* de Ethan. O aviso daquele filho da puta martelava em meu cérebro fazendo-me questionar se por trás de suas palavras havia algo mais.

Algo que tivesse a ver com os dois, em uma cama.

Porra, a possibilidade de que Georgia tenha se deitado com ele foi o que bastou para que o meu autocontrole se fosse de vez.

Lembrei-me do olhar, da forma nervosa como observou Ethan e eu conversando. E como pareceu não notar todos aqueles olhares em sua direção. A verdade era que Georgia sempre teve um fogo, um ardor em seu corpo e boca que só me

agradavam quando eram destinados a mim. Quando não o era, seu comportamento só me deixava irritado.

Odiei as vezes em que os seus sorrisos não foram meus, ou quando as coisas que dizia em tom de brincadeira, com aquela voz rouca, caíam em outros ouvidos. Odiei o olhar perdido, longe de mim. E mais do que tudo, odiei que Georgia fosse sempre o centro de todas as atenções.

O auge da minha raiva surgiu ao alcançar o quarto de Amber. Obrigando-me a fazer um esforço descomunal para não demonstrar o quanto estava alterado, eu adentrei o cômodo cujas luzes seguiam acesas e observei minha filha sentada sobre a cama, rodeada por um punhado de fotos, que seguiam espalhadas sobre a colcha rosa, e a antiga caixa de joias de Hannah, ao seu lado.

— Onde encontrou a caixa? — Muitas das coisas de Hannah seguiam em nosso quarto, e as meninas não tinham acesso a elas desde o falecimento da mãe.

— No quarto da mamãe — revelou, sem me olhar.

— Já falei que não quero que entre lá, Amber.

— Você entra. — Ela ergueu os olhos azuis. — Além disso, eu estava procurando uma coisa.

Sentei-me na cama, evitando olhar para as fotografias espalhadas.

— Fotos?

— Eu queria achar isso, papai. — Amber estendeu uma fotografia antiga, onde sua mãe e Georgia apareciam abraçadas. As duas olhando para a câmera com um sorriso enorme em seus rostos. — Essa garota é *ela*, não é? A mulher que vimos ontem.

Segurei a foto em minha mão, meus dedos amassando de leve o papel fotográfico.

— Não faça isso. É da mamãe. — Minha filha recuperou a foto e a guardou debaixo do travesseiro.

— Elas estavam guardadas por uma razão.

— Qual? O senhor pode não gostar, mas eu gosto de olhar para ela. É a minha mãe.

Não era uma questão de gostar, e sim de não ser capaz de olhar para Hannah sem sentir o meu coração ser dilacerado.

— Você deveria estar dormindo, Amber. — Ela me olhou chateada, ao perceber que eu não levaria o assunto adiante.

— Você demorou, eu só queria... ouvir quando chegasse. Onde esteve? — perguntou, preocupada.

— Tive um imprevisto no trabalho.

— Outro? — Claro que ela não acreditaria tão facilmente. — Tem a ver com o caso que está escutando? O do seu amigo?

Amber fizera perguntas a respeito do caso que só me ouviu falar, por alto, ao telefone com Frederick, e algo me dizia que no final quem acabaria se interessando por medicina era ela. Não Charlotte.

— Você aceitou operar?

— Ainda não, meu amor. Eu estou pensando.

— E se ela não tiver tempo? Quero dizer, se você pode salvar a vida dessa garota por que tem que pensar?

Porque eu não realizava uma operação desde a perda de Hannah, aquela fora a última vez em que segurei um bisturi. E sendo bem honesto, eu não sabia se estava pronto para voltar às salas de cirurgias ainda.

— Por isso é que estou estudando o caso, Amber. Para saber quanto tempo ela tem e se vale o risco.

Levantei-me cansado, afastando as fotos e as guardando dentro da caixa enquanto Amber se deitava.

— Papai? — perguntou, com o quarto já escuro. — A mamãe não tinha tempo, não é?

*Ela tinha, nós que arriscamos tudo.*

— Durma bem, Amber.

Porque eu não dormiria, com toda a certeza.

**10**

## Georgia

Dois dias após o meu último encontro com Adam, eu já não sentia qualquer resquício de dor. E ainda que o filho da mãe arrogante tenha olhado para mim como se eu fosse uma maldita viciada, eu sabia que não era. A necessidade de *algo forte*, capaz de derreter o meu cérebro, surgia somente em momentos de nervosismo.

*Sentir demais* sempre me levou ao descontrole, e a impressão de estar constantemente em uma corda bamba sentimental não era a mais agradável das sensações.

Com o sol forte sobre a minha cabeça, eu afastei todo e qualquer pensamento a respeito de Adam. Matutando de forma insatisfeita a conversa tida com o dono da oficina onde havia levado a *lata velha* essa manhã. O rombo de quase mil dólares que aquele *serzinho atrevido* me cobrou pelo conserto do carro faria um estrago em meu orçamento. Ethan acreditava ser um desperdício de dinheiro gastar tanto com um carro, que sequer deveria ter a permissão de andar. Mas eu não tinha escolha.

Além disso, não recusei tantas vezes a oferta de Connor em me presentear com um novo carro, para chegar agora e me desfazer do meu como se ele não tivesse sido a única coisa constante em minha vida nos últimos anos.

Decidida, eu me enchi de uma falsa confiança, como se cada um de meus problemas fossem facilmente resolvíveis, e parei em frente à cafeteria da Emily, admirando a fachada nova do lugar que antes fora um restaurante, indecisa entre entrar e matar a minha vontade por um café duplo e voltar para o estúdio.

A verdade é que Emily e eu nunca fomos próximas, ainda que Hannah a adorasse.

Não que ela tenha feito parte do clube *nós odiamos a Georgia*. Mas a garota também não fez nada que demonstrasse que gostaria de estar ao meu lado. Dando-me conta de que eu já não tinha nada a perder, eu entrei. Os sinos acima da porta soaram assustando-me por um momento, qualquer hesitação que pudesse ter desapareceu ao sentir o cheiro de baunilha e cacau invadir minhas narinas.

Era como afundar um *muffin* deliciosamente doce. *O meu pecado*.

— Olá, seja bem-vinda... a cafeteria da Emily. — A mulher a minha frente, que só poderia ser a própria Emily, agiu exatamente como imaginei que faria.

*Decepcionada ao me ver.*

— Georgia. — *Meu Deus, isso é o que todos diriam ao me ver?*

— Gostaria de não ser — falei, ao me aproximar do balcão repleto de bolos e *cupcakes* decorados.

Isso era tão a cara dela. Emily sempre pareceu um docinho. As roupas em tons pastéis, a forma suave de falar. Os cabelos cacheados que mais pareciam caracóis da cor de mel. Eu a achava linda, ainda que soubesse que sempre senti vergonha do seu corpo por não se encaixar no padrão ridículo imposto pelos garotos do colégio.

Eu no seu lugar, teria os mandado à merda e pronto. Mas Emily jamais teria a coragem.

— Então é verdade o que estão dizendo, você voltou.



— Acho que sim, mas não por muito tempo — garanti. — Em breve, eu estarei fora dessa cidade e, então, o fato de todos aqui serem uns hipócritas já não será um problema. — Verifiquei as opções no balcão, distraída.

Incapaz de esconder a mágoa que eu sentia de todos os que propagavam boatos, mas que eram incapazes de olhar na minha cara ao me verem na rua.

— Vocês vendem café aqui?

Emily revirou os olhos, ao manter a expressão séria em seu rosto infantil. O que me fez pensar o quanto a vida não teria sido fácil para ela.

— É uma cafeteria — respondeu, direta.

— Claro. — Olhei para o painel de bebidas que ela apontou. — Eu adoraria um expresso com açúcar e bastante creme. — Doce era a segunda melhor forma de acabar com qualquer mau humor. A primeira forma era... fazendo sexo, mas depois de Connor eu pretendia manter as minhas pernas fechadas por um longo tempo.

*Sem sexo, sem drama.*

— Coloco canela?

— O máximo que conseguir, por favor. — Emily me encarou, enquanto eu me perguntava onde estaria o seu pai. Tinha sido ele o gerente do antigo restaurante. — Seu pai, como ele está? — perguntei, curiosa, apenas para puxar assunto, ainda que gostasse muito mais do pai de Emily do que da mãe, que fora uma seguidora entusiasta de Grace.

— Ótimo — respondeu seca e me empurrou o copo térmico de café, com todo o creme extra que pedi.

— Você...

— Olha, Georgia, não sei o que a trouxe até aqui, mas não quero... sabe... ter esse tipo de conversa com você. Nós nunca fomos amigas e... não faz sentido que seja diferente agora.

Emily se calou diante da presença de uma senhora que se aproximou, enquanto eu a estudava, admirada com sua coragem em dizer tudo isso na minha cara quando a maioria das pessoas escolhia falar pelas costas.

— Oh, Emily, acabei de ver sua mãe na clínica. Fico feliz que ela esteja melhor. Estamos todos muito preocupados com o seu pai...

Meu rosto permaneceu no rosto de Emily, que sorriu de volta, sem graça. Ao ficarmos novamente sozinhas, os outros poucos clientes sentados em mesas mais distantes, eu me virei para ela:

— Ótimo, hein?

Emily sacudiu a cabeça e enfiou um pano rosa no avental.

— Não sei o que pretende tentando manter algum diálogo entre nós duas, quando nunca se importou antes. Tudo o que eu sei é que, desde que pisou nessa cidade, ninguém fala em outra coisa. *Georgia esteve no Ethan, Georgia foi atrás do Adam e causou um escândalo na clínica... As filhas de Adam foram vistas saindo chorando do seu estúdio.* Enfim, todo tipo de fofoca que você sabe que acontece aqui. Até mesmo a minha mãe fez questão de ir até o Adam em uma *consulta de emergência* porque quer ver o que está acontecendo. E, provavelmente, dar uma boa olhada em você. Mas eu não sou como eles, Georgia, e

não dou a mínima. Só quero vender os meus *muffins* e *cupcakes* e não ter que escutar nada a seu respeito, tudo bem?

Foi um belo discurso, eu precisava admitir.

— Você é a única então. — Porque, se fosse para ser honesta, eu me sentia como um palhaço de circo desde que voltei. Todos queriam ver, de longe, mas ninguém queria se aproximar de fato.

— Sei que as chances de me responder são mínimas, mas por que voltou? É um pouco estranho...

Para mim também era. *Quem, afinal, escolheria retornar ao lugar em que todos te odiavam?*

— Se a próxima pergunta que me fizer for quando eu pretendo ir embora...

Ela franziu os lábios, decepcionada.

— Esse era o seu problema, sempre estava tão na defensiva que era impossível para qualquer pessoa se aproximar.

Emily se afastou, atendendo outro cliente enquanto eu a observava.

— Eu voltei porque não tinha escolha.

*O não ter escolha*, aliás, era o que sempre me empurrava para a frente.

Antes de me levantar, eu voltei a olhar para os doces expostos. Pensando seriamente se valeria a pena pagar dez dólares por uma fatia de bolo. Em qualquer outro momento, eu diria que sim sem hesitar, mas agora...

— Uma fatia não vai te engordar — Emily comentou com a voz amena, ao notar onde se encontrava a minha atenção. — Você continua com o mesmo corpo do tempo da escola.

Como se tudo se resumisse a aparência, não era o meu peso que me incomodava. Até porque eu aprendi desde aquela época que corpos perfeitos não eram garantia de amor. Nunca fui melhor amada porque tinha um corpo bonito. Nem tive mais carinho ou cuidado.

— Não estou preocupada com o meu corpo, e sim em economizar. Uma mulher tem que saber até onde as suas pernas podem ir, e as minhas estão passando longe desses doces.

Inclinando-se sobre o balcão, ela olhou para os meus sapatos.

— Seus sapatos não são baratos — referiu-se às botas baixas que eu usava essa manhã, e que tinham sido apenas outro dos inúmeros presentes dados por Connor.

A maior parte deles eu deixei para trás, enfiando em minha mochila basicamente tudo o que tinha ao chegar em seu apartamento. Mas esse par de botas, e alguns outros sapatos... eu não tinha conseguido.

— Todo mundo tem que fazer escolhas.

Deixando uma nota sobre o balcão, equivalente ao pagamento do café, eu me levantei ficando surpresa ao ver Emily empurrar a pequena embalagem azul com a logomarca da sua cafeteria em minha direção.

— Eu não pedi...

— Eu sei. Aceite o bolo como o meu presente de boas-vindas. — Hesitei antes de pegar, com meu lado orgulhoso falando mais alto.

Só não neguei, porque enxerguei o gesto de Emily como uma abertura para que pudéssemos, pelo menos, sermos

educadas uma com a outra.

— Obrigada — agradei, sendo a única a estar sem graça agora.

Ao sair da cafeteria, ainda atordoada, eu olhei para o seu interior e notei Emily encarando-me de volta. Confusa, me dirigi ao estúdio sem nenhuma outra parada, respirando profundamente ao me ver diante da bagunça que havia deixado no dia anterior. Prendi o meu cabelo no automático, livrando a minha nuca de todas as mechas que tendiam a grudar por conta do suor e arregacei as mangas, literalmente.

Em três dias eu havia reunido mais objetos do que imaginei que encontraria. Antes de começar a vender, no entanto, eu teria de ligar para o advogado de Adeline, o informando do que pretendia fazer.

Sentada, entre diversas caixas cobertas até a borda de documentos antigos, eu me peguei atenta ao par de sapatilhas vermelhas que se aproximou até se deterem na minha frente. Não precisei erguer o rosto para saber que só poderia se tratar de alguma das filhas de Adam, e justamente por prever o que sentiria foi que eu não fiz questão de encarar a garota. Independente de qual das duas ela fosse.

Porque eu sabia que o incômodo em meu peito seria o mesmo. A semelhança entre a mais velha e Hannah poderia ser esmagadora de um jeito completamente nauseante, mas não era isso que fez com que eu me sentisse vazia. E sim o fato de elas não serem minhas.

— Está fechado, e eu não a quero aqui — falei, ainda concentrada em meu trabalho. Adam havia pedido para que eu

ficasse longe de suas filhas, e era o que eu pretendia.

Sendo ignorada pela garota, eu notei o par de sapatilhas, grandes demais para pertencerem a mais jovem, se afastarem. Percorrendo o interior do estúdio, como se olhasse com atenção a toda a bagunça que eu havia causado. Foi então que olhei para trás e a vi abaixada em frente ao único dos quadros de Adeline que eu pretendia guardar comigo.

— É você. — Apontou para o quadro.

— Acho que você não me ouviu, garota — falei, ao me levantar e limpar as mãos na calça de onça que eu usava essa manhã. Sem dar a mínima se elas combinavam ou não com o meu lindo par de botas pretas. — Seu pai não a quer aqui e, para ser honesta, eu também não.

A garota me encarou de longe, com a testa franzida, realmente chateada.

— É Amber e não garota — explicou, enquanto apontava para a fotografia no quadro. — Quantos anos tinha na foto?

Quando não respondi, ela continuou:

— Eu vi uma foto sua na caixinha de lembranças da minha mãe. — Congelei ao escutá-la, a postura dura ruiu diante da possibilidade de que Hannah tenha guardado todas as nossas fotos. Ou qualquer outra coisa que tivesse a ver comigo. — Então eu sei que é você.

— Se sabe por que perguntou?

Amber deu de ombros.

— Porque eu queria ouvir da sua boca, eu perguntei ao meu pai, mas ele nunca me dá as respostas que eu quero.

Foda-se eu não precisava ouvir nada disso. Se ela tinha problemas com o Sr. Perfeito, arrogante até o último fio de cabelo arrumado, não era da minha conta.

— Bom, isso só reforça a razão pela qual eu a quero fora daqui.

— Ele não gosta de você, não é? — insistiu, sem noção do quanto estava perto da verdade. — Você também não parece gostar dele, ou da gente — referiu-se à irmã também.

— Vai chorar se eu disser que está certa?

Os olhos azuis se estreitaram.

Havia algo neles que me atraíam, como se eu já os tivesse visto um milhão de vezes e eu tinha mesmo. Em sua mãe. Um azul tão claro quanto o céu das manhãs de *East Village*. Diferente dos meus, que eram praticamente o prelúdio das tempestades de inverno. Tão escuro quanto a parte mais profunda do oceano.

— Sabe o que eu não entendo? — ignorou meu comentário ácido, mostrando mais sangue frio que sua mãe mostrou em toda a sua vida. — Se vocês duas eram amigas, por que nunca veio visitar a mamãe?

— Talvez porque sua mãe e eu não tenhamos sido amigas.

— Você está mentindo — acusou. — Tudo o que ela tinha na caixa eram fotos de vocês, e... veja isso. — Amber puxou do bolso uma fotografia em que sua mãe usava uma correntinha com o pingente que eu teria reconhecido em qualquer lugar. — É a sua inicial.

Encarei a foto de Hannah já adulta, recusando-me a ceder ao passado. Jurei que nunca os perdoaria. Ela, por não ter me contado ou feito questão de ser honesta. Eu teria ficado chateada se Hannah me contasse que gostava dele? Teria. Mas eu a teria perdoado pela honestidade.

Quanto ao Adam, eu não o perdoava... porque ele permitiu que eu o amasse. Ele deixou, beijo após beijo, que eu me iludisse um pouco mais. Ele escutou meus planos, deixou que eu criasse um futuro em minha mente que, no fundo, o cretino sabia que jamais existiria.

— Eu falei para ir embora — repeti, dando as costas à garota. Meus olhos estavam embargados das lágrimas que eu não deixaria que escorressem pelo meu rosto.

Não na frente da filha deles.

— Você não gostava mais dela? Por isso nunca apareceu? — Amber insistiu, sem noção de que cada palavra que saía de sua boca era tão afiada quanto uma lâmina. Mas duas pessoas podiam jogar esse jogo, não importa se o outro lado fosse apenas uma criança.

— Você se parece com ela. — Tanto que chegava a doer. — É como ver um fantasma do meu passado.

Amber enfim se calou, olhando para mim como se a comparação não lhe agradasse.

— Ela era bonita como você é, a melhor em tudo o que fazia.

— Qual é o problema em ser a melhor em tudo? — perguntou agressiva.



— Eu não falei que havia um problema, Amber. Só revelei um fato.

— Você parece maldosa em tudo o que fala. — Sorri, pelo menos elas não eram crianças tontas. Podiam ver a maldade em alguém.

— Eu pedi que saísse e você não me escutou...

— Agora eu entendo.

Dirigi-me até o escritório de Adeline, querendo que Amber se tocasse de que não era bem-vinda.

— Por isso que a vovó disse todas aquelas coisas a seu respeito, porque você não presta.

Olhei para ela, certa de que estava repetindo o que só poderia te escutado de algum adulto.

— Sua avó te disse isso? Que eu não presto?

Assentiu, como se soubesse que iria me magoar.

— Ela disse também que você magoou a minha mãe. O que foi que você fez?

*Amá-la demais? Considerá-la como uma irmã?*

— Se foi Grace quem falou, você deveria ter perguntado a ela. Não a mim. Agora deixe de ser uma garota mimada e saia. Você e sua irmã precisam aprender a não irem entrando nos lugares sem autorização, sua querida avó pode acreditar no contrário, mas essa cidade não pertence a ela.

Amber me encarou, chateada. E ao me dar as costas, ela acabou empurrando a moldura com a foto que eu havia separado em um canto. O vidro dela se estilhaçou no chão enquanto as malditas sapatilhas vermelhas pisavam na fotografia.

Aquilo teria me machucado se eu já não estivesse acostumada a ter as pessoas dessa família tirando-me tudo com o que eu me importava. *Avó, pai. Filha.*

*O meu bebê.*

Quando a porta da frente bateu, mostrando que eu estava novamente sozinha, eu fui até a foto e a amassei. Talvez tenha sido o melhor perdê-la, não ter nada ao que me apegar ou lembrar depois que fosse embora.

Apenas um drama a menos para levar comigo.

## ***Adam***

Na cozinha, terminando de lavar os pratos da noite de cinema com as meninas, eu ainda podia escutar os créditos do filme que havíamos assistido apenas pela milésima vez desde que me tornei pai. Lotty, nesse momento, dormia tranquilamente na sala, ao passo que Amber me ajudava trazendo para a cozinha as caixas de pizza que havíamos pedido e os copos. Pelo menos, uma vez por semana, eu gostava de estar com elas dessa forma, evitando ao máximo que nada nos perturbasse.

Essa noite, eu não apenas estava agitado, como Amber parecia mais calada que o habitual. Como se algo a tivesse chateado.

— Esse é o último. — Minha filha colocou o copo ao meu lado e, sem dizer nada, sentou-se em um dos bancos da mesa central.

— Onde foi essa tarde? — perguntei, trazendo à tona o aviso de Ava de que Amber tinha estado fora e que, ao voltar, não se encontrava no melhor dos humores.

— Na Emily — mentiu.

— E desde quando Emily deixa você mal-humorada?

Amber me olhou de soslaio, sem coragem para me encarar por completo. À espera de que continuasse, eu coloquei os copos sujos no lava-louças, apoiando-me na bancada atrás de mim e cruzando os braços, em uma tentativa de mostrar a ela que eu não desistiria tão facilmente.

— Tudo bem, eu fui ao estúdio — revelou. — Eu precisava conversar com a amiga da mamãe.

— Precisava? — inquiri, irritado com sua teimosia. — Mesmo depois que falei que ela e sua mãe não eram amigas?

— O senhor estava certo. — Notei o tom ríspido em sua voz, o que me preocupou.

— Georgia disse algo a você?

— Só que eu era mimada e que não me queria lá. Para falar a verdade, papai, ela foi grossa comigo. — Claro que foi. — Eu só não entendo por que, sabe? Nas fotos, elas pareciam amigas de verdade.

— As coisas mudam, meu amor. E... a amizade que elas podem ter tido quando crianças, já não existia há muito tempo.

— Por quê? — persistiu, deixando-me surpreso pela fixação no assunto. — A mamãe sempre dizia que amizade é importante e que, quando eu encontrasse a minha melhor amiga, ou amigo...

Amber se deteve, avaliando dessa vez o meu humor.

— Continue.

— Mamãe dizia que era para eu nunca fazer nada para acabar com essa amizade e que amigos são muito importantes.

— E são mesmo.

— Então por que aquela mulher não veio ver a minha mãe? Antes que ela... você sabe.

— Amber, me escuta porque essa será a última vez que falarei sobre esse assunto com você. Eu não quero você ou sua irmã perto daquela mulher. Não que ela seja uma pessoa ruim...

— O senhor só não gosta dela. — Não respondi, porque não poderia. — O senhor acha que, se a mamãe estivesse viva, ela voltaria a ser amiga da Georgia?

— Eu não sei, filha. — Omiti a verdade, já que algo dentro de mim dizia *que sim*, que se tivesse dependido unicamente da vontade de Hannah, ela e Georgia nunca teriam deixado de serem amigas.

Foi desejando reatar essa amizade, aliás, que a minha esposa morreu.



## **Georgia**

Bastaram algumas noites trabalhando com Ethan para perceber que elas sempre seriam movimentadas, mesmo com ele jurando que, em algum momento, a curiosidade das pessoas diminuiria. Àquela altura, a maior parte dos frequentadores do *pub* era formada por integrantes do clube de golfe, e, claro, homens interessados em descobrir se eu prestava o mesmo servicinho sujo que Darana prestou quando nova.

Se não fosse o bastante, havia o fato de que *e/le* tinha estado lá em quase todas as noites. Não mais no balcão, observando-me de perto, e sim a uma distância segura. Sendo sempre o último a chegar, Adam parecia saber exatamente o momento em que o *pub* estaria vazio a ponto de sua presença *quase* não ser notada.

Repetindo o mesmo comportamento a cada noite, Adam e Ethan se encaravam e, então, eu o via sentar-se em alguma das mesas ao fundo e pedir uma cerveja. Uma única vez, a outra garçonete o serviu com o uísque mais caro do bar; e, nessa noite, pude jurar que Adam só não me abordou porque Ethan e ele tiveram uma longa e alterada conversa.

Não vou negar, saber que ele estava tão perto deixava-me nervosa. Nós não nos falávamos, sequer nos encarávamos por mais do que alguns poucos instantes. Mas o meu corpo sentia a sua presença, como se por dentro eu soubesse de que forma terminaríamos. Um sobre o outro, em uma cama qualquer... fazendo e dizendo coisas que envergonhariam toda a congregação religiosa da cidade.

*Nós sempre fomos bons nisso.*

Seguindo pelo mesmo caminho de todas as manhãs, eu me afastei dessas preocupações e entrei na cafeteria de Emily, aproximando-me da bancada de atendimento enquanto a via servir uma de suas clientes.

Quando a senhora, que não teve a educação de me cumprimentar, foi embora, Emily se aproximou com um sorriso honesto em seu rosto com formato de coração.

— Acho que devo a você o fato de a clientela ter aumentado nos últimos dias — comentou, despretensiosamente.

A cafeteria realmente parecia um pouco mais cheia, não que eu achasse que Emily sofresse com a falta de clientes. As pessoas pareciam amar os seus doces.

— Você pode me agradecer com *muffins* diários, não há problema algum. — Sorri de volta, inclinando-me sobre o balcão ao vê-la fazer uma pequena careta. — Vou querer o mesmo de sempre, Emily.

*O café e nada mais.*

Do outro lado, ela começou a preparar a minha bebida enquanto eu observava a cafeteria, deparando-me com as mesmas pessoas de sempre, fazendo exatamente as mesmas coisas de todos os dias.

— Nada nessa cidade mudou, às vezes sinto como se estivesse no passado — admitiu, ao perceber o que se passava pela minha cabeça, permitindo-se o pecado de dividir um pequeno *muffin* comigo depois que me entregou o café.

Essa era a sua forma de não me cobrar pelo agrado.



— Nunca quis deixar a cidade, Emily? Descobrir o que há lá fora?

Ela foi rápida em negar, mostrando a mesma resistência que eu só havia visto em uma única pessoa aqui: Ethan.

De uma forma que eu jamais entenderia, ele parecia amar *East Village*.

— Até pensei, mas descobri que não há nada para mim lá fora, eu sou feliz aqui, acredite. — Deu de ombros, odiando ter de se justificar. — O que me incomoda são as pessoas, elas nunca mudam. Não a forma como pensam ou se comportam. — Eu sabia que Emily agora se referia à maneira como eu era tratada por todos. — Primeiro, eles te culpam pelo que sua mãe fez; e depois...

— Por Hannah.

Concordou, apressando-se em explicar.

— Não que alguém pareça saber exatamente o que aconteceu, tudo o que ouvi por anos foram suposições.

— Hannah nunca te contou? — Desejei saber, imaginando que se Hannah tivesse desabafado algo acerca do *nosso* passado a alguém, Emily seria essa pessoa.

— Ela não falava a seu respeito, Georgia — garantiu. — O assunto não lhe fazia bem.

Hannah agia como se o rompimento da nossa amizade não pudesse ter sido evitado se ela tivesse tido a decência de ser honesta comigo.

— Então, Hannah permitiu que todos acreditassem que eu era a errada.

O olhar de Emily se mostrou confuso, deixando claro que também acreditava nessa teoria. Que era o que todos pensavam.

— Você também acha que eu tentei roubar o Adam dela? Ou, então, que nós dois a traímos e ela foi a única a me chutar para fora?

Emily engoliu em seco, incapaz de opinar. Ou, então, preferindo o silêncio a possibilidade de dizer algo que fosse me magoar.

— Eu não sei — disse por fim.

— Pelo visto, em todas as histórias, eu sou a errada, Emily. O que me chateia é que ela nunca tenha contado a verdade a ninguém.

— E qual é a verdade?

*A verdade era que Adam foi meu antes de ser dela.*

Mas eu não diria isso a Emily ou a qualquer outra pessoa, porque, além de achar que não acreditariam em mim, a verdade já não importava.

— Quer saber? Por que não deixamos esse assunto de lado? — *Ele também nunca me fez bem.*

— Se você nunca disser, as pessoas só terão a versão dela.

Sacudi a cabeça, incrédula.

— Se eu imaginasse que a minha palavra era o suficiente para convencer a todos, Emily, eu não teria ido embora.

Ela assentiu, mostrando-se reticente com alguma coisa, até que falou:

— Hannah era uma boa pessoa.

Eu a encarei.

— Eu sei. Era difícil não gostar dela. — Odiar então, pior ainda. — Posso te perguntar uma coisa? — Ela concordou. — Você esteve por perto quando Hannah adoeceu? Você a viu?

Emily voltou a assentir.

— Como foi? — Pensar em seus últimos dias deixava-me triste, intensificando a sensação de que eu deveria ter estado lá por Hannah.

O desespero de Adam em gritar a minha ausência serviu apenas para que eu me sentisse um pouco mais culpada.

— Rápido. Em um ano, eles descobriram o câncer e começaram o tratamento. Foi horrível vê-la daquela forma, Georgia, lutando para se mostrar bem na frente das filhas. Hannah não queria ir, isso ela me contou, mas Adam a convenceu a prosseguir com o tratamento em *San Francisco*. Ele queria que ela lutasse para permanecer viva. Então tinha essa cirurgia, acho que a única chance dela, mas...

— Ela morreu — completei, sentindo-me péssima.

— Adam se culpa até hoje. Por isso ele mudou tanto, sabe? — Eu imaginava que fosse mesmo.

— Por que ele se culpa? — Era o que eu não entendia.

— Adam estava na cirurgia.

— Ele participou? — perguntei chocada.

— Sim. É o que a minha mãe contou na época, pelo menos. Adam trabalhava para o hospital, aqui e lá para falar a verdade, mas depois da morte da esposa parece que o aconselharam a se afastar. Grace fez questão de espalhar que seria apenas um ano sabático, mas esse ano se transformou em dois... — Emily sacudiu a cabeça com pesar. — Acho que ele já

deveria ter voltado, mas tenho a impressão de que Adam está se punindo...

— Por não ter salvado Hannah?

Concordou, suavizando a expressão em seu rosto ao olhar para trás.

O que eu também fiz, apenas para me deparar com Amber, que, assim que me viu, se deteve, incerta sobre se aproximar ou não.

— Olha se não é a minha cliente favorita — Emily a incentivou, ao identificar o receio nos olhos de Amber. — Como está a sua irmã, querida? — quis saber, suavemente.

— Ela está... bem. Lotty quer o *muffin* de morango hoje.

Emily se afastou, a fim de preparar o pedido, fazendo questão de me lançar um olhar de sobreaviso, para que eu não dissesse nada que pudesse chatear a garota. E foi pensando em evitar um confronto que eu me levantei, peguei o meu café e me sentei em uma das mesas com vista para a calçada.

O problema foi que Amber me seguiu.

— Sinto muito por aquele dia — disse, mal conseguindo me olhar. — Eu fiquei com raiva pelas coisas que você falou... e preciso que você saiba que eu não sou mimada.

*Ela precisava que eu soubesse?*

*Que criança falava dessa forma?*

— Eu diria que você é sim, mas só um pouquinho. — E não havia o menor problema em ser mimada. Acho que era o mal de toda criança *muito amada*, de qualquer forma.

— Você não sabe o que é ficar sem mãe — revelou, ao se sentar na minha frente, obrigando-me de certa forma a olhar para

ela. — A minha morreu e o meu pai agora parece ter raiva de tudo. Eu só queria conversar com você.

Não era exatamente *o tipo de desculpas* que eu esperava. Fora que, por algum motivo, Amber fez com que eu me colocasse em seu lugar. Eu não tive uma infância fácil, e ainda que ela tenha recebido todo o amor que eu também gostaria de ter tido, eu tentei imaginar como deveria estar sendo difícil para Amber lidar com a perda da mãe e o afastamento do pai.

Porque era o que Adam fazia de melhor. O cretino arrogante, filho de uma figa, se afastava ao menor sinal de desestabilidade em seu mundo militarmente organizado. Deixando a todos nós, meros mortais fadados ao erro, do lado de fora.

— Eu te perdoo — cedi, odiando-me por ser tão fraca. — Só não chora — acrescentei ao ver que a garota parecia prestes a se debulhar em lágrimas.

*Já não bastava todo o choro que aguentei de sua mãe quando criança?*

— Então me fala alguma coisa sobre ela — pediu, em uma óbvia tentativa de me manipular. — Qualquer coisa, por favor.

*Droga, garota!*

— Sua mãe era especial e, assim como você, também era um *pouquinho* mimada.

Amber sorriu timidamente.

— E o que mais? — Olhei para a garota à minha frente, realmente olhei, detendo a vontade que surgiu de afagar o seu rosto e abraçá-la. Porque esse era o tipo de pergunta que somente Hannah teria feito.

*Meu Deus, acho que eu morreria pela chance de ter me despedido dela, um único abraço. Um olhar apenas.*

— Era impossível não gostar da sua mãe. A coisa mais difícil do mundo, eu acho — revelei, sendo a única com propensão a chorar agora.

— Você está mentindo.

— Bem que eu gostaria, mas é a verdade. — Dei de ombros. — Sua mãe foi a primeira e única amiga que eu tive nessa vida, Amber. E foi tão fácil para nós duas, nós dividíamos tudo: o lanche, as roupas.

Enxerguei tanta emoção passando pelo rostinho de Amber, que fez com que eu desejasse que não estivéssemos falando sobre alguém que havia nos deixado.

— Por que vocês dividiam tudo? Ela não tinha lanche?

— Não era ela quem não tinha, era eu — respondi, sem pensar. — A minha mãe costumava se esquecer de que... — *tinha uma filha*, pensei, mas apenas externei: — Que as crianças precisavam levar lanche para o colégio.

— O meu pai nunca se esquece.

— Então, você tem muita sorte.

Amber pareceu não concordar, e fez algo que, a princípio, eu não entendi.

Ela retirou os fones que tinha em seus ombros e me entregou.

— Para que isso?

— Pode escutar?

Incerta, eu os coloquei em minhas orelhas, vendo que Amber acelerava o áudio através do seu *iPhone* amarelo.

Chiados foram escutados, e eles não impediram de identificar a voz de Hannah em vários momentos. Tudo muito rápido.

Pensei em afastar os fones, mas a garota insistiu.

— Por favor, escuta. — Amber apertou algo em seu telefone e, então, finalmente pude escutar.

Era mesmo a voz de Hannah, como se conversasse diretamente com a sua filha. Sua voz não havia mudado, continuava doce e carinhosa. Assim como em todas as vezes em que me disse que tudo ficaria bem, e que quando crescêssemos nós duas criaríamos os nossos filhos juntas. E que nunca, nunca, nos afastaríamos.

Nós havíamos feito um juramento de dedinho, droga!

*— Promete que sempre seremos amigas? — Hannah pediu, fazendo-me lembrar de que já havíamos feito esse mesmo juramento quando tínhamos apenas sete anos de idade. O fato de ela ter pedido que eu promettesse de novo, tantos anos depois, fez-me questionar se ela por acaso não havia se esquecido da longa conversa que tivemos no balanço de sua casa sobre a decisão de selarmos o nosso juramento com sangue ou não.*

*O que, no final das contas, não aconteceu. Ela não suportava ver sangue, e eu havia sugerido o uso de cuspe. Era mais simples, e menos doloroso de qualquer forma.*

*— Você sabe que sim.*

*— Mas promete mesmo? Não importa o que aconteça.*

*— Depende. Se você criar duas cabeças, eu não tenho tanta certeza se vou querer ser a sua amiga, Han-Han.*

— *Estou falando sério, Georgia.*

— *Eu juro, por tudo o que mais amo, que nunca vou deixar de ser a sua amiga. E não há nada que eu não faria por você. A sua felicidade é a minha — garanti.*

— *A sua também é a minha.*

Não percebi que havia voltado ao passado, até que minha memória se misturou ao áudio que escutava. A certeza de que eu nunca, sequer, desconfiei de Hannah fez com que eu me sentisse uma idiota. Porque, diferente dela, eu falei sério sobre fazer tudo pela sua felicidade.

O tempo, porém, mostrou que eu tinha sido a única.

Angustiado, afastei os fones e voltei a encarar a garota à minha frente. *O que essa pirralha pretendia, afinal? Terminar de cravar a faca em meu peito?*

— Minha mãe deixou várias gravações como essa para que eu escutasse. Essa era sobre você, não era?

Deveria ser, porque até onde sei eu havia sido a única amiga que Hannah perdeu.

— Por que insiste nisso? — Algo em meu tom de voz fez com que Amber percebesse o erro que havia cometido ao me mostrar essa maldita gravação. A pior coisa que ela poderia ter feito. — Que diferença faz se eu fui ou não amiga da sua mãe? Ela está morta e eu... — *Sem coração*, pensei.

— Eu só queria entender.

— Não há nada para ser entendido, Amber. Absolutamente nada, droga!



Levantei-me no instante em que Emily se aproximou com o pedido feito por Amber. Mas não foi para mim que olhou, e sim para a garota encarando-me como se eu tivesse acabado de partir o seu coração. Que ela se acostumasse com a sensação, porque era isso que acontecia quando confiávamos demais.

As pessoas nos machucavam.

— Amber? — Emily chamou, estranhando o seu comportamento.

A garota, por sua vez, a ignorou pegando o pacote com o pedido, e correndo para fora.

— O que foi tudo isso? — Fui questionada.

— Isso foi o passado batendo na minha cara. — Não que eu tivesse que dar explicações a qualquer pessoa sobre o que acabara de acontecer. — Obrigada, Emily, pelo café... e a conversa.

Ela me encarou preocupada.

— Georgia? — Eu não pretendia parar, mas tudo o que Emily fez até aquele momento foi tentar se aproximar. Ser legal comigo. — Imagino que deve estar sendo difícil para você, estar aqui e tudo mais. Mas já pensou que talvez seja o melhor? Você está em casa.

Neguei, com um único gesto. Emily não tinha escutado o que escutei, sequer fazia ideia do quanto era difícil para mim estar aqui, dia após dia, fingindo que era invencível, que toda essa maldita cidade não tinha mais o poder de me quebrar, quando a verdade é que eu nunca sequer fui consertada.

Eu ainda era a mesma garota que eles feriram.

— Esse lugar não é a minha casa, Emily. E a última coisa que eu desejo... é ficar.

— Não seja tão dura, Georgia. Às vezes, o que a gente precisa é voltar para onde tudo começou e, então, tentar de novo.

*Tentar de novo.*

Não acho que havia força suficiente dentro de mim para tentar de novo. Não mais.

## ***Adam***

Adentrei o *pub* de Ethan com um propósito diferente do que o das noites anteriores. O choro ressentido de Amber, ao retornar para a clínica essa manhã, obrigou-me a tomar duas decisões: a primeira, tratava-se de garantir que a minha filha mais velha acatasse o meu pedido para que ficasse longe de Georgia. E para tanto, eu a coloquei de castigo. A segunda decisão, era ter uma conversa definitiva com Georgia.

Indo completamente na contramão do juramento de me manter sempre a uma distância segura daquela mulher, um juramento que repeti noite após noite, desde o dia em que perdi a cabeça e arrisquei tudo ao voltar a experimentar a boca de Georgia. Que só de lembrar deixa-me duro e irrequieto, um tesão que masturbação nenhuma seria capaz de saciar.

Porque o que o meu pau exigia era o corpo macio e quente de uma mulher. A dificuldade vinha sendo convencer a mim mesmo de que essa mulher poderia ser qualquer uma, desde que não fosse a *tentação em pessoa*.

Por teimosia, eu voltei a cada noite a esse maldito *pub* e a observei, como se o meu cérebro precisasse ser testado, e o desafio era não ceder ao apelo erótico que Georgia demonstrava ter em cada pelo do seu corpo.

Só em respirar perto dela, o cheiro da cabeleira loira me invadia, embebedando-me mais do que qualquer gota de álcool ingerida. E foi do cheiro dela que eu me embebedei, a cada minuto que passei sentado olhando-a ir e vir, enquanto atendia aos clientes sorrindo, falando alto.

Sendo ela mesma.

Com toda a sua facilidade em seduzir e foder com a cabeça de um homem. E era isso o que eles pareciam procurar ao entrar no local, uma foda fácil, de preferência envolvendo Georgia, que, apesar das conversas, simpatia e jeito sexy, sempre voltava para a casa sozinha.

Talvez teimosia não fosse o ponto aqui. E sim tortura. Olhar para ela, ainda que fosse difícil, fazia-me lembrar de todas as razões pela qual eu não podia desejá-la novamente. Nem que por uma noite apenas.

Algumas pessoas, infelizmente, precisavam de uma dose maior do problema para serem capazes de encontrar uma solução.

A lógica me alertava de que eu era uma delas.

Ao me deparar com Ethan servindo alguns dos clientes, eu caminhei até ele enquanto procurava por Georgia. A expressão em meu rosto, alertou ao filho da puta sobre a possibilidade de eu não ter vindo em paz.

Pedindo para que a garçonete o substituísse, Ethan me abordou na tentativa de me impedir de causar um possível problema.

— A última vez em que estive aqui, por tantas noites seguidas, você tinha acabado de enterrar a sua esposa. Então, entendi o que te fez vir por todo o caminho até o meu *pub*, Adam. Mas não entendo agora.

Nós já havíamos tido uma conversa semelhante, onde Ethan deixou claro que me queria longe da mulher que vinha infernizando a porra da minha cabeça.

— Onde ela está?

O que fosse que Georgia tivesse dito a minha filha, não passaria em branco, porque essa era a segunda vez que Amber ficava naquele estado após uma conversa entre as duas.

Dessa vez, no entanto, eu não seria paciente com qualquer uma delas.

— Não vá por esse caminho, Dr. Preston. — Não era apenas Georgia que usava o *doutor* quando queria me irritar. No caso de Ethan, porém, era porque ele nunca aceitou as decisões que tomei na vida. — Dê o fora do meu bar e deixe Georgia em paz, você melhor do que ninguém sabe que estamos fechando.

Essa era uma precaução que eu tomava, fazendo questão de colocar as meninas na cama antes de sair. Deixando-as sempre sob os cuidados da babá ou de Ava, que era quem morava mais perto do chalé.

Ignorando Ethan e a sua evidente insatisfação, eu procurei por Georgia. Esperando encontrá-la em uma das mesas no fundo, que, a essa hora, ela costumava limpar, recolhendo garrafas e copos. Por sorte, o *pub* estava praticamente vazio e os poucos olhares voltados na minha direção eram os dos mesmos bêbados curiosos de sempre.

— Adam? — Ethan saiu de trás do balcão, impondo-se na minha frente em uma tentativa de me parar.

— Não se meta — pedi, forçando uma calma que eu não sentia.

Principalmente porque o nosso histórico de brigas, não era dos melhores. Nós fomos amigos no ensino médio, mas

passamos a maior parte antes disso entrando em discussões que terminavam com um de nós dois sangrando e no chão.

— Não se meta! — grunhi, ao me afastar.

Indo ao encontro da loira inclinada sobre uma das mesas, sem se importar com o quanto seu corpo ficava indecente dentro do short pequeno e a regata curta que usava. Alterado, eu procurei manter a cabeça em ordem. O fato de minha garganta ter secado, por completo, diante da visão de Georgia, foi algo que decidi ignorar.

— O que falei sobre ficar longe da minha filha?

Georgia se virou, assustada.

O pano que segurava foi colocado sobre a mesa, enquanto seus olhos se estreitavam.

— Aqui não — pediu baixo, sacudindo a cabeça de um lado ao outro.

Não era de admirar que ela fosse o centro de todas as atenções desde que se enfiou nesse maldito *pub*. A boca de Georgia, essa noite, fora coberta por um batom tão vermelho, que me deixou excitado no exato instante em que ela mordeu um dos lábios apertando-o com os dentes.

*Não foi para isso que eu vim, porra*, pensei ao me reorientar enquanto Georgia se aproximava depois de se dar conta de que eu não pretendia sair da sua frente.

— Você me pediu para ficar longe, e eu fiquei — defendeu-se. — Mas já pediu o mesmo à sua filha, Adam? Porque, até agora, foi Amber quem veio atrás de mim em busca respostas, que eu não tenho como dar a ela.

— Não me venha com esse teatro! Você poderia tê-la ignorado, saído do seu caminho.

A mulher me encarou como se eu fosse um maluco autoritário.

E, na presença dela, era exatamente nesse tipo de homem que eu me transformava.

— Talvez você devesse cuidar melhor das suas filhas, Dr. Preston. Porque, quando elas não estão fugindo, estão enchendo o meu saco com perguntas e todos aqueles olhares... Eu deveria sentir pena delas, Adam? Por não terem uma mãe? Eu não tive nenhum dos dois, cresci em um inferno...

— Elas são apenas crianças! Não fazem ideia do que você passou, Georgia. Ou do que aconteceu entre nós dois.

— Não preciso que elas saibam, apenas que me deixem em paz. Todos vocês! — Georgia praticamente gritou chamando a atenção de um ou outro cliente enquanto se afastava, rebolando a bunda bonita e redonda, sem olhar para trás.

Ao fundo, próximo ao balcão, Ethan pareceu dividido entre intervir no que acontecia e nos deixar cuidar disso sozinhos. Mas, ao ver Georgia sair pela porta da frente, o infeliz se acalmou voltando a se ocupar enquanto acreditava que essa era uma discussão encerrada.

A um passo de estourar, eu me perguntei se Georgia tinha alguma ideia do burburinho que a sua saída causou ou se era apenas indiferente a tudo, agindo como se não fizesse ideia do poder que tinha sobre os homens.

*Ou sobre mim.*

Querendo o confronto, eu ignorei o olhar de Ethan no outro lado e segui atrás de Georgia até a calçada. O cheiro forte de fumaça foi a primeira coisa que senti, mas não vinha dela e sim das cinzas deixadas pelo chão. Junto da fumaça, havia os pingos fracos caindo enquanto o som dos trovões explodia no céu cinzento de *East Village*.

Um prelúdio da tempestade que muito em breve cairia sobre nossas cabeças.

— Eu falei que aqui não, Adam. Esse é o meu trabalho! — voltou a gritar, alterada. — Vir até aqui, para brigar comigo por algo que eu não fiz? Que sequer tenho culpa? — Georgia se aproximou, erguendo o rosto arisco em uma tentativa de ficar cara a cara comigo. Algo que nem com os saltos altos ela era capaz. — Já não basta que você e Hannah tenham permitido que toda essa maldita cidade me odiasse? Que pensassem o pior de mim? — acusou, esbravejando o drama de sempre. E que, em vez de me irritar, só excitou. Deixou-me duro de vontade de agarrar essa mulher de sangue quente pelo cabelo e foder com tudo de uma vez. Sem pensar. Apenas tomar o que um dia foi meu: ela inteira. — Vocês nunca me defenderam, seu filho da puta arrogante! Nunca fizeram nada para que essas pessoas soubessem que eu não tentei roubar você dela. Foi exatamente o contrário.

— Nós não vamos falar sobre isso outra vez. Quem deixou quem, quem traiu...

— Vocês me traíram! — esbravejou, apontando o dedo em meu peito, uma e outra vez, até que perdi a paciência e a segurei pelo pulso.



— Eu amava a Hannah.

— E você não poderia ter, não sei, descoberto isso antes, Adam? Eu te entreguei a minha virgindade, os meus beijos... confiei tanto em você, e no final... você foi lá e a escolheu. E por quê? Por que ela era mais inteligente ou por que tinha uma família? — Havia lágrimas em seus olhos, e elas começavam a se misturar aos respingos fracos de chuva que escorreram pelo seu rosto.

E ainda que eu a tenha tocado com carinho, um cuidado que ia além do não querer machucá-la, e sim... temer o que acabaria acontecendo se continuasse, Georgia continuou agitada. Querendo briga.

Eu conhecia a sensação, porque era exatamente o que eu queria cada vez que chegava perto dessa mulher: o embate que não tivemos no passado, a resolução de tudo o que deixamos no ar para trás, esquecido por todos esses anos.

— Eu a escolhi porque ela não era você, Georgia — admiti e, pela reação que teve ao dar um passo atrás, devo ter passado de todos os limites.

— Você sempre foi bom em me machucar, sabendo exatamente que palavra usar para partir o meu coração, Adam. Muita coisa mudou, mas não isso. — Georgia levou os dedos magros até o rosto, onde eu a tocava, em uma tentativa de empurrar a palma da minha mão, que só a agarrou com mais intensidade, dessa vez, pela nuca, trazendo-a para mais perto, completamente enfeitiçado pelo azul profundo dos seus olhos.

A mulher me encarou de volta, transparecendo toda a agonia que sentia. Naquele momento, porém, eu não soube se

ela mordeu a polpa de sua boca porque estava nervosa ou se pelo frio.

De qualquer forma, eu fiz o impensável. Aproximei-me até não restar nenhuma distância entre nós dois e retirei a jaqueta colocando-a por sobre os seus ombros, o que só a fez estremecer mais, confirmando o que eu suspeitava.

Não era o frio a perturbá-la, e sim o efeito que tínhamos um sobre o outro. O desejo proibido, a vontade de anos.

— O que há com você, que faz com que eu sempre perca a cabeça? Que queira o impossível?

Georgia sacudiu a cabeça, de um lado ao outro. Meus dedos deslizaram pelo rosto gelado até alcançar o seu lábio inferior, que se mostrou mais inchado e vermelho, como se o sangue do seu corpo estivesse concentrado inteiramente em sua boca, deixando-a quente.

O mesmo aconteceu comigo, mas não era a minha boca a pulsar pelo tesão, e sim o meu pau que ficara rijo dentro da calça, implorando por um pouco mais dessa mulher. Qualquer coisa, inclusive um beijo.

Com a palma da minha mão se espalhando pelo rosto, agora trêmulo, eu me inclinei sobre Georgia, sendo alvo dos imensos olhos azuis dela que haviam se fixado em minha boca; se temendo ou desejando o inevitável, eu descobri no instante em que o temporal caiu sobre nossas cabeças. O momento exato em que colidimos um com o outro.

O beijo ardente e profundo teve toda a nossa rendição. Éramos apenas carne e pele, desejo primitivo. Cada pelo de

nossos corpos foi banhado pela chuva fria, em uma tentativa de acalmar o que era incontrolável.

Agarrei Georgia pelo cabelo, aquietando sua inquietude, sua vontade de se afastar de algo que tanto queria. Porque, se as mãos pequenas dessa mulher tentavam me empurrar, a sua boca me puxava para mais perto, sedenta, voluptuosa, confirmando algo que eu já sabia: Georgia tinha a boca mais gostosa que já provei.

— Você é como uma droga, caralho — grunhi contra os seus lábios, perdendo-me neles. Na maciez, no quanto eles pareciam gulosos ao retribuir o meu beijo.

Sem escolha, Georgia se agarrou aos meus braços, esforçando-se a se manter de pé enquanto nossos mundos giravam em meio à tempestade. Não ouvi nada ao redor, não questionei se haveria alguém nos vendo ou não.

Naquele momento, tudo o que eu queria era afundar na boca dela como se fosse a salvação de todo o meu tormento. *Ou o início dele...* pensei, ao me afastar reagindo como se a própria voz de Hannah estivesse sussurrando que isso era loucura.

Com a testa colada à de Georgia, procurei recuperar o fôlego, sentindo que ela fazia o mesmo de forma exasperada, completamente confusa.

— Se eu sou uma droga, você é o quê? — sussurrou, incapaz de se afastar. Porque, apesar da voz de Hannah em meu cérebro, e da consciência de que deveria colocar alguma distância entre nós dois, eu não a soltei. Pelo contrário, meus dedos se emaranharam ainda mais na cabeleira cheirosa dessa mulher.

— Eu sou um viciado, *baby* — murmurei de volta, com a voz baixa e asperamente rouca. — Um que tem consciência de que *isso* não é saudável, mas que já desistiu de encontrar lógica no que acontece quando chego perto de você.

Era tesão misturado à raiva, uma vontade que beirava ao irracional. Ainda assim, quando a mulher piscou, deixando escorrer pequenas gotas de chuva dos seus cílios, eu não tive outra reação que não a de beijá-la. Profunda e loucamente.

*O último gosto, tentei me convencer. Só um pouco mais do cheiro doce e erótico.*

*Um pouco mais dela.*

A língua quente de Georgia penetrou a minha, envolvendo-me em uma briga silenciosa e primitiva. E, se com uma mão eu continuei a agarrá-la, com a outra eu a toquei por dentro da jaqueta que havia colocado sobre os seus ombros. Meus dedos procuravam avidamente por uma fresta de pele nua, que, ao ser encontrada, me fez grunhir de forma animal e prensar o corpo contra o dela, para que sentisse a loucura que fazia comigo.

E Georgia sentiu. No instante que meu pau latejou contra a barriga lisa, sua boca derreteu contra a minha. Suave, tão encharcada quanto eu desejava ver a sua boceta. Porra, a memória do cheiro gostoso entre as suas pernas... foi o que, no passado, me fez continuar a ir atrás dela. Dia após dia, mesmo depois que compreendi que Hannah era a mulher certa para mim.

Que o meu futuro seria ao lado dela.

— Adam — sussurrou, cravando as unhas em meu pulso enquanto afastava a boca da minha, interrompendo o beijo. — O que está fazendo não é justo comigo.

— Teve uma época em que você morreria antes de me negar qualquer coisa.

— E veja onde isso me levou.

— *Baby*.

— Não me chame assim, por favor. — Encarou-me, desapontada.

Mas chamá-la dessa forma era força do hábito. E, para ser honesto, olhar para Georgia dava-me a sensação de que o tempo não havia passado.

*Não quando se tratava de nós dois.*

Irritada, ela voltou a me empurrar com os pulsos. Alterando-se pela milésima vez em tão pouco tempo.

— Pare — pedi, querendo que se acalmasse.

— Diga-me uma coisa, Adam. — Fitou-me dentro dos olhos. — Hannah supriu todas as suas expectativas? Ou ela não era perfeita como você esperava que fosse?

Encarei Georgia, incerto sobre levar ou não o tema *Hannah* adiante.

— Quer mesmo ter essa conversa?

— Você realmente a amou, Adam? Ao escolher Hannah... você...

— Você sabe que sim — grunhi, na defensiva.

A ideia de que ela, Ethan... ou qualquer outra pessoa duvidasse do amor que sentia pela minha esposa, fazia-me questionar se Hannah também não o fez em algum momento

desde que eu a escolhi. Odiaria a ideia de que ela tenha morrido com dúvidas.

Porque eu a amei.

— E por mim, o que você sentiu? — quis saber, sem medo algum, enquanto eu me calava. — Não seja covarde, Adam, diga o que sentiu!

*Eu não podia*, pensei, ao me dar conta de que havia um embargo preso na garganta, impedindo a passagem de qualquer palavra.

— Sabe o que eu acho? — Georgia e o seu maldito dedo de novo, alfinetando o meu peito. — Que a parte de você que perde a cabeça e o controle, me amou. E você só rejeitou esse amor, porque criou um universo em que as pessoas que não atendem as suas expectativas altíssimas, não merecem fazer parte da sua vida. E, então, você a escolheu!

— E você foi embora sem se importar com quem deixou para trás — grunhi, no mesmo tom alterado de voz que o dela, explodindo por dentro. — Você não ligou, Georgia, não avisou se estava viva ou morta! Tem noção da tortura que foi?

Ela sacudiu a cabeça, rejeitando a ideia de que alguém possa ter sofrido com a sua partida.

— As pessoas que eu deixei para trás não se importaram comigo quando eu estava aqui, Adam. Por que eu deveria ter me importado com elas?

— Já que hoje é o dia das perguntas, por que não me diz onde esteve por todo esse tempo? Como sobreviveu, onde trabalhou...

— Que diferença faz?

*Fazia toda diferença*, pensei, lembrando as palavras de Grace, que sempre fez questão de insinuar coisas horríveis a respeito de Georgia.

— Diga-me, pelo menos, se existe um homem esperando por você? Um filho da puta que, nesse exato momento, deve estar louco à sua procura?

Minhas palavras pareceram acertar o alvo em cheio, porque Georgia congelou em seu lugar, mal respirando.

— Eu não podia ficar — murmurou, tentando colocar alguma distância entre nós dois. — Em nenhuma das vezes.

*Antes e agora, era isso o que ela estava querendo me dizer?*

— Quantos fantasmas têm deixado para trás, Georgia?

— Menos do que você imagina. — A sua palma se espalhou pelo meu peito enquanto descia o olhar, com a mente longe.

Eu a segurei por cima da sua mão, sentindo a resistência dos dedos finos e a magreza também. Georgia sempre se destacou entre as garotas de sua idade, em parte porque seu corpo se desenvolveu cedo. Então era normal toda a atenção que recebia, não apenas dos garotos de nossa idade, mas de homens adultos também.

O corpo antes, cheios de curvas, que vivia a receber críticas de Adeline por não se encaixar no seu ideal, transformara-se no pecado de cada homem. Seu quadril ainda era largo, a bunda perfeita e os seios fartos, mas todo o resto de Georgia havia amadurecido junto com os anos.

E isso, por si só, encheu-me de fúria. Porque era óbvio que ela teve outros homens e dormiu em outras camas. E o mero pensamento de que Georgia possa ter sentido prazer com eles, os desejado avidamente como me desejou no passado, foi o que me empurrou até a borda.

— Eu não deveria ter vindo até aqui — admiti, indo na contramão do que sentia. — *Tudo isso* sempre vai ser um erro, Georgia. Nós dois somos um erro.

— Um erro que você insiste em beijar... — A mulher me deu as costas quando eu a soltei, mas não se afastou por completo. Apenas buscou pela marquise para se proteger parcialmente da chuva e, ao escutar o som do meu telefone tocando no bolso do casaco, ela o pegou e me entregou.

Identifiquei o nome de Ava, a fagulha de preocupação transformou-se rapidamente em labaredas ao escutá-la no outro lado da linha.

— Ava, pelo amor de Deus, fale mais devagar. — Um pouco mais à frente, Georgia me encarou com interesse ao se dar conta da rigidez que se apossou do meu corpo naquele momento.

Tanto que assim que encerrei o telefonema, ainda angustiado, ela inquiriu:

— O que aconteceu? Adam?

Fui até ela e enfiei a mão nos bolsos da jaqueta, com o único intuito de recuperar a chave do meu carro parado no estacionamento ao lado do *pub*.

— Eu não vou deixar que dirija nervoso dessa forma — falou ao me seguir, entrando na minha frente sem pensar nas



consequências.

Porque eu não pretendia parar, errei ao vir aqui noite após noite, e não deixaria que a aparente obsessão por essa mulher interferisse em minha vida *outra vez*.

— Só me diga o que aconteceu — insistiu, sem ideia do que me atormentava.

— Amber. Ela... Ava diz que não a encontra! — Ela se mostrou genuinamente preocupada, mas antes que abrisse a boca, para dizer o que fosse, eu a cortei. — Agora não, Georgia. Sério, só fique longe, porra, porque tudo parece desmoronar quando você está por perto.

Georgia se encolheu em resposta, como se ao fazê-lo ela estivesse se protegendo de cada palavra dura que eu despejava em sua direção.

Dessa vez, no entanto, não houve qualquer tentativa de abrandar o desconforto porque eu já não estava disposto a prosseguir com a conversa, ou discussão. Não quando eu sequer conseguia nomear o que tínhamos acabado de fazer aqui, tudo o que sabia era que essa loucura tinha de parar.

**12**

## **Georgia**

Ao voltar para o estúdio, minutos após Adam me deixar em frente ao *Coyote* e ir em busca de sua filha, tudo o que senti em minha boca foi o gosto de arrependimento que aquele homem sabia como ninguém deixar em minha boca. Um gosto amargo que eu esperava que a chuva levasse embora, assim como o aperto que senti crescer em meu peito a cada passo que dei.

Ethan, que havia se oferecido para me acompanhar por todo o caminho solitário, não gostou da ideia de me ver indo embora em meio ao caos que havia se transformado a cidade. Mas eu precisava me afastar, colocar alguma distância entre mim e qualquer coisa que poderia me ferir. O que incluía os olhares que recebi ao retornar para o *pub*, depois da saída intempestiva.

Não seria surpresa se na manhã seguinte todos em *East Village* estivessem comentando sobre o ocorrido. E então, o meu nome, que já deveria ter se tornado notícia velha, voltaria a ser a atração principal da cidade.

Somente ao me aproximar do estúdio, foi que notei que a chuva caindo sobre a minha cabeça e congelando o meu corpo, começava a diminuir. O que poucas pessoas faziam ideia é que eu morria de medo de escuro e tempestades. E nunca tive vergonha em admitir. Se me arrisquei em meio ao temporal, foi somente porque eu não queria ser refém dos meus medos ou deixar que eles me tornassem o tipo de mulher que se acovardava.

Se fugir era o que eu fazia para me proteger, enfiar-me debaixo de uma tempestade era algo que eu faria para provar a mim mesma que podia.

Depois de empurrar o portão de ferro, eu mal o fechei quando avistei a figura encolhida no último degrau da escada, que me levaria ao sobrado. O susto durou o tempo que levei para identificar que a figura agasalhada próxima a porta era ninguém menos do que Amber.

*Essa garota vinha se tornando a causa número um dos meus problemas, droga.*

— O que faz aqui? — inquiri, sem paciência. — Ou melhor, passe agora mesmo o número do seu pai porque eu pretendo avisá-lo de que a encontrei.

Amber enrugou a testa, desgostosa.

— Você não pode ligar para ele.

— Eu não posso? Tem certeza? — Detive-me, cruzando os braços não em defensiva, mas por estar morrendo de frio.

— Eu ainda não estou pronta para voltar, então... por favor. Não liga para ele.

— Dê-me o número, Amber.

A garota suspirou, irritada, e me passou.

Em questão de segundos, eu enviei uma mensagem ao troglodita do seu pai, esperando, do fundo do meu coração, que ele não achasse que o fato de ela estar aqui também fosse culpa minha.

*Ah, Hannah, por que eu tenho a impressão de que você está se divertindo aí de cima?*

— De todos os lugares em que poderia ter se escondido, por que aqui?

Ela se mostrou envergonhada.

— É que... como vocês não se dão bem, eu imaginei que...

— Que ele não pensaria em procurá-la perto de mim?

— Sim.

*Garota esperta*, pensei, subindo até o último degrau e me sentando ao seu lado enquanto a empurrava um pouco mais para o lado.

— Então você fugiu. — Apesar do desconforto que Amber me causava, somente por estar perto, eu não podia deixar de admirá-la pela coragem.

De alguma forma, que não fazia o menor sentido, eu me identificava com ela. Porque quando tinha a sua idade, eu também desejei fugir.

Só não fui corajosa.

— Depois, é claro, de fazer fofoca ao seu pai.

— Não foi fofoca, eu só... não queria esconder nada dele. — Havia a mesma inocência em Amber que houve em sua mãe. A doçura ao falar e transformar qualquer erro em *nada*.

— Você o deixou preocupado. Isso não é legal.

Amber se mexeu, tão desconfortável quanto eu me encontrava. O par de tênis rosa, coberto por pequenas flores, raspavam sobre o degrau de cimento queimado. Um contraste e tanto às minhas botas pretas.

— Como você sabe? — perguntou, olhando-me com um pouco mais de atenção e só então notando que eu usava a

jaqueta do seu pai.

A mesma que parecia levar o seu cheiro, e que eu me sentia tentada a dormir agarrada essa noite, como se eu não o tivesse feito tantas noites antes. Adam sabia que eu morria de medo de tempestades, talvez ele tenha até mesmo esquecido a essa altura, mas quando éramos jovens... bem, foram os braços dele que sentia me apertar a cada tempestade em *East Village*.

Adam silenciou cada medo meu. Até que seus braços foram amparar outra pessoa.

— Digamos que eu seja uma pessoa que sabe de tudo — desconversei, não querendo explicar o que havia acontecido entre o seu pai e eu.

— E como conseguiu a jaqueta dele? — inquiriu, desconfiada. — Você a roubou?

— Por que eu faria algo assim?

Ela deu de ombros e também desconversou.

— Acha que ele vai brigar muito comigo? — Eu, no lugar dele, brigaria.

— Acho que não, Amber. Seu pai ama você e a sua irmã. — Senti que ela se encolheu ao meu lado ao me escutar.

— Eu estou com muita raiva dele — revelou. — Desde que a mamãe se foi, é como se ele só soubesse brigar com a gente, sabe? O meu pai não era assim antes... Ele... ele mudou muito.

Eu podia imaginar, ainda que esse pequeno detalhe não justificasse o seu comportamento. Amber tinha sorte de ter um pai como Adam, e era triste que ela não conseguisse enxergar isso.

— Sabia que eu nunca conheci o meu pai? — Ela virou o rostinho na minha direção. — A minha mãe não era exatamente uma *boa mãe*, e por muito tempo eu desejei que fosse o meu pai a cuidar de mim e não ela.

— Mas ela era a sua mãe...

— Sim, o que não a impediu de me machucar ou me bater por qualquer coisa. — Os olhos azuis se estreitaram, da mesma forma como os de Hannah ao ficar nervosa. — Às vezes, ela se esquecia de que tinha uma criança em casa, e eu ficava dias sem comer direito. Por isso a sua mãe dividia tudo comigo, para que eu não sentisse fome.

Amber avaliou o que eu havia acabado de dizer.

— Por que a sua mãe fazia isso com você? — quis saber, baixinho.

O som da tempestade caindo lá fora, fez com que nós duas nos encolhêssemos.

— Eu acho que ela nunca me quis. — E poucas pessoas haviam escutado essa verdade sair da minha boca. — Então, a minha mãe meio que me culpou por todo o tipo de coisa ruim que aconteceu em sua vida. Escutar agora você dizer que está irritada com o seu pai não é legal, Amber, porque eu sei o quanto ele se preocupa.

— Mas... você e ele não se gostam, como pode ter tanta certeza?

— Porque eu conheço o seu pai desde que eu tinha a sua idade. — E Adam sempre foi o tipo que, quando amava, ele amava intensamente. — Eu sei que ele pode parecer um pouco ranzinza... e que não demonstra o que sente, mas tudo o que vi

até agora foi o seu pai tentando fazer o que é melhor para vocês duas.

Ainda que significasse, mantê-las longe de mim.

Fitando a chuva, eu a vi apoiar o queixo sobre os joelhos com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu só queria que tudo voltasse ao normal. Que a minha mãe estivesse viva ainda, cuidando da gente e do papai.

*Pelo visto, eu não era a única desejando coisas impossíveis aqui.*

— E se eu te disser que ela está cuidando de todos vocês, mas lá do céu?

— Você acredita mesmo nisso?

*Sinceramente?* Eu não tinha tanta certeza, mas esperava que Hannah pudesse nos ouvir de onde estivesse e que soubesse exatamente como eu me sentia em relação a tudo o que me fez.

Algo me dizia, no entanto, que, se Hannah pudesse *realmente* nos ouvir, ela estaria adorando a furada em que me meti.

— Claro que acredito.

Amber se mostrou cética, ganhando alguns pontos comigo por não ser tão ingênua como aparentava.

Se bem que, com um pai e uma avó como os dela, seria estranho se a garota não fosse extremamente inteligente. Ou esperta.

— Você me desculpa? — falou, de repente, pegando-me de surpresa.

— Pelo quê?



— Por te magoar aquele dia. Primeiro, eu gritei com você; depois, quase te fiz chorar. Eu também fico triste quando ouço as gravações da minha mãe.

— Se você fica triste, então por que continua ouvindo? — Além de estranho, era algo um pouco mórbido para falar a verdade.

— Eu não quero me esquecer dela... como o papai — revelou como se fosse um segredo.

— Não acho que o seu pai tenha esquecido da sua mãe, Amber. — Fui rápida em acrescentar, incerta sobre quem eu deveria defender.

*Adam? Hannah? O amor deles?*

— Se não esqueceu... ele quer, porque guardou tudo o que era da minha mãe no antigo quarto deles. Ele acha que eu não sei, mas ele entra lá as vezes... e fica bravo.

*Isso é porque Adam sofria por ela, querida. Só isso.* Pensei, mas não consegui colocar para fora porque dizer envolveria ter de admitir que talvez eu estivesse errada.

Em tudo.

— Você tem marido? É casada? — A pergunta veio, tão de repente quanto o raio que atravessou o céu.

— De onde veio essa pergunta, Amber?

— Você é bonita, eu só pensei que poderia ter um marido.

Ah, querida, se tudo fosse tão simples assim.

— Acho que eu ainda não encontrei o homem certo — menti, porque encontrei sim.

*Ele só havia se apaixonado perdidamente pela sua mãe.*

— E como é o homem certo para você? — perguntou agindo como uma pequena adulta.

— Bem, antes de tudo ele tem que me amar. E nunca mentir para mim — falei, olhando em sua direção.

Amber por sua vez, enrijeceu o corpo ao olhar para a frente murmurando baixinho para mim:

— É o papai — falou, deixando-me confusa até o instante em que me virei para a direção que Amber olhava. Apenas para me deparar com Adam.

*Ótimo. O timing desse homem era sempre horrível.*

— Não é culpa dela, papai. — A garota se levantou, mostrando-se preocupada comigo e não com ela. — Eu que quis vir para cá, a Georgia nem sabia, não é?

Foi no momento em que tentou me proteger, que eu me apaixonei por Amber. Porque a Hannah que conheci e que foi por anos a minha melhor amiga teria feito o mesmo por mim. E ela fez, diversas vezes.

Fosse para me proteger do mau humor da sua mãe, fosse para me livrar de problemas no colégio.

A dureza no olhar de Adam não suavizou. O homem pareceu estar preso em seu próprio inferno, e ele era quente. A sua presença acabou sendo o suficiente para me deixar uma bagunça.

— Nós vamos conversar quando chegarmos em casa, Amber. Se despeça de Georgia e me espere no carro.

A garota hesitou, obedecendo ao pai enquanto descia as escadas de forma hesitante, quase como se não quisesse ir embora. Ao alcançar o último degrau, Amber se virou e sorriu.

Com a promessa de um elo entre nós duas, que ninguém poderia explicar.

Quis interferir e pedir a Adam para que não fosse tão autoritário com a garota, mas não cabia a mim defender Amber. Ela não era minha filha, assim como Adam não era meu.

Ao ver que o filho da mãe não seguiu a filha, eu me levantei. Deixando claro que, para mim, a noite havia terminado. E que, de certa forma, eu estava cansada, principalmente dele e suas explosões descabidas.

— Obrigado por me avisar. — A voz do cretino soou seca, como se lhe doesse dizê-las.

O mesmo não aconteceu antes, certo? Quando a boca dele esteve na minha e as mãos percorrendo o meu corpo. Até então, falar comigo fora absolutamente fácil.

— Não foi nada — respondi, prestes a subir o último degrau da escada. E o teria feito se Amber não tivesse retornado, fazendo com que a troca de olhares entre nós dois se tornasse desconfortável.

— Filha, o que falei?

— Eu só preciso perguntar uma coisa a Georgia, pai. Calma. — Assim que me viu, Amber perguntou após tomar fôlego: — Onde está a sua mãe? Ela morreu?

Fui alvo da intensidade do olhar de Adam, mas não o encarei. Não na frente de sua filha, temendo que ela pudesse perceber que entre mim e o seu pai havia mais do que um simples *não gostar um do outro*.

— Não. Ela apenas... se casou de novo e decidiu que não tinha mais uma filha.

Não que eu a tenha culpado por agir dessa forma. Nem surpresa eu posso dizer que fiquei, porque fui a primeira a escapar dessa cidade. Então, nada mais justo que ela tivesse passado a agir como se eu já não existisse.

A verdade é que manter-se longe era um favor que aquela mulher me fazia.

A reação de Amber foi de tristeza absoluta. Seu pai, por sua vez, a observou subir os degraus sem dizer nada, e me abraçar pela cintura.

— Eu sinto muito.

Quando ela voltou a nos deixar a sós, eu estava tão atordoada que congelei, querendo impedir que as lágrimas acumuladas ao redor dos meus olhos escorressem pelo meu rosto e revelasse o quanto o assunto mexia comigo.

— Georgia... — Meu nome escapou de sua boca, mas eu já não queria escutar nada.

Temendo que o homem acabasse por me ferir um pouco mais, ou bagunçasse a minha cabeça. E sinceramente? Eu não saberia dizer o que era pior nesse momento.

— Você já a encontrou, Dr. Preston. Agora boa noite — falei, não lhe deixando outra opção que não a de ir embora. Sentindo, lá no fundinho da minha alma, como se cada dia presa a essa cidade, um pedaço meu se desfizesse, deixando-me cada vez mais próxima da velha Georgia.

*E Deus, como eu a odiava.*

## ***Adam***

Concentrado na estrada, eu deixei que o som baixo, tocando através do sistema de som do carro, preenchesse o espaço, em uma tentativa de me acalmar antes que pudesse parar e conversar com Amber. O silêncio dela, no entanto, pareceu gritar dentro do carro, como todas as palavras que sua mãe nunca teve coragem de me dizer.

— Estou até agora sem entender o que pretendia ao desaparecer, Amber! — A minha filha não respondeu e, por incrível que pareça, já não parecia irritada comigo como quando eu a tinha deixado em casa essa noite. — Você diz que quer liberdade, mas não coopera. Como posso confiar em você agora?

Amber suspirou, cruzando os braços em frente ao corpo da mesma forma que Georgia ao se sentir intimidada. A simples coincidência me deixou irritado, por isso apenas voltei a atenção ao caminho que percorríamos.

A chuva havia diminuído, mas não parecia nem perto do seu fim. O que explicava a expressão assustada que enxerguei no rosto de Georgia por boa parte da noite.

— O senhor sabia que a mãe da Georgia batia nela? — interrompeu o silêncio. — E que o pai dela nunca quis conhecer ela?

— Sim, eu meio que sabia.

— E por que nunca fez nada para impedir? — Lembrei-me de todas as vezes em que vi as marcas no corpo de Georgia. E o

quanto ela ficava desconfortável quando eu a enchia de perguntas.

— Eu era um garoto, Amber. Qualquer coisa que alguém tivesse tentado fazer poderia ter feito com que Georgia acabasse nas mãos do serviço social.

Esse sempre foi o seu maior medo.

— Eu acho que ela não tem ninguém, papai — continuou parecendo realmente chateada. — Não é triste? — Meus dedos se apertaram ao redor do volante. — Por favor, não me afasta dela. Sem mim, quem ela vai ter?

*Como assim?*, pensei, assustado com a intensidade do seu pedido.

— Filha, você é apenas uma criança.

— Eu já tenho dez anos, papai. Não sou uma criança! — rebateu, séria. — E eu não quis te preocupar, só estava chateada porque realmente gosto da Georgia e o senhor pediu para que eu não fosse mais atrás dela... mas... a verdade é que eu acho que a chateeí.

— O que foi que você não me contou? — Nós já estávamos a uma curva do chalé, quando diminuí a velocidade do SUV.

— Eu mostrei as gravações a ela, papai. Por isso Georgia ficou irritada comigo, porque quase fiz com que ela chorasse ao escutar a mamãe.

Sacudi a cabeça, sem compreender. Esperando que minha filha continuasse.

— Os olhos dela estavam cheios de lágrimas — Amber revelou. — Eu vi, mas... ela tentou esconder.

Chorar não era típico de Georgia, fazer drama sim.

— Por que mostrou as gravações a ela, filha? — Não era do seu feitio deixar que outras pessoas escutassem as histórias deixadas por Hannah.

— Porque eu estava certa, papai — declarou, baixinho. — A Georgia gostava mesmo da mamãe.

Eu não tinha tanta certeza, mas uma parte de mim esperava que fosse verdade. Que Georgia não fosse a mulher que eu imaginava que ela era.

— Amber, eu não quero que se machuque. Foi você quem disse que ela havia sido má com você.

— Eu menti. Ela não foi má, só... falou a verdade.

— Que seja, eu não quero que você se apegue àquela mulher porque, em breve, ela irá embora, e então...

— Mas e se ela não precisar ir? — Encarei a minha filha ao estacionar em frente ao chalé, irritando-me ao ver o *sedan* de Grace na vaga reserva mesmo depois que rejeitei as suas ligações na última hora. — Se a Georgia mora no estúdio agora, talvez ela queira ficar nele — continuou, querendo me fazer compreender o raciocínio simples. — Georgia não é casada, então, quem sabe, ela não encontra um marido na cidade e fica para sempre?

*Marido?* Essa era a última coisa que ela encontraria por aqui. A certeza disso, porém, não impediu que a ideia de vê-la casada com outro homem me deixasse agitado.

— Esqueça o assunto, Amber. Porque Georgia não irá ficar em *East Village*.

Fora ela quem revelou que não via o momento de ir embora, e pelo bem da minha sanidade era bom que se fosse mesmo. Porque o contrário significava que eu teria que aprender a lidar com a sua presença.

— Você fala como a vovó.

— Como assim, filha? — Apesar de já ter desligado o motor, nenhum de nós dois fez nada para deixar o carro.

— A vovó também não gosta da Georgia, disse até que ela não presta.

— Onde ouviu isso, Amber?

— Eu não ouvi, não como está imaginando. Foi a vovó que disse para mim e para Charlotte, aliás.

Era só o que me faltava. Não bastasse o veneno que Grace despejava aleatoriamente, agora ela pretendia fazer o quê? Mexer com a cabeça das minhas filhas?

— A partir de hoje, você vai pensar pelo menos duas vezes antes de acreditar em qualquer coisa que a sua avó diga.

— Então não é verdade?

— Não. Não é. — Ainda que tudo mostrasse o contrário.

A garota cheia de defeitos havia se transformado em uma mulher aparentemente cheia de problemas. Que, além de egoísta, tinha atravessado o país em busca de uma herança que sequer deveria pertencer a ela.

— Achei que adultos dissessem sempre a verdade.

— Não, filha, eles nem sempre dizem.





Ao entrarmos no chalé, a primeira coisa que notei foi a expressão aterrorizada no rosto de Ava, que, ao que parece, havia cometido o erro de anunciar a Grace a respeito do que havia acontecido essa noite. Como se precisasse do acréscimo para que o dia terminasse como começou. Terrível.

— Onde você a encontrou? — Grace quis saber, impondo-se na frente de Amber, que a olhou com outros olhos.

Não que eu desejasse ver as minhas filhas contra a avó, mas também não iria permitir que Grace as confundisse.

Ignorando minha mãe, eu me virei para Amber.

— Suba e se prepare para dormir. Amanhã nós conversamos. — Enquanto a assistia se afastar, subindo os degraus rapidamente, eu caminhei até a sala de estar e me sentei em um dos sofás, olhando para o nada à minha frente.

— Eu te fiz uma pergunta, Adam. Onde você a encontrou e por qual razão você não me avisou? Tive que saber por Ava...

— Grace? — eu a chamei. — Se não se importa, eu gostaria de descansar um pouco, então se quer mesmo ter essa conversa... volte amanhã.

Depois que eu tivesse, pelo menos, uma noite inteira de sono e algum descanso.

Aproximando-se por trás, Grace apoiou uma das mãos no recosto do sofá.

— Quantas noites mais irá até aquele *pub* nos envergonhar, meu filho? — Claro que ela saberia, pensei, exausto pra caralho. — Era lá que estava essa noite, não era? Correndo atrás daquela mulherzinha...

— Eu não corri atrás de ninguém! — grunhi, de volta.

— Então por que ir até lá? Não pense que as pessoas não me contam...

— Quer saber, Grace? Eu não dou a mínima para o que as pessoas estão contando a você. Porque essa é a minha vida.

A Sra. Preston me encarou, agindo como se não me reconhecesse. Ou pior, como se visse à sua frente traços do garoto que um dia eu fui. Aquele que a enfrentava com o intuito de proteger Georgia a cada palavra ácida que dizia.

— Não se esqueça de que você é um homem casado e pai de duas filhas, Adam. Não é somente a mim que está envergonhando... é a sua família inteira.

— Viúvo! — esbravejei, de volta. — Não se esqueça você... de que Hannah não está mais aqui.

Demonstrando toda a sua insatisfação, ela completou:

— É terrível a forma como vocês, homens, nunca aprendem com os erros que cometem. — Ela se aproximou, surpreendendo-me ao afagar o meu rosto. — E apenas para que saiba, Adam, eu não vou admitir que Georgia permaneça perto das minhas netas, me ouviu? Se acha que...

— Eu não acho nada, Grace.

Ela se endireitou, pegando a bolsa e se afastando, deixando-me finalmente em paz. Ou quase, porque aquele foi o momento em que Ava pigarreou. Juntando-se a mim.

— Sinto muito, Adam, eu não deveria ter ligado para a Sra. Preston. Mas fiquei tão preocupada...

— Você fez o certo, Ava — garanti.

E, ao ver o estado em que eu me encontrava, ela se aproximou.

— Se quiser, eu posso passar a noite, Adam. Como combinamos. — Eu a encarei. — Acabei de vir do quarto de Amber, e ela apagou no instante em que deitou... ela e Lotty agora só devem acordar pela manhã. — Eu não tinha dúvida alguma. — Então, se quiser retornar aos planos que havia feito...

— Não havia plano algum, eu só tinha que resolver um problema.

— E resolveu?

*Não*, acho que só criei outros. Maiores e um pouco mais difíceis de serem resolvidos.

— Não completamente.

— Bom, eu estarei aqui pela noite, então...

Quis entender o que Ava achava que eu tinha para resolver, mas essa mulher me viu crescer.

— Às vezes, eu me assusto com a forma como você me conhece, Ava — admiti, por fim.

— Ser uma pessoa observadora tem suas vantagens. — Deu de ombros.

— Não quero abusar da sua boa vontade, você tem se revezado com a babá nas últimas noites e...

— Você sabe que não é um problema, não é como se tivesse alguém me esperando em casa. — Ava havia se

separado anos atrás, e esse foi um dos motivos pelo qual eu a mantive como minha assistente na clínica.

— Será só essa noite — garanti, ao me levantar. Incapaz de pensar direito.

— Fique tranquilo, meu filho — falou com um sorriso compreensível. — A única coisa que te peço é... que pense bem no que está fazendo, Adam. Arrastar Georgia para essa confusão talvez não seja uma boa ideia.

*Como se eu não soubesse.*

— Se essa for a sua preocupação, fique tranquila, Ava — garanti, em um esforço de me convencer do mesmo.

Ao me virar, busquei pelas chaves do carro antes de deixar o chalé. E não vou negar, até o momento em que me sentei no banco de couro do *SUV*, eu não havia tomado a decisão definitiva sobre ir ou não até Georgia.

A princípio eu desejava apenas sair, espairar a mente. Dirigir até ser capaz de arrancar o gosto de Georgia da minha boca e o seu cheiro, a me deixar louco.

Fatalmente, quando liguei o motor do carro e dei a partida, foi atrás dela que eu fui. Dando-me conta de que, ao contrário do que Ava insinuou, quem me atraía para esse maldito caos era Georgia.

Um caos que eu não tinha se certeza se conseguiria me afastar.



## **Georgia**

Segurei a taça com o vinho barato em minhas mãos, considerando a possibilidade de drenar todo o líquido diretamente da garrafa. Minha mente, cada vez mais confusa, pareceu a um passo de entrar em um curto-circuito sem volta. E se de um lado eu queria chorar, por Hannah, Amber e tudo o que perdi em minha vida. Por outro, queria apenas acabar com o incômodo quente e escorregadio a se espalhar entre as minhas pernas.

Com os pés sobre o sofá, eu olhei para a garrafa quase vazia do vinho péssimo, e virei de uma só vez o que restava na taça, enchendo-a rapidamente de novo.

Enquanto o álcool estivesse entrando, os pensamentos não teriam o mesmo efeito, tentei me convencer ao sentir o gosto frutado arranhar a minha garganta. Sem que pudesse me impedir, eu caí na armadilha de lembrar os beijos de Adam. O ardor de sua boca forçou-me a apoiar a taça na mesa de centro antes de acabar por derrubá-la.

Fechei meus olhos, capaz de sentir toda a rigidez dos lábios experientes. A forma profunda e ao mesmo tempo brusca com que sempre me beijou. Como se me quisesse acima de qualquer coisa, mas também sentisse raiva por isso.

*Merda!*

Quantas vezes jurei não me deixar levar pelas emoções desenfreadas que somente Adam me causava? E essa nem era a primeira vez que o filho da mãe dizia que ficar comigo era um erro.

Cedendo à vontade absurda de ter suas mãos sobre o meu corpo, eu deslizei meus próprios dedos até a vulva dolorida de tão excitada. Incerta sobre seguir em frente, e transformar Adam no impulso que me faria gozar sozinha.

Com os olhos ainda mais fechados, eu toquei meu clitóris, sentindo-o inchado. Minhas pernas tremularam ao menor dos estímulos, como se o vinho tivesse acendido algo dentro de mim. *O vinho... ou os beijos.*

Separei os grandes lábios, cobertos por um feixe ralo de pelos loiros, e criei espaço para que o meu dedo pudesse afundar um pouco mais nas dobras molhadas. Diminuindo o ritmo, ao perceber que prazer algum que pudesse sentir naquele momento, seria completo. Ainda assim, eu não parei.

Subi e desci o indicador enquanto o meu quadril respondia ao toque que era tudo, menos suave. Então, sem que pudesse me controlar, eu voltei a pensar na boca daquele homem. A barba grossa e aparada raspando na minha pele. A forma intensa com que me fitava, era como ser comida com os olhos.

Balancei a cabeça, sentindo que o prazer aumentava. E sozinha, eu tentei formar a imagem do que seria Adam nu. Haveria pelos em seu tórax? Algo me dizia que sim.

E suas coxas, suas pernas? Elas seriam tão fortes quanto eu costumava me lembrar?

*Droga, droga!*

*Será que Adam seria autoritário como sempre foi comigo?  
Ou me deixaria ter todo o controle?*

A intensidade com que aquele homem agia, desde beijar a discutir, era o que me deixava louca de vontade de senti-lo dentro

de mim. Polegada a polegada.

*Deus, eu estava enlouquecendo aqui. Só podia ser isso!*, pensei, ao apertar uma perna na outra e respirar fundo, deixando de mover os meus dedos. Porque, de repente, junto com o quase orgasmo, eu senti uma vontade absurda de chorar.

E como no passado, eu desejei algo que não poderia ter: o toque de um homem que eu não podia amar, e os beijos de alguém que nunca seria meu.

Com um rio de lágrimas escorrendo pelo meu rosto, eu me encolhi ao escutar a explosão de uma trovada no céu. As paredes finas do sobrado estremeceram ao redor com a mesma rapidez com que o meu coração passou a bater. Observei através da janela, em um desespero silencioso, a chuva cair, levando-me a enxugar as lágrimas e beber um pouco mais.

O álcool pelo menos me faria apagar quando eu chegasse à dose certa. Gozar pensando em Adam, não, isso só me deixaria mais excitada e louca.

Com o vinho descendo goela abaixo, em uma velocidade alarmante, eu imaginei ter escutado alguém bater na porta. Olhei na direção da entrada, à espera de outra batida ou qualquer ruído suspeito, mas tudo o que escutei foi a tempestade lá fora.

Como em um filme de terror, eu me levantei e me aproximei, indo na contramão do que qualquer pessoa com instinto de sobrevivência aguçado teria feito.

— Tem alguém aí? — perguntei, nervosa. — Eu não estou sozinha — menti, dando um passo atrás ao ver a maçaneta sendo forçada. — Você me ouviu? Eu não estou sozinha.



— Sou eu, Georgia. — A voz de Adam se sobrepôs ao som assustador que vinha lá de fora. — Abra a porta. — Quando não respondi, o homem insistiu. — *Baby?*

— Eu estou cansada. — De discutir, de olhar para você e sentir como se estivesse sendo esmagada.

Cansada de querer você.

— Nós precisamos conversar. — Algo me alertou para o fato de que, se eu abrisse a porta, como me pedia, *conversar* seria a última coisa faríamos. — Estou molhado aqui, porra. Apenas abra essa porta e...

Puxei o trinco, vendo-o realmente pingar por todo o capacho. A intensidade que emanava através do corpo alto afetou-me como nunca, e com apenas um olhar eu decifrei o que o filho da mãe pretendia.

E foi por saber, que tentei fechar a porta de volta, impedindo-o de entrar, mas Adam agiu mais rápido. Colocando a mão entre a madeira e o batente.

— Eu não quero discutir, Adam. É sério.

— Nós não vamos — garantiu, ao forçar a mão e puxar o trinco. Abrindo de vez a porta pesada, me fez não só apenas recuar, mas pensar na possibilidade de gritar para que fosse embora.

Fazer um escândalo o manteria longe, mas o pensamento foi fugaz e inútil. Assim como a tentativa de sentir prazer sozinha minutos atrás.

— Por que está aqui então? — perguntei desconfiada, observando-o se aproximar.

O meu quadril chocou-se contra o recosto do sofá atrás de mim. O que me deixou apreensiva foi meu ventre contorcendo-se em agonia.

— Acho que iremos descobrir juntos... e agora — grunhiu, olhando-me dos pés à cabeça.

Os olhos verdes, ferozes de um jeito frio, detiveram-se por um tempo prolongado no short de pijama que eu usava. A expressão selvagem me deixou zozza, mas não a ponto de me impedir de fazer dezenas de questionamentos. O principal deles: *será que Adam tinha estado com alguém depois de Hannah?*

— Esteve com outra mulher? — Dei vazão ao pensamento, querendo garantir algum espaço entre nós dois. Fosse ele em forma de tempo, ou distância.

— Como? — perguntou atordoado.

— Outra mulher, Adam, com quantas esteve depois de Hannah? — Os olhos frios me fuzilaram como se eu tivesse acabado de apertar o botão errado.

Fazendo-o lentamente retirar seus óculos e os dispensá-los na mesa ao lado. A voz poderosa soou baixa e grave, a ponto de enlouquecer qualquer mulher.

— Nenhuma — admitiu, com raiva. A mão grande afastou o cabelo loiro de sua testa, sem ideia de que o gesto expunha a aliança dourada que o filho da puta arrogante ainda usava.

A resposta que me ofereceu, porém, fez com que o fato de estar cara a cara comigo, parecendo um leão feroz prestes a me comer inteirinha, não fizesse sentido algum. Pelo contrário, bagunçou muito mais a minha cabeça.

— Então eu te pergunto outra vez, por que está aqui, Adam?

O infeliz respirou de forma violenta, como se drenasse todo o ar espalhado ao nosso redor, deixando-me completamente sem fôlego.

Esperei por uma resposta, que demorou a vir. Ao passo que ele se mostrou incapaz de respeitar o meu espaço pessoal, aproximando-se a cada vez que tentei me distanciar. O velho jogo que fazíamos quando éramos jovens, e que sempre terminava da mesma forma: com Adam dentro de mim e eu gozando loucamente sobre ele.

— Nenhuma delas era você.

*Elas?*

*Quantas mulheres tinham tentado levar esse homem para a cama?*, pensei, enquanto era agarrada selvagememente pelo cabelo. Um gesto possessivo que Adam tinha o costume de fazer a fim de esfregar na minha cara que o controle na cama sempre seria dele.

*E o meu controle era esse, permitir que o infeliz fizesse tudo.*

— Deixe-me adivinhar, você quer sexo? — Eu não precisava da confirmação dele para ter a certeza, mas queria escutá-lo falar as palavras. Pedindo por um pouco mais de nós dois.

Furiosa com a arrogância do maldito, eu me agarraria a essa pequena vitória.

Os dedos grossos tão fortemente emaranhados em meu cabelo me moldou à sua vontade. Meu rosto foi inclinado em sua

direção, enquanto eu o sentia entra as minhas pernas.

Duro, excitado.

— Eu *quero você* — explicou em um grunhido rouco.

— E não é a mesma coisa? — desejei saber, querendo mais do hálito mentolado a cobrir a minha boca seca. Uma reação ao vinho e a dorzinha gostosa sentida lá embaixo.

O arranhar seco da garganta foi eliminado no instante que o filho da puta exigiu a minha boca, fazendo-me resistir até o último minuto. Adam poderia dominar o meu corpo com um único beijo, o homem sempre foi bom nisso, mas minhas emoções eram outra história.

Porque, enquanto as minhas pernas bambeavam de excitação e eu derretia contra o homem, tudo dentro de mim gritou. A vontade quase insana de mandá-lo à merda a chutes, porém, desapareceu no instante em que Adam enfiou a língua macia e volumosa em minha boca.

As roupas molhadas que vestia, encharcaram-me inteira. E mesmo com o beijo quente, meu corpo esfriou como um incentivo para que eu o deixasse nu. Nervosa, comecei a desabotoar sua camisa, o que ele fez questão de terminar com uma maestria quase cirúrgica.

E uma rapidez que fez a nós dois felizes.

Como uma tola, eu admirei o tórax largo. E os pelos grossos que desciam por todo o seu peito em direção ao volume que a calça jeans já não era capaz de esconder.

Diante do meu fascínio safado, Adam esfregou o polegar em meus lábios entreabertos. Ciente de que o ardor e o

assombro que enxergava em meus olhos, era de puro tesão e urgência.

Respiramos no mesmo ritmo e intensidade. A porra do mesmo fogo.

Não querendo fechar os olhos, eu o deixei acariciar o meu rosto. Seu polegar nunca se afastava por completo da minha boca.

— Eu deveria te dizer não — sussurrei com raiva. — Te negar o meu corpo!

— Mas não vai fazer — afirmou, com a certeza que apenas um filho da puta teria.

— Eu não quero — admiti, ofegante. — Eu te odeio, mas eu te quero.

— Onde? — o infeliz perguntou, em um ruído baixo. Letal. — Onde você me quer, *baby*? Diga.

Engoli em seco, e o encarei. Tão mais alto do que eu.

— Dentro... de... mim. — Achei que Adam fosse se mostrar satisfeito, mas prazer foi a última coisa que o seu rosto demonstrou.

Até que, em um único movimento, ele me pegou no colo, envolvendo-me com os braços gelados e molhados, e me levou até o centro da sala esbarrando em diversos móveis que caíam em resposta a sua brutalidade. Foi assim até o instante em que o vi se abaixar no tapete comigo ainda em seu colo.

Apesar da maciez contra as minhas costas, tudo o que consegui sentir foi a aspereza de seus dedos, o jeans raspando nas minhas pernas, afastando-as para que ele pudesse encaixar o seu corpo. Escutei o som da braguilha sendo aberta, a boxer

escura se revelando conforme Adam afundava o punho tomado por veias grossas, dentro dela, e envolvia o membro duro, fazendo-me ofegar ao ver, em detalhes, no tipo de deus que esse homem havia se tornado.

*Caralho, Adam.*

Se eu já estava excitada antes, ao ver seu pau ereto, eu chorei... por todos os lugares errados. Tentei fechar minhas pernas, com a dor pulsante aumentando. Mas Adam me torturou ao puxar o meu short para baixo e afundar seus dedos por dentro da calcinha minúscula que eu usava.

A outra mão buscava o eixo grosso, o envolvendo como se o apertasse.

*Meu Deus.*

— Essa sua boceta sempre me deixou louco, porra! — gemi, tremendo inteira, ao sentir o enfiar de seus dedos gelados. Não em um afago suave, mas profundo. Autoritário.

— Adam. — Segurei seu pulso, mas ele não parou. Continuou a masturbação que comecei mais cedo, enquanto a palma da sua mão ia e vinha com força envolta do seu membro. — Assim não... espera...

— Como então? — exigiu saber, revoltado.

O toque íntimo não pareceu ser suficiente para ele. E, para falar a verdade, nem para mim.

— Dentro... eu quero você dentro. Por favor.

## ***Adam***

A tempestade caindo torrencialmente no lado de fora do sobrado não foi o bastante para me impedir de fitar Georgia, como se ela fosse um pedaço de algo eroticamente gostoso. Abaixo de mim, pude ver os pelos do seu braço arrepiar, assim como os mamilos úmidos por conta da selvageria com que a agarrei e molhei. Meu pau inchou diante da possibilidade de puxar a blusa fina que vestia, e ter um vislumbre dos bicos avermelhados que eu encontraria por baixo do tecido.

Com os dedos encharcados dos sulcos que escorriam de sua pequena e apertada boceta, eu puxei sua blusa para baixo, expondo um dos seios que saltou diante dos meus olhos. A pressão do tecido, empurrando-o para cima.

Toquei o mamilo enrugado, a mão fria sendo aquecida pela pele quente. Esmaguei-o então, querendo apertar essa mulher dos pés à cabeça, arrancar dela a insanidade que me deixava louco.

Refém do erotismo que a envolvia.

Perdi a noção de tudo, ao levar a boca até o seu mamilo. Arrancando de Georgia um verdadeiro gemido. Daqueles escandalosos, que me deixavam duro só de ouvir.

Hannah e eu sempre nos demos bem na cama, era inegável. Mas o que essa mulher exasperada e de olhos ensandecidos fazia comigo era coisa de outro mundo. Georgia não fazia amor, ela trepava. Gostava de ter o cabelo puxado, seu traseiro estapeado e ouvir palavras obscenas.

*Era o isqueiro em pessoa.*

— Achei que nunca mais fosse tocar em você dessa forma — grunhi, mordendo-a no seio, esfregando o meu rosto entre os dois cumes redondos. Sentindo, no fundo da minha alma, que poderia passar a vida inteira ali. Em meio ao seu cheiro e gosto. A carícia foi suficiente para que todo o seu corpo arqueasse em resposta entregando-se a mim como um hastear de uma bandeira.

E a *bandeira* nesse caso eram as suas pernas, que se abriram ao sentirem o peso do meu quadril sobre ela.

Sorvi com um pouco mais de intensidade o seu mamilo, prendendo-o entre os dentes até ser capaz de escutar o grito agudo de Georgia. Assim como as suas mãos agarrando-me pelo cabelo. Não para me afastar, mas para que eu continuasse a prová-la com a boca.

E porra, nunca pensei que diria isso, mas até dos seus gritos eu havia sentido falta. Foi pensando em sua boca atrevida que eu a beijei, esmagando os lábios inchados, mostrando a Georgia que nada me arrancaria de cima dela.

Correspondendo ao beijo, ela se contorceu. Esfregou os mamilos contra o meu tórax, enquanto me apertava com as pernas prendendo-me em uma tentativa de manter a nossa ligação.

Abafei seus gemidos, o choramingo afiado e o desespero nítido em que essa mulher se transformou ao buscar pelo próprio prazer. A agitação na qual se encontrava fez-me afastar por um instante e olhar dentro de seus olhos.

Georgia ofegava, lutava para respirar.



Eu adoraria ter tempo e autocontrole para ir devagar. Mas a urgência do meu próprio corpo me fez abandonar toda e qualquer prudência. Louco de tesão, eu terminei de arrancar o short que vestia, e apenas afastei a calcinha de renda preta. Quase que inteira afundada em suas dobras. O cheiro de sua excitação me atraiu feito um cordeirinho levando-me para o meio de suas pernas.

Beije o umbigo delicado, arrastando a boca pela barriga lisa e os pelos loiros e finos, até alcançar o filete um pouco mais escuro. E que, ainda assim, revelavam a natureza de Georgia. A boceta cheirosa não me deixou escolha que não a de cair de boca na parte mais quente e melada dessa mulher.

Provei-a, chupando os seus fluidos, comparando-a com um pedaço de fruta madura, que se mostrou ainda mais saborosa com o passar do tempo. O gosto erótico em minha língua, foi o que me fez afundar e lambe com ainda mais vontade, até que Georgia se derretesse inteira em minha boca. Suas coxas estavam tão fortemente apertadas ao redor dos meus braços, que foi preciso afastá-la, escancará-las um pouco mais até que cada centímetro dessa mulher estivesse aberto para mim.

Desnorteada por causa do orgasmo que a tomou, as pernas finas quando comparadas as minhas, enfraqueceram. Não que eu a tenha permitido que caíssem, pelo contrário. As mantive ao redor do meu quadril quando voltei a montar seu corpo e a beijei, espalhando o seu próprio sabor por toda a sua boca.

Sem paciência para mais nada, eu a penetrei. Sentindo que cada músculo tensionou ao afundar o pau na boceta vermelha e molhada por dentro. *Castigada* pela chupada que recebeu.

— Caralho, *baby*. Você continua tão gostosa quanto da última vez em que a provei. — Fiz com que me encarasse, exigindo a sua atenção. — Quente como o inferno, e toda molhada... — grunhi, em um misto de excitação e raiva. — Você e essa sua boceta são a perdição da minha vida.

Continuei a bombeá-la enquanto Georgia gemia em meu ouvido e me arranhava a bunda, fazendo com que eu me tornasse mais e mais desesperado por essa mulher, a ponto de já não sair de dentro dela. Cada estocada foi feita sem afastar o meu quadril, deixando-a tonta de tesão. Soluçando em meio ao suor.

O peso do meu corpo manteve-a vulnerável. O impacto das estocadas fez-a ir para cima apenas para que eu a puxasse de volta. Envolvendo-a com meus braços.

— Que caralho, mulher! — grunhi, sentindo-a me apertar com as pernas enquanto eu me esforçava para não a machucar com a intensidade do nosso sexo.

— Eu vou gozar, Adam — a safada sussurrou em meu ouvido. Suas mãos percorreram os meus braços e ombros, até alcançarem o meu rosto. — Me beija — pediu, e essa foi a minha ruína.

Porque ao vê-la começar a gozar, eu não fui capaz de me deter. *Fazia tempo demais, porra*. Além disso, o pulsar da sua boceta não ajudou, Georgia exigia que eu fosse mais rápido,

mais fundo. Os arranhões, a boca gostosa. Os gritos. Quando ela se acalmou, foi a minha vez de perder a cabeça.

Incapaz de conter o peso do meu corpo, eu a fodi até que o estirar do meu pau tornou-se constante. Esguichando gozo por toda a sua boceta, enquanto eu me rendia, caindo sobre ela.

Meu cérebro, infelizmente, não sofrera da mesma debilidade. Porque, no momento que encostei a testa a sua, recuperando o fôlego, cada motivo pelo qual *isso* não deveria ter acontecido, invadiu a minha mente como uma enxurrada de lembranças que fez com que eu me afastasse de Georgia como se ela inteira fosse um perigo.

Com o mesmo ímpeto em que tudo começou, eu me levantei e caminhei pelo cômodo desorientado. À procura das roupas que haviam ficado espalhadas enquanto Georgia se sentava sobre o tapete. O corpo nu, sendo protegido superficialmente dos meus olhos.

A forma como me encarou, o grito silencioso e o choro preso, fez com que eu me detivesse por um ínfimo segundo e a encarasse. Completamente aturdido.

Consumido pela vontade de dizer a ela que sentia muito, e que se pudesse voltar atrás eu não teria feito nada do que fizemos essa noite.

— Eu não deveria ter vindo. — Foi o que a culpa me permitiu dizer.

Se beijar essa mulher havia sido um erro, transar com ela no chão de sua sala, como se não houvesse todo um mundo no lado de fora dessas paredes, fora apenas o ato mais estúpido que poderíamos ter cometido.

— Diga que me entende que foi um erro — pedi, vendo o seu rosto ruborizado se transformar por completo.

Nua em pelo e com o meu gozo entre as suas pernas, Georgia era a representação de tudo o que me era mais proibido. Uma deusa do sexo, que sempre pareceu implorar por amor.

*A única coisa que eu não podia lhe dar.*

— Acho que você deveria ir embora, Adam.

Foi o que eu fiz, ainda que por dentro eu me sentisse partido ao meio. O velho Adam queria ficar; e o novo, afastava-se antes de cometer a loucura de voltar para aquela sala e... recomeçar tudo de novo.

**14**

## **Georgia**

Deitada na cama, o mais encolhida possível, eu demorei a me levantar. Ignorando não apenas as chamadas insistentes de Connor em meu celular, como a fome. E tudo porque eu sabia que, assim que tentasse abrir os olhos, o mundo inteiro giraria ao meu redor.

E foi exatamente o que aconteceu.

Só que não era o álcool o problema, e sim a ressaca moral deixando-me nauseada, furiosa comigo mesma. A sensação de que eu havia *caído em tentação* era a responsável por me fazer virar de um lado ao outro sobre os lençóis por toda a madrugada. O fato de a tempestade ter aumentado ao longo das horas só intensificou o sentimento, deixando-me louca e suada em meio à cama desconfortável.

Porque se, em um segundo, eu pensava sobre os beijos e mãos de Adam, e o que havíamos feitos nessa casa, logo em seguida, os trovões preenchendo cada centímetro do céu assustavam-me de tal maneira que eu precisava respirar fundo e fechar meus olhos e ouvidos.

*Diga-me que entende que isso foi um erro.*

Foi o que cretino arrogante falou, agindo como se não tivesse estado dentro de mim, me tomado a boca e o juízo. Marcando cada centímetro da minha pele com suas mãos, reacendendo cada cicatriz deixada pelo que, no passado, eu acreditei ser amor. A lembrança do quanto eu estive errada foi o

que me fez fechar os olhos com força, em uma tentativa de apagar tudo da mente.

Seus olhos, e todo o ardor escapando de dentro deles, principalmente.

Voltei a me mover desconfortavelmente em meio aos lençóis grudados em minha pele quente, que ainda levava o cheiro de Adam e cada gota de suor escorrida dele. Infelizmente, as coisas nunca eram tão simples assim, porque, ao tentar fazer o mundo lá fora desaparecer, batidas na porta puderam ser ouvidas.

Meu primeiro pensamento foi o de ignorar, mas... *e se fosse ele?*

— Não seja boba, Georgia — recriminei-me. — Homens como Adam pegam tudo, mas nunca entregam nada. E esse era todo o problema em minhas relações, eu estava cansada de me sentir vazia, como se entregasse tudo de mim, sempre, e nunca recebesse de volta.

Houve outra batida, dessa vez um pouco mais impaciente.

O que me levou a levantar e ignorar por completo o estado em que me encontrava, imaginando em meu caminho até a porta, a quantidade indecente que teria de marcas deixadas pela boca e a barba rala de Adam em meu pescoço. E mais do que isso, o inchaço em meus lábios, que seguiam sensíveis. Um roçar entre os dois e eu senti arder a pele fina que os cobria.

— Calma, droga! — falei prestes a abrir, desistindo da ideia assim que avistei Grace do outro lado da porta.

Um esforço inútil já que a víbora de saia impôs seu ombro para dentro, igualzinho ao seu filho, e me olhou como se tivesse

vindo em sua própria missão.

— Está muito cedo para ter que lidar com você — falei, sendo capaz de contar nos dedos de uma única mão o número de horas em que dormi a noite passada.

A culpa era inteira de sua família. Primeiro, o desaparecimento de Amber, depois a visita inesperada do seu filho.

Visitas inesperadas, aliás, eram tudo o que essa família parecia gostar de fazer.

— Vocês estão me acostumando mal. Nunca fui tão requisitada em toda a minha vida — provoquei, sem humor.

Vendo-a adentrar o sobrado e inspecionar cada centímetro do lugar, procurando não apenas por algum rastro de visita, como do seu filho.

*Talvez o cheiro de sexo que ainda parecia impregnado ao lugar?* Pelo menos, eu ainda o sentia em minha pele.

— Eu adoraria te convidar para um café da manhã, Grace, mas como pode ver... eu não me sinto realmente acordada — disse, pegando a garrafa de vinho vazia de cima da mesa de centro e a levando até a bancada da cozinha.

Não que Grace parecesse preocupada com o que eu havia bebido na noite passada. Havia algo no cômodo muito mais interessante do que o vinho barato do mercado, algo como a jaqueta de seu precioso filho. E foi na frente dela que a Sra. Preston se deteve. Olhando para a prova de que Adam e eu estivemos juntos na noite passada, como se quisesse destruir cada pedaço do couro da jaqueta, exterminá-lo do planeta, como ela adoraria fazer comigo.



— Vejo que já se instalou — sibilou semelhante as víboras de sua espécie, que, infelizmente, não estavam em extinção.

— Foi para isso que veio? Para saber se estou ou não instalada? — rebati, incrédula. — Só falta me dizer que deseja que eu me sinta bem-vinda.

— Nós duas sabemos que eu não espero que você se sinta. Pelo contrário, o que eu puder fazer para que entenda que essa cidade... não é o seu lugar, eu farei.

Ri, amarga.

— Eu não teria tanto trabalho se fosse a senhora. Ou já se esqueceu de que pretendo ir embora logo?

— O *seu logo*, tem sido longo para mim, querida. — Grace caminhou pelo sobrado, parando ao alcançar o terraço enquanto eu, em um ato desesperado, engolia de uma só vez três dos analgésicos fracos que Adam havia prescrito para a dor, mas que não tinham qualquer efeito sobre o meu organismo.

Não depois de todo o abuso que fiz ao longo dos anos, sempre nos piores momentos da minha vida. Eu caía no fundo do poço, que tinha sabor de entorpecimento por semanas, até que voltava a mim e passava anos fugindo daqueles malditos comprimidos. Foram três anos sem colocar um só na boca até que tudo desandou.

Connor, Adeline. Esse lugar.

A minha sorte era que o frasco que eu carregava em meu carro estava vazio.

— Tão parecida com a sua mãe... — Seu tom de voz foi baixo, conforme Grace me encarava. — Por que não me surpreendo?

— Eu não sabia que era a única aqui a sentir dor, Grace. Que pecado o meu, certo? Tomar analgésicos que o seu filho me receitou. Meu Deus, prendam a Georgia. Ela acabou de tomar a porcaria de um remédio!

— Não seja cínica.

— Então não olhe para mim, como se tudo o que eu fizesse fosse imundo e ilegal, Sra. Preston. Porque não é. — Fui até o terraço, ainda molhado da chuva do dia anterior. — Quer saber? Vamos cortar toda a baboseira educada e irmos direto ao ponto — esclareci. — Você vai me dizer por que está aqui, e eu vou pedir que se retire em seguida. O que acha?

— Se é para irmos direto ao ponto, eu gostaria que você tomasse vergonha na cara e se afastasse do meu filho.

*Claro que ela gostaria.*

— Isso é tudo?

— E das minhas netas também, é claro. Você não é uma boa influência para elas ou qualquer outra criança. — Eu a encarei, pensando que, se eu não era uma boa influência, Grace seria ainda menos. E que Deus tivesse pena de suas netas. — Se pensa que vou permitir que tente destruir tudo o que conquistei, você está muita enganada, Georgia.

Seus olhos verdes, apesar de idênticos aos do filho, mostraram-se tão fingidos como o veneno que escorria de sua boca.

— Acho que está tendo essa conversa com a pessoa errada — disse, a fim de provocá-la um pouco mais. — Não sou eu que preciso me afastar, Grace, é o seu filho. — Puxei o cabelo para o lado, para que pudesse ver as marcas em meu pescoço.

— E Grace viu, caso contrário não teria esfregado um pouco mais do seu precioso dinheiro na minha cara.

— Quanto quer para deixá-lo em paz? — A voz saiu entrecortada. — Já entendi que não irá embora até que o estúdio seja vendido, mas estou disposta a pagar, desde que o mantenha longe.

Não vou dizer que não cogitei a possibilidade de aceitar, mas eu não era esse tipo de mulher. Uma coisa era pegar o seu dinheiro, por achar que ela me devia. Outra era aceitar suborno para ficar longe de Adam.

Fiz no passado, e nunca me perdoei por ter sido tão impulsiva. Em tudo.

— Nada me daria tanto prazer do que pegar um pouco mais do seu dinheiro, Grace. — Afastei-me dela e do cheiro enjoativo de seu perfume. — Mas, dessa vez, eu passo.

A noite de ontem fora um alerta de que, talvez, eu não pudesse confiar em mim mesma quando se tratava daquele homem, o que não significava que eu não tentaria, por conta própria, sem incentivo algum de Grace, manter-me afastada dele.

Não porque ela queria, mas porque eu precisava.

— Você passa? — Minha recusa a surpreendeu. — Olhe bem para você, Georgia, não acha que eu sei que está sem dinheiro algum? Que está desesperada?

— Eu já estive desesperada antes. — Sabia como lidar com o sentimento. — Além disso, querida Grace, a senhora já me tirou o suficiente, não acha? — acusei, encarando-a com o mesmo descaso.

— Não sei se você pensa nos absurdos que diz, mas o meu filho não pertence a você.

— Não estou me referindo a ele, Grace. E sim a minha dignidade. E dela eu não abro mão.

— Agora é um pouco tarde para pensar em dignidade, não acha? — *Direto ao ponto.*

— Prefiro acreditar que nunca é tarde, que eu sou humana e que aprendo com os meus erros. Ter confiado em você e Adeline foi o maior deles.

Tudo o que eu queria era, algum dia, ser capaz de me perdoar. Deixar o passado no passado, e ser feliz. Nem que fosse um pouquinho.

— Que seja, sua garota estúpida. Com dinheiro ou não, eu a quero longe da minha família! — exigiu, em um murmúrio. A expressão em seu rosto, tornou-se maquiavélica. Mas não foi isso que me assustou, e sim o fato de ela ter segurado meu braço com força, afundando as unhas em minha pele. — Se acha que, porque Hannah morreu, você pode voltar e assumir o lugar dela na vida de Adam, está louca. Eu jamais permitiria que alguém como você entrasse para a minha família. Meu filho e minhas netas merecem mais.

Sem resposta para ela, fechando-me em defensiva, eu puxei o meu braço e respirei fundo, odiando que Grace conseguisse me fazer sentir como a velha Georgia com tão poucas palavras.

— Eu gostaria que saísse da minha casa, Grace — falei com calma, temendo ficar nervosa. Ou pior, dizer alguma

besteira. — Só que, antes de ir, eu quero que saiba que, a partir de hoje, quem cuida da venda desse estúdio sou eu.

Seus olhos me fulminaram.

— Você? Com que capacidade?

— Com a capacidade que Deus me deu! — grunhi de volta. — Meu estúdio, meu problema.

— Você nunca vai conseguir encontrar um comprador...

— E a senhora iria? Como? — exigi saber. — Eu fui à imobiliária ontem, e veja só o que descobri. Não há qualquer venda aberta. Você sequer sondou com eles...

— Não fiz porque pretendo encontrar um comprador pessoalmente. Esses lugares não são confiáveis.

— Sério? E de onde viria esse maldito comprador? Do céu? — questionei, ainda mais desconfiada. — Se bem que, conhecendo a senhora como eu conheço, eu diria que do céu é que ele não viria.

— É impossível ter uma conversa civilizada com você.

— Lembre-se disso então da próxima vez que cogitar vir até a minha casa e despejar esse seu veneno.

— Essa não é a sua casa.

— Bom, eu acho que é sim. Pelo menos é o que dizem os documentos.

Grace sorriu, mas havia algo a mais em seu olhar, algo que eu não gostei de presenciar. Observei-a sair, em um esforço para não dizer a Grace que eu era adulta agora e que ninguém me obrigaria a fazer algo que não quisesse.

Eu era dona do meu corpo e vontades.

E Grace Preston, a bruxa má dessa história, jamais voltaria a me tirar nada.

Emocionalmente exausta, eu me arrastei até o sofá e olhei para o chão da sala. As cenas da noite anterior invadiram a minha mente, deixando-me zozza. Ou seriam os analgésicos? A única coisa que eu sabia era que duas ou três lágrimas escorreram pelo meu rosto. Lágrimas que eu limpei, em uma tentativa de não me deixar afundar em tristeza. Foi com esse pensamento, aliás, que eu me levantei e fui me trocar.

Abalada ou não, eu encheria o meu corpo de açúcar enquanto me convencia a ser forte, só mais um dia. Amanhã, eu repetiria o mesmo mantra e assim seria até me tornar verdadeiramente resistente.

Com o cabelo solto, tamancos de salto alto e um vestido vermelho, que sempre fazia com que eu me sentisse bonita, eu atravessei a cidade até alcançar a cafeteria. Ainda eram dez horas, mas a cidade inteira pareceu estar um século à minha frente em questão de produtividade. Protegida pela armação de óculos escura, grande demais para o meu rosto fino, ignorei os olhares atravessados das senhoras em minha direção. E mais ainda os dos homens, que de desinteressados não tinham nada.

Acho que, no final, esse era o problema de todos com Darana. Minha mãe sempre teve o tipo de beleza que chamava atenção por onde passava, não era culpa dela, ou minha, e eu precisei de anos para entender que cobrir meu corpo para esconder quem eu era, e não desagradar esposas e namoradas alheias, não era a minha obrigação.

Não quando me fazia mais mal do que bem.

Connor tentou me podar nos três anos que ficamos juntos e, quanto mais ele tentou me convencer a ser diferente, mais longe dele eu quis estar. Todos os presentes que me deu jamais teriam comprado a minha liberdade.

O som do sino no alto da porta causou o burburinho que eu já imaginava. A atenção de todos voltaram-se na minha direção. Inclusive, a de Emily e Ava que conversavam em uma das últimas mesas próxima ao balcão de bolos. Com um aceno, Emily pediu para que eu me juntasse a elas, e só então pude notar o *pitoco de gente* olhando-me por detrás do copo de *milk-shake* que Charlotte avidamente tomava.

A presença da caçula de Adam era razão mais do que suficiente para que eu desistisse do meu amado café, mas, àquela altura, virar-me e fugir seria o mesmo que dar a toda a cidade o que falar por dias. Emily por sua vez, ao notar o meu receio, se levantou e apontou para o lugar ao seu lado. Forçando-me a sentar precisamente à frente da pirralha de olhos aguçados, que me encarava como se eu fosse um imenso ponto de interrogação.

Distraída, ao encará-la de volta com a mesma curiosidade, eu mal notei quando Ava precisou se afastar por um telefonema e Emily se levantou a fim de atender a cliente que havia entrado logo atrás de mim.

Deixando a nós duas sozinhas para lidar uma com a outra.

— *Amby* tá de castigo, sabia? — revelou, após ser capaz de se afastar do canudo em que sugava o *milk-shake*. — O papai falou que é porque ela não foi obediente, mas é mentira. Minha irmã *tá* de castigo porque é sua amiga.

Arqueei uma sobrancelha.

— É mesmo? — perguntei, vendo-a roubar um pequeno pedaço do bolo de Ava.

— Sim — respondeu com a boca cheia, balançando a cabeça, enquanto eu buscava, mesmo sem a intenção, por semelhanças entre ela e os seus pais.

E elas estavam por todos os lados: seus olhos, por exemplo, eram do mesmo verde que os do Adam. O cabelo castanho, de um profundo tom de vermelho, era mais próximo aos de Hannah. Ainda que não fossem tão ruivos como os da irmã.

Franzindo o nariz arrebitado ao ajeitar seus óculos de grau, Charlotte se apoiou sobre a mesa, aproximando o rostinho redondo do meu.

— A vovó disse que você é má, mas eu acho que ela só tá com raiva porque você é muito bonita.

— Sério que a sua avó disse isso? — Não seria uma surpresa, ainda assim, Charlotte era apenas uma criança.

— Sim, mas a vovó é chata — acrescentou, como se fizesse todo sentido. — Só não fala com ela que eu te disse, porque eu gosto dela, tá? — Assenti, temendo por um instante que Grace pudesse ser tão tóxica com as netas como tinha sido com Adam, moldando-as à sua vontade, mexendo com a cabeça delas a ponto de interferir em cada escolha de suas vidas.

— Pelo visto, você e a sua irmã são bem diferentes, não são? — Já no primeiro momento em que as vi eu notei, mas agora, falando com Charlotte, eu podia dizer que era ela a



rebelde aqui. A que, com certeza, encheria a cabeça de Adam de cabelos brancos rapidamente.

— Sim, minha irmã é ruiva, como a nossa mamãe — explicou. — E eu sou linda, como as *pincesas*.

— Claro que você é linda, além de muito esperta. — O elogio fez com que os olhinhos de Charlotte brilhassem, empolgados.

— Você acha mesmo que eu sou esperta? — quis saber, inclinando-se um pouco mais sobre a mesa. E das duas uma, ou seus óculos já não lhe serviam ou ela queria realmente me ver de perto.

— Acho sim.

A garota considerou o elogio, pensativa.

— Você não é esperta, mas é muito bonita, como eu. — Sorri com o *quase elogio*, prendendo a respiração ao vê-la estender a mãozinha e segurar algumas mechas do meu cabelo com interesse. — Só que você é loira. Algum dia, se o meu papai deixar, eu vou ser também. As pessoas podem mudar de cor de cabelo, sabia? Eu quero ser loira.

— Tenho certeza de que seu pai vai amar a ideia.

Antes ele surtaria, é claro.

— Eu também acho. — A garota sorriu amplamente, indiferente a ironia em minha voz.

Olhei ao redor, não pela primeira vez. Querendo que alguém viesse me socorrer, fosse Ava ou Emily.

Pensando que o carinho que eu tinha por Amber era mais do que o suficiente, apesar de não fazer sentido algum. A última coisa que eu precisava era me apegar as duas.

— Você acha que médicas podem pintar o cabelo? — perguntou, de repente. — Eu posso ser médica e ter cabelo loiro, não posso?

— Acredito que sim.

— E ser uma *pincesa* também, né? — *Meu Deus*.

— Isso eu não tenho como te responder.

Sem se importar com a resposta evasiva, Charlotte continuou:

— Sabe por que eu sei que sou uma *pincesa*? — Eu não fazia ideia. — Porque a Emily me dá bolinhos de *pincesa* todos os dias. Ela diz que eles são especiais. — *Especiais ou cheios de açúcar?*

— As princesas e os seus privilégios...

— O que é isso? — Voltou a perguntar, mostrando-se tão perto que precisei recuar, encostando o meu corpo no recosto do banco circular.

— Como eu posso explicar, ter privilégios é ter todos fazendo o que você quer.

Ela sorriu.

Sorrir, aliás, era algo que Charlotte fazia bastante.

— Ah sim, acho que entendi. Eu sou *pivilegiada* então, porque o meu papai faz tudo o que eu quero. A Ava também, e a minha irmã... — Ela parou para pensar outra vez. — Você é má?

A rapidez com que o cérebro dessa garota funcionava deixava-me tonta.

— O quê?

— Má como as bruxas?

— Eu não sou má — protestei, rápido demais.

A única bruxa que conhecia, aliás, era a avó dela.

— Então tudo bem. Porque se você fosse nós não poderíamos ser amigas.

— Essa é uma regra de princesa?

— É sim. — Sacudiu a cabecinha.

— Há outras? — perguntei, caindo outra vez no pecado que era a curiosidade.

— Acho que sim, mas eu só conheço essa. Sou pequena ainda.

E mais inteligente do que eu teria esperado. Essa era a verdade.

— Quer que eu te conte uma regra muito importante de princesa? — Eu me aproximei, ficando nariz a nariz com ela.

— Claro — respondeu, mostrando a banguela que tinha na frente de sua boca.

— Princesas nunca devem roubar os príncipes das amigas — revelei, ciente de que estava sendo só um pouquinho amarga aqui.

— Mas por que eu roubaria o *príncipe* da minha amiga? Isso é feio. — Charlotte pareceu preocupada, como se a mera possibilidade de algo assim acontecer fosse contra tudo em que sua mente cheia de imaginação acreditava.

— Isso é horrível, na verdade — revelei, séria, sentindo-me culpada ao perceber que a garota ficara chateada com a existência de um mundo em que *princesas roubavam príncipes*.

— Não se preocupe, eu não vou roubar o *príncipe* de ninguém — assegurou.

— Assim eu espero. — Atrevi-me a pegar uma mecha do seu cabelo cortado na altura do queixo. Um carinho que pareceu surpreender a garota tanto quanto a mim.

*Era errado eu me sentir ligada e protetora com as filhas de Hannah?*

Distraído-se rapidamente como toda criança, Charlotte se afastou, dando espaço para que Ava se sentasse em seu lugar enquanto um único pensamento triste invadia a minha mente.

*Será que Adam teria amado o nosso filho se ele estivesse vivo? Ou o teria rejeitado?*

— Não seja essa pessoa, Georgia. — Sua voz fez com que eu me endireitasse, afastando toda e qualquer possibilidade que pudesse mexer com a minha mente hoje.

— Eu não fiz nada — defendi-me como a velha Georgia teria feito.

— Você sabe que Charlotte não tem culpa. — Tentou me convencer. — Tudo o que aconteceu entre você e o Dr. Preston...

Ava nunca foi boba, seu olhar sempre me pareceu atento. Desde as vezes em que me viu com Adam, no lado de fora da clínica, até durante as minhas consultas com o Sr. Preston.

— Não sei o que você imagina que aconteceu, Ava, mas quer saber o que mais me magoa em toda essa história? — Eu a encarei, na defensiva. — A sensação de que *elas* deveriam ser minhas. Eu olho para as duas e só imagino que a vida que Hannah teve poderia ter sido minha.

Ava se mostrou receosa, passando a escolher as palavras que me diria.

— Você não tem como saber. Ele amava a Hannah.

Era o que todos repetiam: o quanto aquele homem amava a esposa. Mas então por que, mesmo que por tão pouco tempo, Adam fez com que eu me sentisse amada também? Senti esse amor em cada beijo, cada toque e investida em meu corpo. Talvez não tivesse sido o *mesmo amor*, mas de alguma forma... foi.

*Ainda que não o suficiente para fazer com que ele me escolhesse.*

— E isso perdoa tudo, certo? — inquiri, irritada. — Ele a amava, então tudo bem? Não importa quem Adam magoou no caminho?

Com as mãos sobre a mesa, Ava acrescentou com cautela:

— Eu não deveria dizer nada a você, porque a verdade é que não tenho por que me envolver nesse assunto, mas eles procuraram por você, Georgia. Adam ainda mais — revelou. — Quando todo mundo deixou de esperar o seu retorno, ele foi o único que não desistiu de ir atrás de Adeline à espera de que ela pudesse ter notícias a seu respeito. Então, se me perguntar se eu acho que Adam se importava com você, a minha resposta é que sim. Mas nada garante que, se tivessem ficado juntos, vocês teriam terminado dessa forma. — Virei o meu rosto, detendo-o em Charlotte que brincava com uma garotinha loira ao longe, odiando que as palavras de Ava fizessem tanto sentido. — É uma pena que esteja tão ocupada pensando em como o seu passado deveria ter sido, que não consegue parar e pensar em como ele ainda pode ser, querida.

Ava deixou uma nota sobre a mesa, que pagava o lanche dela e o de Charlotte e se levantou. A filha de Adam, por sua vez, voltou até a mesa e me abraçou.

— Obrigada por ser minha amiga também — disse antes de correr e segurar a mão da assistente do seu pai, que, assim como todos dentro da cafeteria, se mostrou surpresa com o gesto carinhoso de Charlotte.

*Não que eu esperasse menos da filha de Hannah.*

Com um nó preso em minha garganta, eu fiquei grata por ter me lembrado dos óculos essa manhã e mais ainda, que Emily ao se aproximar com o meu *estimulante matinal* não fez qualquer tipo de pergunta ou interrogatório. Voltei ao estúdio, após pagar pelo meu próprio café e, assim que alcancei o último degrau do sobrado, avistei um pequeno envelope com a logo da *Clínica Preston*.

Desconfiada, eu me aproximei e o peguei. Abrindo-o em seguida, apenas para me deparar com a consequência do que fiz na noite anterior.

Mantendo a calma, eu me dirigi a cozinha, enchi um copo inteiro de água e o bebi. Junto com a pílula do dia seguinte, que somente Adam poderia ter me enviado.

*O filho da puta arrogante.*

**15**

## ***Adam***

De frente ao computador, onde realizava uma chamada por vídeo, eu analisei os últimos dados da ficha clínica de Kimberly, a paciente que Frederick insistia para que eu considerasse como o meu retorno as mesas de cirurgia.

— *Ela realizou o transplante quando tinha dezessete anos, Adam, não há espaço para erros nessa operação.* — O escutei dizer, impressionado com cada tentativa que fez ao longo do último ano a fim de tornar a vida da jovem o mais perto do normal. Ter uma cardiopatia após um transplante não era a melhor das premissas.

Eu diria até que era um sinal de alerta e tanto.

— *É provavelmente a última chance que a paciente tem* — declarei, preocupado.

Por todas as razões certas, a fundação pensaria duas vezes antes de considerá-la incluir na lista de espera outra vez. Principalmente se ficasse comprovado a pré-disposição em apresentar danos vasculares. Algo que nós só descobriríamos com o passar dos anos e um acompanhamento cauteloso.

— *Sim.* — Frederick ficou em silêncio, e além da tensão que o sentia demonstrar com o caso, talvez até mesmo pela paciente, algo me dizia que a ligação dessa noite fora motivada pela última de suas tentativas. — *Eu não estaria te pedindo algo assim se não achasse que você tem maiores chances, Adam* — admitiu. — *Fui seu mentor, sei do que é capaz.* — O encarei através da tela, o cansaço estampado em seus olhos. — *A garota só tem vinte anos, não seria justo...* — *Deixá-la morrer,*



era o que Frederick diria se não soubesse o quanto suas palavras machucariam.

Agora eu entendia o seu desespero, porque ele era semelhante ao que senti dois anos atrás. Foi esse desespero, aliás, que fez com que eu implorasse a Frederick para que me deixasse participar da cirurgia da minha esposa. Porque, entre todos da equipe, eu teria sido o único a lutar por sua vida.

E se essa era a forma do meu amigo lutar pela vida de Kimberly, não seria eu a julgá-lo.

— Eu não opero há dois anos — consegui dizer. — Além disso...

— *Sua esposa não tinha chance, Adam.* — lembrou-me. — *Quando entramos naquela sala de cirurgia, nós sabíamos que apenas um milagre a teria tirado dali viva.*

Eu não gostava de ter de admitir, para mim ou qualquer outra pessoa, mas Frederick estava certo. Como meu mentor e chefe geral do *Califórnia Medical Center*, nós conversamos exaustivamente sobre as reais chances de Hannah. Ela não entrou naquela sala ignorando a verdade, pelo contrário. E a culpa que sentia hoje, era porque eu, mais do que todos, acreditava que ela voltaria para mim, que seria forte a ponto de permanecer viva.

— Ela é importante para você — concluí, mais sério do que o habitual.

— *Ela pode vir a ser.* — Meu olhar varreu o chalé enquanto eu avaliava o que me pedia. Cada implicação que dizer *sim* a Frederick me traria, principalmente porque o que ele esperava era que eu salvasse a vida de uma garota.

Ainda que eu não tenha sido capaz de salvar a da minha própria esposa. O câncer no cérebro estava em um estágio que a quimioterapia não teria feito diferença, e eu não entrei na sala porque entendia qualquer coisa sobre tumores e cérebros, eu entrei porque a cirurgia exigia que um cardiologista acompanhasse.

Como disse, tudo foi pensado para que a equipe médica estivesse preparada para cobrir qualquer imprevisto. O maior deles, sendo o momento exato em que o seu coração parou de bater bem na porra da minha frente.

— Eu preciso pensar — falei, por fim.

— *Kimberly não tem tempo, Adam* — grunhiu, do outro lado. — *Se disser que sim, eu o coloco em uma mesa de cirurgia em 20, talvez 15 dias. Há residentes e médicos aqui que dariam tudo para ter uma chance de te ver em ação, basta que me dê uma resposta.*

— Há muito em minha cabeça, Frederick. — Ter Georgia de volta fez-me desejar sentir uma mulher quente e macia ao meu lado todas as noites, lembrar também de que eu era um homem propenso a erro. Um simples olhar, e a sensação era de que a outra parte do meu peito tivesse voltado a ser preenchida. Uma delas eu jamais recuperaria, e a ideia de que não pudesse ficar com a outra... era o que me deixava angustiado. Nervoso.

— *Uma mulher?* — quis saber, surpreendendo-me.

— Por que acha isso?

— *Somos homens, Adam. Acostumados a lidar com a vida e a morte, em uma base quase que diária e sem nos abalar, mas quando se trata de assuntos pessoais eu diria que somos*

*terríveis* — declarou, e não tive como discordar. Apesar de senti-las em abundância, eu nunca fui bom em lidar com emoções. — *Quem é a mulher?*

— Um fantasma do passado — falei, não querendo entrar em detalhes. — Dê-me somente algumas horas, ok? — pedi, querendo analisar a situação com calma.

Sem a pressão em ter que dizer *sim* a algo que eu não sabia se seria capaz de realizar.

— Só lembre-se de que Kim não tem tempo. Com ou sem você, essa cirurgia terá de ser feita, mas as chances... se você participar, são muito maiores.

Frederick encerrou a chamada, comigo incapaz de me mover, sugado em absoluto pelos dias anteriores a cirurgia de Hannah.

— *Elas irão precisar de uma influência feminina quando ficarem maiores. Alguém que cuide delas, e que cuide de você.*

— *Não, elas não irão — rebati, começando a ficar nervoso. — Porque você vai viver. — Continuei a ajudar Hannah após o banho, que com poucos movimentos já se mostrava cansada.*

— *Adam. — Ela me fez encará-la. — Promete que, se as coisas derem errado, você não vai se culpar?*

— *Chega, Hannah. — Beijei a sua testa, exigindo muito manter-me tranquilo. — Você vai ficar bem.*

— *Eu estou bem — falou, com um pequeno sorriso. — A única coisa que eu quero é que você fique também. E se Georgia algum dia aparecer...*

*Essa história de novo, Hannah sempre trazia o nome dela à tona lembrando-me do que eu queria apenas esquecer.*

*— Ela não vai, amor. — Hannah nunca perdeu a esperança, mas eu sim.*

*Deixei de esperar que Georgia voltasse há muito tempo, era mais fácil assim do que imaginar, tentar adivinhar como seria.*

*— Mas se ela voltar — insistiu, segurando em minha mão. — Digamos que aconteça, você promete para mim que não será estúpido com ela? — Olhei para os olhos exaustos da minha esposa, tudo hoje em dia parecia exigir muito dela. Até mesmo olhar para mim. — Eu quero que as meninas sejam próximas dela, Adam. Então preciso que você me prometa...*

*— Eu não vou prometer nada a você, porque sei que ficará bem. E que, quando sair daquela sala de cirurgia... você será a única cuidando de nossas filhas.*

*— Seu erro é achar que não precisa ser cuidado, sabia? Mas você vai precisar...*

*— Por que está dizendo tudo isso, Hannah? — quis saber, irritado. — Por que não pode ser otimista pelo menos uma vez? Lutar por suas filhas, lutar por mim?*

*A expressão em seu rosto era de mágoa.*

*— Porque eu estou cansada de lutar! — gritou, ofegante. — Cansada de... Eu só quero que me prometa que você ficará bem, independente do que aconteça.*

*Afastei-me, impaciente, com as mãos agitadas e o coração mais ainda.*

*— Eu vou ficar bem, desde que você fique viva.*

*Hannah suspirou, virando o seu rosto para longe, fugindo do que eu pedia.*

*Quando tudo o que eu queria era que ela lutasse para voltar para a gente.*

A memória foi afastada de forma brusca, enquanto meu celular, em algum lugar do chalé, passou a tocar. Fui à procura do telefone; e, ao encontrá-lo, senti o baque no instante em que identifiquei o número.

— Georgia? — indaguei ao atender, preocupado.

Ainda que eu não tivesse salvado o seu contato, eu teria reconhecido o número a qualquer momento. A mensagem enviada no dia em que Amber desapareceu fora lida por, pelo menos, uma dezena de vezes. Imaginei se a ligação não estaria relacionada ao medicamento que lhe enviei essa manhã.

— *Adam?* — A voz sempre rouca soou aflita, em um murmúrio. — *Acho que alguém entrou aqui, eu ouvi um barulho. Não sei.* — A respiração agitada no outro lado da linha, acionou um alarme em minha cabeça. Essa não era outra das tantas tentativas de Georgia em fazer caso, chamar minha atenção.

Seu nervosismo era real.

— Espera, fale mais devagar — pedi, apreensivo. — Alguém entrou aí dentro?

Imaginei Georgia sozinha, e o tempo que levaria para chegar até ela.

— *Sim. Eu estava dormindo, acordei com a batida da porta* — revelou, assustada. E não era para menos, passava das

duas da manhã. — *Eu tentei ligar para o Ethan, mas ele não atendeu. Só estou ligando porque...*

— Onde você está agora? — eu a cortei furioso, por ter sido a sua segunda opção. Era a mim que essa mulher deveria ter telefonado no instante em que sentiu medo. E não para aquele infeliz.

— *T-Trancada no banheiro.*

— Permaneça aí, ok? Não abra a porta para ninguém até que eu chegue, Georgia. Estou indo para o centro agora mesmo, e no caminho vou tentar falar com o xerife Bob! — ordenei, à procura da minha chave e carteira, encontradas no aparador ao lado da escada, que era justamente o lugar em que me deparei com Amber.

O pijama amassado revelava que ela tinha estado dormindo até aquele momento. O meu tom de voz, talvez tenha sido o que a acordou.

— Aonde vai, papai? — perguntou ao descer, notando a minha pressa.

— Preciso que fique de olho em sua irmã e me ligue se algo acontecer. Pode fazer isso por mim? — Eu odiava a ideia de deixá-las sozinha, assim como odiava a ideia de que Georgia estivesse correndo algum tipo de risco.

Levar minhas filhas comigo, porém, estava fora de questão. Principalmente por não fazer ideia do que encontraria pela frente.

— Posso.

— Feche a casa por dentro.

Amber assentiu, deixando-me com a certeza de que ela havia entendido que o assunto a me preocupar era sério. Somente uma emergência teria me tirado de casa a essa hora.

O percurso até o estúdio não levou mais do que quinze minutos. E assim que estacionei em frente a calçada, pude ver que não haviam apenas invadido o andar superior do prédio. A ofensa pichada por toda a vidraça, deixava claro para quem quisesse ver qual era a intenção ao assustarem Georgia.

*Eles a queriam fora dessa cidade.*

Subi as escadas, atormentado, deparando-me com vários dos arranjos de flores de Adeline derrubados pelo chão da entrada. Caminhei um pouco mais, e notei que não havia sinal de arrombamento algum, quem quer que tenha entrado o havia feito com a cópia das chaves.

*Mas como?*

Agindo por instinto, eu me dirigi até a porta do banheiro e bati.

— Georgia? — Ela demorou a responder. — *Baby?* Sou eu.

De forma lenta, eu a vi abrir a porta do cômodo apertado, com seus olhos azuis parecendo ter o dobro do tamanho habitual. De forma igualmente impulsiva, Georgia correu para os meus braços. Tremendo inteira ao me abraçar. Seu pequeno corpo me fez lembrar dos riscos que eram para uma mulher viver sozinha nos dias de hoje. *E mais do que isso, como ela foi capaz de se envolver com alguém que fizera aquilo com o seu rosto?*

Georgia poderia ser dura por fora, mas por dentro eu duvidava que o fosse. Acho até que não havia ninguém mais

quebrada do que a mulher me apertando de forma persistente, como se temesse que eu não passasse de uma alucinação.

Éramos dois, pensei, ao me dar conta de que ela se encontrava praticamente nua. Os pés descalços pareciam quase querer subir nos meus, enquanto os seios redondos que eu havia provado tão pouco tempo atrás mostravam-se tão pontudos por baixo da regata de alça, que ignorar foi praticamente impossível.

— Eu estava dormindo, só consegui pegar o telefone e me esconder...

— Calma. — A fiz me olhar, erguendo o seu queixo com os dedos. — Você viu quem fez isso? — Ela foi rápida em negar, os dentes brancos cometendo o delito de morder os próprios lábios. — Não, eu só escutei o barulho, Adam. Já falei!

— Eu tentei ligar para o xerife no caminho, achei que ele poderia ajudar, mas Bob não atendeu. — Ninguém na maldita delegacia o fez, na verdade.

— Não quero aquele homem aqui — disse, tentando se afastar. A mera menção ao nome do xerife, deixou-a nervosa. — Eu não confio nele.

E não era de hoje, se eu podia me lembrar. A verdade é que a forma como Bob tratou Georgia no passado não foi necessariamente ética. Ele sempre a olhou como se ela fosse uma pequena criminosa, ou tão cheia de merda como Darana tinha sido.

— Não houve sinal de arrombamento — falei, fazendo-a parar de se agitar. A revelação deixou-a confusa. — Você lembra se fechou a porta essa noite?

— Eu fechei!



— Talvez você tenha chegado cansada, Georgia, e...

— Eu fechei, Adam. Não estou ficando louca! — esbravejou, dando-me as costas enquanto se dirigia a sala. A visão da sua bunda branquela deixou-me desnortado. E se na frente a calcinha que usava era uma perdição, por trás me fez salivar de fome. Parte, porque eu conhecia o corpo dessa mulher e o que provei dela não era nem o começo.

— Não disse que está, só acho estranho que alguém tenha entrado sem arrambar.

Georgia se mostrou exasperada.

— A menos que alguém tivesse as cópias da chave — falou baixinho. Como se a ideia fosse uma possibilidade distante, ou que ela não quisesse acreditar.

— Se foi isso ou não, nós veremos depois, ok? Por ora, pegue uma bolsa com algumas roupas que eu a levarei para a minha casa comigo.

Georgia foi rápida em negar.

— Eu vou ligar para Emily, não quero ir com você. — A mulher teimosa se afastou, abraçando o próprio corpo em reação ao frio que sentiu. — Talvez eu consiga passar a noite lá, e amanhã...

— Acha mesmo que a mãe de Emily irá aceitar que fique com ela?

— Posso dar um jeito, Ethan talvez me atenda e... — Georgia chegou a pegar o celular, mas antes que discasse o número do filho da puta eu o interceptei.

— Que parte não entendeu do que eu falei? Você vem comigo.

Seu olhar percorreu o cômodo, não em desistência, mas a procura de alguma desculpa para não ceder. O rosto pálido foi ficando repentinamente vermelho como se Georgia pensasse em todas as razões pelas quais ficar perto de mim não era seguro. E se o rubor em suas bochechas fosse um sinal, era de que as imagens do que havíamos feito aqui mesmo nessa sala a perseguiriam com a mesma insistência com que faziam comigo.

— E quanto as suas filhas? — quis saber, ainda incerta.

— Eu posso lidar com elas. Além disso, as duas, ao que parece, te adoram. — Ela desviou os seus olhos dos meus. — Se você não pegar o que precisa, eu mesmo pegarei.

Desconfiada, Georgia se afastou. Subindo uma calça jeans pelas pernas, que, de tão justa, foi preciso que ela desse pequenos pulinhos para que a fizesse passar por sua bunda. Aquele foi o momento em que percebi que levá-la para a minha casa talvez não fosse uma boa ideia, porque a cena que acabei de presenciar seria repassada por toda a noite em minha cabeça.

— Vista um casaco. — Qualquer maldita coisa que a cubra, pelo amor de Deus!

Passando por mim, a mulher pegou a jaqueta que eu havia emprestado a ela e a vestiu. Escondendo de meus olhos o fato de que os seios, por baixo da blusa fina, seguiam intumescidos. Dois pequenos botões pontudos atraindo toda a minha atenção.

Mas não era com os dedos que eu queria tocá-la, era com a boca. Chupar Georgia, em todos os lugares, aliás, era algo que eu desejava fazer a todo o momento. Porque ela inteira era gostosa, desde o cheiro até o gosto.

— Melhor?

*Muito*, pensei, ao acompanhá-la até o lado de fora.

Fazendo o possível para que, ao descermos, Georgia não tivesse que ver o que havia sido pichado. Não que tenha adiantado, porque ela não apenas viu como se deteve em frente à palavra cuja tinta escorria um vermelho vibrante.

— Prostituta — leu em voz alta, fugindo do meu olhar por conta da vergonha. — Você também pensa isso a meu respeito? — Ela diminuiu o passo, insegura sobre continuar.

— Você é uma prostituta?

Georgia entreabriu seus lábios, confusa.

— Não se trata...

— Você é, porra?

— Não.

— Então não dê importância para o que está escrito aí, e nem para o que as pessoas pensam e dizem. Amanhã os vidros estarão limpos e nós iremos atrás do Bob para descobrir quem foi o responsável pelo vandalismo.

— Nós?

— Nós, você. Não importa.

Ela assentiu, deixando-se ser levada até o carro.

Abri a porta para que subisse no Jeep e a ajudei. Estava agitado por não saber ao certo como lidar com esse lado de Georgia: o que pedia socorro sem dizer uma só palavra. Essa mulher nunca foi boa em demonstrar fragilidade e, por esse motivo, as pessoas nunca tenham se preocupado devidamente com ela, se importado a ponto de a ajudar.

Estar diante dela agora me fez questionar exatamente isso. *Como pude não interferir?*

Ao meu lado, Georgia me observou sair da avenida principal, subindo pela colina que levava até o chalé. As mechas loiras esvoaçaram contra o seu rosto, por causa do vento que entrou através da janela.

— Adam, e se foi a sua mãe? — indagou, de repente, dando a entender que estivera pensando sobre o assunto por todo esse tempo. — Ela era a única que tinha as chaves do sobrado, quem garante que não fez uma cópia? — Ignorei a acusação, ainda que a possibilidade também tenha passado pela minha cabeça. — Não vai dizer nada?

— O que espera que eu diga? — Envolvi o volante com força, desejando encontrar alguma razão que me levasse a acreditar que Grace não seria capaz de algo tão perverso.

— Qualquer coisa, Adam, mas, principalmente, que acredita em mim.

Agradei ao fato de que os seus olhos não podiam me encarar de frente, caso contrário Georgia teria enxergado a verdade.

— Sua mãe não é a única que me quer fora daqui, eu sei, mas é a única na cidade com loucura suficiente para tentar me assustar. O pior é que ela conseguiu.

Eu imaginava que sim, porque a ideia de que algum homem a tenha visto seminua, dormindo e desamparada, deixava-me louco de preocupação e raiva.

O percurso prosseguiu com Georgia em silêncio, perdida em seu próprio mundo. Em questão de minutos, entramos na rua

arborizada e, após estacionar o carro em frente ao chalé, nenhum de nós dois mostrou qualquer interesse em sair. Por vários minutos, Georgia e eu permanecemos olhando a casa à nossa frente cujo andar inferior se encontrava inteiro aceso, levando-me a acreditar que Amber continuava acordada.

Era típico dela acender todas as lâmpadas em seu caminho. Nisso, eu sempre a achei parecida com a mulher sentada ao meu lado, aliás. O medo de tempestades, do escuro. De estar sozinha.

— É linda — Georgia comentou, após algum tempo. — A gente costumava vir aqui — falou, como se só agora se lembrasse, buscando pelos meus olhos, mas eu não a encarei de volta. — Era aqui, não era?

— Sim. — Por ser mais reservada, essa área da cidade fora ótima para nos esconder do restante do mundo. — Eu acho que sim.

Passei anos da minha vida tentando me convencer de que a escolha por esse terreno em nada teve a ver com o fato de que, no passado, Georgia e eu costumávamos parar pelos arredores e passar horas conversando, ou comigo dentro dela.

Mas agora a tentativa de me defender e dizer que tudo não passava de uma coincidência, pareceu-me idiota demais.

— Hannah gostou? — quis saber. — Quero dizer...

— Ela queria que tivéssemos escolhido algo mais perto do pai. Havia uma casa perfeita, inclusive, e nós quase fechamos a compra.

Georgia me encarou com real interesse.

— E como foram terminar aqui?

— Eu não sei — menti, porque eu não pretendia compartilhar com Georgia o fato de que sempre que precisava pensar foi até esse lugar que me dirigi.

E que, em um desses momentos, a placa de *vende-se* chamara tanto a minha atenção que, enquanto não assinei os papéis de compra, não tive paz. Na época, claro, o chalé não era nada perto do que víamos agora, mas após anos em reforma eu estava satisfeito com o resultado.

— Preparada para entrar? — perguntei, exausto. Ainda que não conseguisse arrancar da mente a vontade de beijá-la, mesmo que por poucos instantes.

— Preparada? — Quase sorriu. — Há algo com o que me preocupar?

— Além das minhas filhas, que obviamente estão acordadas — apontei para as luzes acesas —, não há mais nada, eu prometo.

Georgia se mostrou desconfiada ao me acompanhar até o interior do chalé. Abri a porta para que entrasse antes de mim, o que ela fez, agindo como se pisasse em ovos. Sua cabeça foi de um lado ao outro enquanto ela fitava toda a sala. Não sei o que esperou encontrar, mas através da sua linguagem corporal ficou claro que ela estava com medo.

E como presumi, Amber e Lotty encontravam-se não apenas acordadas como sentadas no primeiro degrau da escada que levava para o andar superior. Ambas rapidamente se levantaram ao me verem entrar. A mais velha delas agindo com a mesma desconfiança que Georgia enquanto Lotty mostrava-se

genuinamente animada, como se reencontrasse uma velha e melhor amiga.

— Georgia? — Lotty a chamou, correndo em nossa direção. — Veio nos visitar?

Em silêncio, Georgia me fitou, em busca de socorro e alguma explicação plausível para darmos as meninas.

— Georgia teve um pequeno imprevisto, por isso terá que passar a noite aqui — assumi o controle, notando que Amber não havia saído de seu lugar.

— Ela caiu de novo? — minha caçula insistiu, segurando na mão de Georgia e a puxando para o interior da casa.

— Não, meu amor, ninguém caiu dessa vez.

— Então, ela machucou o rosto outra vez? — Apesar da lembrança desagradável, peguei-me sorrindo para a minha filha.

— Também não, querida. Na medida do possível, Georgia está ótima.

Charlotte pareceu aliviada, ou quase.

— O que aconteceu então, *Georgia*? Conta para mim — pedi, preocupada, obrigando-me a intervir.

— Filha, por que não deixa Georgia em paz um pouquinho? Aliás, por que vocês duas não sobem e preparam o seu quarto para que ela possa dormir?

— Mas e eu, papai? — Com os olhos fechadinhos, eu sabia que ela sentia a ausência dos óculos.

— Você irá dormir comigo essa noite, o que acha? — Charlotte sorriu, adorando a ideia, enquanto Georgia mostrava-se receosa.

— Eu não quero atrapalhar, Adam.

— Você não vai — respondi, sério, querendo apenas que essa mulher estivesse em segurança e longe de problemas.

— É verdade, *Georgia*. Amigos nunca atrapalham!

Observei as duas subirem e, em seguida, me virei para Amber, que passou calada todo o tempo em que a cena durou, assistindo a tudo.

— Por que ela está aqui? — Foi direto ao ponto ao ficarmos sozinhos. — Papai?

Esperei até que Georgia estivesse longe o suficiente para não nos ouvir, e me aproximei de Amber.

— Alguém entrou na casa de Georgia, não sabemos quem ainda. Então, como só conseguiremos trocar as chaves amanhã, eu pensei que ela poderia ficar aqui.

— Quem entrou lá? — Minha filha ainda parecia desconfiada, e com razão. Em todos esses anos, eu nunca tinha trazido qualquer pessoa para passar a noite que não fosse a babá ou Ava.

— Nós não sabemos, mas Bob vai descobrir. — Amber olhou para cima, pensativa. — Sei que não é fácil, Amber, mas...

— Eu gosto dela — admitiu, provavelmente pensando mil coisas que eu mesmo já havia. — Não quero que nada aconteça.

— E não vai. — Dessa vez, não era uma promessa, apenas a certeza de que, pelo tempo que essa mulher desejasse ficar na cidade, ela permaneceria sem sofrer ameaças ou intimidações.

Grace entenderia isso no dia seguinte.



## **Georgia**

Foi preciso um minuto inteiro ao entrar no quarto de Charlotte, até compreender que ele não era o quarto de uma garotinha comum. Rosa não era a cor que predominava, ainda que ela parecesse adorar conto de fadas e princesas. Mas um olhar, e eu me vi rodeada por cores vibrantes e chamativas, que pareciam cobrir cada parede do cômodo.

O que, de certa forma, explicava, a rapidez em que sua cabecinha funcionava.

— Aqui... é colorido.

Lotty, como todos a chamavam, sorriu. Esse pareceu ser o melhor elogio que ela poderia ter recebido, depois de ser chamada de esperta, é claro.

— É legal, não é?

Assenti, sem uma opinião concreta, ocupada demais em tentar decifrar tudo o que havia dentro do quarto. Uma parede era lilás, a outra azul. E havia tantos ursos e animais de pelúcia, que eu me senti em um pequeno zoológico peludo.

A cortina tinha estrelas de vários tons, o tapete no chão... corações. Olhei para o teto e me deparei com um céu inteiro pintado.

— Você não se perde aqui dentro?

— Claro que não, *Geogia*. — A garotinha me puxou, mostrando-me o banheiro. — Aqui é o banheiro da minha irmã e o meu, a gente divide. — Apontou para a porta no outro lado. — Se tiver fechado lá, é porque ela tá usando... Aí se tiver fechado

aqui... é porque eu tô usando. Mas, às vezes, esqueço e ela entra...

Não acho que eu ficaria por tempo suficiente para ter que aprender sobre o funcionamento dessa casa.

— Aqui... é a minha janela, tá vendo? — Charlotte subiu sobre o encosto almofadado. — Lá é o lago do papai. — Apontou para a imensidão verde à nossa frente, fazendo-me questionar por que o lago era *do papai dela*. — E aqui é a minha cama, *Georgia*. — Virou-se para mim. — Hoje ela é sua.

Aproximei-me da cama, vendo que esse *pitoco de gente* esperava que eu me sentasse e dissesse exatamente o que tinha achado.

— É macia.

— Sim, e dá para pular — murmurou, como se me contasse um segredo. — Mas meu papai não gosta, ele fica bravo. — Ela se levantou, e eu continuei ali vendo-a tirar os ursos do seu caminho enquanto parecia procurar por algo em meio à bagunça. — Ele tem medo de que eu vá para o céu também, igual a mamãe. Acho que é por isso que ele me coloca tanto de castigo. — Charlotte continuou a dizer coisas, mas, em algum momento, deixei de escutar pensando que isso só poderia ser algum tipo de carma.

E que Hannah, se estivesse viva, teria um orgulho danado de suas filhas. Eu mal as conhecia e... já estava apaixonada.

Movendo-me desconfortável sobre a cama, eu quase me sentei em cima do que logo descobri serem os seus óculos.

— Charlotte? — Eu a chamei, e mostrei, deixando-a aliviada. — Venha aqui.

Coloquei a armação rosa nela, e todo o seu corpinho pareceu aliviado.

— Melhor?

— Muito, eu enxergo errado — explicou. — Mas, quando eu crescer, vou poder operar. Só preciso esperar mais um pouquinho, o meu pai diz.

— Sua mãe também os usava, mas ela nunca operou. — Ouvir sobre a mãe dela a deixou triste por um único segundo, forçando-me a mudar de assunto, apenas para ver outro dos sorrisos inocentes em seu rosto. — Sabe o que eu acho? Que o seu papai a deixa de castigo porque você é uma arteira. — Lotty gargalhou suavizando o aperto em meu coração.

— Não, *Geogia*. Não é por isso não.

Adam veio buscar a filha, instantes depois, ciente de que, se não o fizesse, ela jamais teria me deixado descansar.

— Você vai ficar bem? Se precisar de algo... — Adam perguntou, após fazer com que a filha se despedisse e fosse se deitar levando com ela não apenas um dinossauro rosa como um cobertor.

— Eu vou ficar, Adam. Não se preocupe. Tudo o que eu preciso é descansar um pouco. — *E esquecer completamente o dia que tive.*

Não que a palavra *prostituta* fosse ser facilmente apagada da minha mente. Diria até que por muito tempo ela me assombraria.

Vendo-o parado próximo ao batente da porta, eu finalmente me dei conta de que Adam deve ter saído às pressas para me buscar. Os pés agora descalços dos tênis que usava

fizeram com que meu sangue passasse a correr um pouco mais rápido, acendendo o frenesi quente que começava no dedinho do meu pé e se espalhava por cada centímetro do meu corpo. A calça de moletom que usava não era larga o suficiente para esconder o volume grosso que o homem tinha entre as coxas musculosas. Que depois de tudo o que havia acontecido, era apenas a última coisa em que eu deveria estar pensando... ou desejando ver.

O sexo feito com urgência e desespero, no chão da minha sala não me permitiu sentir Adam por inteiro. Nós saciamos a vontade daquele momento, mas não demos um fim ao desejo.

— Nos vemos amanhã, Georgia. — A voz rouca deixou-me zonga por um instante.

Enquanto o meu cérebro inútil tentava descobrir se o maxilar rígido de Adam e o olhar fulminante significavam que ele também me queria.

— Boa noite, Adam — murmurei depois que ele fechou a porta.

Afundi o meu corpo no colchão, esperando de forma impaciente pelo sono, o que se tornou uma tarefa impossível ao notar que eu já não estava mais sozinha.

— Posso dormir com você? — Amber perguntou, após se deitar ao meu lado.

— Não acho que o seu pai vai gostar.

— Eu sei, mas já estou de castigo. Pior não fica. — Contive o desejo de dizer que tudo sempre poderia ficar pior, privando-a da verdade, porque ela ainda era somente uma criança.

— Meu pai contou que entraram em sua casa, quem foi?

— Eu ainda não sei, Amber. — Na verdade eu sabia sim, mas, assim como o seu pai, ela jamais entenderia.

— Achei que meu pai não gostasse de você. Por que ele te buscou?

Bocejei, querendo que ela pegasse a dica e fechasse os olhos e a boca.

— Lá atrás, bem lá atrás, seu pai e eu fomos amigos — revelei, sentindo como se esse *lá atrás*, tivesse acontecido em outra vida.

— Como você e minha mãe?

— Não. Amigos de uma forma diferente. — Eu o amava, mas nunca o considerei um irmão. Longe disso. — Está tarde, sabia? Se quer mesmo ficar, nós deveríamos dormir.

Amber ficou em silêncio por algum tempo, até que, pouco a pouco, a sua respiração foi se acalmando.

Movi-me na cama, tentando encontrar uma posição mais confortável. Só que não foi exatamente o que aconteceu, porque Amber, assim como a irmã, me surpreendeu ao segurar um punhado do meu cabelo e o cheirar.

— A Lotty tem razão, o seu cabelo cheira como o da mamãe.



## ***Adam***

Depois de horas de um sono agitado, com Charlotte chutando-me com os pés gelados por toda a madrugada, eu despertei. Porque, ainda que eu a tenha virado diversas vezes, Lotty sempre encontrava um jeito de terminar da mesma forma: atravessada na cama *king size*. Após puxar o cobertor sobre ela, eu me levantei, enfiando-me debaixo do chuveiro gelado, que foi aonde tentei arrancar a imagem de Georgia da cabeça.

Uma imagem que me atormentou pelo tempo em que estive deitado.

Usando apenas uma calça de moletom, eu deixei a suíte e me dirigi ao quarto de Charlotte, que se encontrava entreaberto, permitindo-me ver que Georgia não passara *a madrugada* sozinha, Amber dormia ao seu lado. E isso, de alguma forma, mostrou-se muito para que eu tivesse que lidar já àquela hora do dia.

De forma instintiva, meus dedos se fecharam ao redor da maçaneta enquanto eu fechava a porta, ciente de que essa aproximação entre Georgia e as minhas filhas era exatamente o que Hannah teria desejado. Algo que, por sinal, nunca concordei.

Odiava a ideia das linhas se tornarem estreitas e confusas. De que a presença dessa mulher na vida delas, acabasse por se tornar um problema. Eu não queria as minhas filhas olhando para Georgia e a enxergassem como um apoio.

O fato de hoje eu querer garantir a segurança dela, pelo tempo que estivesse na cidade, em nada tinha a ver com desejar que ela participasse da vida de Amber e Charlotte. Pelo contrário.

Já na cozinha, eu apertei o botão da cafeteira elétrica. O olhar perdido no jardim, enquanto a rigidez do meu maxilar denunciava o quanto eu me encontrava estressado. Os músculos do meu corpo seguiam da mesma forma, rijos de uma vontade que eu não poderia estimular.

O que se tornou impossível ao ser envolvido pelo cheiro da mulher que não conseguia arrancar da cabeça. Questionando a minha própria sanidade, eu olhei para trás apenas para me certificar de que não recriava o perfume como uma alucinação, apenas para me ver diante de Georgia.

A visão dela, e não mais a lembrança, forçou-me a apoiar a xícara de café sobre a bancada da cozinha, com mais força do que deveria, eu admito, mas como poderia ser diferente?

A poucos passos de distância, encontrava-se a tentação da minha vida.

Incerta, ou tão atordoada quanto eu, Georgia se deteve próximo a entrada, encarando-me e deixando transparecer o receio que sentia.

— Não são nem seis horas, Georgia. Você deveria... —  
*Sair da minha frente, correr de mim. Se esconder.*

Porque algo me dizia que no instante em que as minhas mãos a tocassem, eu perderia o controle e só seria capaz de parar ao obter o que desejava. Cada pedaço de Georgia.

Meu pau concordou, porque assim que a viu ele saltou por baixo da calça, mostrando a que veio. Essa mulher também não ajudava, tinha de aparecer na porra da minha cozinha vestindo apenas uma camisa velha e larga? Eu podia ver tudo, desde as



pernas nuas e bronzeadas até o fato de que não havia sutiã algum cobrindo seus seios.

— Não consigo dormir, quero dizer... essa não é a minha casa... e... — *Não era mesmo*, pensei, a observando se atrapalhar com as palavras.

Nervosa para caralho.

— Aceita? — Ofereci café, que Georgia mais do que prontamente aceitou.

Se tentássemos agir como dois adultos, talvez eu conseguisse manter as minhas mãos – e o meu pau – longe dela.

Peguei uma das xícaras no lava-louças e a estendi em sua direção, incentivando-a a se aproximar, o que só aumentou a tortura que era vê-la tão perto. Ao meu lado, Georgia se serviu, envolvendo as duas mãos ao redor da xícara branca como se temesse derramar o líquido escuro.

Como um viciado, eu a assisti tomar do primeiro gole com os olhos fechados enquanto soprava a fumaça que fez com que suas bochechas ficassem vermelhas. Ao se afastar, seus lábios se uniram a fim de aplacar a temperatura da bebida, deixando-me nervoso por me excitar ao simplesmente vê-la tomar a porcaria de um café.

— Eu poderia perguntar como dormiu, mas algo me diz que teve uma noite tão agitada quanto a minha — falei, apertando os nós dos dedos na bancada, obrigando-me a mostrar algum controle.

— Não conseguiu dormir? — perguntou, curiosa.

— Bem pouco.

— Acho que ter vindo aqui foi um erro, uma decisão estúpida. — Georgia me encarou, ainda segurando a xícara. Ambos estávamos de frente para a janela. — Ainda mais depois do que aconteceu.

— Você se refere ao fato de termos perdido a cabeça no chão da sua sala?

Ela piscou, nervosa.

— Não — revelou, com a porra da voz rouca que sempre me deixou por um fio. — Eu me refiro ao fato de estar aqui, e só conseguir pensar que eu ainda quero você. E que o que fizemos no *chão da minha sala* não foi suficiente. — Cada palavra dita pela boca dessa mulher fez com que meu pau latejasse em resposta. Inchado e pesado dentro da calça de moletom.

Nos entreolhamos, e ainda que conseguisse enxergar em Georgia a mesma urgência e necessidade que explodia dentro do meu peito, dei-me conta de que tempo algum que tivéssemos seria suficiente para fazer com que quiséssemos menos um do outro.

Virando-me em sua direção, eu empurrei as mechas de seu cabelo para trás, raspando o meu nariz em seu pescoço e ombros, bebendo do seu cheiro como um alcoólatra ingeria álcool.

A possessividade contida em meu toque a fez ofegar, deixando-a perplexa com a forma como reagiu a carícia, porque ela sentiu o esticar do meu pau em seu quadril, o engrossar do meu corpo querendo-a, exigindo sua boceta quente e gulosa.

Abandonando o decoro, enfiei as mãos no meio de suas pernas. O corpo de Georgia reagiu da única forma que poderia:

abrindo-se para mim. Ao afastar as coxas, ela facilitou o trabalho para os meus dedos que buscaram abrigo na bagunça molhada que havia se tornado. Os fluidos que escorriam de dentro, inundaram onde eu a tocava. Tão espessos que melaram até o meu pulso.

A essa altura, não era apenas o meu nariz a se embebedar de Georgia, minha boca provava, em pequenas mordidas dolorosas, a sua pele, arrancando-lhe gemidos que precisei cobrir com a palma da minha mão.

— Sem gritos — exigi. — Eu vou tomar você, Georgia. Até que goze para mim e esteja tão preenchida, que tudo o que irá sentir é sua boceta sendo rasgada. — A ideia pareceu deixá-la excitada. — Mas não vou admitir que grite na minha casa.

Os olhos azuis ficaram turvos. E com um esforço para se manter consciente, ela cravou suas unhas em meu braço, incentivando-me a ir em frente. Ainda que a sua boca me dissesse o contrário.

— S-suas filhas, Adam. Aqui não. — Georgia estava certa!

O desejo, beirando ao irracional, fez com que eu a erguesse em meu colo com apenas um braço e a levasse até o escritório no fim do corredor da sala. A porta foi aberta com agilidade, e eu fiz questão de a trancar por dentro. Para só então, colocar Georgia sobre a mesa. O barulho dos objetos sendo afastados bruscamente, ecoou pelo cômodo ainda mais baixo do que seus gritos teriam feito. Puxando-a pelas pernas, eu encaixei meu corpo entre o vão macio e quente enquanto minhas mãos subiam e desciam, sentindo-a arrepiar.

Apressada, Georgia arrancou a camisa que usava, confirmando as minhas suspeitas. Tudo o que a cobria por baixo era uma calcinha que eu rapidamente deslizei por suas pernas. A ajuda que meus dedos fizeram, em dispensá-la, fez com que um de seus pés buscasse apoio na mesa. Envolvi o seu tornozelo com mais força do que deveria ter feito, mas incapaz de controlar a fome que sentia dessa safada.

Apesar da vontade urgente que parecia sempre nos envolver, eu acariciei cada centímetro da sua perna. Os olhos de Georgia estavam vidrados em absolutamente tudo o que as minhas mãos faziam.

— Abra um pouco mais, *baby* — pedi, referindo-me às suas coxas, que, ao se afastarem uma da outra, me deram a visão completa da sua boceta.

Quando Georgia tentou descer a perna, eu a impedi querendo-a exatamente dessa forma.

Exposta. Vulnerável.

Esfreguei meu polegar na entrada apertada, tão pequena, que fez com que meu pau inchasse um pouco mais. Como se o infeliz já não fosse grande demais para essa mulher.

— Olhe para mim — exigi. — Você vai gritar quando eu te foder?

— N-não — negou, rapidamente.

Ofego após ofego.

Obrigando-me a beijá-la. A provar de sua boca nas primeiras horas de um dia que tinha tudo para ser uma merda.

À sua própria maneira, Georgia abaixou a minha calça por trás e me puxou pela bunda. Meu pau ergueu-se livre em sua

direção. Nos encaramos, concordando que não tinha por que adiar o que nossos corpos tão avidamente desejavam.

Penetrei-a de uma só vez, com cada polegada de centímetro do meu pau afundando em sua boceta melada. Ao primeiro sinal de que Georgia perderia o controle, eu cobri sua boca com a mão, deixando-a mole de desejo e sem fôlego algum.

Senti que ela queria falar algo, mas neguei. Sacudindo a cabeça de um lado a outro.

— Não quero correr riscos — Georgia arfou. A boceta gostosa pulsando ao redor do meu pau, com ainda mais vontade. — Você nunca foi boa em acatar ordens, *baby* — murmurei em seu ouvido, moendo meu quadril contra ela sem dó. — Sempre tão descontrolada na cama, porra. — Georgia me agarrou pela nuca, pulando em meu corpo. Querendo mais... de tudo.

Segurei-a, deixando-a montar em mim. Passando a abafar seus gemidos com a minha boca, que se recusou a deixá-la livre dessa tortura por um só segundo que fosse. Eu conhecia essa mulher, sabia do que ela era capaz.

Acordar minhas filhas com seus gritos de prazer, não era o que eu escolheria para começar o dia.

— Caralho, *baby*. Só...

— Tão gostoso, Adam.... tão... meu Deus! — sussurrou contra a minha boca, voltando a me beijar de forma esfomeada.

Estocada atrás de estocada, eu apertei sua bunda. Imaginando como a pele estaria quando nos acalmássemos. Georgia manteve os olhos fechados, derretendo-se um pouco

mais conforme o prazer a invadia como um furacão a devastando.

Sem forças para nada, nem mesmo para gritar, eu deixei de beijá-la e arrastei a boca pelo pescoço, querendo mordê-la, arrancar-lhe a pele para que pudesse guardar essa mulher não apenas na memória. A camada fina de suor fez com que seus seios grudassem em meu tórax, com os bicos intumescidos raspando a cada movimento que fazíamos um sobre o outro. E porra, quanto mais fundo eu a penetrava, mais eles pareciam me perfurar.

— Estou perto... não vou aguentar — murmurou, ensandecida, virando o rosto de um lado a outro, até que a segurei pelo cabelo e a fiz se concentrar em mim: em meus olhos, meu corpo e o pau enterrado dentro dela.

— Foda-se, *baby*. Goza para mim, mas aguenta. Porque eu não estou nem perto! — grunhi, sentindo-a se fundir ao meu pau. Seu corpo estremeceu, enquanto as minhas mãos se fechavam ao redor do seu quadril, detendo-a para que gozasse comigo profundamente sua boceta.

O esforço feito para não gozar ao mesmo tempo, fez com que cada músculo meu enrijecesse. Como se já não estivéssemos agarrados o suficiente, eu a puxei, segurando-a pela nuca com a mesma intensidade com que continuei a moer contra o corpo dessa mulher, que se agarrou a mim, de forma tão desesperada e insana, que nada pareceu ser o bastante.

Recuperando-se do orgasmo, Georgia fechou os olhos sentindo o eixo duro dentro dela voltar a se mover. Empurrei meu pau até o talo, levando-a a reagir e morder o lábio inchado. A

boceta sensível pós-goço, mostrou-se elétrica. Como se a cada movimento, um arrepio frenético fosse disparado; saindo dela, e me cobrindo.

Não me detive, e a cada estocada dura eu desejei ser capaz de arrancar essa mulher da cabeça quando tudo terminasse, o que tornou essa uma foda de desespero. O som molhado de nossos corpos se batendo um contra o outro a fez gemer.

— Shhhh — Eu a segurei com força. — Quietinha.

— Adam... estou tão cheia de você que... não há mais espaço. Você já tomou tudo — revelou, afogueada. Lágrimas escorriam de seus olhos pelo tesão enquanto a pequena boceta voltava a pulsar sem parar, metida após metida, levando-me à loucura. — De novo, eu vou gozar de novo — grunhi, comigo a calando com a boca enquanto arrancava em um impulso o meu pau de dentro dela, gozando em toda a sua barriga, sem deixar que Georgia se afastasse.

A segurei fortemente com as mãos, uma de cada lado do seu rosto.

Meus músculos se estiraram, tensos do esforço, mas drenados pelo goço. Enquanto a barriga e as pernas de Georgia tremiam.

— Porra — grunhi, apoiando a testa na dela, enquanto voltava, pouco a pouco, à realidade.

Antes de me afastar, no entanto, porque eu iria, eu a beijei suavemente. Querendo retomar tudo do começo.

Não, eu não acho que algum dia seria o bastante. A única forma de não cair em tentação outra vez, era com Georgia indo

embora.

Irritado comigo mesmo, eu limpei Georgia, cuja barriga estava inteira gozada. Líquidos brancos e espessos escorriam pela sua pele... bem no meu escritório.

*Caralho.*

Após limpá-la, eu joguei os lenços fora e apoiei minhas mãos no batente da janela. Com força. Incapaz de olhar Georgia nos olhos. De enxergar em seu corpo e boca a prova da minha insensatez.

— Isso não vai acontecer de novo — garanti, tentando convencer mais a mim mesmo do que a ela.



## **Georgia**

Afastei-me às pressas, não querendo olhar na direção de Adam, temendo que o desespero do meu corpo se transformasse em lágrimas. *Quando que eu iria aprender que o prazer que tinha com esse homem jamais preencheria o vazio que ele deixava?*

Mesmo que as minhas pernas estivessem bambas e os meus passos irregulares, eu joguei a camisa por sobre os ombros e me afastei, detendo-me, assustada, ao escutar o som horrível de algo sendo quebrado no escritório.

Sentindo-me uma idiota, com o meu coração ainda acelerado, eu olhei ao redor da sala, decidida a ir embora, mas tragicamente atraída pelo painel de fotografias à minha frente.

E nele havia de tudo. Fotos que iam desde a formatura de Adam, até as gestações de Hannah. O nascimento de suas filhas. Fotos em família, e dela sozinha. Mas foi a fotografia do casamento deles que fez com que eu me aproximasse.

O sorriso de Hannah se mostrava tão genuíno e feliz, assim como o do homem ao seu lado. Todas essas fotos, porém, agiram como um lembrete para que eu jamais me esquecesse:

*Adam não era meu.*

— Georgia. — Virei-me, dessa vez, sem conseguir esconder a vontade de chorar.

— Vocês foram felizes? — perguntei, de repente. Cedendo a angústia que estar nessa casa me causou. — Você a fez feliz? Ela...

Parecendo exausto, Adam sacudiu a cabeça.

— Nós não vamos falar sobre o meu casamento, apenas me diga se você tomou as pílulas que enviei ontem.

*Era isso*, Adam não estava preocupado que eu pudesse estar despedaçada ou arrependida. O filho da puta arrogante só queria se certificar de que não haveria consequências.

— O que você acha? — rebati, chateada. — Só falta agora me dizer que... quer saber, esqueça. Eu não quero mais jogar esse maldito jogo! — me alterei, praticamente gritando. — Não voltei para chegar aqui e deixar que me faça sentir como se eu não fosse suficiente, Adam. Eu jurei... que homem nenhum jamais quebraria o meu coração de novo!

— E quanto ao homem que te machucou? — perguntou, de forma agressiva. Mas com o tom de voz ameno, quase como um rosnado.

— Ele não quebrou o meu coração, o infeliz não chegou sequer perto disso.

— Mas te bateu.

— E foi a uma única vez!

Adam pareceu não acreditar, era típico dele agir dessa forma: ignorar o assunto quando algo não o agradava. Ainda querendo ir embora, eu subi e me troquei com a sorte de não ter me deparado com Amber ou Charlotte em meu caminho. Uma sorte que se esvaiu rapidamente ao descer e me dar conta de que Adam, o cretino sem coração, pretendia me levar até o centro da cidade.

— Eu posso chamar um táxi.

— E causar ainda mais fofoca? Não, obrigado — recusou a ideia ao abrir a porta do Jeep branco para que eu entrasse.

Esse era o tipo de homem que Adam era: educado e correto por fora, mas um completo filho da puta arrogante por dentro.

Sem opção, eu me deixei preencher o silêncio dentro do carro com o programa de rádio que Adam conectou. Mas saber sobre o tempo da Califórnia não era exatamente algo que conseguiria prender a minha atenção hoje.

— Você pode me deixar no Ethan — pedi, assim que alcançamos a avenida principal.

A verdade é que eu estava fugindo do estúdio. Se fosse para ver aquela maldita palavra novamente, que fosse com alguém do meu lado. E de preferência, alguém que gostasse de mim.

Diante do silêncio de Adam, eu o encarei.

— Você me ouviu?

— Ouvi, só não consigo entender qual é a lógica de foder comigo e correr para os braços de outro homem. O que vai fazer lá, Georgia? Chorar e dizer que sou um monstro?

— Mas você é — sussurrei, depois de virar o meu rosto na direção oposta.

Aliviada ao chegar no estacionamento do *pub*, eu fiquei rapidamente aliviada por Ethan estar à minha espera. Ele pode não ter atendido os meus telefonemas na noite passada, mas, assim que enviei uma mensagem essa manhã, fui logo respondida.

— Georgia. — Adam me segurou por um instante, como se desejasse me dar um aviso.

A expressão em seu rosto denunciou o quanto a ideia de me deixar com Ethan o enfurecia. *Mas que se foda também.* O infeliz nunca pensava nos meus sentimentos, nunca fazia o menor esforço para me poupar. *Por que então eu deveria ter consideração por ele?*

— Sabe qual é o seu problema, Dr. Preston? Você não tem coragem de me querer. Sempre fugiu de mim, e para quê?! — o acusei, morrendo de raiva dele. — Insiste tanto em me pedir para ficar longe, mas não se deu conta de que é você quem precisa me deixar em paz. — Saí do carro e caminhei até Ethan, esperando pelo momento em que escutaria o motor potente do carro se afastar, o que não aconteceu, obrigando-me a olhar para trás e perceber que Adam continuou parado.

Nervosa, e ainda assustada com tudo o que havia acontecido na noite anterior, eu me joguei nos braços de Ethan, que me abraçou de volta, sem se intimidar com o homem nos observando de dentro do carro.

— Quantas vezes mais você vai permitir que Adam parta o seu coração, Georgia?

— Eu não sei — falei, sendo que, no fundo, uma vozinha murmurava que eu o deixaria brincar comigo até que não houvesse mais coração e nada que pudesse ser quebrado.

Quando chegasse a esse ponto, das duas uma: ou eu estaria no mesmo fundo do poço em que Darana permaneceu por anos. Ou estaria morta.

**17**

## **Georgia**

Ethan se aproximou, estendendo-me outra dose pequena de uísque. Como se quisesse me embebedar, mas não por completo. Apenas o bastante para que meu coração não doesse e eu não me sentisse *tão, tão* idiota. Seus hábitos sempre foram um pouco loucos, mas eu o perdoava. Um homem com seu passado, que vivenciou o inferno no Afeganistão pelo tempo em que serviu ao país, não merecia o meu julgamento.

Então, se ele queria beber às nove horas da manhã e que eu o acompanhasse, como poderia dizer que não?

Claro que as três doses tomadas até agora não tinham feito nada em Ethan, que tinha facilmente o dobro do meu peso. Ao contrário de mim, que já enxergava tudo um pouco turvo. Com a certeza de que, se precisasse ficar de pé agora para provar minha sobriedade, eu sequer conseguiria.

— Conte-me o que aconteceu? — Ethan se sentou à minha frente, com as longas pernas empurrando as minhas para o lado.

Quem fosse a mulher com quem passou a noite, não o tinha deixado em um humor agradável. O que eu era perfeitamente capaz de entender, dado ao péssimo histórico de pós-sexo que Adam e eu tínhamos.

— Além de ter rolado sexo... *duas vezes* — falei baixo, envergonhada. — Há o fato de que eu passei a noite na casa dele. — Ethan recostou contra o estofado da poltrona, observando-me. — E isso nem é tudo, merda. Agora mesmo toda

a cidade deve estar vendo a pichação que deixaram no estúdio ontem.

— Pichação?

— Alguém escreveu um imenso e terrível *prostituta* por toda a vidraça. Dá para acreditar? — Estendi o copo em sua direção, querendo que meu mais novo amigo voltasse a encher. Não que ele fosse novo em tudo, nós já nos conhecíamos, ainda assim...

— Quando foi isso? — Ethan me cortou, preocupado.

— Ontem, quando alguém tentou entrar no sobrado. Você saberia se tivesse atendido a droga do telefone, Ethan! — gritei, só um pouquinho bêbada, mas sem um pinga de remorso, afinal eu era adulta. Pagava minhas contas, até as que levavam um pouco mais de tempo a serem quitadas... enfim, eu era dona de mim.

— Sinto muito, Georgia, eu estava com... não importa — impediu-se de dizer, encarando-me como se me dar álcool não tivesse sido a melhor das ideias.

A verdade é que eu sempre fui peso leve quando se tratava de álcool e por essa razão tenha caído tão rapidamente nos efeitos entorpecentes dos opioides.

— Está sentindo, Ethan? O mundo está girando hoje. Ou sou eu?

— É você, querida — falou, fazendo-me sentar de volta ao tentar me levantar.

— Eu preferia que fosse o mundo — disse, ressentida. — Assim eu não seria a única a me sentir zozza. Ou estúpida.

— Você não é estúpida — comentou, de forma quase carinhosa.

— Eu, talvez, não. Mas as minhas decisões sim. — Respirei fundo. — Não satisfeita em transar com ele uma vez, eu tive que ir lá e repetir... tudo. — Ethan pareceu querer sorrir. — Eu queria conseguir dizer não a ele, sabe? Mas aí aquele homem me beija, me deixa com as pernas bambas. Fora que... — Senti minhas bochechas queimarem.

— Continue.

— Ele é grande, Ethan. Bem. Bem grande. Eu não o amo somente por isso, mas... não vou negar. Ajuda.

— Você acabou de se ouvir? — Engoli em seco e balancei a cabeça. — Como ainda pode amá-lo, Georgia? — Não soube como responder, sendo bem honesta, eu não queria ter de responder.

Porque, nesse momento, eu estava mais focada em me odiar.

— Sinto que estou andando em espirais, sabe? A minha vida inteira. — Ele me encarou, sério. — Talvez eu esteja ficando louca, mas sinto como se tudo o que vivi lá fora fosse, em algum momento, trazer-me de volta.

— Pode ser o álcool — falou, com cuidado.

— Eu saberia se fosse. — Porque a impressão que eu tinha era como se tudo estivesse errado. Não pela forma como eu havia vindo parar aqui, mas por tudo o que encontrei.

As filhas de Adam, o chalé. O local que ele escolheu. E todas as pequenas coisas que me diz quando está com raiva ou com a guarda baixa.



— E se ele me amou, Ethan? — Dei voz ao que não conseguia deixar de pensar. — E se Adam me amou, só que descobriu tarde demais? Eu tinha ido embora...

— Georgia.

— E se foi assim? — gritei, irritada. — E se ele me amou? Por que essa possibilidade é tão absurda? Porque a ideia de ele ter sentido saudade... de ter me amado...

— Adam a escolheu, Georgia. Eles se casaram, tiveram filhos.

— Eu não deveria ter ido embora — falei, chateada comigo mesma. — Eu não deveria.

Não agora que tinha a sensação de que, se eu tivesse ficado e enfrentado tudo e todos, Adam talvez tivesse me escolhido no final.

E eu não teria passado todos esses malditos anos sentindo-me tão sozinha.

— Você bebeu demais — Ethan concluiu, afastando a garrafa ainda cheia da mesa, para que eu não tomasse uma gota mais que fosse do uísque, como se o meu problema fosse o álcool e não um coração partido.

— Ainda dói, Ethan, então não foi o suficiente. — Peguei a garrafa de volta, e me servi.

Se ele, Ava ou qualquer outra pessoa me achavam incapaz de ter o amor de Adam, que me deixassem pelo menos acreditar que a possibilidade existia.

*Ainda que fosse uma mentira.*

## ***Adam***

— A minha resposta é sim — anunciei a Frederick, que se mostrou rapidamente aliviado pela decisão que tomei em meio à madrugada, enquanto procurava por motivos pelo qual não pensar em Georgia. Tudo isso, é claro, antes de cair em tentação, sem pensar ou calcular nos riscos que corremos de sermos pegos pelas minhas filhas e, mais do que isso, por continuarmos sem o uso de qualquer proteção que fosse.

Sentado à mesa do consultório, eu sacudi cabeça. Afastando as possíveis consequências de cada ato imprudente, enquanto me forçava a manter o foco na conversa com Frederick. Aliás, focar nessa cirurgia e em seus preparativos era tudo o que eu precisava no momento.

— *Eu te agradeço, meu amigo, imagino como a decisão deve ter sido difícil de ser tomada.* — Frederick não fazia ideia, ele poderia supor, mas não chegava perto da sensação esmagadora que seria entrar em uma sala de cirurgia outra vez. — *Foi bom que tenha ligado, eu estou preocupado com uma pequena infecção que Kimberly apresentou, espero que não seja nada grave e que em poucos dias ela possa começar a ser preparada...*

— Houve alguma piora no caso? — perguntei, prevendo as possíveis complicações que poderiam surgir do adiamento da cirurgia.

Seriam questões de dias, de acordo com Frederick, mas que por conta da complexidade do caso poderiam significar o sucesso ou não do procedimento.

— Não. — Ele tentou me tranquilizar. — *Trata-se apenas de uma infecção em estágio inicial, que já está sendo tratada. Mas até que seja seguro, eu não quero correr riscos.* — Assenti, concordando com a sua decisão. Até porque a última que precisávamos era um agravamento das condições de Kimberly.

Combinamos superficialmente os próximos passos e, antes de encerrarmos o telefonema, eu o chamei:

— Tente não deixar minha paciente estressada ou cansada demais, eu preciso que ela esteja bem para que eu possa fazer o que me pede, Frederick.

— *Não se preocupe, eu vou cuidar dela.*

A manhã prosseguiu, e ainda que eu tenha levado o meu tempo indo até a delegacia a fim de entender a inatividade de Bob e seus policiais, todo o restante do dia transcorreu como esperado. Não importa se repassei centenas de vezes o momento em que Georgia correu para os braços de outro homem, fazendo-me sentir o que só poderia ser descrito como ciúmes.

*Sinto muito, Dr. Preston, temos tido algumas reclamações sobre a presença de arruaceiros ao redor de East Village. Mas não sabemos se esse é o caso, não quando há tantas pessoas querendo que Georgia deixe a cidade.*

As palavras de Bob London voltaram à mente, fazendo-me questionar até onde ele e Grace teriam sido capazes de ir para que isso acontecesse.

Todo o nervosismo e preocupação me fez questionar se não seria tudo mais simples se ela realmente se fosse. O pensamento que até essa manhã pareceu ser a solução de todos os meus problemas, deixou-me inquieto agora.

O que me fez respirar fundo e seguir até a janela com vista parcial para a cidade. Em uma tentativa de me acalmar. Nunca fui um adepto leal da meditação, mas conhecia o seu poder nos momentos em que precisei me concentrar para realizar alguma cirurgia ou intervenção. E foi ao tentar limpar a mente, que me dei conta de que Georgia era um problema que meditação alguma resolveria.

Ao me virar, acabei me deparando com Grace, que havia entrado silenciosamente no consultório.

— Você parecia distraído. — E estava mesmo, não que achasse que ela gostaria de descobrir o motivo da minha falta de atenção. — Ava comentou que a sua agenda está cheia hoje. — Grace olhou para a foto das minhas filhas sobre a mesa. — Onde estão minhas netas?

— Em casa, como avisei que ficariam até saírem do castigo. Mas algo me diz que não foi por elas que se deu ao trabalho de vir até a clínica.

Afastei-me da janela e me sentei em frente ao computador avaliando a ficha do próximo paciente.

— Você está certo, meu filho. — Grace se mostrou insatisfeita, como se algo a preocupasse profundamente. — Estou aqui porque fiquei sabendo que estive na delegacia essa manhã. — Minha mãe apoiou a bolsa exorbitantemente cara

sobre uma das cadeiras e se sentou na outra, controlada demais para o meu gosto.

— Se ficou sabendo da minha visita ao xerife, então devo supor que também sabe o que aconteceu com Georgia. — Desviei meus olhos da tela ao falar, querendo estudar a mudança em sua expressão facial, que, com todos os preenchimentos feitos ao longo dos anos, mostrou-se neutro.

A sobrancelha arqueada foi o único detalhe a denunciar seu evidente desconforto com o assunto.

— Ouvi alguns comentários, mas não é como se fosse uma surpresa, certo? Ninguém a quer aqui.

— A senhora, inclusive.

Ela assentiu, sem remorso.

— Você sabe que sim, assim como espero que também saiba que eu jamais seria capaz de algo tão sujo para conseguir o que eu quero. Conheço outras formas para tanto, e todas elas legais.

Avaliei-a com mais cuidado, dessa vez focando inteiramente em suas palavras.

— O que isso significa, Grace?

— Não se preocupe, Adam. Nada disso vem ao caso agora. — Ela se levantou. — De qualquer forma, há muito com o que me preocupar. A comemoração de *Quatro de Julho* está chegando, e será nela que anunciarei o meu interesse em me reeleger. Para que seja possível, no entanto, eu pretendo contar com o seu apoio e o de minhas netas. Essa cidade preza muito pelo núcleo familiar e... eu odiaria que qualquer pessoa interferisse em meus planos.

— Por qualquer pessoa, você se refere a Georgia? — Grace não me respondeu dessa vez, mas eu sabia a resposta. — Suas prioridades sempre me surpreendem.

— Não me culpe por estar preocupada com você e com a nossa família.

Sacudi a cabeça, rejeitando o velho discurso sobre querer o melhor para a nossa família.

— Espero, realmente, Sra. Preston, que o que for que estiver planejando não envolva nada tão baixo quanto o que vi acontecer ao estúdio de Georgia. Fique ciente também de que, se eu descobrir qualquer ligação sua com o vandalismo e a tentativa de intimidação que fizeram com ela, eu não serei condescendente com os seus erros. Muito pelo contrário — alertei-a, para que compreendesse. — Se tem amor por suas netas, é bom que se lembre desse aviso, porque não permitirei que minhas filhas tenham contato com alguém que não mede as consequências de seus atos.

— Isso vale para aquela mulher também! — rebateu nervosa.

— Esqueça, Georgia, porque o problema aqui hoje não tem sido ela. Tem sido você e a sua insistência em acreditar que está acima da lei!

Assisti minha mãe endireitar a coluna e pegar a bolsa, saindo às pressas do consultório enquanto bufava audivelmente, como uma onça que acabara de ser cutucada com uma vara.



Ainda que tivesse tentado me convencer do contrário, ao fim do dia eu me vi em frente ao *Coyote*, optando por esperar até que Georgia saísse, em vez de entrar e exigir sua atenção. A verdade, era que a forma como eu a havia deixado essa manhã continuou a me incomodar de forma insistente e irritante.

Apoiado contra um carro qualquer estacionado em frente ao *pub*, eu aguardei. Sabendo exatamente o horário em que ela costumava sair no fim de seu expediente. A porta de entrada voltou a se abrir, pela milésima vez durante os minutos em que estive à sua espera, dessa vez, porém foi Ethan quem saiu caminhando em minha direção com um propósito.

— O lugar tem câmeras, você sabe. — Ele apontou para o letreiro luminoso no alto.

— Imaginei mesmo que teriam. — Ninguém passava anos no exército e voltava normal. Ethan era a prova disso.

— O que faz aqui, Adam? De novo.

— Eu preciso falar com ela. — *E somente com ela.*

— Para quê? — exigiu saber, como se tivesse algum direito de se envolver em um problema que pertencia apenas a Georgia e a mim. — Dizer que foi um erro outra vez ou fazer com que ela se sinta um lixo?

— Já falei para não se meter, caralho.

Ethan bufou, sacudindo a cabeça de um lado a outro.

— Você ao menos se perguntou onde Georgia esteve por todo o tempo em que esteve fora, Adam? O que teve de passar; ou pior, o que precisou fazer para sobreviver? — A possibilidade de que Ethan soubesse e eu não acionou alguns alarmes dentro de mim, principalmente pelo tom de voz condescendente que usou, querendo demonstrar que a conhecia melhor do que eu. E mais do que isso, insinuar o que eu suspeitava: que Georgia não teve a mais fácil das vidas. — Você olha para ela e enxerga o quê? A garota que abandonou ou a mulher que se tornou?

— O que você sabe que eu não sei? — grunhi, com a mesma impaciência com que comecei o meu dia.

— Além do fato de que ela é uma mulher quebrada? Você já olhou bem para a Georgia, Adam? Ela não sorri de verdade, e quando faz...

— Quando faz o quê?

— Não serei eu a te dizer, porque a verdade você só irá escutar da boca dela. A única coisa que eu quero que faça é que pense muito bem no que está fazendo ao vir atrás dela noite após noite, como se realmente desse a mínima para aquela mulher, quando nós dois sabemos que você não dá.

— Você não sabe de nada!

— Então você se importa? — A pergunta veio no instante em que a porta do *pub* voltou a se abrir.

Algo me alertava para a possibilidade de que Georgia tenha escutado parte da discussão, mas, principalmente, o final dela. Encolhendo-se em meio ao ar gelado da noite fria, ela se deteve ao me ver, como se não esperasse por isso, não depois



da forma como a nossa manhã começou. Optando por nos ignorar, ela começou a se afastar, com as mãos pequenas afundadas por dentro da jaqueta que ela ainda não me devolvera.

— Georgia acha que não serve para você, mas eu diria o contrário. É você quem não serve para ela — Ethan grunhiu antes que eu também me afastasse, a fim de acompanhar Georgia.

Com o passo apertado eu me coloquei do seu lado, permitindo que o silêncio que Georgia não queria quebrar, persistisse. Ainda que fosse como um enorme elefante brando entre nós dois. Seguimos assim até o momento em que alcançamos a calçada do estúdio, cujas vidraças haviam sido limpas pelo antigo jardineiro que trabalhou para mim por anos no chalé e que também se certificou de que encontraria alguém para trocar cada uma das fechaduras do estúdio. Dentro e fora.

— O trabalho de Andrew ficou bom?

Georgia ergueu os imensos olhos azuis na minha direção.

— Ficou — respondeu, cobrindo-se um pouco mais com a jaqueta. — Me diga o valor que eu te reembolso pelo gasto. — Ela parecia triste, mas não era por ter de se desfazer do dinheiro e sim por minha causa.

Ethan estava errado em insinuar que eu não me importava, porque, ao olhar para essa mulher, eu sentia com cada osso do meu corpo, que me importar com ela era tudo o que eu fazia. O problema aqui era que eu não devia.

— Não custou nada.

Georgia me olhou com desconfiança.

— Não preciso de favores, Dr. Preston. — *Não de você*, eu imaginei que seriam exatamente essas palavras que ela gostaria de dizer, mas não concluiu, agindo como se discutir comigo fosse exaustivo.

— Não foi um favor e respondendo à pergunta de ontem: eu acredito em você. — Isso a fez me encarar. — As possibilidades de que Grace esteja envolvida no que te aconteceu é grande, assim como a de Bob London.

Seu interesse aumentou.

— Por que acha que ele pode estar envolvido? — Seu corpo pareceu sentir um frio que eu não sentia, dado a sua tentativa em aquecer suas mãos.

— Estive com o xerife hoje pela manhã e não acho que ele tenha se mostrado interessado em investigar o que aconteceu aqui. Para o infeliz foi apenas um caso de vandalismo qualquer.

— Mas Bob esteve aqui — revelou, contida. — Encheu-me de perguntas, como em um interrogatório.

— Como assim?

— Ele se mostrou mais disposto a me intimidar, Adam, do que o contrário. Deixando claro que, se eu continuasse em *East Village*, coisas assim poderiam continuar acontecendo.

— Filho da puta! — Eu gostaria de poder matar o desgraçado na próxima vez que o visse.

— Não precisa ficar nervoso, você acha que eu já não tive a minha dose de intimidação no passado? Que Bob não revistou o trailer em que morei em uma base quase que diária à procura de qualquer coisa para que minha mãe pudesse ser presa? Eu só não comentei nada com Ethan a respeito das minhas

suspeitas sobre o pai dele, porque não seria justo com o meu amigo! Mas eu conheço o xerife London, Adam. Sei como a mente dele funciona e, mais do que isso, sei como a mente de quem está por trás dele age. Agora, se isso for tudo...

— Não é. — Eu me aproximei. — Sei que o que estamos fazendo é loucura e que tenho deixado você confusa, mas eu estou tentando me manter distante, Georgia. Juro que estou, porra, mas não consigo.

— Como no passado. — Seus lábios se separaram, ainda carregando o inchaço dos nossos beijos.

— Acho que é bem pior do que foi no passado. Não sou mais a porra de um moleque excitado.

— Você é um homem.

— E é com a intensidade de um homem que eu a desejo.

— Até quando? — perguntou, sem me impedir de lhe tocar o braço e empurrá-la de leve contra o portão em suas costas. Os olhos azuis assombrados e tristes. — Não quero acordar amanhã e ouvir da sua boca que somos um erro. Não quero nunca mais, Adam, me sentir uma idiota por... ser incapaz de te dizer não.

— Você não é idiota.

— Engraçado porque é dessa forma que você me fez sentir essa manhã. E na primeira vez em que nos beijamos e fizemos sexo... e...

— Convide-me para subir, Georgia, e eu prometo que essa é a última coisa que farei com que se sinta.

— Eu não tenho certeza, Adam — falou confusa, detendo-me ao apoiar a mão em meu peito. — Você me magoa mais do

que qualquer outra pessoa fez até hoje. O prazer que sinto com você não vale a pena todo o sofrimento que vem no dia seguinte.

— Confie em mim, *baby*. Eu não farei mais com que se arrependa.

— Não sou eu quem me arrependo, é você — murmurou.

Georgia permaneceu séria, deixando-me provar dos seus lábios, ainda que não correspondesse. Um roçar foi tudo o que tivemos, mas o bastante para que o meu corpo reagisse.

— Arrependido ou não, eu vou continuar voltando. Há algo em você que nunca encontrei em nenhuma outra mulher. — E que ela não me pedisse para explicar, porque eu jamais fui capaz de fazê-lo.

— O meu corpo?

Neguei, tocando-a em seu cabelo, sentindo a textura macia escorregar por meus dedos, em uma carícia com o poder de me fazer perder a cabeça rapidamente.

— A sua alma, o seu cheiro. A forma como me olha quando estou dentro de você.

Ela lambeu os próprios lábios, sem ideia do que o gesto fazia comigo.

— Como eu te olho?

— Como se eu fosse a porra do seu mundo, *baby*.

Georgia sorriu, chateada.

— Eu só queria ser capaz de te odiar, Adam, mas não sou. Quando se trata de você, eu acho que faço tudo errado.

Inclinei meu rosto sobre o dela, tomando a boca macia enquanto sentia uma ou outra lágrima molhar o beijo lento e profundo, deixando-me com um gosto salgado na boca e a

certeza de que Georgia não era a única a errar quando se tratava de nós dois.

Eu mesmo tinha acabado de prometer a ela algo que, talvez, fosse impossível, e que descobriria em breve:

*Não fazê-la sofrer.*

**18**

# **Georgia**

## ***Dias depois...***

Os olhos de Adam se mantiveram fechados, em um apreço silencioso ao estímulo da massagem feita com a ponta de meus dedos em todo o seu couro cabeludo. Depois de praticamente obrigá-lo a se sentar, ele cedeu ao meu pedido e me deixou usar as mãos em seus ombros, costas e nuca. Tudo para que eu pudesse amansar a fera estressada que era esse homem.

Relaxado, Adam inclinou a cabeça para trás. O cabelo loiro bagunçado deixou-o com uma aparência ainda mais sexy. Assim vinham sendo as nossas madrugadas. No instante em que o expediente no *Coyote* terminava, Adam e eu caminhávamos até o estúdio e eu sempre o deixava subir. O sexo, cada vez mais urgente, que fazíamos era motivado pela necessidade, que em vez de diminuir só fez aumentar.

O mesmo acontecia com o vazio deixado depois que o via se levantar da cama, pequena demais para nós dois, recolocar a aliança em seu dedo e sair. Adam chegava com ela, mas nunca me tocava a usando. Não mais, pelo menos.

Nua sobre a cama, eu continuei ajoelhada enquanto o tocava. Escutando os murmúrios roucos de prazer que escapavam de sua boca a cada vez que a massagem era intensificada.

— Tão tenso — sussurrei, próximo ao seu ouvido. — Nem parece que gozou forte há apenas alguns minutos. — Adam

sorriu, um gesto que tinha o poder de me aquecer inteira por dentro.

— É a cirurgia — lembrou-me, sem entrar em detalhes.

Um hábito irritante, de qualquer maneira. Porque tudo o que descobri sobre Adam até aquele momento, foi através de muita insistência. Abrir-se comigo a respeito de sua vida e preocupações já não era algo que ele se mostrou disposto a repetir. Tanto quanto eu tentava não me chatear com a distância imposta entre nós dois, eu não podia deixar de me questionar se essa era a sua forma de me proteger de outra decepção.

— Está com medo? — perguntei baixinho.

— Não é exatamente medo, apenas receio. Entrar em uma sala de cirurgia depois de dois anos, fará com que eu me lembre do pior momento da minha vida, *baby*. Não sei direito se estou pronto para isso. — Apoiei meu queixo em seu ombro e o abracei por trás. Os músculos de Adam faziam com que meus braços parecessem pequenos.

Era como tentar segurar um planeta inteiro com apenas dois braços.

*Impossível.*

— E se essa cirurgia for tudo o que você precisa para voltar? — Adam já havia compartilhado comigo pequenos pedaços do dia em que perdeu Hannah, eu só nunca tive coragem de pedir que ele me contasse tudo. — Ou você não sente falta de operar?

— Todos os dias. — Ele virou seu rosto, com a boca batendo contra a minha. — Mas se, a cada vez que tiver que



participar de uma cirurgia, eu for atormentado por aquele dia, Georgia, não sei se valerá a pena.

— Eu pensei em voltar. — Adam afastou o rosto do meu, enquanto eu me sentava na cama, forçando-o a se virar. — Você deixou aquela mensagem de voz, e eu juro, Adam, que pensei... mas não fui capaz. — O homem não se moveu, sequer pareceu disposto a falar algo, qualquer coisa que fosse. — Mas então...

— Ao enterro dela, você poderia ter comparecido, Georgia. Pelo menos ter se despedido. — O assunto o havia deixado com raiva, todo o trabalho a fim de acalmá-lo foi por água abaixo em questões de segundos.

— Era tarde demais. — Através do olhar de Adam, eu soube que tinha acabado de mexer em um vespeiro.

— Eu esperei por você até o último minuto. — Ele se levantou.

— Não tinha como eu saber, droga, além disso... — Voltei a me ajoelhar na cama, puxando-o pelo braço para que não se afastasse. — De que adiantaria eu ter voltado depois que ela se foi, Adam? De quê?

— Está tarde, Georgia. Eu preciso ir. — Como em todas as vezes em que o passado vinha à tona, Adam se afastou. Não fisicamente, mas emocionalmente.

O que era mil vezes pior.

Eu conseguiria alcançar seu corpo se realmente o desejasse, mas o seu coração? A sua alma? Não acho que algum dia eu tenha chegado perto o suficiente para *sentir* esse homem por dentro.

— Odeio quando faz isso, fugindo de nossas conversas.

Adam se deteve em frente à porta do banheiro, e me encarou com o maxilar fortemente cerrado. Ali eu soube que nada do que eu dissesse para impedir que ele fosse embora irritado, adiantaria.

— Não sou eu que tenho o péssimo hábito de fugir, Georgia. Essa é você.

## ***Adam***

Na véspera da viagem, eu procurei manter uma rotina intensa de consultas, para que os dez dias em que passaria em *San Francisco* não fossem tão arduamente sentidos. Combinei com Richard, o clínico geral que atendia emergências desde a época em que meu pai clinicava, para que ele cobrisse meus plantões. E refiz o planejamento de consultas e atendimentos, para que outros médicos contratados ocupassem a agenda livre. Ava ajudou com a maior parte das mudanças realizadas de última hora, ignorando ou fingindo ignorar o pedido que fiz para que garantisse que Georgia tivesse o seu café e uma fatia do seu bolo favorito que, por diversas vezes, vi guardado em sua geladeira.

Ela tinha o costume de repartir em três partes. Uma, para que pudesse comer pela manhã; outra, à tarde. E a última, após o nosso sexo.

Vê-la andar pelo sobrado nua, e se servir de puro chocolate, era a coisa mais sexy que Georgia se permitiu dividir comigo. O momento mais vulnerável também.

E eu odiava que essa mulher tivesse se acostumado com tão pouco. Não havia nada na porcaria da sua geladeira na maioria das vezes, apenas o básico para que não morresse de fome. O que me causava um amargor na boca, que apenas seus beijos doces eram capazes de apagar.

Ao retirar os óculos, dando um descanso às minhas vistas, eu recostei contra a poltrona e respirei fundo. A ideia de viajar e deixar essa mulher sozinha para lidar com toda a cidade

preocupava-me, ainda que eu sentisse que precisava desse espaço. Uma pausa da loucura que éramos.

Bob havia arquivado o caso, que a delegacia sequer chegou a investigar. Grace, por sua vez, vinha se mantendo distante depois do aviso que lhe dei. Pensando em uma possível interferência dela, aliás, que eu optei por manter Georgia e o que fosse que estivesse acontecendo entre nós dois em segredo. O meio para isso foi a discrição.

Escutar, então, Georgia se chamar de *apenas um segredinho sujo do Dr. Preston*, ainda que em tom de brincadeira, irritava-me a ponto de ter pedido para que ela não voltasse a repetir uma merda como aquela na minha frente.

Retomei o foco, decidido a fazer o trabalho de mais de uma semana em apenas três dias. E para tanto, eu precisaria checar os últimos medicamentos que a clínica recebeu pela manhã.

— Quer ajuda? — Ava perguntou, ao passar por mim no corredor.

— Não, será coisa rápida — falei, e antes que pudesse me afastar perguntei a respeito de Amber e Charlotte.

— Elas estão com Georgia ainda — lembrou-me, em um tom de voz cauteloso que em nada escondia o fato de que Ava temia a aproximação entre aquela mulher e as minhas filhas. Tenho certeza de que só não me questionou sobre o assunto, porque reconhecia o seu lugar.

Ao entrar na enfermaria, eu fechei a porta atrás de mim, deparando-me com diversos dos medicamentos que costumávamos usar em atendimentos, e até doações a famílias

que necessitavam dessa ajuda. Catalogando os que haviam chegado, eu me detive no instante em que encontrei as caixas de *fentanil*. O pedido de Georgia ressurgiu em minha mente, pela milésima vez, desde que ela voltou para a minha vida.

Procurei por semanas os sinais de dependência, e nada fez com que o alarme soasse.

Georgia parecia normal. O problema, era que viciados em sua maioria não demonstravam sintomas, não nas fases iniciais. Imagino que ela os tenha conhecido por causa das dores provocadas pelas lesões de seus anos de dança, estive ao seu lado na época e lembrava como se fosse hoje as noites em que ela rolava de dor pelo esforço excessivo.

— Adam? — Ava me arrastou de volta à realidade, ao entrar na enfermaria. — Tudo bem? — inquiriu, notando-me distraído. — Michael está na linha.

*O pai de Hannah.*

Assenti, pegando o restante dos medicamentos, que só eram injetados em pacientes com casos extremos de dor e desconforto. A respeito dessas caixas, eu tinha o controle, o mesmo não acontecia com os comprimidos sendo vendidos através de prescrições irresponsáveis distribuídas em farmácias de todo o país.

— Quero que mantenha as chaves da enfermaria com você, pode ser?

— Algum problema?

— Não, apenas precaução. — Desconfiada, Ava me estudou com a mesma cautela de antes.

Subi as escadas, a fim de atender ao telefonema do avô das meninas, que desde a perda da filha fez mais do que apenas se afastar da cidade, criando uma rixa de mão única comigo. Michael seguia disposto a acreditar que forcei Hannah àquela cirurgia, que, se tivéssemos esperado, algum fodido milagre poderia ter acontecido.

Só que as chances de um milagre acontecer no caso dela eram tão pequenas quanto as daquela cirurgia. E como um homem armado pela ciência, foi a ela que me agarrei.

— Michael — falei, assim que fiz a transferência da chamada para o meu consultório.

Amenidades rápidas e superficiais foram trocadas, com Michael optando por ir direto ao ponto, uma qualidade admirável que ele possuía.

— *Estou voltando para East Village no final do mês. Preciso apenas finalizar o contrato de aluguel com a imobiliária...*

Claro que ele faria questão de me informar, Michael era esse tipo de homem.

— Eu avisarei as meninas, tenho certeza de que elas ficarão animadas.

Assim como Grace, e boa parte da cidade. Ao contrário de mim, que vi em seu retorno um empecilho em meu caso com Georgia. Principalmente, porque eu não estava pronto para assumir um envolvimento com qualquer outra mulher, não de forma pública. E se fosse para ser honesto, eu temia nunca estar.

Ao término da ligação, não tive tempo para analisar as consequências do retorno de Michael, porque meus dois

pequenos furacões entraram em meu consultório, após terem recebido o sinal verde de Ava.

— Papai, que saudade! — Lotty exclamou, pulando em meu colo. A boca suja de chocolate, não foi nenhuma surpresa.

Charlotte e eu havíamos entrado em um acordo há alguns meses. Eu permitiria que ela comesse uma pequena quantidade por dia dos doces que mais gostava, desde que o restante de sua alimentação fosse correta. E claro, que ela se mantivesse ativa. Tanto em atividades escolares quanto extracurriculares.

— Achei que ajudariam a Georgia. — Essa foi a desculpa que usaram antes de saírem, pelo menos.

— Nós queríamos ajudar, mas aquele homem chegou — Amber falou.

— Que homem? — questionei, contendo a alteração nítida em meu tom de voz.

— Aquele alto, papai. O que tem um monte de desenho na pele. — *Tatuagens.*

O que me levava a acreditar que elas se referiam a Ethan.

— Ele ajudou muito melhor do que a gente — Lotty acrescentou. — Eu queria ficar, mas Amber não quis.

Avaliei a minha filha, que exibia um olhar sério.

— Acho que ele gosta dela. — A constatação de Amber pegou-me de surpresa.

— Será que ele quer se casar com ela, *Amby*? — Não acho que Charlotte tenha gostado da possibilidade. — Ele não me parece um *píncipe*.

— E o que isso tem a ver? — A irmã a cortou, porque, diferente de Charlotte, ela não acreditava em contos de fadas.

— Tem tudo. *Georgia* é uma *pincesa*, e *pincesas* só se casam com *píncipes*. É tão óbvio, não é, papai?

A conversa entre as duas deixou-me confuso, assim como profundamente irritado. Se até as minhas filhas notavam o interesse daquele infeliz, como *Georgia* insistia em dizer que não havia nada entre eles?

Que eram apenas amigos?



Hesitei diante do estúdio, escutando a música que ultrapassavam as barreiras físicas. Desde o instante em que *Amber* e *Charlotte* saíram de meu consultório, eu soube que terminaria o dia aqui. Não que fosse madrugada, a hora em que normalmente costumávamos nos ver. Mas o humor no qual eu me encontrava, não me permitiria esperar por muito mais tempo o meu encontro com *Georgia*.

E somente por essa razão que eu girei a maçaneta, notando o interior do estúdio semiescuro, a música um pouco mais alta se ouvia daqui de dentro. Caminhei inconsciente até o outro salão de dança, que era onde esperava encontrar a razão do meu desassossego.

*“Você tem um coração tão alto quanto um leão, então por que deixa sua voz ser domada?”*



*Talvez sejamos um pouco diferentes, não precisa ter vergonha  
Você tem a luz para lutar contra a escuridão, então pare de  
escondê-la.”<sup>[5]</sup>*

Fui atraído pela canção despejada com tanta intensidade, como o coração de Georgia.

No passado, quando a assistia dançar, essa mulher se mostrou capaz de me deixar sem palavras por diversas vezes. Devido a ferocidade com que seu corpo parecia gritar a cada movimento, e tudo que ela sempre parecia fazer era dançar. Desde a forma como as palavras saltitavam de sua garganta até a maneira como andava.

*Por que então abandonar seu sonho?*, questionei no momento em que me deparei com Georgia gritando a sua dor da única forma que sabia.

Disposto a permanecer oculto, eu me apoiei contra o batente e a observei, mal conseguindo respirar.

Cada maldito pelo do meu corpo eriçou diante da visão que era essa mulher dançando. A cabeleira solta seguia cada movimento que seus braços faziam, como plumas soltas no ar. Erguia as pernas a cada rodopio, apenas para levá-las ao chão em seguida. Tudo tão rápido e intenso que duvidei que fosse o único a me sentir sufocado. A diferença é que, enquanto eu não teria aguentado, Georgia continuou deixando-me zozzo, excitado, orgulhoso.

Nunca se tratou de *amar* a dança, com Georgia sempre teve a ver com *precisar*.

Essa era a sua forma de se comunicar, de esbravejar ao mundo suas emoções. As pessoas é que nunca pararam, realmente, para escutá-la.

*“Eu quero cantar  
Eu quero berrar  
Eu quero gritar até as palavras se abafarem  
Então coloque tudo nos papéis, não tenho medo  
Podem ler tudo sobre isso, ler tudo sobre isso, oh.”*<sup>[6]</sup>

Atordoado com a apresentação particular, ainda que secreta, eu notei o suor sobre a pele de Georgia. Os músculos de suas coxas contraíam a cada passo e tensão que provocou a si mesma. E como se lembrasse ao mesmo tempo em que eu a senti titubear. A lesão já conhecida em seu tornozelo a impediu de continuar fazendo-a inspirar tão profundamente, que foi como se já não conseguisse respirar. Georgia arfou, desabando até o chão de forma tão poética como tudo o que havia feito até aqui.

Os gritos mudos foram desaparecendo, dando espaço às lágrimas. Seu corpo se curvou sobre o piso de madeira como se a dor que sentisse não fosse mais física.

— *Baby*. — Aproximei-me com cautela, não querendo assustá-la.

— Vai embora, por favor. — *Eu não podia*.

Por essa razão, eu me ajoelhei a sua frente, odiando o que o choro fazia com ela e, mais do que isso, o desespero drenando-a por dentro.

— Deixe-me ver — pedi, envolvendo a pele quente do seu tornozelo.

— Não é aí que dói, Adam — murmurou. — Nunca é aí. — Georgia me encarou através da escuridão, o azul de seus olhos pareciam ainda mais densos.

— A lesão...

— Eu não dou a mínima para a lesão! — alterou-se, nervosa. — Acha mesmo que eu iria chorar causa disso? — Sua cabeça foi de um lado a outro.

— Então me diga onde dói, porra! O que está acontecendo?

Eu a vi limpar as lágrimas, e tentar se levantar fugindo da conversa, como tantas vezes eu também fiz.

Mas chega, eu estava cansado. Queria entender o que havia acabado de acontecer, e por que essa mulher parecia a beira de um colapso.

— Diga-me algo, qualquer coisa, Georgia. — *Só não me deixe de fora.*

— Você é a minha dor. A maior de todas! — confessou com raiva. — É o que queria escutar?

*Não era, se fosse para ser honesto.*

— O dia em que estive no consultório, você me pediu por uma medicação forte. — Fui direto ao ponto, questionando-me se não foram as antigas dores que não a fizeram seguir por esse caminho. Georgia endireitou a coluna ao me escutar, preparando-se para a guerra. — Há quanto tempo vem tomando essa merda?

Em uma clara tentativa de escapar do interrogatório, Georgia se levantou, mas a impedi de ir muito longe.

— Quanto tempo? — persisti.

— A vida toda, eu acho. — Ela se voltou para mim. — Primeiro, foram os comprimidos da minha mãe; e depois, o meu tornozelo que doía todos os dias enquanto tudo o que eu desejava era dançar. Mostrar a Adeline que eu era boa — admitiu, deixando-me perplexo. — Mas eu não sou uma viciada, Adam, então pare de olhar para mim como se eu fosse, porque... eu sequer me lembro qual foi a última vez que coloquei a porcaria de um comprimido daquele na boca.

— E, ainda assim, você foi atrás de uma prescrição.

— Fui, porque estar aqui me machuca. — Apontou para o estúdio, mas tive a impressão de que se referia a cidade. — Estar presa nesse lugar faz com que eu deseje engolir o maior número possível de comprimidos. Até não sentir nada. — Rangi os dentes, incapaz de ignorar o seu desespero. — E se você realmente me conhecesse, saberia que eu jamais faria isso. Porque eu não sou ela, Adam. Eu tenho vivido um dia de cada vez, como me ensinaram.

— Você esteve na reabilitação. — Não foi uma pergunta.

— Por seis meses.

— Há quanto tempo foi isso?

— Anos, Adam. — Eu a encarei, como se não a reconhecesse. — E é o que estou tentando te dizer, eu não os teria tomado. Não depois de passar os últimos três anos carregando comigo um frasco com vários desses comprimidos, que foram um a um sendo jogados fora a cada vez em que me vi

consumida pela vontade. Fiz isso, até que não sobrou nada — justificou. Por mais que eu quisesse acreditar nela, por mais que devesse acreditar, lhe dar um voto de confiança, algo me impedia.

Talvez fosse pela experiência que eu tinha com pessoas viciadas, que enchiam as salas de emergência em que trabalhei no período de residência. Todos sempre gritavam que não eram viciados, e que tudo o que queriam era sanar a dor.

Se a desconfiança já não fosse um motivo forte o suficiente para que eu quisesse gritar com essa mulher, havia também o fato de que Georgia jamais cogitou a possibilidade de pedir ajuda. Ela poderia ter me procurado, porra, e eu teria...

Eu sei que teria feito tudo que estivesse ao meu alcance.

— Sinto muito por não ser como ela — murmurou com a voz rouca. — Hannah era perfeita, e eu...

Apesar da raiva, a fúria que insistia em me dominar, eu dei um passo em sua direção emaranhando os meus dedos pela cabeleira loira, com um ímpeto que a fez ofegar.

— Você não precisa ser perfeita para ficar comigo, caralho! — Colei a minha testa na dela, passando a respirar o mesmo ar que escapava de sua boca. — Só precisa ser você, *baby*.

Georgia não resistiu ao se ver envolvida por meus braços, que a seguraram em uma tentativa irracional de me convencer de que ainda possuía o controle da situação. A carícia em seus cabelos, no entanto, transformou-se rapidamente em um toque possessivo. Volátil. A possibilidade de que Ethan pudesse tê-la

visto dessa forma, vulnerável e sexy pra caralho, fez meu sangue ferver, correr freneticamente.

— Ele a viu assim? — grunhi a pergunta contra o seu cabelo.

— Q-Quem?

— Ethan, Georgia. Ele esteve aqui antes, não foi? — Por um instante, tive a impressão de que Georgia mentiria. A hesitação mexeu comigo.

— Eu já falei que entre mim e Ethan não há nada. Por que é sempre tão difícil acreditar em tudo o que eu te digo?

Nos entreolhamos e, na ausência de uma resposta diferente de *eu não confio em você*, eu a beijei tomado por um desespero que beirava a loucura, como se a porra da minha sanidade fosse dependente de sua boca para existir.

Um beijo logo se transformou em dois, o que acabou nos levando ao chão. Exatamente como nos velhos tempos.

A diferença é que, dessa vez, Georgia deslizou o short de ginástica que usava, e me montou por cima. A palma de suas mãos, apoiou-se contra o meu tórax duro, arquejante. Sem dizer uma palavra, a safada também retirou o top decotado, de forma tão letárgica, que por um momento eu me peguei questionando se tudo ao redor corria em câmera lenta. Tudo, menos o sangue circulando por cada veia do meu corpo.

A lentidão com que se despiu, tornou possível apreciar essa mulher com todo o desejo e atenção que merecia. Quando os seios pesados se livraram do sustento do tecido que os apertava, eu arfei. Cometendo o desatino de apertá-los, esmagar entre meus dedos grossos os mamilos rubros. Dois pequenos

botões acerejados, que me fizeram salivar por um gosto só que fosse do melado que fluía do meio de suas pernas a cada vez que eu a beijava.

— O que foi? — Respirou com dificuldade, desabotoando de forma desajeitada e apressada a minha camisa, tamanha a urgência com que me queria.

Ela não era a única, caralho.

— Quero sentir o gosto da sua boceta — revelei, excitado. — Quero você... dançando em minha boca, *baby*. Agora.

O azul de seus olhos sofreu um abalo, as esferas redondas dilataram-se, igualmente excitadas.

Sem esperar, eu arrastei as minhas mãos pelas coxas arrepiadas, que se apertaram um pouco mais ao redor do quadril que a amparava. Em um arquear, impulsionei o seu corpo para a frente, puxando-a pelo traseiro gostoso. A boceta molhada foi deixando um rastro por todo o tórax agora desnudo. Ainda que a camisa permanecesse.

— Adam... calma. — Vi-a lambe seus próprios lábios, mordendo-os em seguida enquanto eu afastava a calcinha vermelha para o lado, que era minúscula até mesmo para o seu corpo. — Eu... — Afundou as unhas compridas em minha pele no instante em que sentiu a língua em sua virilha, devorando-a de uma só vez.

A boceta pequena foi rapidamente tomada, cedendo inteira às chupadas da boca ávida pelo seu gosto. Embebedei-me de Georgia, essa era sempre a sensação ao provar o seu sabor, como se houvesse algo viciante no meio de suas pernas, responsável por me fazer voltar a cada vez.

Sem forças, pela dança e o orgasmo prestes a irromper, Georgia rebolou o quadril, permitindo que o seu peso recaísse sobre o meu rosto. Os dedos emaranharam-se pelo meu cabelo, em um incentivo para que eu não parasse.

Ela gemeu, ofegou. Chorou. Lágrimas de prazer escorriam de seu rosto; cobrindo a boca mordida, repetidas vezes, pelos seus próprios dentes. E quando o grito de prazer explodiu de sua garganta, Georgia jogou o corpo para trás apoiando-se em minhas coxas duras enquanto lutava para respirar.

Deixando-me ver tudo, cada detalhe.

Os seios arfantes, a barriga contraída. Seu rosto inclinado e toda a cabeleira loira atrás dela. Mas, principalmente, a boceta molhada. Vermelhinha, depois de ser violentamente chupada. Extasiado, eu passei a mão pelo meu cabelo e fechei os olhos por um segundo, provando os resquícios de seu gosto da minha própria boca.

Quando voltei a abri-los, eu a observei se endireitar, sentar-se sobre o meu corpo e me fitar completamente aturdida.

— Nunca provei nada tão gostoso quanto você. — Georgia desviou seus olhos, não sendo capaz ou não querendo acreditar no que eu dizia. Em um impulso, eu a segurei sobre o meu colo e me sentei, mantendo-a encaixada em mim. — Eu falo sério, *baby*. — Virei seu rosto, para que olhasse para mim. — Nunca.

— Por que me diz coisas assim? Por que me faz acreditar que...

— Essa é a verdade — grunhi, voltando a beijá-la com o mesmo ímpeto de antes.



Diria até que maior agora.

Só fui me afastar de Georgia cerca de uma hora depois, e apenas porque ela tinha que trabalhar e eu jantar com as meninas.

Encharcado pela ducha rápida que tomei em seu banheiro, eu a observei de longe gemer a cada pedaço de bolo que experimentou. Eu sequer conseguia lembrar qual foi a última vez em que deixei o estúdio em plena madrugada sem o gosto adocicado em minha boca. Do último beijo dado antes que eu voltasse para casa e as minhas filhas.

Por mais fascinado que estivesse, não consegui impedir que o meu cérebro trabalhasse a toda a velocidade.

— O homem que te bateu, você o amou? — perguntei, de repente.

Seu rosto se virou em minha direção.

— Não!

— Ele sabia?

— Sobre o quê? — Georgia apoiou o garfo ao lado da fatia ainda não terminada. — Os remédios ou o fato de eu não o amar?

— Os dois, Georgia.

— Sim e não. Ele sabia que eu não o amava, mas não sabia que eu... — Respirou fundo. — A verdade é que eu nunca contei a ninguém, Adam, você foi o primeiro — admitiu, mostrando-se hesitante ao me ver sentar do seu lado.

— Eu viajo em alguns dias.

— Eu sei. — Fugindo do meu olhar, ela brincou com o garfo, ignorando minha tentativa de conversar sério. Eu teria de

viajar, eu precisava na verdade, mas não queria que Georgia ficasse desamparada no tempo em que estivesse fora.

— Quero que se cuide, ok? — A segurei pelo queixo. — Não me refiro apenas a Grace e as pessoas dessa cidade, mas a todo o resto.

— Eu já falei que não uso, Adam — se defendeu, com o tom de voz baixo, irritado.

Preocupado, eu assenti, fazendo algo que pretendia de qualquer forma. Eu tirei a carteira do bolso da calça jeans e separei algumas notas. O suficiente para que Georgia tivesse algum apoio pelo tempo em que eu estivesse em *San Francisco*.

— O que pretende com isso, Adam? — Ela olhou para o dinheiro, decepcionada.

— Quero que aceite, caso aconteça algum imprevisto e você precisar de algum dinheiro...

Georgia se levantou, incrédula, olhando-me como se eu tivesse acabado de humilhá-la.

— Não vou aceitar o seu dinheiro, seu filho da puta! — esbravejou, nervosa. — Foi exatamente assim com o Connor. Primeiro, ele quis pagar o meu aluguel, pagar as minhas contas. Encheu-me de presentes que eu não precisava... Até um carro aquele homem quis me dar — falou, rápido demais para que eu pudesse acompanhar. — No começo, eu achei que era porque ele se preocupava comigo, que só queria me ver feliz. Talvez, que até me amasse. Mas alguém que ama não faz o que ele fez comigo, Adam. Eu estava sufocada naquele apartamento, não podia olhar para os lados. Não podia respirar longe dele. Tudo era motivo para que ele gritasse, e me impedisse de sair... até

que... até que Connor me agrediu. — Permaneci calado, ouvindo-a desabafar, completamente rígido de raiva. — Então me desculpa se estou sendo orgulhosa, mas eu prefiro passar fome a deixar que outro homem me faça sentir daquela forma de novo. Você quebrou o meu coração, Adam, mas Connor destruiu o meu amor-próprio.

Eu a vi se levantar, andar pelo cômodo de modo agitado e defensivo.

— É apenas um pouco de dinheiro, Georgia. — Eu havia entendido o seu ponto e, caralho, desejei apenas uma chance com Connor para mostrar a ele que não se agredia mulheres. E foi exatamente por esse motivo que eu quis que Georgia compreendesse o meu lado. — Deixe-me cuidar de você.

Ela negou, veementemente.

— Não quero ser cuidada, quero ser amada! Quero que amanhã seja você a me trazer café e não Ava. Que, quando me vir na rua, você me beije, Adam. Que você deixe que cada pessoa nos veja juntos. É isso o que quero.

— Você me pede o impossível.

— Eu sei. — Georgia me encarou e, com toda a coragem que possuía, se afastou. — Bata a porta quando sair e leve o seu maldito dinheiro! Eu não preciso dele.



## ***Adam***

A viagem até *San Francisco* fora rápida, um percurso que eu havia repetido centenas de vezes no período em que me dividi entre *East Village* e o meu trabalho no *Califórnia Medical Center*. Entre consultas e cirurgias, eu levava três, as vezes quatro dias longe de casa. Apenas para voltar e me deparar com três mulheres cheias de saudade.

Pensativo, eu me sentei em uma das poltronas do imenso saguão de entrada do hospital, escutando ao longe o suave som do piano sendo tocado para o público que ia e vinha diariamente.

Funcionários, visitantes e pacientes.

Havia uma razão, no entanto, pela qual recusei o convite de Frederick de subir até o seu consultório. E essa razão, era o tempo que eu precisava para me adaptar à mudança. Ou melhor dizendo, aos fantasmas que ficaram presos a esse lugar. A estrutura metálica e quase que inteiriça de vidro pouco havia mudado, mas eu sim.

E era com essas mudanças que eu precisava me acertar.

— Dr. Preston. — Uma antiga enfermeira passou ao meu lado, sorrindo ao me reconhecer. Ela não fora a única.

Vários funcionários do hospital escolheram aquele momento para aparecer na recepção, de forma despretensiosa. Com o olhar vidrado na entrada, eu me lembrei de todas as vezes em que me sentei nesse mesmo maldito lugar somente para pensar, desejando o impossível: a cura de Hannah, e a presença de Georgia.

Foi daqui, aliás, que por três dias inteiros eu a esperei após o telefonema que até hoje me arrependia de ter feito.

— Você parece distraído, meu amigo. — A voz de Frederick ecoou pelo saguão.

Levantei-me e o cumprimentei com um abraço, dando-me conta de que o médico parecia o mesmo homem desde a última vez em que nos vimos. Alto e magro, ele sempre fez sucesso com as mulheres.

— Vamos, eu irei te tirar daqui — falou, obstinado. — Tenho a impressão de que, se ficarmos um minuto que seja a mais nessa recepção, você acabará desistindo.

— Eu te dei a minha palavra, e não costumo faltar com ela.

Frederick me encarou com um sorriso amigável.

— E eu sou grato por você ser exatamente esse tipo de homem. Caso contrário, tenho certeza de que teria se recusado a vir.

Em questão de minutos, nós dois nos sentamos em um bistrô próximo ao hospital. Ao ar livre, o local era quase que inteiramente frequentado por funcionários do *Califórnia Medical*. Pouco a pouco, senti-me relaxar. A conversa com Frederick e o clima ameno da cidade fizeram com que eu constatasse algo que, até então, eu havia tentado ignorar: a falta que sentia da correria dos corredores, das cirurgias desafiadoras e, claro, de salvar vidas.

No fim do almoço, e já tendo sido atualizado por Frederick a respeito das mudanças ocorridas na administração do hospital

pelo tempo em que estive fora, eu me preocupei com o carinho que meu amigo demonstrou em relação a Kimberly.

— Vai realmente me colocar na posição de termos essa conversa? — inquiri, ao perceber que Frederick tinha o desejo de participar da cirurgia.

— Nunca pensei que estaria do outro lado, Adam. Se o tivesse feito, jamais teria tentado te impedir.

Analisando a situação de fora hoje, eu gostaria que ele tivesse conseguido me fazer desistir. Que me entregasse razões concretas do porquê eu não deveria ter entrado naquela sala de cirurgia. A responsabilidade era maior do que qualquer outra que experimentei na vida, e assim também era a culpa.

— Se confia em mim, você irá ficar de fora, Frederick.

Ele recostou contra a cadeira, estendendo as mãos sobre a mesa. O café forte à sua frente esfriou ao ser abandonado.

— Eu fico, desde que me prometa que fará o possível. E mais do que isso, eu quero que faça o impossível. Quero que salve a vida dela.

— Eu não sou Deus — grunhi, desconfortável.

— Tem razão, você não é. Mas se há alguém na porra desse país, perto disso, sempre foi você.

— Uma cirurgia é tudo o que estou te dando, Frederick — lembrei-o.

Comprometer-me com mais do que isso, não faria sentido. Não no momento em que toda a minha vida se encontrava de cabeça para baixo.

— Não acha que é tempo demais para ficar longe? O que aconteceu...

Inclinei-me para a frente, os óculos escuros escondiam a tensão que surgia cada vez que assunto era trazido à tona.

— Eu nunca vou me perdoar por tê-la deixado morrer — revelei. — Se eu tivesse desistido da ideia daquela cirurgia, talvez eu não me sentisse tão culpado como agora...

— Sua esposa teria morrido do mesmo jeito — declarou, compreensível. — Todos os médicos com que conversamos na época disseram exatamente a mesma coisa. Você esteve lá — recordou. — Está na hora de seguir em frente com a sua vida, e não apenas profissionalmente.

— Acha mesmo que eu conseguiria oferecer a outra mulher o lugar que era de Hannah? — Essa era uma pergunta que me fiz pelo menos mil vezes desde que Georgia voltou para a minha vida. *Eu conseguiria?*

E a resposta fora sempre a mesma: *não, eu não acho que conseguiria.*

— Bem, eu vejo centenas de pessoas seguindo em frente todos os dias. A vida é uma só, meu amigo, mas o amor não.

Ri, amargo.

— Porque tenho a impressão de que, ao me dizer isso, você, de alguma forma, está tentando se convencer de que é capaz de recomeçar? — Frederick não me respondeu, optando pelo silêncio. — Kimberly — supus, e ele assentiu vagarosamente. — Sua ex-esposa já sabe? Se bem que, pelo que a conheço, Jeane jamais consentiria com algo assim. Principalmente porque a administração do hospital agora é dela...

— Jeane não faz ideia — admitiu. — O que me lembra de pedir a você, que, quando a encontrar, porque você irá,



mantenha Kim longe da conversa.

— Está me dizendo que ela sequer desconfia de que a razão de todo o trabalho que teve para me trazer de volta, seja a sua paciente?

— Se desconfia ou não, já não tem importância, Adam. Tudo o que desejo é que aquela garota saia da sala de cirurgia com vida. O que vai acontecer depois... — Deu de ombros. — Eu lidarei quando o momento chegar.

Meu amigo estava certo, um problema de cada vez, pensei ao recostar contra a cadeira dura, desejando essa normalidade em minha vida, algo mais do que a tristeza sombria em que vivi por dois malditos anos.

— Prometo que farei o meu melhor para que Kimberly fique bem, Frederick.



Quando o dia da operação chegou, optei por me trancar em uma das cabines usadas pelos residentes para assistir às cirurgias enquanto escutava as batidas da orquestra pesada esbravejarem em meu ouvido. Um antigo hábito que sempre me ajudou a me concentrar e manter o foco longe de tudo o que não fosse o meu paciente e o procedimento. O que incluía Georgia, e o fato de que não nos falávamos há exatos três dias. Por escolha minha.

Qualquer conversa com ela teria nos levado a uma discussão, que, no final, faria apenas com que eu me preocupasse *com ela* e não com a cirurgia.

Concentrado em cada batida já conhecida, senti como se meus dedos fossem capazes de repetir todo o procedimento ainda que eu estivesse de olhos fechados. Foram horas reunido com a equipe que Frederick ofereceu para trabalhar comigo, aprendendo a confiar em cada um deles. Gritando quando não faziam o que eu esperava, trocando-os pelos mais experientes. Ou ativos. Eu apreciava a iniciativa em minhas cirurgias. Nunca impedi que qualquer residente que trabalhou comigo fizesse o seu trabalho, mas para que a sala de cirurgia funcionasse como a orquestra que eu escutava, sinistramente perfeita e sem qualquer acorde errado, eu precisava confiar neles.

Saudoso, eu inclinei a cabeça para trás e fechei meus olhos. O cérebro e as mãos inquietos para começarem, para provarem a mim mesmo de que eu ainda podia estar em uma sala como esta.

— Achei mesmo que o encontraria aqui. — Jeane sentou-se ao meu lado. — É como andar de bicicleta, sabe? Só que um pouco mais emocionante — garantiu, perspicaz. — Diga-me que você está pronto para essa cirurgia, Dr. Preston. Frederick insistiu tanto que fosse você, mas preciso te dizer que só aceitei porque o tenho como um amigo também. — Ficamos em silêncio por algum tempo, até que Jeane continuou: — Eu odiaria que algo desse errado, entende? Estou arriscando a minha pele ao concordar com essa loucura, e não preciso de outro problema

judicial nas minhas costas além do que Frederick irá arranjar para esse hospital por estar envolvido com aquela garota.

Eu a encarei, perplexo.

— Você sabe.

— Que ele está apaixonado por uma garotinha de vinte anos? É claro que eu sei. — Ela sorriu e sacudiu a cabeça, não querendo entrar em detalhes sobre a ruína do seu casamento. Em vez disso, Jeane segurou a minha mão enquanto observava a aliança que eu ainda usava. — Até quando vai carregar esse peso com você?

— Não é um peso.

— É, Adam. Não percebe que, sempre que você olhar para esse anel, irá se lembrar dela? Pensar em tudo o que poderia ter ou não sido? Hannah jamais desejaria que você vivesse dessa forma. — Jeane conhecia minha esposa, as duas tinham sido amigas tanto quanto eu e Frederick. Em algum momento do passado, nós quatro fomos inseparáveis.

— Georgia voltou — revelei, ciente de que Jeane conhecia toda a maldita história.

— Quando? — perguntou logo após se recuperar do choque.

— Há algumas semanas. — Voltou a olhar para a frente, pensativa.

— Ela conheceu as meninas?

— Sim.

— E você? Como está lidando com o retorno dela, Adam? — inquiriu como a boa psiquiatra que era. — Georgia, Hannah. Onde está o seu coração nessa história?

— Enterrado com minha esposa.

— É admirável o que me disse, mas estúpido. — Eu me perguntei se ela agia dessa mesma forma com os seus pacientes. — Ainda que eu nunca tivesse concordado com Hannah na época, acho que ela estava certa afinal. Seu coração sempre esteve na direção errada.

Jeane não me encarou de volta quando procurei por alguma outra explicação, querendo que ela me dissesse exatamente o que pensava a respeito de tudo. Que me falasse com todas as letras o que eu precisava ouvir, mas que nunca tive coragem de escutar.

— Eu amava a minha esposa. — Essa era, ainda hoje, a única certeza que eu possuía.

— Nunca duvidei. — Jeane deu duas batidinhas sobre a minha mão e se levantou. — O problema é que chega uma hora, Adam, que o amor não é suficiente. Ainda mais um que já se foi.



Compreendi o que Frederick enxergava em Kimberly no instante em que entrei no quarto para dar início ao seu pré-operatório e ela o encarou. Os olhos castanhos tão esperançosos o fitavam com a certeza de que ele a salvaria.

*Como Georgia pareceu acreditar tantas vezes ao simplesmente olhar para mim.*

Agora, com a sala de cirurgia preparada, à espera apenas do meu sinal, eu senti a adrenalina retornar ao meu corpo. A sensação poderosa que era a de ter a chance de salvar uma vida. Independente do credo, cor e status social.

Não era exagero quando diziam que alguns médicos possuíam o complexo de Deus. Éramos tão humanos como egomaníacos. A medicina nos fez assim. Alguns, como eu, aprendiam da pior forma que esse complexo era a maior ilusão já criada; outros, tinham a sorte de nunca terem perdido alguém que amassem em uma mesa de cirurgia.

E era esse peso que eu estava tirando das costas de Frederick hoje. Olhei para ele através da cabine, encontrando-o apreensivo. Jeane estava ao seu lado. Se para garantir que eu estava sob condições de completar essa cirurgia ou consolar o ex-marido se algo desse errado, eu ainda não sabia.

Após um aceno, mais amigável do que reconfortante, eu me virei para o monitor de batimentos cardíacos dando a toda a equipe o sinal para começarmos, torcendo intimamente para que o coração de Kimberly não desistisse de lutar, como fez o coração de minha esposa.

## Georgia

Ocupada, ignorei o primeiro chamado de Ethan, enquanto terminava de servir uma mesa cheia de turistas *engraçadinhos* que, apesar da promessa de ótimas gorjetas, estavam muito perto de me irritar.

— Georgia? — Meu *atual e temporário chefe* chamou. Distraída, eu acenei para que esperasse e continuei a pensar no próximo passo que teria de dar em minha vida. Assim como nos dias anteriores, eu passei a manhã inteira decidida a encontrar um comprador para o estúdio. De preferência, que fosse rápido. — Seu telefone não para de tocar lá dentro. — Quando gritou, eu o encarei.

Ethan me ouviu falar a respeito da viagem de Adam e das... *zero* tentativas do filho da puta arrogante de entrar em contato comigo. Ver-me triste, aliás, o tinha em um estado de constante irritação. Dessa vez, porém, ele soube que sentar comigo e me embebedar de nada adiantaria.

Deixando a mesa com os clientes alvoraçados, eu avisei a Ethan que pegaria meus 15 minutos de intervalo e corri até o depósito de bebidas. Puxei o celular de dentro da bolsa com tanta pressa, que o infeliz quase escorregou de minhas mãos.

Titubeei ao ver o nome de Adam, a ideia de me fazer de difícil soou tentadora, mas no final a saudade falou mais alto. A saudade e a preocupação.

— Adam?

*Diga que conseguiu.*

*Diga que conseguiu.*

*Por favor.*

*Por favor.*

— *Eu fiz, baby* — respondeu como se pudesse ouvir cada prece do meu coração. — *Eu salvei a vida dela.*

De tão extasiada, eu me deixei deslizar até o chão; completamente emocionada, para não dizer aliviada.

— Diga-me como foi — pedi baixinho, esquecendo todo o resto. — Eu quero saber tudo.

Adam contou como, por um momento, chegou a acreditar que a paciente não resistiria, e que tiveram que recorrer a uma reanimação cardiorrespiratória depois de uma complicação inesperada. O pensamento de que esse homem lidava com a vida e a morte de forma tão próxima deixou-me orgulhosa. Além de impressionada.

— *Ela fez o que Hannah nunca conseguiu, Georgia. Ela lutou para viver.* — Minha coluna enrijeceu ao identificar dor em seu tom de voz.

— Não diga isso. Hannah... se ela pudesse ter ficado... — Sei que teria, porque se eu fosse esposa desse homem e mãe de suas filhas eu teria tentado.

Eles eram a família que eu sempre desejei ter.

— *Por que ela não lutou, porra? Por que teve de me deixar?* — Escutei-o explodir no outro lado da linha, com a sensação de esgotamento deixando-me abatida, drenando o pouco de força que eu ainda possuía. — *Eu queria que você estivesse aqui* — falou, de repente, mas não menos nervoso. — *Eu realmente queria, baby.*

*Para quê?* Desejei saber, mas tive medo de perguntar.

*Será que era para que ele pudesse chorar pela esposa morta em meus braços? Ou para usar o meu corpo como escudo?*

Alegando que precisava voltar a trabalhar, eu encerrei a chamada, mas permaneci sentada no chão de depósito dando-me conta da visceral verdade: eu nunca deixei de querer esse homem para mim.

E o amava tanto, que tinha medo de não me amar o suficiente para conseguir ir embora quando o momento chegasse.



**20**

## Georgia

Abraçada ao meu próprio corpo, e no alto das *ankle boots* pretas que eu mais gostava, eu caminhei sobre o gramado da área aberta onde ocorria as comemorações de *Quatro de Julho*. Diversas barracas foram organizadas na passarela e toda a cidade tinha o hábito de aparecer. Ansiosos para verem o espetáculo de fogos que tomavam o céu e que, ano após ano, acabou por se tornar uma das principais atrações festivas de *East Village*.

Do meu lado, Emily continuou a dispensar olhares nem um pouco discretos a Ethan, que, diante do péssimo humor em que eu me encontrava, optou por me liberar por toda a noite.

Eu e o *meu humor instável* ficamos devidamente gratos, é claro.

Ignorando os olhares que vinham feito estacas em minha direção, em sua maioria de mulheres ciumentas, eu quase me arrependi da escolha de roupas que havia feito horas atrás.

Talvez eu tenha exagerado só um pouquinho, desde a escolha do vestido e das botas, até o batom vermelho e provocante que haviam deixado a minha boca com o dobro do tamanho. Eu era geniosa, e estava reagindo de forma dramática e confusa a cada um dos telefonemas de Adam que não consegui atender nos últimos quatro dias. Que foi o tempo que ele usou para dar continuidade ao acompanhamento da paciente após a cirurgia.

Ignorar as suas ligações era imaturo da minha parte, para não dizer, um ato de desespero. Mas foi a forma que encontrei de

colocar o meu coração em seu devido lugar e mostrar a ele que podíamos viver sem Adam.

Eu falhei, é claro.

Porque, de uma forma mais discreta do que Emily, eu não consegui deixar de procurar por ele em meio à multidão. Sem a menor ideia se Adam viria.

— Você ainda não me contou como foi com o interessado no estúdio. — Não contei, porque foi horrível. O infeliz só teceu defeitos ao prédio e, por fim, ainda me ofereceu uma ninharia. Eu poderia não entender de negócios e valores imobiliários, mas jamais aceitaria uma proposta tão descaradamente ridícula.

— Ele não vai comprar. — Assim como a interessada do dia anterior.

Emily assentiu, mas não mostrou qualquer pesar com o meu insucesso imobiliário. Pelo contrário, eu diria que a cada *não* que recebia, *ou dava*, ela se animava um pouco mais.

Notando que ela continuou a fitar Ethan, eu me irritei.

— Por que simplesmente não vai até ele? — Emily era uma mulher bonita, o oposto do que Ethan costumava levar para a apertada cama de ferro nos fundos do *pub* ao final de cada noite, mas tinha um charme que nenhuma delas possuía.

Emily era genuína em tudo o que fazia, além de cheirar a baunilha e morangos frescos.

— Como?

— Ethan. — Apontei para a direção da barraca com um aceno. — Você não tirou os olhos dele desde que chegamos. Apenas vá até lá, peça algo forte e... o convide para sair.

— Eu não poderia. Além disso, não acho que ele aceitaria.

— Por que não? — quis saber.

— Eu não sou você, Georgia — admitiu envergonhada. — Não sou sexy ou atrevida, droga! E nem interessante. Tudo o que eu faço são bolos e cafés...

— Eu te acho interessante. Acho apenas que você deveria ser um pouco mais corajosa. — Dei de ombros, querendo que ela se desse conta sozinha.

Dizer a Emily o que ela deveria fazer não adiantaria de nada, ela precisava querer. Olhando para ele, ainda a distância, eu a senti suspirar em derrota sem nem ao menos tentar.

— Ele é tão...

— Gostoso? — sugeri, com respeito. Mas era a verdade de qualquer forma.

Ethan era gostoso como homens tatuados e ex-oficiais costumavam ser.

— Diga, Emily. Ele. É. Gostoso. — A voz estridente de uma garotinha, que eu teria reconhecido em qualquer lugar, veio em nossa direção. Mais perto do que eu poderia imaginar até.

No instante em que me virei a fim de procurar por Charlotte, eu me deparei com seus bracinhos envolvendo-me pelas pernas.

— O que é gostoso, *Geogia*? Conta para mim — Charlotte pediu, deixando Emily vermelha como um de seus deliciosos bolos confeitados.

Afetada pelo gesto de afeição da garotinha, eu rapidamente notei que Emily não era a única surpresa. A cidade inteira pareceu pensar exatamente o mesmo, pelo menos os que presenciavam a cena.

— O bolo da Emily. É muito gostoso.

— Eu sei, e o papai disse que, se eu for *cuidadosa*, amanhã posso ir lá comer um pedaço. E amanhã é *domingo* — frisou, seguindo à risca a rotina alimentar confusa que somente Adam e ela compreendiam.

E por falar nele, a ideia de que o homem estivesse por perto foi o suficiente para deixar-me nervosa e eriçada. Olhei ao redor e o procurei instintivamente, detendo-me na imagem confusa que meus olhos enxergavam. Adam acompanhado da mesma médica em que eu havia me consultado essa semana.

*Merda!*

— *Ouch*, isso não é bom — Emily murmurou, mostrando de que lado estava.

— É péssimo, eu diria. — Mas não me deixei abalar e, ao me despedir de Charlotte, com a primeira desculpa que encontrei, eu não olhei para trás uma vez só que fosse.

Somente no final da noite, foi que voltei a vê-lo. No momento em que Adam se aproximou, eu ajudava Ethan a guardar as bebidas e fechar o caixa. Não que ele tenha convidado, mas, após a tentativa desastrosa de Emily pedir uma bebida, ele também se mostrou com um péssimo humor. Então, quando ela foi embora, não me restou outra opção que não a de ficar e oferecer ajuda.

— Por que está fugindo de mim? — Adam questionou, sem se importar com quem nos escutava, agindo como um verdadeiro homem das cavernas.

O problema aqui é que a caverna de Adam tinha um fantasma que insistia em me manter do lado de fora.

— Estive aqui a noite toda, Adam. Se eu estivesse fugindo...

— Não seja obtusa, merda. Eu te liguei e você não atendeu.

Irritada por ele achar que eu lhe devia explicações, eu me inclinei sobre a prateleira de madeira e o encarei.

— Eu não te atendi, e então você decidiu vir com outra mulher? Ou isso já estava em seus planos sempre tão corretos e decentes, Sr. Perfeito de araque?

— Você sabe que não.

— Pois foi o que pareceu! Agora, se me der licença, eu estou ocupada.

Ethan apenas nos observou, decidido a não voltar a se envolver na *putaria* que Adam e eu éramos.

— Ela é apenas uma amiga, Georgia — explicou, fazendo Ethan rir atrás de mim. Pelo menos, o infeliz estava se divertindo. — Trabalha comigo na clínica.

— Se ainda não percebeu, eu estou trabalhando...

— Não está mais — Ethan nos interrompeu. — E digo para os dois: se não se cansaram dessa ladainha sem fim, então eu já. Quem vai falar agora sou eu, saiam da minha frente antes que eu seja o único a gritar aqui.

Com uma careta, eu passei por Ethan e comecei a caminhar para longe, descendo a barra do vestido a cada passo apressado que dei.

— Agora não, Adam. Sério.

Escutei-o me seguir.

— Achei que estivéssemos bem — grunhiu ao me alcançar.

— Defina *bem*. — Voltei-me para ele, encarando-o de frente. — Transando às escondidas? Sendo o seu segredinho sujo?

— Já falei que não gosto que diga essa merda.

Sacudi a cabeça de um lado ao outro, às vezes era impossível falar com esse homem porque ele só entendia o que queria.

A uma distância segura, algumas pessoas nos observavam desde o momento em que o viram se aproximar da barraca de Ethan. O meu tom de voz, só tornou o interesse delas maior, principalmente quando Adam, após entrar em seu carro, passou a dirigir colado a calçada em que eu caminhava.

— Entre. Agora! — falou, alto o suficiente para que todos pudessem nos escutar.

— Me obrigue.

— Georgia.

— Você não tem coragem, não é? — provoquei-o, diante de sua insistência. — Se quer mesmo que eu entre nesse carro com você, então me obrigue.

Adam tomou a decisão antes que eu pudesse me afastar. E com uma velocidade impressionante deteve-se na minha frente, cedendo à provocação ao abrir a porta do *SUV* branco, e acenar para que eu entrasse.

O que eu fiz.

O percurso que segui, não levou muito mais do que alguns minutos. E novamente me vi em um dos antigos terrenos

vazios em que costumávamos nos encontrar. Os faróis do carro de Adam eram tudo o que havia para iluminar os arredores, e toda a cidade vista do alto.

Quando o motor foi desligado, nós dois permanecemos em silêncio. Até que não suportei a espera e indaguei:

— Por que me trouxe até aqui?

— Você está estranha.

Neguei, chateada.

— Estou apenas tentando me proteger, Adam.

Dele, da nossa história. E de todo o resto. Achei que conseguiria lidar com *Adam e os seus problemas em se envolver e esquecer a esposa*, mas já não estava certa se poderia.

— Ava falou que você esteve na clínica esta semana. Em uma consulta com Scarlet. — *Claro que falou.* — Por quê?

— Assuntos femininos — desconversei. — Sua mãe deve adorá-la. Você sabe, a médica é bonita.

— É assim que vai ser?

— Se está desconfiado, Adam, apenas pergunte a sua amiga. Faça isso e pare de encher o meu saco!

O filho da puta travou a porta quando tentei sair.

— Eu não vou perguntar nada, se você diz que não pediu a ela uma receita então...

— Eu não pedi.

— Ótimo. — Acho que, no fundo, Adam tentou convencer a si mesmo de que estávamos bem e de que o que eu dizia era verdade. — Vai me dizer agora por que está chateada?

— O telefonema, Adam. A sua dor — revelei. — Você parece não querer se afastar da lembrança de Hannah. Se apega



ao amor que sentiu...

— Eu ainda sinto.

— É sobre isso que estou falando, exatamente isso. Você não a deixa partir!

— E por que eu deveria? Nós planejamos um futuro, eu prometi lealdade àquela mulher e teria dado a minha vida por ela. E agora, estou aqui, traindo o amor que eu jurei a minha esposa.

Não o encarei, focada demais em manter minhas próprias lágrimas sob controle.

*Eu não iria chorar. Não iria.*

— Para você tudo sempre foi tão fácil, Georgia. Em uma manhã você acordou e decidiu que era a hora de ir embora, porra! Enquanto eu...

— Acha mesmo que foi fácil para mim? — cortei-o, angustiada. — Acha que deixar essa cidade, era o que eu queria ter feito? — Não era, eu nunca quis deixar esse homem para trás, e hoje eu teria dado tudo para não ter feito. — A minha vida nunca foi um conto de fadas!

— E, ainda assim, você não voltou.

— É por isso que me culpa? Por não ter voltado ou por...

— Eu acho que te culpo por tudo — admitiu, batendo a porta do carro ao sair.

Assisti de longe Adam andar de um lado ao outro, protegida no banco de carona enquanto me inclinava para a frente e para trás, incerta sobre o que fazer.

Então eu o segui. Saltei do *SUV* e fui atrás para que me ouvisse.

— Eu não tive escolha, Adam — comecei baixo, ainda assim desesperada. — Fui embora... porque não sabia o que fazer e estava tão assustada. — Havia tantas lágrimas em meus olhos, que eu já quase não o enxergava. — Você e Hannah, o bebê, a minha mãe... — Não sei como, mas eu notei.

Adam se deteve no instante em que me ouviu falar sobre o nosso bebê. A expressão em seu rosto transformou-se em uma loucura fria, tão gelada, que fez cada pelo do meu corpo arrepiar.

— Que bebê, Georgia? — Encarei-o, aturdida com a minha própria burrice.

Não tinha sido a minha intenção trazer esse assunto à tona, eu mesma odiava lembrar. E a ideia de que Adam agora estivesse querendo saber me deixou nauseada, prestes a vomitar.

— Eu não posso falar sobre isso. — Dessa vez, eu fui a única a lhe dar as costas, querendo voltar para dentro do carro. Para onde era seguro. — É passado, Adam.

— Que bebê, Georgia? — insistiu, com a voz soando como um estrondo cada vez mais perto.

Nervosa, tentei puxar a maçaneta, fazer com que a porta se abrisse, mas Adam a havia travado novamente.

— O que está tentando me dizer? — Fechei os meus olhos com força suficiente para que tudo ao redor desaparecesse. Então, eu não teria de escutá-lo gritar. — Que porra, Georgia! Diga-me que não houve bebê algum, que tudo não passou de uma mentira.

Adam me virou, fazendo-me ficar a cara a cara com ele.

— Eu enterrei essa parte da minha vida há muito tempo.  
— Minhas palavras escaparam trêmulas.

— Enterrou o que foi uma mentira? Uma tentativa de me afastar de Hannah? — Fui sacudida, para que mantivesse meus olhos abertos. — Responda-me, droga!

— Foi uma mentira, é o que deseja escutar? — Seu maxilar enrijeceu. — Nunca houve um bebê, e eu... — Doía falar, porque esse ainda era um de meus maiores arrependimentos. — Eu não gritei de raiva, ou chorei por anos... nem me senti vazia... porque nunca existiu bebê algum.

Adam reconheceu a verdadeira mentira e por essa razão se afastou, socando com o punho a lataria rígida do carro, machucando a própria mão, enquanto eu permanecia imóvel, incapaz de me mover um centímetro que fosse.

— Por que não me contou? Por que manter isso longe de mim?

— Não me acuse de não ter tentado, Adam, porque eu tentei! Você é que não quis acreditar.

— Como eu poderia? Como, caralho? — Adam me observou, seu olhar percorreu o meu corpo detendo-se dolorosamente sobre o meu abdômen.

— Você o entregou para adoção? Por isso fugiu? — A náusea se intensificou, deixando-me zozna a ponto das minhas pernas cederem e eu buscar apoio no *SUV*. — O que aconteceu com o nosso filho, Georgia? — As palavras, dessa vez, vieram lentas e friamente calculadas, como se Adam já esperasse pelo pior. — Olhe para mim e me responda! — exigiu, erguendo o meu rosto e apertando-me pela bochecha com os dedos longos.

Movi a cabeça de um lado ao outro tentando me ver livre de seu controle e de todas as perguntas. Eu já não o sentia, só a sua raiva e a minha culpa. E ela ameaçava me engolir inteira. Foi o meu choro incessante e o desespero visto através dos meus olhos que fizeram com que Adam compreendesse a gravidade do que fiz.

— Você tirou o nosso filho. — A voz soou definitiva, sem contestações ou dúvidas. O cretino tinha certeza. — Como pôde? — Senti-o se afastar, agindo como se a ideia de me tocar lhe causasse repulsa.

O grito e a acusação continuaram a ecoar dentro de minha mente enquanto eu me curvava, querendo que o zunido e a dor passassem.

— Não faça isso, Georgia. Não aja como se sentisse muito... você o matou! O meu filho, caralho! Então eu te pergunto: Como. Você. Pôde?

*Por que todas as nossas conversas sempre terminavam assim? Com ele gritando, e eu chorando?*

— Eu não tive escolha. — Não fiz qualquer esforço em repetir mais do mesmo, porque não importava, não é?

Adam jamais entenderia.

— Não teve. Falar comigo não era uma escolha? — exigiu saber. — Conversar com um adulto não era uma escolha? E Hannah? Será que ela também não era uma escolha melhor do que... arrancar o meu filho de dentro de você?

O zunido aumentou, desconfortável e espaçoso, ganhando força dentro de mim.

— Todo mundo tem uma escolha, Georgia. Todo mundo!

Apesar de desnorteada, eu o fitei, tentando descobrir se falar sobre Grace teria algum efeito. Se ele então me perdoaria, mas não consegui... porque, no fundo, eu sempre senti como se a culpa fosse minha.

— Você nunca entenderia o que passei...

— Chega! — ladrou, interrompendo-me. — Eu não posso continuar com essa loucura. Acreditar em você exige mais do que imagina. E agora, agora eu já não sei quem você é, se o que me disse até então é verdade ou tudo parte desse maldito drama que é a sua vida. Mas como falei, Georgia, chega! Não vou permitir que me afunde com você, então, a partir de agora, acabou. O passado, o presente. Acabou, entende? Só preciso que me responda uma coisa antes que eu vá embora. — Os olhos verdes me fitaram, distantes. Física e emocionalmente. — Você ao menos se arrepende?

— Todos os dias da minha vida.

Adam aparentou incredulidade, dando-me as costas em seguida e destravando o carro. E, sem se importar se eu ficaria para trás, o filho da puta arrogante deu a partida. O som do motor e os faróis altos fizeram com que eu recuasse de forma instintiva.

Quando a escuridão me abraçou, junto com o vazio assustador da noite, eu me vi de joelhos. Não soube quanto tempo fiquei remoendo a minha própria culpa ou os erros que cometi, mas sei que, no instante em que cheguei no estúdio, a dor em meu corpo foi completamente esquecida enquanto meus passos iam em busca do frasco de remédios que me fizeram mentir para o Adam.

Conseguidos através de Scarlet, e escondidos no fundo da última gaveta na mesa de cabeceira, eu os abri pela primeira vez. Meus dedos tremiam enquanto eu olhava para os pequenos comprimidos e me trancava no banheiro. O primeiro foi jogado fora, o segundo também. E assim eu fiz com o terceiro, o quarto, até que, em algum momento, o vazio em meu peito me esmagou com tanta força, que comecei a cogitar a possibilidade de... não jogar.

Com o comprimido entre os meus dedos, eu o encarei de perto.

O salpicar amargo em minha boca espalhou-se como uma lembrança da dormência que eles me causavam por dentro. O mundo maravilhoso que essa simples bolinha fazia com que eu afundasse.

Foi em um ato de desespero que eu o joguei fora. Ele e todos os outros comprimidos do frasco.

Porque eu não era a mulher que me colocou no mundo.

— Eu sou melhor do que ela.

Não importava o cansaço, e nem o quanto eu me sentia perdida na vida que tentei criar para mim. Porque eu era melhor.

Só precisava repetir essas palavras a cada minuto do dia para que nunca mais eu me esquecesse.

— Eu sou melhor.

Adam nunca esteve em minha pele para garantir o direito de dizer o contrário.

Ninguém esteve.

## ***Adam***

Afastei as mãos do volante, sentindo como se o ruído do motor estivesse a milhas de distância, assim como a porra do meu coração. Furioso, bati o punho lesionado, uma e outra vez, contra o couro duro, precisando entender como tudo saiu tão rapidamente de controle. A minha vida, minhas emoções. Sem saber, eu passei as últimas semanas à procura de desculpas para manter Georgia comigo, cegando-me para os seus pequenos delitos. E todo o seu maldito drama.

*Eu enterrei essa parte da minha vida há muito tempo.*

*Eu não tive escolha.*

— Você tinha a mim, porra! — grunhi, nervoso. — Você tinha a mim!

Transtornado, eu me peguei, outra vez, querendo encontrar uma saída para o que meu corpo desejava. Uma única razão que fosse para ficar com aquela mulher em minha vida. Mas ela fodeu com tudo, e ainda que o tivesse feito dezessete anos atrás, a dor dilacerava agora.

E ela era ferrenha e espinhosa.

*Georgia não foi a única a errar*, meu cérebro me lembrou. Mas, porra, não foi apenas um erro, aquela mulher arrancou a última parte de mim que deixei com ela.

— Quem é você, Georgia? No que se tornou?

Fechei meus olhos e procurei me acalmar. O chalé encontrava-se vazio, depois que Ava garantiu levar as meninas para passar a noite com Grace. Ainda assim, eu não fiz qualquer tentativa de entrar. Porque o desgosto que sentia se igualou a maldita saudade da minha esposa e a certeza de que, se estivesse viva, ela teria me permitido chorar como um homem que havia acabado de ter o seu coração arrancado de dentro do peito.

A perda de Hannah, ao contrário do que imaginei, não me preparou para *essa perda*. Nada o teria feito.

Georgia havia carregado o meu filho, uma criança que poderia ter sido irmão de Amber e Charlotte. Um elo que eu jamais teria ignorado, ou desprezado.

Uma ligação que teria unido a minha vida com a daquela mulher para sempre.

Georgia errou, não restava dúvida, mas eu também quando optei por olhar em seus olhos, enxergar o seu desespero e não acreditar no que me dizia.

No final, foi escolha minha não acreditar.





## Georgia

Emily me observou do outro lado da mesa, segurando o copo de café que ela sempre bebia antes de começar o expediente. Por sorte, a cidade inteira dormiria até mais tarde hoje e eu não precisaria lidar com os olhares e fofocas até estar psicologicamente preparada.

Quanto a Emily e Ethan, bem, eles haviam conversado na noite passada, mas as coisas não saíram exatamente como eu esperava. O que nenhum dos dois parecia entender era que, por serem tão diferentes, eles eram simplesmente perfeitos um para o outro.

— Você está distraída! — Emily acusou, atenta de uma forma quase invasiva. — O que aconteceu depois que fui embora?

— Duvido que já não saiba.

— Vocês discutiram e depois tiveram uma intensa e apaixonada noite de amor?

— *Adam e noite de amor* não se encaixam no que ele e eu fazemos, Emily. — Pelo menos, não no que se dizia respeito ao Adam. — E ainda que fosse, acabou. — Consegui dizer, depois de uma noite inteira em claro repetindo a palavra em minha mente para que eu assimilasse e nunca mais a esquecesse.

*Acabou.*

— Mas, por favor, eu não quero falar sobre esse assunto. Acho até que ele e eu não deveríamos nem estar passando por algo assim de novo, se eu não fosse tão estúpida, Emily. Se não amasse tanto aquele homem...

— Você não é estúpida.

— Eu sou — admiti. — Como pude esperar algo diferente? Pensar que, dessa vez, ele fosse me escolher quando nunca houve uma escolha a ser feita? Adam ainda age como se Hannah estivesse viva, e que estar comigo fosse traição. — Inclinei-me sobre a mesa. — Estou cansada de sentir que nunca serei a escolha dele, Emily, e que não sou boa o suficiente...

— Você é! — Emily voltou a protestar. — Você é tão boa para ele, Georgia, que merece mais. Adam é um idiota por não perceber que em tão pouco tempo você o fez viver de novo. Sorrir, ainda que daquele jeito engessado que nunca o abandona. E Georgia? Se ele não consegue enxergar, então talvez...

— Seja a minha hora de ir embora. — Com ou sem dinheiro, eu só queria partir.

A lembrança do que quase aconteceu na noite passada deixou-me nervosa, com as mãos tremendo. Porque, por muito pouco, eu não engoli aqueles comprimidos cedendo a hábitos que jurei nunca mais ter.

— Sinto que vou enlouquecer se continuar aqui, Emily. — *Eu já estive lá.*

Sabia a mulher que me tornava quando perdia o controle. E se fosse para acontecer, então que fosse longe de tudo e todos. Mas principalmente das filhas de Adam, e dele.

Segurando a minha mão por cima da mesa, Emily se mostrou preocupada.

— Tem certeza de que está bem? Quero dizer, eu imagino que não tenha sido a melhor das noites, Georgia, mas...

— Eu vou ficar bem — menti. — Vou conversar com a imobiliária, não queria envolver outras pessoas na venda, mas sozinha eu acho que não consigo vender o estúdio.

Emily assentiu, olhando para o lado de fora da vitrine de doces. Fiz o mesmo e, ao notar Grace e as netas atravessando a rua, decidi que a hora de voltar para o estúdio tinha chegado.

Despedi-me de Emily às pressas, querendo evitar um possível confronto com ela na frente das meninas. O que não foi possível, porque, assim que cheguei à calçada da cafeteria, as três se detiveram à minha frente.

Grace olhou-me com seu habitual desprezo.

Segurando a mão da avó, Charlotte mostrou um sorriso imenso ao me reconhecer. E Amber... eu a teria cumprimentado se a expressão em seu rostinho não fosse de puro ódio, destinado a mim.

— Fica longe do meu pai! — A garota gritou, empurrando-me com força, ainda que não fosse suficiente para me machucar. — A vovó tem razão, você é uma prostituta que quer roubar ele da gente, mas o meu pai ama a minha mãe e não você! — disparou o absurdo, deixando-me estarrecida e envergonhada. — Eu quero que fique longe da gente para sempre! — Amber derramava lágrimas abundantes por seus olhos, que me fizeram querer consolá-la, mas também me defender.

— Amber...

— Eu te odeio! — Voltou a me empurrar. — Odeio ter te conhecido. Por isso a mamãe não queria você por perto, porque você é... uma pessoa horrível. E ninguém nunca vai te amar!

Passando por mim, como um pequeno furacão, eu fui incapaz de olhar para trás ou para os lados, temendo os olhares de juízo das pessoas que poderiam tê-la escutado.

Charlotte, por sua vez, depois de soltar as mãos de sua avó, pareceu incerta sobre ir atrás de Amber e ficar para me consolar. Mas acabou agindo como a boa irmã que ela era, e entrou na cafeteria, com os olhinhos assustados de preocupação.

Só então Grace se aproximou, com um sorriso de escárnio em seu rosto repuxado.

— Eu te aconselhei a ficar longe da minha família, mas você não escutou, não foi? Sempre tão teimosa. Como acha que essa história terminaria, Georgia?

*Não dessa forma.*

— Você nunca vai ganhar esse jogo — completou.

Reunindo o que restou de meu orgulho, eu a enfrentei:

— Ainda não percebeu que é a única jogando, Grace? Que o que você faz deixa a todos infelizes? — Ela ergueu o queixo, em arrogância. — Eu amo de verdade o seu filho, assim como eu amo as filhas de Hannah. Mas chega. Uma hora a gente entende que a melhor decisão que podemos tomar é desistir. Não é vergonha ou fraqueza. É cansaço. É acreditar que lá fora tem alguém que mereça o que eu tenho para oferecer.

Ela se endireitou, olhando-me com o mesmo desdém de sempre.

— Como se você tivesse algo... a oferecer.

— Talvez eu não tenha, porque entreguei praticamente tudo ao seu filho — defendi-me. — Mas o que restou é meu, e ninguém vai tirar de mim. Muito menos a senhora. Então, se quer

tanto proteger seu filho e as suas netas, afaste-se você deles, Grace. Porque é da senhora que vem toda a perversidade com que tive que lidar até hoje.

Não olhei para trás para ver se víbora havia saído do alto do pedestal em que tinha se colocado. Mas diferente de mais cedo, em que limpei as minhas lágrimas na frente de Emily, eu não o fiz agora.

Chorar significava que eu ainda tinha um coração dentro de mim. Quebrado ou não, ele ainda batia. E era por causa dele que, assim que fosse possível, eu deixaria essa cidade para trás.

E, dessa vez, para nunca mais voltar.

## ***Adam***

Ocupado em um telefonema com Michael, que chegara à cidade nas primeiras horas do dia, eu observei o momento em que Amber entrou pela sala, depois de bater a porta com força, e subiu as escadas sem parar ou dar-me quaisquer explicações. Atrás dela, Grace surgiu acompanhada de Charlotte que parecia tão chateada quanto a irmã.

— Michael, eu te ligo em alguns minutos.

— *Aconteceu alguma coisa?*

— Um pequeno problema familiar. — Esperava mesmo que fosse pequeno, mas a julgar a expressão azeda no rosto de Grace e os olhinhos chorosos de Charlotte, algo me dizia que drama nunca era o de menos nessa casa. Não quando a minha mãe estava envolvida.

— O que houve?

— Suba, Charlotte, que depois o seu pai irá falar com você e a sua irmã. — Minha filha se mostrou contrariada, com o rostinho redondo fitando a avó com raiva, como se quisesse dizer algo, mas não o fez.

Subiu as escadas enquanto batia os pés de modo claro e audível, para mostrar que não estava nem um pouco satisfeita.

Atento a Grace, eu esperei pelo pior.

— Diga-me o que aconteceu.

— Aquela mulher aconteceu, Adam. Ou será que já se esqueceu da humilhação que nos fez passar na noite de ontem ao ir atrás dela?

— As notícias, como sempre, correndo rápido por aqui — declarei, desejando ter o poder de apagar a noite de ontem da minha cabeça. — Só não entendo o que eu fiz que pudesse ter influenciado o humor de Amber. — Grace encarou-me empertigada, mas nervosa também. — A menos que ela tenha escutado alguma coisa. — Diante do seu silêncio, achei melhor avisar. — Juro pela minha vida, Grace, que se você falou mais do que deveria...

— Que escolha eu tinha? — inquiriu, cínica. — Desde que essa mulher voltou, você está colocando tudo a perder, e não percebe que tem nos envergonhado, Adam. Suas filhas não merecem passar por nada disso, ou imaginou que Amber aceitaria que você colocasse uma qualquer no lugar de Hannah?

— Eu não esperava nada, porque, no final, essa é uma decisão que só cabe a mim.

Ela pareceu alarmada diante da possibilidade.

— Está vendo? Você parece se esquecer de que somos uma família, e que tudo o que faz nos influencia.

— O que falou com Amber, Grace? — A vi endireitar a coluna, e olhar para as escadas tomando o seu próprio tempo.

— Nós tivemos uma conversa madura, Amber já não é nenhuma garotinha e eu apenas expliquei que a mãe dela e *aquela garota* nunca foram amigas. Devo ter deixado escapar que você e ela estão... você sabe...

— Deixou escapar?

— Como falei, meu filho, Amber já não é nenhuma garotinha, e é perfeitamente capaz de compreender a gravidade da situação. Tanto que deixou claro a Georgia hoje o que pensa a



respeito do caso dela com você. — Eu a encarei, sem acreditar no que escutava.

E mais ainda, na ousadia de Grace em achar que suas atitudes eram corretas.

— Essa foi a última vez que interferiu em minha vida — informei. — Não vou discutir ou brigar, porque sei que não adianta! Vou apenas pedir para que saia.

Evidentemente preocupada, Grace abaixou a guarda ao fazer uma tentativa de me acalmar.

— Quando irá compreender que tudo o que eu fiz até hoje foi por você? — Ela afagou o meu rosto. — Veja aonde chegou, meu filho, você se casou com uma boa moça, teve filhas lindas e inteligentes. Se formou com maestria, e é hoje um dos médicos mais talentosos que eu conheço. Você tem um longo futuro pela frente, Adam, pode retornar ao *Califórnia Medical*, expandir a clínica de seu pai. Se casar novamente, com uma mulher que se encaixe em sua vida... Não se deixe perder a cabeça por causa de uma interesseira, não cometa esse erro com as suas filhas. Sempre achei que te fiz um favor ao te livrar dela. — A forma como pronunciou as palavras deixou-me em alerta.

Principalmente por causa do significado delas.

— O que, exatamente, quis dizer com *ao te livrar dela*? — grunhi, sentindo-a perder a compostura.

O passado, de repente, fez sentido. O medo que Georgia sentia de Grace, o seu desaparecimento... e o quanto minha mãe ficou aliviada após a sua partida.

— Olhe dentro dos meus olhos, Grace, e diga que a senhora não teve nada a ver com a partida de Georgia. Essa é a

última chance que eu te dou, porra, estou falando sério...

— Como ousa insinuar um absurdo como este?

— Absurdo? Vai me dizer também que não sabia nada sobre o filho que ela esperava? — Grace se entregou no momento que engoliu o nó que deveria estar preso em sua garganta. Ela tentou, arduamente, encontrar as palavras certas para se defender, mas naquele momento nada do que dissesse faria diferença.

— A senhora sabia.

— Filho...

Afastei-me furioso, com ela. Georgia. Todos!

E ao apoiar as mãos sobre o aparador, senti como se minha cabeça fosse explodir.

*Todos sabiam, menos eu? Era isso?*

— Quando descobriu? — exigi saber. — Ao que parece, eu fui o único que... — calei-me ao me lembrar da tentativa fraca de Georgia em contar a verdade. — Quando, Grace?

— Soube através de Adeline, mas se você apenas me ouvir irá entender por que eu não te contei nada. — Ela me impediu de passar, querendo ser ouvida. — Eu te amo, Adam, e acredite em mim. Eu teria sido a primeira a conversar com você naquela época se tivesse a certeza de que o filho que aquela garota esperava era seu. Mas eu não tinha. — Gelei por dentro, diante da insinuação maldosa. Porque contestar a paternidade seria o mesmo que colocar em xeque a lealdade de Georgia. E ela sempre foi minha. Fui o primeiro homem com quem se deitou, e o único por mais de um ano. — É até bom que Michael tenha voltado, porque... eu sempre desconfiei, Adam. A preocupação

dele com aquela garota nunca foi normal. Lillian mesmo a odiava. E quando descobri sobre a gravidez, a única coisa em que consegui pensar foi que o bebê poderia não ser seu.

Digeri suas palavras, cada uma delas fez um estrago em meu interior. Arrasando com tudo que estivesse pelo caminho. Eu não era um homem ciumento, nunca fui. Mas com Georgia, com aquela mulher, era outra história.

— Está insinuando que...

— Não seja bobo, meu filho! Não acha estranho que ele sempre tenha se preocupado tanto com Georgia? Hoje mesmo, ao me ligar, ele me encheu de perguntas a respeito dela... como se já soubesse que a encontraria na cidade. — Grace se aproximou ao me ver atordoado. — Pense comigo. Por que Michael, depois de todos esses anos, voltaria e perguntaria justamente por ela?

Rejeitei a ideia de imediato, ou tentei. Porque a possibilidade soava tão absurda quanto... admissível.

— Não estou culpando a garota, Adam — prosseguiu. — Ela nunca teve apoio familiar, de qualquer forma. Cresceu naquele maldito trailer sob os cuidados daquela infeliz... Homens não veriam problema em se aproveitar da vulnerabilidade dela, e se não o Michael, qualquer outro.

— Nada apaga o fato de que você deveria ter me contado. — Eu estava tentando não ir lá. Não ser convencido pela loucura que Grace dizia.

Mas era falho, e o sentimento de posse esmagado dentro do meu peito pareceu mais disposto a acreditar no que era dito do que o contrário.

— Georgia tentou falar com você, ou estou errada?

— Eu não acreditei nela. — *Como poderia?*

Depois que jogou a notícia na minha cara, em um ato que me pareceu de puro desespero, ela nunca mais voltou a insistir.

Sequer tentou.

— Então não me culpe, Adam. Tudo o que fiz foi te proteger de um problema que sequer temos certeza de que era seu. — Passei a mão pelo cabelo, transtornado. Querendo explicações, entender toda a história. Mas, acima de tudo, querendo a verdade. — Não acha estranho que ela não tenha tentado com mais afinco te convencer da existência desse bebê? — O comentário que já havia passado pela minha mente, foi o que me fez encará-la. — Pelo que conheço da família dela, as atitudes da mãe... Se aquele bebê fosse mesmo seu, meu filho, Georgia jamais o teria tirado. Ouso dizer até que ela teria usado a criança até o último minuto para conseguir o que queria: você.

Com a sala dominada por um repentino silêncio, Grace apoiou a sua mão em meu ombro.

— Eu preciso ir, Adam. Pense bem em tudo o que conversamos, e não se esqueça de que Michael nos espera para jantar essa noite. Em nossa conversa, ele comentou que já o tinha avisado. — Diante da minha expressão de perplexidade, ela insistiu: — Sei que não é o momento ideal, mas Michael ainda é o avô das suas filhas. Tendo cometido um erro ou não...

Grace saiu e, de repente, eu me vi drenado pela memória de todas as vezes em que busquei Georgia em frente à casa de Hannah, e Michael estava por perto. Olhando-me com desconfiança, e sempre com um sorriso honesto no que se

referia à amiga de sua filha. Havia também as tardes em que o vi conversar por horas com ela no balanço que ficava no jardim de sua casa, agindo realmente como se ele se importasse com ela.

Verdade ou não, a mera possibilidade fodeu comigo.

Trouxe-me um gosto ruim à boca, uma sensação que não desapareceria enquanto eu não obtivesse as respostas de que precisava.

O filho da puta ciumento dentro de mim, insistiu mais uma vez na teoria de que, se o bebê fosse meu, Georgia não teria partido.

Ela teria ficado em *East Village*.

E teria vencido.



## **Georgia**

Rosalyn, conhecida também por ser um monumento histórico vivo, dada a sua idade e participação no desenvolvimento de *East Village*, avaliava as duas cômodas colocadas à venda logo depois que me obriguei a engolir o choro e começar a trabalhar. O dinheiro feito com Ethan até aquele momento me ajudaria, mas eu precisava de um pouco mais para o adiantamento que pretendia deixar com a imobiliária.

Com curiosidade, eu a observei andar pelo estúdio sem demonstrar interesse real em nada do que estava disponível. A verdade é que Rosalyn, também conhecida pela língua afiada, e claro, o mais importante, por odiar Grace, aparecia somente para ter um pouco de conversa inútil e desnecessária.

Não que eu estivesse reclamando, acho até que gostava da companhia ácida.

— Você não deveria vender as coisas de Adeline — disse, ao segurar um abajur roxo bastante antigo.

— Eu preciso vender — falei, sem me preocupar se pareceria desesperada ou não.

— Dinheiro? — inquiriu, erguendo a sobrancelha fina. As bochechas rosadas pelo carmim, pareciam dois morangos em seu rosto, de tão vermelhos que ficavam sobre a pele pálida e enrugada. Já na época da escola, as crianças costumavam dizer que Rosalyn era maluca. O tipo que não se mexia ou brincava, mas até montar o *Bazar das tralhas de Madame*, ela e eu nunca tínhamos estado no mesmo cômodo.

Desde que o abri, no entanto, Rosalyn costumava aparecer, olhar a tudo, e sair. Sem nunca comprar nada.

— Por que com você é tudo sobre dinheiro?

Sorri, de forma amigável.

— Por que eu não tenho? — Ela se deteve, ajustando os óculos em seu rosto para que pudesse me enxergar melhor.

— Você é bonita, garota. Pode arrumar um bom homem. — Mordi a boca, achando graça em seu comentário. Sua presença hoje vinha sendo uma lufada de ar. — Se bem que já não é tão nova, não é? Mas tem o seu valor. — Rosalyn me fitou dos pés à cabeça. — Não deixe que aquele médico pomposo a faça pensar o contrário. Adam é como o pai dele, comandado por aquela bruxa velha.

— Grace — a corrigi, apenas por implicância.

— Bruxa velha, Grace. — Sacudiu seus ombros velhos. — Tanto faz. Ele pode ter aparência nórdica e fria, mas, como a minha mãe dizia, beleza não põe a mesa. E nem é garantia de casamento feliz, entendeu?

— O que é garantia para um casamento feliz? — quis saber, honestamente.

— Eu me faço essa pergunta até hoje, minha filha. Até porque nunca descobri. Mas, voltando aos seus problemas, você não pode demorar muito. Filhos não se fazem de um dia para o outro, se bem que algumas pessoas fazem, mas a questão não é essa.

— Não é mesmo — falei baixinho, surpresa quando ela estendeu a pequena escultura de *Ganesha*<sup>[7]</sup>. Pedindo para que eu a embrulhasse.



O que fiz, satisfeita pelos cem dólares que ganharia com algo que nem era tão bonito assim. Tirando o dinheiro de dentro do vestido, Rosalyn o colocou sobre a mesa lateral e se afastou aproximando-se da fachada do estúdio enquanto tentava enxergar algo no lado de fora.

Nós duas ofegamos em surpresa ao reconhecer quase que ao mesmo tempo que o homem que estivera observando o estúdio era Michael.

O pai de Hannah.

A porta da frente se abriu, comigo ainda paralisada. Enquanto ela sorria para o homem bonito que Michael ainda era, eu me peguei completamente sem reação.

*Fazia tanto tempo.*

— Sr. Davis — ela o cumprimentou. — Finalmente o senhor voltou, achei que havia nos abandonado.

— Jamais, Rosalyn. Essa cidade sempre será o meu lar — falou, olhando para mim por sobre os ombros da mulher com quem conversava de forma tão amistosa.

Dando-se conta de que Michael estava aqui por mim e não pelos objetos velhos que estavam à venda, Rosalyn se despediu.

Não sem antes me piscar os olhos, em diversão.

Sozinha com o homem que no passado, por tantas vezes, me escutou e fez sorrir, eu me obriguei a permanecer firme. Todo o carinho que tentei dar a qualquer pessoa dessa cidade sempre foi rejeitado. *Por que seria diferente com ele?*

Ainda assim, quando o notei olhar para mim, verdadeiramente olhar, eu o abracei com uma carência e solidão que logo me arrependi.

— Me desculpe é que...

Eu havia sentido falta dele e de Hannah. Além da sensação de segurança que experimentei em sua casa.

— Sinto muito pela sua perda — acrescentei, colocando-me em seu lugar.

Em questão de anos, Michael perdeu a esposa e a filha. Ambas para o câncer. O que explicava a preocupação que Adam tinha com as meninas, e o porquê de ele nunca esquecer os exames periódicos. Ouvi isso de sua própria boca.

— Você também a perdeu, querida — falou com carinho. — E lamento que tenha sentido que precisava fugir, sendo que eu poderia ter ajudado.

— A última coisa que eu queria era me impor entre você e Hannah, Michael. Vocês sempre foram tão próximos, que não me pareceu justo.

— Eu teria lidado com Hannah, com Lilian. Com quem quer que fosse, só queria que tivesse confiado em mim.

*Eu também gostaria de ter confiado.*

— Foi complicado. — Desejei poder falar, contar toda a história da minha vida.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu não quis ser levada a sério. Ou que acreditassem em mim, só quis ser deixada em paz. O que Michael tornou impossível ao me convidar para que fôssemos até a cafeteria de Emily. Recusei, incapaz de suportar os olhares mordazes, e em vez disso o convidei para subir até o sobrado comigo.

Preparei o café, olhando de soslaio para Michael que foi de um lado ao outro no pequeno cômodo, com um sorriso

discreto.

— Pretende ficar? — quis saber, com as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça de linho.

Michael ainda carregava com ele traços da ruivez que era o seu cabelo quando mais jovem, ainda que hoje em dia houvesse mais fios brancos do que de qualquer outra tonalidade. Ele era como o Richard Gere, sem a fama e a Júlia Roberts.

— Acho que não. Nunca me senti bem nessa cidade — revelei, desconfortável.

— Tem tido notícias de Darana?

Eu o encarei, nervosa.

Porque falar com Darana, ou pior do que isso, ficar cara a cara com ela, era o que faltava para a minha vida afundar de vez.

— Não. E dou graças todos os dias por ela ter se esquecido de que eu existo.

Michael voltou a sorrir, mas não foi um sorriso sincero que alcançou todo o seu rosto.

— Onde esteve, Georgia? O que fez da sua vida?

Entregando-lhe a xícara de café, eu dei as costas ao pai de Hannah. Decidida a ser cruelmente honesta com ele, apenas respondi:

— Eu sobrevivi, Michael.

## ***Adam***

Quarenta e cinco minutos, foi o tempo em que Michael permaneceu com Georgia. Um tempo, demasiado longo, que eu sequer teria notado se não tivesse escolhido aquele momento para ir almoçar. Em dias de plantão, o dia corria agitado e eu só parava quando o médico a me substituir chegava.

Por esse motivo apenas, que decidi esperar até que o homem com quem havia jantado na noite anterior, saísse. Quando aconteceu, porém, não foi o alívio que me tomou e sim o ciúme. De forma desproporcional e ilógica.

Esse mesmo sentimento foi o que me empurrou até o estúdio. Levando-me a entrar, sem bater na porta, a qual Georgia sequer havia se dado ao trabalho de fechar ainda. Agindo como um lunático, eu procurei por sinais no interior da sala de que a monstruosidade a correr por minha cabeça tivesse acontecido. Eu não queria acreditar, mas era descrente de tudo quando se tratava dessa mulher.

— Adam? — Georgia congelou, ao voltar do quarto. O rosto bonito mostrava-se limpo de maquiagem e qualquer indício de que outro homem a tenha beijado.

Vestida com a mesma roupa em que a vi mais cedo, a mulher hesitou. Seus olhos azuis fitaram-me como se não entendesse o que eu fazia em sua casa depois da discussão que tivemos.

Para falar a verdade, nem eu entendia.

— Nós não estamos fazendo *isso*. — Apontou para nós dois, referindo-se ao que sempre acontecia quando estávamos

perto um do outro.

Discussões acaloradas, seguidas quase sempre de sexo explosivo.

— Acho que estamos sim, a começar com você me explicando o que Michael queria.

Seu olhar se tornou violento, diria até que insano.

— Não começa, não me venha com a porra de um ciúme sem sentido. Ou sei lá como você chama o direito que acha que tem sobre mim, Adam. Michael é um amigo.

— Amigo? — reagi, ao explodir. — Onde esteve seu exímio amigo quando precisou dele?

— Eu poderia te dizer o mesmo. Onde você esteve quando precisei de você? — insinuou ao erguer o queixo, e apontar o dedo magro em meu peito, gritando antes mesmo de eu lhe responder. — Você estava nos braços dela, Adam! Sem se importar com o meu coração quebrado, ou com o fato de que, de repente, eu já não tinha ninguém ao meu lado, seu filho da puta! — Agressiva, ela reagiu, empurrando-me, sem realmente me tirar do lugar. — No dia em que os vi juntos, eu perdi a minha melhor amiga, a pessoa que eu mais amava nessa vida. Perdi Michael e o único lugar em que me sentia segura. E eu perdi você. Você e o nosso filho.

— Você o tirou, é muito diferente.

— Você está certo, eu o tirei. Agora se já falou o que queria... — Georgia não protestou, ou tentou se defender, soando tão cansada que a sua vulnerabilidade acendeu um alerta ruim em minha mente.

— Não. — Eu a impedi de se afastar, e por estar perto notei o quanto Georgia se encontrava pálida. — Preciso que me diga o que Michael representa em sua vida. E se há, mesmo que a mínima chance, de ele ter sido o pai do bebê que esperava.

— Sai! — ela gritou, surpreendendo-me pela força e pela coragem de, dessa vez, me bater. — Vá embora e nunca mais volte. Porque eu juro, Adam, estou cansada. Eu não suporto mais...

— E você acha que eu suporto? Tudo o que te peço é a verdade, porra. Você foi embora e me deixou sem nada, me deixou por anos. Então apenas me diga o que te peço.

— Ele era seu — repetiu, de forma fria. — Mas eu não vou gastar o meu tempo tentando te convencer de mais nada. Porque sei que tudo o que eu disser, cada tentativa de te fazer acreditar nas coisas que te digo, será distorcido pela sua mãe. Grace sempre encontrará um jeito de mexer com a sua cabeça e o colocar contra mim.

— Não sou influenciável como pensa.

Georgia riu, ressentida.

— Então você acredita porque quer... e porque é incapaz de me querer. Você não tem coragem para ficar comigo, Adam. Essa é a maldita verdade.

— Você percebe que toda essa história não faz sentido algum? Se era meu, por que não ficou e tentou me convencer? Eu teria...

— Faz tanto sentido tudo o que digo, mas tanto... que, se ainda não entendeu, pergunte a sua mãe. Faça com que ela te conte a verdade! — esbravejou. — Porque foi Grace quem

encheu a minha cabeça de coisas, dizendo que você me odiaria. Que eu me tornaria a Darana e que o meu filho nunca teria o amor do pai. — Dei um passo atrás, sacudindo a cabeça de um lado ao outro. — Adeline e Grace falaram tanto, e por tantos dias, que eu tive medo.

— Você está mentindo. — Só podia ser mentira.

*Grace jamais... merda!*

— Além de garantir que o seu filho não viesse ao mundo, a sua mãe também me ofereceu uma saída. Esfregou uma montanha de dinheiro na minha frente, jurou que me ajudaria. Que eu teria uma chance de realizar todos os meus sonhos, se eu fosse embora — revelou, baixo. — Por um ano inteiro, Adam, ela me ajudou mesmo. Enviando-me dinheiro, dando-me suporte para que eu pudesse terminar o colégio. Mas esse foi o dinheiro mais caro que já tive em minhas mãos, porque ele me custou você, a Hannah... e, principalmente, o meu filho.

Incapaz de emitir qualquer som, eu me sentei.

Meu cérebro estava entrando em parafuso, caralho!

— Ao contrário do que me disse ontem, eu nunca tive uma escolha, porque Grace garantiu que eu não a tivesse — continuou a falar. — Quando entrei com ela naquela clínica, eu pensei em desistir. Deus, eu cheguei a me levantar e falar que não queria! Sabe o que sua mãe fez? Ela segurou o meu braço com tanta força, que as marcas de suas unhas ficaram em minha pele por dias. Então, ela me levou até a cadeira e me forçou a sentar. Dizendo que, se eu não fosse em frente, ela tornaria a minha vida um inferno. A começar comigo sendo enviada para algum lar adotivo, já que a minha mãe era uma merda de ser

humano. Não satisfeita, sua mãe ainda usou o meu amor por você para me convencer! — Georgia se aproximou de onde eu havia me sentado e se abaixou forçando-me a encará-la. — Você acha que esse lugar é muito? — referiu-se ao estúdio. — Ele não é nada, Adam. Porque Adeline e Grace, e toda essa maldita cidade, me devem muito mais! — Prestes a se levantar, eu a agarrei pela nuca, fazendo-a me encarar de volta.

Nem que fosse pela última vez.

— Vá embora — grunhiu em um murmúrio, armando-se contra o meu ataque em um esforço claramente inútil.

Porque, no instante em seus lábios voltaram a se entreabrir, eu não me contive. Principalmente, porque dar a Georgia o que ela queria naquele momento teria me matado, então eu a beijei com uma sofreguidão e violência que beiravam o tamanho da raiva a me corroer.

A língua ferina duelou comigo, em um beijo resistente. Ainda que ela inteira se mostrasse vulnerável, a um passo de desistir. Debatendo-se contra o meu peito, e as mãos que a agarravam pelo cabelo, Georgia tentou virar seu rosto, impedir-me de beijá-la. O que só foi conseguir quando, junto das batidas de seus punhos, eu notei o seu choro.

Com o impulso de suas tentativas e a rapidez com que a soltei, Georgia caiu para trás. Seus olhos estavam cobertos por uma decepção que só vi em seu rosto uma única vez em minha vida: no dia em que descobriu sobre Hannah.

— Essa foi a última vez que você beijou a minha boca!

Tentei segurá-la, falar com ela, mas Georgia simplesmente se afastou do meu controle, rejeitando, inclusive, ajuda para se



levantar.

— E se não quer que eu faça um escândalo, Dr. Preston, você sabe o que tem que fazer.

*Ir embora.*

Levantei-me confuso, procurando por algum pedido carente de seus olhos, mas não havia nada. E ainda que ela se mostrasse resoluta eu me detive na porta, ciente de que, no instante em que saísse, não haveria volta.

Tudo em que consegui pensar era que eu não suportaria outros dezessete anos longe dessa mulher.

Procurei-a com o olhar, e teria voltado apenas para gritar tudo o que seguia entalado em minha garganta, se não fosse a expressão em seu rosto dizendo-me que ela já não tinha forças para escutar o que fosse da minha boca.

Estava tão perto da queda, que até mesmo o vento mais leve a faria desmoronar.

Fui embora, como me pediu, mas a sensação que tive ao descer aquelas escadas era a de que eu tinha acabado de ter o meu maldito coração arrancado de dentro do peito.

O que foi muito pior do que a dormência em que Hannah o havia deixado.

**23**

## **Georgia**

Quando a porta se fechou atrás de Adam, minhas mãos buscaram auxílio no encosto do sofá enquanto o meu corpo barganhava comigo sobre o quanto seria fácil deslizar até o chão e simplesmente desistir. Ainda que estivesse anestesiada por dentro, não querendo ver e falar com ninguém, eu me obriguei a tomar um banho quente, vestir uma roupa qualquer, comer algo somente para ser capaz de me manter de pé e ir trabalhar, temendo o que aconteceria caso eu ficasse sozinha.

Ethan percebeu que algo ia mal no instante em que me viu atravessar a porta do *pub*, enchendo-me com tentativas de falar comigo, mas não o escutei. A verdade é que a maior parte da noite passou como um borrão. Eu não me lembrava do que foi dito, muito menos do que ouvi.

Não era a dormência com a qual eu estava acostumada, era pior. Porque sentia como se já não houvesse esperança, tentei de tudo e de todas as formas possíveis. E nunca foi suficiente.

*Por que eu deveria continuar? Insistir nos mesmos erros?*

Com a chuva caindo de forma tão trágica quanto a minha vida, eu caminhei pelas ruas sem pressa alguma, deixando-me encharcar com os pingos grossos vindos do céu. Em frente ao estúdio, afundei as minhas mãos no casaco de Adam e olhei para o alto. Não havia estrelas ou lua, nenhum sinal de vida que não o choro sendo derramado pelo meu rosto.

Talvez eu não fosse tão *resistente* assim, pensei ao empurrar o portão de ferro e subir as escadas molhadas pela

chuva. Odiando a ideia de passar outra noite sozinha.

Já nos últimos degraus, procurei pela chave na pequena bolsa que costumava carregar sempre comigo. Estava tão distraída com o montante de tralha, que por muito pouco não notei a aproximação de uma sombra que tinha estado escondida atrás das plantas de Adeline. Meu olhar, assustado, percorreu as botas pesadas e a calça escura até que foi impossível ignorar o meu cérebro gritando.

*Connor tinha me encontrado.*

O pânico me invadiu com a mesma velocidade com que o reconheci. O cabelo preso, jogado para trás e empastado por gel; a barba por fazer e o bigode; e o olhar de quem não gostou nem um pouco de ter sido abandonado.

Eu já senti medo antes, por diversas vezes, mas nunca como naquele momento. Porque, de forma instintiva, o meu corpo lembrou o peso da mão de Connor. A facilidade com que o desgraçado me derrubou no chão e... me machucou.

*De forma visível e não.*

O pavor em que me encontrava, deu ao infeliz a oportunidade de me alcançar. Puxar-me pelo braço com tanta força que o meu cérebro entrou em curto-circuito.

— C-Connor — gaguejei.

O infeliz sorriu, fazendo-me sentir o cheiro forte de cigarro e colônia masculina.

— Acho que está na hora de voltarmos para casa, minha rainha. — Sacudi a cabeça, porque essa era apenas a última coisa que eu faria na vida.

Voltar para aquele inferno.

Uma de suas mãos envolveu o meu braço enquanto a outra, que ele usou para puxar o meu cabelo, fez com que eu me encolhesse. A repulsa tornou-me impulsiva. E, sem pensar nas consequências, eu passei a lutar com o filho da puta, que não me soltou nem demonstrou sentir qualquer intensidade de dor.

Apenas sorriu, como o demônio que era.

— Eu não vou voltar com você. Não depois do que fez comigo. — Posso não ter amado o Connor, mas confiei nele a minha segurança.

— Não seja ingrata, sua vadia! — rosnou, enfurecido. — Eu te arranquei de um buraco, te dei tudo!

— Me solte! — implorei, começando a me desesperar. — Eu fui embora por uma razão, e não posso acreditar que tenha vindo até aqui para... — Sacudi a cabeça de um lado ao outro, nervosa. — Acabou, Connor, que parte disso você ainda não entendeu?

Senti a dor em meu couro cabeludo quando o infeliz intensificou o aperto. Tentei impedi-lo de continuar o que fosse que ele pretendesse fazer com minhas mãos.

— Só vai acabar quando eu disser que acabou, Georgia. Somente quando eu disser.

Connor empurrou a boca contra a minha, causando-me asco. Bati em seu peito, temendo que fosse inútil, e quando tentei me afastar ele me agarrou completamente, deixando-me sem escapatória.

— Pare! — implorei, outra vez. — Eu não quero... por favor...

A última vez que estive com esse homem foi a pior coisa que me aconteceu. Eu tremia só de imaginar.

— Se você voltar comigo, eu prometo que nunca mais encosto a mão em você... tudo voltará a ser como antes.

— Eu volto! — Tentei barganhar, desesperada. — Só me solte, por favor. — Encarei-o, desesperada ao sentir seu toque pelo meu corpo. A direção em que sua mão descia...

O grito, que para ele, pareceu uma rendição; para mim, foi apenas uma tentativa de pensar em uma saída.

*Como correr sem que o infeliz viesse atrás de mim? Ou pior, sem que eu terminasse machucada?*

— Que idiota você pensa que eu sou? — ele gritou, e se possível, eu me encolhi um pouco mais. Porque junto com a voz grave e cheia de fúria, eu senti o tapa violento em meu rosto, que me deixou desnorreada, a cabeça zonha.

Com as mãos ainda em meu cabelo, eu tentei me empurrar para longe, já que o maldito não iria me soltar. Meu rosto doía como se tivesse sido esmagado, mas Connor não parou levando-me ao chão com um chute.

Eu teria suportado a dor, se ele tivesse parado aí. Mas esse homem nunca soube o limite para nada. Tudo nele era um exagero sem fim. A forma como gastava seu dinheiro, como bebia. E era possessivo.

Encolhi-me a cada vez que fui acertada, meu cérebro já não funcionava. Tudo o que eu conseguia pensar naquele momento era... que tinha sido *disso* que eu fugi, desse homem.

E do mesmo destino que Darana teve.

— C-Connor... por favor... — Um gosto alcalino encheu a minha boca, um gosto que me lembrou sangue. Tive medo de descobrir, concentrada demais quando Connor ajoelhou-se e se aproximou lentamente, deixando-me arrepiada.

Segurando o meu rosto com força, Connor voltou a me beijar, forçar sua boca na minha enquanto me tocava. Em todos os lugares. Olhei para cima, para longe dele, tudo parecia embaçado demais.

A vontade de vomitar surgiu de repente. Se pelos chutes que levei, ou pelo nojo que sentia, eu não saberia dizer. Não naquele momento. Com meus olhos turvos, e a boca cheia com algo que pareceu me encharcar de dentro para fora. Até respirar fundo doía.

— Se não fosse tão teimosa, minha rainha, nada disso estaria acontecendo. — Tentei chutá-lo, tirar o infeliz de cima de mim. Mas minhas pernas não me obedeceram.

Algo havia se rompido.

Esse foi o momento em que o peso de Connor foi retirado de cima de mim e empurrado para longe. Vozes alteradas foram ouvidas, senti que alguém chamava o meu nome. Exigindo saber como eu estava.

Exigindo a minha atenção.

Mas também não fui capaz de responder.

Por isso forcei os meus olhos a se manterem abertos, enquanto tudo ao redor saía de foco rapidamente. Menos a voz dele.

A voz de Adam foi o que me impediu de chorar. De sucumbir ao medo que eu sentia.

Desorientada, eu tentei olhar para ele. A briga entre os dois, deixando-me preocupada porque se o sangue no rosto de Connor fosse um sinal, é de que Adam estava furioso.

— *Baby?* — ele chamou, dividido entre manter Connor sob controle para que não escapasse, e me socorrer.

O instante de hesitação, foi o que deu ao filho da puta do Connor a chance de o empurrar e fugir. Adam o teria seguido, se não fosse por mim.

E, ao se aproximar, o desespero em seu rosto fez aumentar o frio que eu sentia. A sensação de estar afundando em gelo, fazendo com que meus dentes batessem um no outro. Alterado, Adam abriu meus olhos, querendo enxergar as minhas órbitas, medindo o meu pulso enquanto ligava para a emergência e gritava com alguém no outro lado da linha.

— Ela está sangrando! Se for uma hemorragia...

Desejei ser capaz de perguntar ao Adam porque a sua mão, a verificar os meus sinais vitais, tremiam tanto. Se ele também sentia o frio a me paralisar. Mas não consegui.

Tomada pela dor, eu mal senti o toque da mão quente e macia, envolver a minha com suavidade. Um toque feminino, que me fez virar o rosto na medida do que foi possível, até ser capaz de vê-la...

O pânico que ainda sentia pareceu desaparecer rapidamente, conforme Hannah se aproximou.

— Han-Han — gemi o seu nome, vendo-a sorrir com olhos imensos de tão azuis. Havia paz em seu rosto, uma serenidade que me acalmou.



Só poderia ser loucura, ou talvez... talvez fosse mesmo Hannah a minha frente. Mas em outra dimensão. O que significava que...

— *Vai ficar tudo bem* — ela disse, baixinho, ao notar que fiquei agitada. — *Só fecha os olhos, Gigi, faça isso.*

Quis perguntar por que, mas ela era a Hannah, a minha melhor amiga, a garota que prometeu que sempre cuidaria de mim.

Em algum lugar, que agora parecia longe demais, a voz de Adam tentou me alcançar, exigindo que eu permanecesse acordada. O que ele não entendia era que doía muito mantê-los abertos.

— *Se você fechar, não vai doer mais* — Hannah garantiu, e foi por confiar nela que os fechei.

A dor, o medo e cada sentimento ruim foi se esvaindo conforme o mundo ao meu redor se apagava.

**24**

## ***Adam***

Impedido de continuar com a equipe médica, eu me afastei antes que o segurança do andar intervisse. Não era a primeira tentativa que fiz em entrar a fim de me certificar de que Georgia seria avaliada com a devida atenção. A incerteza era tamanha, que nada me arrancava da cabeça a vontade de estar ao lado dela. Segurar a sua mão e nunca mais soltar.

A lembrança de Georgia caída naquele chão seria algo que me assombraria pelo resto da vida. Desde o rosto machucado, até o sangue que pareceu cuspir, e que fora provocado pelos chutes que levou em seu abdômen e sabe-se lá aonde mais.

*Que tipo de monstro fazia algo assim?*

E pensar que, se eu não tivesse chegado naquele momento, o final poderia ter sido infinitamente mais trágico. Porque eu não acho que Connor teria parado, não até que Georgia estivesse estuprada ou pior, morta.

Ter estado ao seu lado, enquanto ela convulsionava pelas lesões internas que eu não tinha ideia de qual era a gravidade ainda, deixou-me louco. Georgia perdeu a consciência na minha frente, comigo implorando para que se mantivesse acordada.

Porque eu sabia, porra, o que viria depois.

Como médico, era impossível não prever cada consequência e risco que essa mulher corria nesse momento. *Hemorragia interna*, era o nome do bicho de sete cabeças com que tínhamos que lidar. E eu estava torcendo para que os vasos e órgãos atingidos não tivessem sofrido danos graves. Em casos

brandos, não havia sequer a necessidade de uma intervenção cirúrgica.

Mas em casos como o de Georgia, em que o seu abdômen se encontrara rapidamente escuro pelo acúmulo de sangue na região, eu não saberia dizer se mantê-la em observação seria o bastante. Se não fosse tudo, havia a uma centelha de dúvida a me corroer.

A possibilidade de que ela tenha sofrido algum trauma craniano ao ser jogada no chão. Seus olhos estavam turvos, e ela cuspiu sangue demais ao tentar falar. Eu gritei isso aos médicos, só esperava que os infelizes me ouvissem.

*Merda, eu deveria entrar!*

A certeza me dominou, mas qualquer tentativa em estar com Georgia agora apenas provocaria mais danos. Não importava se lá fora, eu era conhecido por ser o *curador de corações*, aqui, nesse exato momento, eu não era ninguém.

Localizado a cerca de vinte quilômetros de *East Village*, o Hospital Geral era o único da região a atender emergências com essa gravidade. Ainda assim, enquanto os paramédicos a traziam para cá e prestavam os primeiros-socorros, já na ambulância, eu precisei do dobro de esforço para não os empurrar e fazer eu mesmo o que precisava ser feito.

*Han-Han.*

Foi esse o nome que Georgia chamou antes de perder a consciência, o nome da minha esposa!

Sufocado pelo momento, eu andei de um lado ao outro. Pensando, pela milésima vez, o que teria acontecido se tivesse ignorado a chamada Ethan esta noite. A discussão que tivemos

ao telefone, e a acusação do infeliz sobre eu estar a um passo de empurrar Georgia a um precipício, voltou à mente.

Foi o seu telefonema que me fez dirigir até o estúdio, àquela hora da noite. Isso, e a conversa tida com Scarlet de tarde. Confirmando o que eu já suspeitava: Georgia pediu a receita.

Agora, se ela chegou a tomar um único comprimido do frasco prescrito, era outra história.

Irrequieto, eu deixei a ala de emergência e com um esforço descomunal, ignorei os dados e estatísticas clínicas que conhecia sobre casos semelhantes aos de Georgia. Tentando não entrar em desespero por ter me tornado outra vez, aquele que está do outro lado, à espera de informações e sem garantia alguma.

Ao limpar o sangue de meu punho em um dos banheiros do hospital, eu encarei o rosto cansado através do reflexo do espelho desejando recuperar o controle da minha vida. Enquanto não era possível, concentrei-me em retirar os respingos de sangue que haviam sujado a camisa que usava. Sem realmente me importar, se conseguiria ou não.

Não saber o que encontraria ao voltar até o corredor, deixava-me nervoso. A parte dentro de mim, que sempre pertenceu a Georgia, insistia em predizer que eu não suportaria passar tudo isso de novo.

Diferente do que aconteceu com Hannah, eu não tive a oportunidade de dizer metade do que deveria ter dito àquela mulher. Todas as palavras entaladas na garganta, as verdades não ditas! Faltou-me coragem de sentar como dois adultos, e

termos uma conversa definitiva sobre tudo, mas principalmente sobre o nosso filho.

Como ela sobreviveu longe de mim. O que fez.

Estive com Georgia por semanas e a impressão que tinha era a de que eu não sabia nada a respeito dela. Eu... eu amava um fantasma.

Porque era isso o que eu sentia por aquela mulher! *Amor*. Ainda que eu o tenha ignorado a maior parte da minha vida por razões que iam além do meu casamento e das escolhas que fiz.

Todas as expectativas jogadas sobre as minhas costas, quando eu ainda era a porra de um garoto. Grace, meu pai. Em seguida, Hannah. Por quem me encantei ao perceber que ela era tudo o que o homem que me tornaria precisava em sua vida, mas também por ser justamente o oposto de Georgia em tudo.

Hannah foi perfeita para o Adam que eu fui. Mas eu não era mais aquele homem, caralho, e não estava disposto a passar outros dezessete anos da minha vida... sem escutar o meu coração. Meus desejos mais profundos e íntimos.

Sem outra opção, eu voltei até o corredor de espera, deparando-me com Ethan, a quem telefonei assim que foi possível e que ficou responsável de garantir que o xerife Bob fosse atrás de Connor. Um olhar em sua direção bastou para que eu me desse conta de que ele demonstrava a mesma impaciência que eu sentia.

— Alguma novidade sobre o quadro de Georgia? — inquiriu, como se a resposta estivesse comigo.

Voltei a explicar o que havia acontecido, em detalhe, ainda que me exigisse muito dizer em voz alta tudo o que presenciei.

Ethan, por sua vez, me informou sobre o pai e a garantia de que ele acionaria as viaturas locais para dar início a uma busca pelo agressor. Não que a ideia de ver Connor atrás das grades me fosse agradável.

No fundo, não era em uma prisão que eu o desejava ver. E sim morto.

Revidei ansioso cada hematoma que ele causou em Georgia, e foram muitos, mas não pareceu ser suficiente. O desgraçado estava aí fora, em algum lugar, enquanto ela... estava aqui.

*Machucada. Ferida pelas mãos de um filho da puta!*

— Adam, se estiver escondendo alguma coisa, por menor que seja... eu não vou te perdoar! Georgia é... — Eu o encarei, à espera que continuasse. — Ela é uma amiga, e eu estou preocupado.

*Ele não era o único.*

— Não tenho como te dar certeza de nada agora, Ethan. O quadro dela é instável, isso ficou claro, mas... se ela vai passar ou não por uma cirurgia? Eu não tenho como afirmar.

— Ela corre o risco?

— Digamos que as chances sejam grandes de que ela precise, mas talvez seja só a minha mente trabalhando em excesso. — Querendo se certificar de cobrir todas as áreas e possibilidades.

— Eu sabia que algo assim aconteceria, esse filho da puta ligava para ela, sabia? Enviava mensagens pedindo desculpas, a chamando de *minha rainha*. O filho da puta é um doente por

controle, que a tratava como uma boneca. Desde que ela fizesse tudo o que ele queria... — *Tudo estaria bem.*

— Como ele descobriu sobre ela? Quero dizer, se Georgia fugiu...

— É o que venho me perguntando. — Ethan deu de ombros. Sério. — E Adam? Dado a proximidade de Michael com Georgia, eu tomei a liberdade de informar a ele sobre o ocorrido. Como advogado, ele saberá o que fazer melhor do que nós dois. — Assenti, insatisfeito com a interferência, principalmente porque Michael fora uma das razões pela qual Georgia e eu discutimos.

Envolvido pelo esgotamento, eu pedi licença a Ethan precisando mais do que nunca ficar sozinho.

Afastei-me, sozinho, andando pelos corredores como se o ato me ajudasse a pensar. Ao me dar conta de que não adiantaria, eu me ancorei como um homem perdido o teria feito. Levei tanto tempo procurando por razões para não desejar Georgia, para não estar ao seu lado, que me esqueci de como era *não estar*.

Revivi o desespero mudo que me tomou desde o dia em que ela fugiu, tantos anos atrás. Mas, dessa vez, como um homem adulto que desejava a mulher que ela se tornou.

— Caralho, *baby!* Como pude ter sido tão cego?





Quarentena e oito horas se passaram em um piscar de olhos, e o quadro clínico de Georgia se agravou com extrema rapidez. Como suspeitei, ela sofreu um caso moderado de traumatismo craniano que, ainda assim, exigiu que a levassem para uma cirurgia de urgência, que, após complicações, a deixou sob o efeito de uma sedação pesada.

Disseram para que eu me acalmasse, que a equipe médica sabia o que estava fazendo. Depois, me pediram paciência. E agora, os filhos da puta que a operaram insistiam para que eu não a transferisse de hospital.

Exames foram refeitos após a cirurgia, desde os mais simples até os mais complexos. A hemorragia encontrada fora controlada após o procedimento e até mesmo o especialista neurológico enviado por Frederick alegou que não havia razões para que o quadro clínico de Georgia se mantivesse instável.

O que ele permaneceu.

No final do quarto dia, a única coisa que consegui pensar era que Georgia continuava perdida em seu próprio mundo.

Como se não quisesse voltar.

Estive em casa por diversos momentos, mas sempre acabava voltando. Com Ava responsável pelas meninas, que já haviam retornado às aulas, eu consegui manter Grace afastada delas tanto quanto foi possível.

*Grace...* pensar nela deixava-me furioso. E por razões, que até aquele momento eu não tinha tido a oportunidade de compartilhar com ninguém. Mas eu iria, muito em breve.

No quinto dia, sentado em um dos corredores do hospital, eu notei a aproximação de Michael, que, de modo estranho,

esteve ao redor desde que Ethan o avisou sobre o acidente de Georgia. Pouco nos falamos, nosso assunto principal tendo se tornado os pormenores do caso. Connor, preso na mesma noite em que tentou fugir, e suas tentativas em se manter fora da cadeia. E claro, Georgia.

Sobre ela nós dificilmente falávamos mais do que a respeito de sua atualização diária. Mas a verdade é que parecia haver muito a ser dito entre nós dois. Ambos estávamos cientes de que aquele não era o melhor momento ou lugar.

— Estive na delegacia — informou ao se sentar do meu lado, completamente sério. — Connor acionou o advogado e pagou fiança. A versão dele continua a mesma...

*Não era possível!*

— Ele ainda nega?

— Até que Georgia acorde e confirme com os policiais que foi *ele* o agressor, é apenas a nossa palavra contra a dele.

— Filho da puta! Mas e a minha palavra? Eu o tirei de cima dela, e sabe-se lá o que poderia ter acontecido se eu não o tivesse feito!

— Se acalme, ok? Não é o fim ainda, ele pode ser indiciado quando ela acordar, eu, como advogado, farei o que estiver ao meu alcance para que os responsáveis paguem pelo que fizeram a ela...

— Responsáveis? — Michael me encarou com cuidado.

— De acordo com Connor, ele só ficou sabendo a respeito do paradeiro de Georgia através de um telefonema.

— Grace. — Só poderia ter sido ela.

— Foi o que eu imaginei, aquela mulher nunca olhou para Georgia com bons olhos.

— Nem o senhor, certo? — Michael me encarou, a expressão séria em seu rosto, dizendo que ele sabia exatamente ao que eu me referia. — Toda essa sua preocupação, as visitas! Até agora eu não entendi o porquê tem se mostrado tão disposto a ajudá-la.

— Eu poderia te perguntar o mesmo, por que insiste em ficar quando todos sabem que Georgia não foi a sua escolha?

A garganta, assim como o meu peito, apertou.

Mas, dessa vez, não era somente a culpa a me dominar, e sim o arrependimento.

— Não quero que ela esteja sozinha. — Ou que pense que não tem por quem voltar.

*Porque tinha.*

— Georgia não está sozinha — garantiu, com autoridade. — Estou aqui por ela, então talvez seja melhor que vá para casa. Você tem um trabalho, filhas para cuidar... e já fez um estrago grande demais na vida dela.

Olhei-o com uma raiva, querendo entender exatamente onde Michael pretendia chegar.

Talvez fosse o estresse dos últimos dias, o cansaço físico e mental, ou, então, apenas a paciência que estava em meu limite. A questão aqui, era que nunca quis tanto uma boa razão para entrar em uma briga como agora.

— Você está aqui por ela? — indaguei furioso, ao me levantar. — Por quê? Georgia tem a idade de Hannah, Michael, e ela poderia ser a sua filha, porra!

Como se tivesse acertado em cheio, Michael também se levantou. Eu só não esperava que, junto com a sua resposta, viesse também o maior mistério da vida de Georgia.

— Mas ela é — declarou, baixo. — Georgia é a minha filha, Adam. O mais nojento é que você pense que eu estaria aqui por qualquer outro motivo quando nunca faltei com respeito a ela. — Enrijeci, confuso pra caralho. — Há muito tempo, eu cometi um erro com a minha família, e outro com Georgia. Não consegui remediar com Hannah e Lilian, elas se foram antes que pudéssemos estar todos juntos, mas eu ainda tenho Georgia e não vou permitir que você a machuque outra vez.

*Michael era o pai de Georgia.* Fui arrastado até o passado, recordando o seu olhar de preocupação. Percebendo que havia compreendido tudo errado, que me deixei envenenar por Grace e os absurdos que aquela mulher criava.

O ciúme aplacou naquele momento. Mas não a raiva.

— Hannah sabia? — exigi saber passando a mão através do meu cabelo, como se já não o tivesse feito milhares de vezes desde que pisei nesse hospital.

— Semanas antes da minha filha partir, eu contei. — Esse foi o motivo pelo qual a minha esposa quis tanto ver Georgia, então.

Hannah sabia que elas eram irmãs, mas não teve sequer a preocupação de me contar.

*Merda!*

— Você é a porra de um filho da puta, Michael. Assistiu a tudo o que Georgia passou quando criança e nunca fez nada

para salvá-la daquela infeliz! Ela passava fome, e era espancada por todo e qualquer motivo. Como pôde assistir a tudo calado?

O homem se revoltou, ao ter a verdade jogada em sua cara.

— Não fui o único que a deixou sozinha, fui?

— Você era o pai dela, e eu...

— Você era o garoto que a Georgia amava, Adam. Ou acha que eu teria permitido que ficassem juntos se soubesse que, no final, você a teria machucado como fez? Eu pensei que você realmente se importasse com ela.

— Mas eu fiz. — E todos os dias desde que a conheci, ainda que não tenha descoberto como demonstrar.

*Ou como a salvar.*

Atordoado, eu lhe dei as costas retirando os óculos por alguns instantes enquanto pressionava a cabeça tomada pelo estresse.

Não satisfeito, Michael se aproximou com o tom de voz baixo, para evitar chamar a atenção.

— Não aja como se fosse melhor do que fui, Dr. Preston. Porque você, sozinho, quebrou o coração das minhas duas filhas! Sequer acredito que tenha conseguido amar alguma delas de verdade.

— Eu amei.

— Mas amou a mulher certa? — A pergunta me dilacerou, rasgou-me por dentro. — Ou apenas ficou com a que correspondia a suas altas expectativas? — Ao perceber que havia encontrado o meu ponto fraco, ele continuou: — Como falei anteriormente, eu não o quero aqui. Você fez estrago suficiente

na vida de Georgia; e se o que escutei for verdade, nada mudou. Você ainda está brincando com ela...

*Nunca foi brincadeira.* Meus beijos, o meu toque. O sexo que fizemos. Sempre foi muito sério para mim. Tão sério, que agora eu queria gritar para Michael que fosse se foder, que Georgia era minha e nunca deixou de ser. Mas ele estava certo, havia muito em jogo.

A vida dela, por exemplo.

E era por essa razão que eu não sairia.

— Lamento ter que ir contra o que me pede, Michael. Mas eu não vou deixar vir até aqui, porque você decidiu, tarde demais, se prestar ao papel de pai. Como médico, e como o homem... que se importa com a sua filha, eu ficarei e virei sempre que eu quiser. Não vou sair de perto de Georgia a menos que ela me peça, me ouviu?

— Se você se importasse com ela, teria cuidado da minha filha, Adam. Antes, agora. Percebe que tudo de ruim que aconteceu a Georgia, foi por sua causa?

— Você não pode me culpar por tudo, o que Connor fez... não tem nada a ver comigo!

— Se você a tivesse amado, como ela te amou, Georgia teria aprendido a não receber menos do que merece de qualquer homem.

— E se você não tivesse a abandonado, ela não teria crescido tão carente por amor. Não tente jogar toda a culpa sobre as minhas costas, Michael. Porque eu sei muito bem pelo que devo me culpar.

Michael engoliu em seco, também atingido. Não havia inocentes entre nós dois.

— Você não é o único, a diferença é que *eu* estou disposto a corrigir os meus erros.



Ao dirigir para casa naquela tarde, acabei descobrindo por Ava que Grace havia buscado as meninas ainda pela manhã e as levado para a sua casa. Fiz o caminho inverso do de todos os dias, frustrado por não ter um minuto de paz. Essa não era a primeira vez que ela me desafiava no que se referia às minhas filhas.

*Mas seria a última.*

Ao descer do carro, eu a encontrei sentada na varanda com as meninas ao redor. Charlotte de um lado, absolutamente séria. Essa era a forma como vinha se mostrando na frente da avó desde o dia em que a irmã chegou chateada em casa. Do outro lado, se encontrava Amber. O olhar distante do meu, agindo como se já não soubesse em quem acreditar ou confiar. Minha filha não me perdoou pelo que, *em sua cabeça*, fora um ato de traição para com ela e a sua mãe. A verdade é que por muito tempo eu também não me perdoei.

Até que dia após dia, afundado na poltrona daquele hospital, eu comecei a me dar conta de que Georgia estava certa:

*Eu fui dela antes de ser de Hannah.*

— Charlotte e Amber, vocês poderiam me esperar dentro do carro?

Lotty foi a única a se levantar, mostrando-se animada. E teria seguido as minhas instruções, se Grace não tivesse aberto a boca maldosa.

— Achei que não fosse mais voltar, meu filho. As meninas estão há dias com Ava, não achei justo que fiquem tanto tempo sozinhas, por isso eu as trouxe. Afinal, eu sou da família, certo?

— Meninas. — Voltei a alertá-las, para que me obedecessem.

— Adam, elas são minhas netas! — rebateu, perdendo a linha, absolutamente nervosa.

— Suas netas e minhas filhas. E, como a senhora falou, elas já são grandes e conseguem perfeitamente distinguir o certo do errado. Agora, se puderem ir, meninas, eu e a avó de vocês temos que ter uma conversa.

— *Convesa* séria, papai? — Charlotte perguntou, mostrando-se discretamente ansiosa diante da possibilidade de me ver puxando a orelha da avó.

— Sim, Lotty, uma conversa bem séria.

Minha filha olhou para a avó, querendo sorrir.

A pequena pestinha não me enganava, ela podia falar e sentar-se ao lado de Grace, mas estava cada vez mais claro que algo a incomodava.

Ao se afastarem, minha mãe não teve a decência ou o cuidado de esperar para que estivessem a uma distância segura antes de perguntar.



— Então, *sua amiga* já acordou? Ou decidiu encarnar de vez a *Bela Adormecida*... e se manter desacordada.

— Não brinque com essa merda!

— Vejo que precisa descansar.

— Você se ouve, porra? — O estrondo da minha voz fez com que Grace olhasse por sobre os meus ombros. Claramente as minhas filhas nos haviam escutado. — Não acha que já interferiu o suficiente na minha vida, Grace? Como pode não enxergar o que tem feito? — Ela engoliu em seco. — E apenas para que saiba, Michael não vai deixar por menos o que aconteceu com Georgia. Agora mesmo o *avô das suas netas*, está fazendo o impossível para ligar você ao telefonema que Connor que recebeu!

A possibilidade de que tenha sido descoberta a deixou pálida.

— Não tenho ideia do que está falando...

— Eu gostaria tanto de acreditar em você Sra. Preston, mas essa está longe de ser a primeira vez que me decepiono com as atitudes que toma. A única razão pela qual ainda estou na sua frente, tendo essa conversa... é porque eu quero deixar claro que, assim que Georgia sair daquele hospital, as coisas irão mudar. A começar pelo seu acesso as minhas filhas, me ouviu?

— Você não pode fazer isso.

— Eu posso. Como pai, eu posso tudo. Principalmente se for para protegê-las de sua influência — grunhi, nervoso, só não perdendo de vez a cabeça porque Charlotte e Amber assistiam a tudo. — Sabe o que eu nunca entendi? O que Georgia fez a você de tão grave...

— Não foi ela. Foi a mãe dela — revelou, de repente, deixando-me sem fala pela segunda vez no mesmo dia. Primeiro Michael, e agora isso.

O pior era ter a confirmação de que o problema começava e terminar sempre em Darana. *E onde a infeliz estava agora?*

Casada com o infeliz de um pastor lunático enquanto a sua filha sofria as consequências de cada uma de suas imprudências.

— O que Darana pode ter feito a você?

— Aquela mulher dormia com todos dessa cidade, meu filho. Acha que foi diferente com o seu pai?

— O casamento de vocês era perfeito. — Pelo menos, foi o que Grace gritou aos quatro ventos por anos. Defendendo a honra e o caráter do marido com tanto afinco, que nunca escutei qualquer pessoa tecer um comentário que fosse insinuando o contrário.

— Às vezes, uma mulher precisa engolir o próprio orgulho para proteger seu casamento, e foi o que fiz com o meu. Até o último minuto — falou, ressentida. — O problema é que, quando eu imaginei estar livre daquela família, você trouxe a *pobre e carente* Georgia para dentro desta casa. Mas aqueles olhinhos azuis, suplicantes por atenção, nunca me enganaram. Ela era como a mãe.

— Georgia nunca foi como Darana. — Doía dizer as palavras, porque foi exatamente esse o tipo de acusação que joguei na cara de Georgia no passado.

Tantos arrependimentos, tantas decisões erradas...  
*Caralho!*

Errei a cada vez que pensei estar fazendo o certo. Se tivesse apenas escutado o meu coração, muitos problemas poderiam ter sido evitados.

A começar, pelos que envolviam Georgia.

— Ela o está cegando outra vez, Adam. Como não percebe? — inquiriu. — Como não enxerga o que está acontecendo diante de seus olhos?

— Eu me recuso a ter essa conversa com você, Grace, chega! O que fez em comunhão com Connor foi a gota d'água!

— Você não tem como provar.

Grace respirou fundo, cedendo.

— Eu não preciso, Grace. Porque eu sei a verdade! — falei, me contendo.

Deixei-a tão nervosa, que Grace se entregou. Se por vontade própria ou desespero, eu não soube dizer.

— Eu só queria que ela deixasse a minha cidade!

— Essa cidade não é sua, caralho! — esbravejei, perdendo a paciência. E prestes a me afastar, eu me voltei a ela uma última vez. — Se eu fosse a senhora, começava a torcer pela plena recuperação de Georgia, caso contrário, *mãe*, não será somente por vandalismo e intimidação que será incriminada, será por assassinato.

Respirei fundo ao entrar no carro onde minhas filhas me esperavam. Estava tão cansado e nervoso, que foi impossível manter o controle na frente delas. Abaixar a cabeça, e lidar com a culpa, foi a reação mais perto do razoável que poderia apresentar naquele momento. Qualquer outra, teria, facilmente, as deixado assustadas.

— A *Georgia* tá dormindo ainda, papai? — Lotty perguntou, baixinho. — Ela não vai acordar mais?

— Ela vai — respondi, não querendo ter essa conversa com elas. Eu não estava pronto ainda.

— Mas a mamãe dormiu e nunca mais acordou. E se o mesmo acontecer?

Amber me encarou através do retrovisor, com seus olhos mais apavorados do que ela mesma admitiria.

— Georgia vai acordar, Lotty. Ela só precisa desse tempo para se curar.

Olhei para trás, virando o meu corpo na direção de Charlotte e a peguei pensativa, assimilando à sua maneira cada palavra que eu havia dito.

— Mas eu não entendo, papai... e se... — insistiu, mas a irmã a cortou.

— A mamãe tinha câncer, Charlotte. Georgia não, ela só está...

— Dormindo — ajudei, vendo que Amber estava a um passo de chorar. — Ela só está dormindo, me ouviram? — As duas assentiram diante da minha insistência.

Que essas palavras fossem, de fato, uma garantia de que, em breve, Georgia estaria de olhos abertos. Preenchendo os lugares com sua gargalhada, seus gritos, o tom rouco de sua voz. Qualquer particularidade única que aquela mulher possuía, e que tinha o poder de fazer com que eu me sentisse vivo.

— Georgia vai voltar — reafirmei, assegurando o impossível para as minhas filhas pela segunda vez na vida.

Esperando que, dessa vez, pudesse ser diferente.

**25**

## ***Adam***

Dois dias inteiros se passaram até que o quadro clínico de Georgia começasse a apresentar alguma melhora. Ínfimos sinais, que só foram se concretizar como um atestado definitivo de evolução em uma das últimas madrugadas que passei ao seu lado no quarto. Deitado desconfortável na poltrona – às vezes com um livro em mãos; outras, assistindo-a *dormir* como disse as minhas filhas –, eu perdia facilmente a noção do tempo. Dias, horas, minutos. Nunca parecia ser o suficiente.

Porque ao sair, e deixá-la sob os cuidados da equipe médica ou até mesmo a de seu pai, eu sentia como se, a qualquer momento, pudesse receber a pior das notícias. Apesar da estabilidade, o quadro de Georgia exigia cuidados dado a rapidez com que ela piorou antes.

E era esse, em específico, o motivo que fez com que o único momento em que não estava ao seu lado fosse aqueles em que Michael se revezava comigo. Ainda que ele continuasse insatisfeito com a minha presença.

Nos períodos que passei em casa, Charlotte e Amber, felizmente, mostraram-se compreensivas. A cada pergunta que me fizeram, porém, eu sentia que o meu ânimo diminuía. Algo que só mudou na madrugada em que o médico conversou comigo de igual para igual sobre a melhora em seus exames. Desde então, meu tempo foi passado quase que inteiramente nos corredores daquele hospital ainda que os médicos se mostrassem contrários a toda excessiva preocupação.

Sendo médico, eu compreendia a decisão deles; como paciente, não.

Na manhã seguinte à conversa com o médico, eu não fui capaz de afastar os olhos de Georgia. A possibilidade de que ela poderia acordar a qualquer instante, deixava-me nervoso pra caralho. E foi ao tentar controlar a sensação irrequieta, que direcionei toda a atenção a pequena cicatriz da cirurgia, localizada na lateral de sua cabeça. O punhado de mechas loiras que foram raspadas, não eram nada perto do que poderia ter lhe acontecido.

Sacudi a cabeça, inconformado. A intensidade das lesões, nada mais eram do que a confirmação de que Connor não havia espancado Georgia somente para machucá-la...

— Volte para mim, *baby*. Não faça essa merda comigo de novo — falei ao apertar suavemente a sua mão. — Fique aqui comigo.

*Eu ainda preciso de você.*

Naquela noite, depois de acordarmos com Ava que ela passaria a noite com Georgia, para que eu pudesse ter algum momento com as minhas filhas depois de dias diminuindo a carga de trabalho, dormindo pouco ou quase nada, e mal as vendo, Michael e eu recebemos o telefonema do hospital pedindo que fôssemos até o consultório do neurologista cuidando do caso.

Ironia ou não, talvez Frederick estivesse certo. Georgia precisava de tempo, que nos acalmássemos. E mais do que isso, ela precisava de espaço para se recuperar. Porque justamente

no dia em que seu pai e eu saímos de perto dela, aquela mulher despertou.

— Qual dos dois gostaria de estar com ela primeiro? — o médico perguntou, forçando-me a tomar a decisão mais difícil até aquele momento.

Eu recuei, entregando a Michael a oportunidade de estar com a filha antes de mim. Ele era a porra do pai dela, afinal.

— Entre primeiro. — Michael assentiu, surpreso, e se afastou. Estava coberto por uma apreensão nervosa que também me torturava.

Acalmando-me aos poucos, eu me sentei em frente ao quarto de Georgia, completamente exausto, mas também aliviado. O peso sobre os meus ombros, desaparecendo conforme lágrimas grossas e resistentes escapavam através de meus olhos.

Chorar não era fraqueza, era humano. E com a minha profissão eu havia visto muitos homens poderosos cederem à dor, eu mesmo já o havia feito no passado. Mas nenhum choro, nenhuma lágrima desceu tão carregada de promessas como as que chorei por Georgia naquele momento.



## **Georgia**

Na primeira vez em que Michael entrou no quarto vazio em que eu me encontrava, eu não fiz perguntas. Não me sentia pronta, porque tudo seguia um pouco confuso ainda. Mas eu o escutei chorar e aquilo partiu o meu coração. Na segunda vez, lembro de tê-lo escutado brigar com Adam.

A voz grave de Adam e a revolta de Michael, ecoaram tão fortemente dentro da minha cabeça, que acabou por me deixar nervosa. A ponto de uma das enfermeiras plantonistas ter que pedir para que eles saíssem. Na terceira vez que Michael entrou, eu já não tinha o efeito dos remédios em meu sangue, mas tinha raiva. Vergonha do que havia acontecido.

As lembranças do que Connor me fez não me deixavam dormir, ou encarar ninguém de frente. Eu sentia dor, mas não era somente a física, era dor por dentro... que dilacerava a alma. Fazendo-me questionar se não teria sido melhor que Connor tivesse acabado com tudo.

Se Adam não tivesse chegado naquele momento, talvez eu não sentisse nada agora. Apenas a tranquilidade que Hannah me trouxe ao segurar a minha mão.

E era às palavras dela que eu vinha me agarrando por todos esses dias.

*Se você fechar, não vai doer mais.*

O que fosse que aconteceu aquele dia, eu já não conseguia trazê-la de volta. Nem mesmo fechar os meus olhos,

como Hannah pediu.

Então os policiais vieram, fizeram-me perguntas sobre o antes e o depois. Alegaram que eles expediriam uma medida protetiva para impedir que Connor voltasse a se aproximar de mim. Em algum momento do futuro, eu teria de prestar depoimento para que ele pudesse ser indiciado pelo que me fez, e quando os nomes de Bob London e Grace Preston foram citados, nem Michael ou Adam fizeram nada para me impedir de os acusar do que havia me acontecido semanas atrás.

Por mais que tenha visto Adam ao redor, sempre tomando decisões e perguntando sobre o meu quadro clínico, nós não chegamos a conversar. Olhar para ele, doía. Fazia com que eu me sentisse exatamente o que esse homem passou anos me acusando: a bagunça problemática que a minha mãe fora.

Havia algo, no entanto, que eu sempre me lembrava ao despertar. O seu toque firme em minha mão, exigindo que eu voltasse para ele. Que mantivesse meus olhos abertos.

Adam me pedia o impossível, que eu me permitisse sentir a dor. Ele me queria viva.

— Como está hoje, Georgia? — A voz ansiosa de Michael ecoou dentro do quarto, de repente, fazendo-me dar conta de sua chegada.

— Você tem estado aqui todos os dias — falei, em vez de respondê-lo. Porque nada me tirava da cabeça, que não era obrigação dele estar aqui, por mais que eu me sentisse bem em sua companhia. — Por quê?

Ao se aproximar, Michael se mostrou indeciso entre dizer ou não o que tanto o atormentava. E, pelo visto, eram muitas

coisas.

— É algo comigo... eu não estou bem? — Talvez eu estivesse louca, e pela primeira vez na vida, a possibilidade soou como um alívio.

Pessoas loucas não sofriam. Elas não tinham lucidez suficiente para distinguir o certo do errado, ou... se machucavam por amar demais.

— Não, não é nada com você. Quero dizer... — Ele se atrapalhou, apesar da firmeza em sua voz. — Eu só preciso que me escute até o final, Georgia — pediu, de forma séria. — Porque o que eu irei te dizer agora, provavelmente fará com que me odeie. — Eu o encarei, tentando me endireitar sobre os lençóis brancos. Estar nessa cama deixava-me nervosa, era como um lembrete do que havia me acontecido.

— Você está me assustando.

— Não é preciso que fique assustada, só o que eu quero que entenda é que se eu pudesse ter feito algo diferente no passado, eu o teria.

— Michael. — Por que ele não dizia simplesmente tudo, droga?

— Sua mãe e eu nos conhecemos quando ela tinha pouco mais do que 18 anos. — No instante em que ele falou sobre a minha mãe, eu percebi que não queria mais escutar. — Uma noite, Georgia. Nós tivemos uma noite. Ela era divertida. Sempre conversamos em um *pub* na estrada e... Darana me fazia rir. Em um momento difícil, ela me fez rir. Entende isso?

— Não! — Olhei para a porta do quarto, e a cabine de enfermaria que podia ser vista através da divisória de vidro. Eu

queria que alguém viesse em meu socorro.

E não mais o Michael, ou o Adam.

— A primeira vez em que você apareceu na minha casa, eu soube imediatamente quem você era...

— Eu não quero mais ouvir — falei, virando meu rosto. Mas ele continuou, sem se importar com o meu pedido ou o fato que eu não aguentava mais.

Eu teria dado tudo para que Connor não tivesse parado. Apenas para que...

— Naquela noite eu chorei, Georgia. Hannah disse tudo o que você passava na escola e, meu Deus, e eu me culpei tanto.

— Pare de falar! — gritei, alterada.

— Filha...

— Não me chame assim! Que direito o senhor acha que tem de me contar tudo, justamente agora?

Quando eu não podia correr ou fugir dele. Me esconder da verdade.

— Você não tem ideia do quanto eu me arrependo, Georgia. Se eu pudesse voltar atrás eu voltaria, mas eu amava a minha esposa.

Ele não podia estar falando sério. Agitada, eu tentei me levantar. Arrancar a intravenosa das minhas veias, mas Michael me impediu. E agora, além da dor de cabeça, eu senti meu abdômen contrair por cada um dos chutes que levei.

*Meu Deus!*

— Você amava! — gritei, furiosa. — Essa é a desculpa que vocês usam apenas para nunca priorizarem os meus

sentimentos. Adam amou Hannah. Você amou sua esposa. E quanto a mim? Quem vai me amar?

O homem se deteve, como se tivesse acabado de levar um soco. O que ele esperava? Ou será achou que eu o perdoaria e então viveríamos felizes para sempre?

Michael me tirou a chance de ter tido uma vida como a de Hannah. Ele me deixou sofrer na mão de uma maluca... e tudo porque amava a esposa.

Quando alguém *me* amaria? Quando?

Desesperada para que ele saísse da minha frente, eu comecei a gritar. A me debater na cama, querendo ficar sozinha.

— Caralho, Michael, eu falei com você para não contar ainda! — Adam adentrou o quarto, deixando-me perplexa. Todos sabiam, era isso? — Saia — ele ordenou ao Michael, que me olhou enervado. Como se não quisesse me ver daquele jeito.

Como se já não tivesse me deixado sofrer por anos.

— Michael? — Adam o segurou, quando ele tentou se aproximar, mas eu apenas virei o meu rosto.

A sensação de ser incapaz de respirar, se intensificando. Era sempre assim quando ficava nervosa. Um colapso sem fim.

Sozinha com Adam, notei sua aproximação. O cheiro da colônia masculina, me alcançar.

— *Baby*. — Ele tentou me acalmar. Segurando-me com suavidade enquanto eu soluçava por dentro. Um choro silencioso, tão cansado. — Olhe para mim. — Neguei, porque esse homem era o responsável por tudo. Os dois eram. — Georgia, me escuta...

— Eu não quero escutar — falei, ao encará-lo. — Porque vocês... são iguais. Vocês me deixaram, nunca se importaram comigo. E agora... por que ela está morta...

— Não é isso, caralho. Nunca foi!

— Como posso saber, Adam? Como? Tudo em que você fala é sobre ela... tudo...

— Olhe para mim. — Ele segurou meu rosto, ainda dolorido pelo que Connor havia me feito.

— Eu não queria que você tivesse me socorrido — revelei. — Eu queria que Connor tivesse ido até o fim, que ele... que ele tivesse me machucado tanto que... eu nunca mais voltaria a sentir nada. Era isso o que eu queria que ele tivesse feito, mas você não deixou. Você não me quer, mas não me deixa ir.

Adam congelou, diante do meu desespero. A expressão clínica em seu rosto, dizendo que dessa vez eu realmente o tinha assustado.

— Nunca mais diga esse absurdo, me ouviu?

Eu continuei a encará-lo, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

A enfermeira, que entrou para trocar a medicação, olhou a nós dois com preocupação. Incerta sobre nos interromper. Ainda assim ela se mostrou preocupada, com o meu estado, principalmente.

— Querida...

— Peça para ele sair... por favor. — Segurei seu braço, antes que ela decidisse que por ser médico, não haveria problema em Adam me fazer chorar. — Eu não quero que ele ou o Sr. Davis voltem a entrar aqui.

— Mas... — Ela olhou para Adam, buscando ajuda, mas ele apenas assentiu. Incentivando-a a me prometer o que eu pedia. — Eu vou fazer isso, não se preocupe. Seu pai e o Dr. Preston não voltarão a entrar.

Eu não percebi naquele momento, mas o olhar trocado entre a enfermeira em nada tinha a ver com o meu pedido, e tudo a ver com o sedativo que ela aplicou na minha veia.

Que não apenas me acalmou, como fez com que eu tivesse o que tanto desejava: o alívio de não sentir nada.





## **Georgia**

Parada em frente à antiga casa de Hannah, eu oscilei. Em parte, pela pontada de dor que senti em meu abdômen, mas também por temer as lembranças que encontraria perdidas no interior dessas paredes. Os passos de Michael repetiram o mesmo caminho atrás de mim, deixando-me apreensiva. Estar aqui, com ele, foi a forma que encontrei de receber a alta. Adam e o médico *pomposo* cuidando do meu caso deixaram claro que eu não a teria caso optasse por voltar sozinha para o estúdio.

Não que a preocupação de Adam, em específico, tenha sido unicamente pelo que me aconteceu, e sim pelo que o filho da mãe arrogante acreditava que poderia *vir a acontecer* quando eu recebesse a minha *liberdade*.

Pude ver, pela forma como que me olhou após ser expulso do quarto de hospital, que Adam não confiava em mim. Não no que dizia respeito ao meu bem-estar.

Tomada por uma nostalgia ressentida, eu olhei para a casa ao lado, recordando as vezes em que as enfermeiras disseram o quanto eu era sortuda por ter um médico como Adam cuidando de mim, deixando toda a equipe médica louca com ordens e exigências. De acordo com elas, o infeliz tentou me transferir por três vezes.

E a cada vez, o conselho que lhe deram era para que ele apenas me deixasse recuperar.

Com lágrimas nos olhos, eu senti a fraqueza em minhas pernas e em cada músculo do meu corpo dando-me conta, pela extensão da agressão que sofri, que Connor não teria parado.

Ele sempre foi exagerado, intempestivo. Mas até então, eu achei que conseguiria controlá-lo à minha maneira. Impedir que me machucasse.

O desgraçado me provou que eu estava errada por duas vezes.

Se eu não estivesse tão assustada e com raiva de tudo, eu talvez teria protestado sobre vir justamente para a casa de Michael. Mas os últimos dois dias, passados quase que inteiramente medicada e em observação, tiveram um efeito devastador em meu organismo.

Eu só queria sair daquele hospital, não importava para onde eu iria a seguir.

Ethan e Emily, os únicos que me permiti receber, mostraram-se dispostos a me ajudar. Mas tanto ele quanto ela não tiveram como recusar o pedido de Michael, que se mostrou insistentemente decidido a me trazer com ele.

— Georgia — ele chamou ao meu lado, ainda que sua voz soasse distante. — Sei que essa casa traz muitas recordações a você, mas eu quero que pense nela como sua.

O pai de Hannah passou por mim, abrindo a porta, enquanto eu ria amarga por dentro. Porque a última coisa que esse lugar era, era a minha casa. Não foi antes, quando precisei.

*Por que seria agora?*

Com Michael à minha espera, eu entrei quando ele indicou o interior da casa e só voltei a me deter no *hall* de entrada. Pensando em como seria fácil sair por essa maldita porta e nunca mais voltar. Mas o medo que estava do mundo real lá fora

era maior do que o de estar aqui. Não era somente medo de Connor, era medo de me machucar.

De chegar a um ponto em que a ruptura seria tão profunda, que...

*Não há como ser mais profunda do que isso, Georgja. Acorda.*

— Entendo que não queira me escutar ainda, mas eu realmente sinto muito. — O homem se colocou à minha frente, preocupado com o meu silêncio. — Fui um covarde em não ter assumido você, ou ter te tirado daquele inferno.

— Lilian sabia? — A forma atenta como sempre me olhou e nunca, realmente, aceitou a minha presença, fazia sentido agora.

— Desconfiava.

— E a Hannah? — Michael assentiu emocionado.

— Eu revelei a verdade a ela, antes que... você sabe. Hannah estava cansada, Georgja. Eu não podia deixar que se fosse sem saber que vocês eram irmãs. — Engoli em seco, percebendo que eu teria dado tudo para ter estado lá por ela. — E como imaginei, ela ficou feliz em descobrir.

— Você me disse antes que, se alguma vez, eu precisasse de ajuda, você me ajudaria. — Eu já não tinha nada a perder, e sabia que Michael tinha dinheiro para comprar o estúdio e o que mais quisesse.

— Eu falei a verdade — admitiu.

— Pois bem, eu quero recomeçar em outro lugar. Longe daqui. Longe de todos vocês. E para isso...

— Você precisa de dinheiro — completou, antes que eu pudesse dizer as palavras que teriam deixado um gosto amargo a minha boca.

Michael não pareceu chateado, ou irritado pelo pedido. Apenas resignado.

— S-sim.

— Eu pensei que me daria uma chance, faz dois anos que não piso nessa cidade, Georgia, mas assim que soube que estava aqui... eu larguei tudo para voltar. Pense um pouco antes de tomar qualquer decisão, passe alguns dias comigo. Talvez...

— Havia certa aflição em sua voz, que eu escolhi ignorar.

*Por que ele não mostrou esse mesmo desespero antes? Quando eu era apenas uma criança faminta e igualmente desesperada?*

— Por que importa se eu vou ficar ou não? — reagi, sentindo o meu sangue pulsar pela primeira vez em dias. — Vocês não se preocuparam comigo antes. — E eu me referia a ele e a Adam, que passou dias naquele hospital depois de ter arruinado a minha vida. — Deixaram-me ir embora e nunca fizeram nada para... para impedir que Darana me machucasse. Então eu te pergunto, Michael, por que agora importa? — Ele ficou pálido. — Por que ela está morta e eu fui tudo o que restou a vocês dois? É isso?

Dizer essas palavras doía mais em mim do que nele, eu tinha certeza. Foram elas, aliás, que trouxeram lágrimas aos meus olhos. Um choro que não tentei impedir, porque eu precisava colocar a mágoa para fora.

Precisava, mais do que tudo, que todos eles me deixassem em paz.

— Eu duvido que, se Hannah estivesse viva, o senhor faria questão da minha presença em sua vida. E o mesmo teria acontecido com Adam! Vocês dois não teriam feito nada e eu continuaria a viver um inferno de vida porque nunca fui boa o bastante. Não para você, e não para ele.

— Não diga isso.

— Eu digo, porque foi nisso que me deixaram acreditar. Por anos, vocês, Darana. Grace.

— Eu vou matar aquela mulher. O que ela fez a você naquela época...

Pelo visto, eles tinham conversado.

— De que adianta? Vê-la sofrer não trará o meu filho de volta, nem me dará qualquer felicidade, Michael. Pelo contrário, apenas me tornará igual a ela. E se tem algo de que me orgulho, é de ser uma pessoa boa. Posso... eu posso ter tomado decisões ruins. *Milhares delas*. Mas eu jamais machucaria alguém da forma como eu fui...

Michael deu um passo na minha direção, em uma tentativa de me consolar, o que me fez recuar, rejeitando qualquer consideração que ele pudesse sentir agora.

— Eu estou cansada, gostaria de me deitar.

— Filha... — Ao perceber que eu não o queria me chamando dessa forma, ele se corrigiu: — Desculpe, Georgia, você vai ficar no antigo quarto de Hannah — avisou enquanto me ajudava a subir as escadas — O antigo quarto de hóspedes foi transformado em um escritório, e...

Eu já não o escutava, não diante da possibilidade de entrar no quarto *dela*. Michael o manteve da forma como eu me lembrava, e depois de colocar a pequena mochila com minhas coisas na poltrona em frente à penteadeira, ele me deixou sozinha, garantindo que, se eu precisasse de qualquer coisa, estaria no andar inferior.

Imóvel por um longo tempo, eu arrisquei me aproximar do porta-retratos ao lado da cama de solteiro cuja colcha ainda era rosa.

Enxergando a mim mesma abraçada a Hannah. Nós duas sorrindo.

— Han-Han, eu queria que você estivesse aqui agora — admiti. — Que me ajudasse a tomar a decisão certa...

Uma noite inteira se passou, não deixei o quarto para jantar com Michael, e me atrasei para o café da manhã de propósito com a esperança de que pudesse comer sozinha. Ao descer as escadas, a voz baixa de Michael discutindo ao telefone com alguém, fez-me parar e apertar o corrimão com força.

— Não, Adam, eu não o quero aqui ainda. Georgia não está bem! Você mesmo disse que ela precisava descansar. A culpa não é inteiramente minha e você sabe disso! — A discussão se tornou abafada, conforme ele se afastava.

O pouco que escutei, no entanto, mostrou-se o bastante para acabar com o meu apetite. Desistindo da ideia de descer, eu adiei o encontro com Michael sem culpa alguma, optando por me sentar em um dos degraus na metade da escada. Meus pés descalços no chão revestido por madeira pareciam tão brancos,

percebi a instantes de afundar a cabeça entre as minhas pernas, apenas para não ter de escutar e ver nada ao meu redor.

Nem mesmo os passos a se aproximarem de onde eu estava foram incapazes de me fazer reagir.

— Georgia. — Senti a mão em minhas costas, um afago que eu não queria ter de me acostumar. — Você está se sentindo mal? A dor piorou?

Afastei-me instintivamente do seu toque. Porque a ideia de ser tocada, depois do que Connor me fez era o suficiente para que a dor voltasse. Mas também porque eu não queria o seu carinho. Ou consolo.

— O que o Adam queria? — Michael se endireitou ao me escutar. Sei que perguntar por aquele homem era um tiro no pé, dos mais dolorosos, mas eu precisava saber até que ponto estávamos sendo honestos um com o outro aqui.

— O Adam queria te ver, e perguntou como está. Só que eu não acho que seja um bom momento, estou certo?

Não respondi, apenas encarei o homem que passei anos desejando que me procurasse. Quando criança, eu sonhava com o dia em que encontraria o meu pai, e agora... eu teria dado qualquer coisa para não ter descoberto a sua identidade.

— Se eu pudesse voltar no tempo e apagar os meus erros... — falou, ao se dar conta da mágoa que passava pelos meus olhos.

— Está me dizendo que teria contado a todos a meu respeito? — inquiri, sem acreditar. — A sua esposa e filha? E o quê? Nós teríamos vivido como uma grande e bela família?

— Eu teria tentado.

— É fácil dizer agora, não é? E acreditar em tudo isso faz com que a sua culpa diminua, Michael?

— Não faz.

— Ótimo. — Eu me levantei, sentindo o desconforto causado pelo esforço. — Porque é injusto que todos se sintam tão tranquilos com seus erros, achando que só porque o reconhecem está tudo bem. Quando a última coisa que eu me sinto é bem! — Prestes a me virar, eu o vi retirar um envelope de dentro da jaqueta.

— O q-que é isso?

— É algo que Hannah me entregou no dia seguinte ao que contei a verdade a ela. Eu nunca o abri, não era o certo. Mas o mantive comigo por todos esses anos porque nunca perdi a esperança de que, algum dia, eu fosse te reencontrar, filha. Você pode me odiar pelo que deixei de fazer no passado, mas não pode me odiar por tentar permanecer em sua vida agora.

*E se agora já fosse tarde demais?*

— Eu vou subir.

— E o seu café? Você não jantou ontem e...

— Não estou com fome — menti, optando pela saída mais fácil, e me afastei de Michael.

Detive-me somente ao chegar no quarto de Hannah. Depois de passar o trinco na porta antes de abrir o envelope, meu coração começou a bater forte.

Sentada na beirada da cama estreita, eu abri com cuidado o envelope desgastado pelo tempo, e tirei a carta dobrada. Um pequeno pingente caiu sobre o lençol deixando-me nervosa.



Peguei-o triste e, ao mesmo tempo, emotiva. Hannah o havia guardado com ela por todos esses anos.

Com o pingente fortemente apertado entre os meus dedos, eu comecei a ler a carta com o coração apertado como nunca.

*Querida Gigi,*

*É tão estranho escrever uma carta para você. Em outra vida, eu teria apenas telefonado, ou enchido o seu celular com milhares de mensagens. Mas não sei como te encontrar, Gigi. Por anos, eu nunca soube. E isso acabou comigo, dia após dia.*

*Não há palavras que justifiquem o que fiz a você, ainda assim, eu sou incapaz de dizer que teria feito diferente. Os erros que cometi me trouxeram as minhas filhas e o Adam. E mesmo que eu os tenha amado por todos os dias da minha vida, nada nunca cobriu o vazio que você deixou ao partir. A essa altura, eu imagino que você esteja com muita raiva de mim. Que não tenha me perdoado ainda. Eu não esperaria menos de você, Gigi, porque eu me coloquei no seu lugar tantas e tantas vezes. Que foi impossível não sentir raiva de mim mesma.*

*Tudo o que eu mais queria, além de ver você pela última vez, era que essa carta jamais chegasse em suas mãos, mas sinto que não tenho muito tempo. É estranho, sabe? Ter a percepção de morte...*

*Saber que seu tempo está acabando, enquanto todos os que você ama irão seguir vivos.*

*Adam, por mais inteligente que seja, não quer enxergar a verdade. A esperança em seus olhos a cada vez que olha para mim me dilacera um pouco mais. Porque, no fundo, eu sei. A gente sempre sabe.*

Meus dedos tremiam, e eu já não sabia se continuava não.

*Talvez o que eu tenha para te dizer, te faça me odiar para todo o sempre (você nunca foi dramática sozinha). Mas, quando ler essa carta, acho que já não terá tanta importância o que você sente por mim ou deixa de sentir. Porque eu já não estarei aqui.*

*Sei que me acha egoísta, covarde. Fraca. Você nunca escondeu. E, no fundo, eu concordo com tudo. Porque fui egoísta em me apaixonar pelo garoto com quem você queria se casar, fui covarde ao te esconder isso e pedir para que ele te deixasse. E fui fraca, a cada dia que o vi sofrer por você estando ao meu lado. Adam me amou, eu nunca tive dúvida. Mas acho que não fui o único amor dele, Gigi.*

*Talvez, nem mesmo o maior.*

*Nós fomos ridiculamente felizes por anos, não vou mentir. Só que eu nunca o senti completamente comigo. Nossa felicidade sempre teve um “se”... “Se” ela tivesse voltado. “Se” ela tivesse lutado por ele. “Se” ela não tivesse partido.*

*Nos nunca tivemos a resposta para nenhuma dessas questões, e foi melhor assim.*

*Porque eu nunca tive muito tempo. E eu sei, que diferente de você, eu não teria suportado ter sido deixada.*

*Então, como se eu não merecesse ser feliz, eu adoeci e Adam ficou perdido. Louco por não ser capaz de me ajudar. Nunca quis tanto te ver, Georgia, nunca quis tanto que estivesse aqui comigo, mas não por mim apenas. Por ele também.*

*Para segurar a mão do Adam quando eu me fosse, e ampará-lo.*

*Estou escrevendo essa carta, por algumas razões. Todas elas egoístas, preciso que saiba. Primeiro, eu espero que seja capaz de me perdoar... porque, além de amigas eu descobri que somos irmãs, Gigi. Como se, de alguma forma, nós já não tivéssemos olhado uma para a outra e desejado que fôssemos mesmo. Porque eu desejei.*

*Eu amei o meu esposo, amei a vida que ele me deu. Mas eu te amei muito mais, e novamente... acho que não fui a única.*

*A próxima coisa que eu quero te pedir talvez seja a mais difícil de todas. Supondo que você já tenha conhecido as minhas filhas, então você deve me odiar por ter dado a elas... os nomes que você escolheu para o seu felizes para sempre. Supondo que você tenha se apaixonado por elas, como eu fiz desde a primeira vez em que as vi, então eu espero, muito, que você... cuide delas por mim. Que esteja ao lado das minhas filhas em cada momento que em que elas precisariam de uma mãe. Não me odeie por te pedir o impossível. Porque, no fundo, eu sempre senti que elas pertencessem mais a você do que a mim.*

*Então, por favor... por favor... por favor!*

*Cuide deles por mim. Faço o que eu não conseguirei fazer.*

*Da sempre sua, irmã. Que vai te amar daqui até o céu.  
Han-Han.*

*P.S.: Você foi o amor da minha vida, Georgia. O maior de todos. Sinto muito por tudo.*

Lágrimas mancharam o papel, enquanto eu sentia o meu coração ser arrancado de dentro do meu peito. Pela saudade e pelas palavras que nunca seriam ditas entre nós duas. Mas principalmente, pelo amor que eu sempre sentiria por Hannah.

— Eu te perdoo, Han-Han — murmurei, ao me deitar na cama e chorar tudo o que eu não havia chorado em minha vida. — Eu te perdoo, mas não sei se sou capaz de cuidar deles para você.

Não depois de ter sido tão machucada.



## **Georgia**

Sentada no balanço, na parte de trás da casa de Michael, mantive os meus olhos fortemente fechados, focada nos sons ao redor: desde o barulho das asas dos alcatrazes<sup>[8]</sup> sobrevoando o lago de extremidade a extremidade, até o farfalhar dos pinheiros ao se chocarem um com o outro. O vento atípico que fazia essa manhã fez com que meu cabelo se recusasse a parar quieto, eu o vinha usando de lado em uma tentativa de cobrir o curativo.

Os remédios, controlados por Michael, para que eu não sentisse dor física, tinham-me insensível aos machucados que ainda podiam ser vistos sobre a minha pele. E como prova de sua desconfiança, Adam fez com que Michael passasse a controlar o que eu tomava. E em alguns casos, até mesmo o que eu fazia, pensei, ao olhar para trás e me deparar com Michael no lugar em que estive desde que eu me sentei aqui fora.

*O que ele pensava que eu iria fazer? Jogar-me no lago? Correr?*

Sacudindo a cabeça, eu busquei impulso para que o balanço duplo voltasse a se mover. O ir e vir dele acalmava-me por dentro.

Apesar do tempo que me pediu, até a recuperação plena, Michael já havia entendido que eu desejava mesmo partir. Uma vontade que só fez aumentar depois que li a carta de Hannah.

Eu a perdoei, foi a coisa mais libertadora que fiz na vida, mas seu pedido fora também o mais difícil. Acredito que para mim e para ela.

— Você me pede muito, sempre foi assim — falei, baixinho, para o nada.

— Falando sozinha? — A voz entrecortada de Adam, diria até que cansada, fez-me deter o impulso suave do balanço. Ao ver que eu não o responderia, e que parecia até assustada, ele se aproximou. — Posso me sentar?

As mãos enfiadas no bolso da frente de sua calça mostraram-se tensas e, ao perceber as veias ainda mais proeminentes por todo o seu braço, ficou nítido que Adam emagreceu durante o tempo em que estive no hospital. Essa, porém, não foi a única mudança que enxerguei nele naquele momento.

Havia outra, uma pouco mais significativa e da qual eu não queria falar no momento: a ausência da sua aliança.

Procurei pelos seus olhos, querendo entender o porquê de ele as ter tirado, quando só o fazia ao... se deitar comigo, mas rejeitei a fagulha de esperança ao me dar conta de que já não adiantava. Se ele tinha se convencido a deixar que Hannah se fosse ou não, não tinha mais importância.

— Eu não tenho certeza...

— Nós precisamos conversar, Georgia — interrompeu-me, exaurido.

Sentado ao meu lado, Adam olhou diretamente para o hematoma novo em meu rosto com o olhar clínico. Avaliativo. A dureza em sua expressão, só titubeou quando o homem me encarou profundamente dentro dos olhos.

— Como está se sentindo? — A voz soou rouca do que eu me lembrava.

Eu ao afastar o meu olhar do dele, eu voltei a observar o lago.

— Está me perguntando como médico ou como... alguém que se preocupa?

— Os dois.

— Estou ótima.

— Mentirosa — acusou, sacudindo a cabeça. — As vezes acho que não entende a gravidade do que te aconteceu. Connor poderia ter... — Adam parou, a fim de recuperar o fôlego. — Eu quero que você veja um médico, Georgia. Um terapeuta que eu conheço e que...

— *Você quer.* E ao que parece já pensou em tudo. Acho que você se esquece, Dr. Preston, que não pode me dar ordens... ou tomar decisões por mim.

Ele se levantou, transtornado.

— Tem noção do que foi pensar que você poderia ter morrido nos seus braços? — inquiriu, revoltado. Deixando-me confusa, incrédula. — Quando vi aquele desgraçado sobre você, Georgia, eu pensei o pior. Mas foi ao te segurar, ao te ver fechando a porra dos olhos... que eu senti a pior dor da minha vida. Eu tive medo de não ter tempo de dizer a você todas as coisas que eu deveria ter dito há dezessete anos!

— Já chega. — Levantei-me nervosa. Com Adam entrando na minha frente. — Eu não preciso ouvir nada disso, não sei o que pensa que...

— Eu realmente achei que fosse te perder, *baby*.

— Como Hannah.



— Não como Hannah, como você! Porque com ela, eu tive a chance de me despedir, Georgia. De aceitar. Agora, perder você teria me matado. — Engoli em seco, querendo tanto acreditar. Tanto, mas tanto que chegou a me fazer mal. — Ver você daquele jeito, no entanto, fez-me compreender muita coisa. Merda! Eu teria vindo antes, se Michael não tivesse decidido bancar o pai protetor...

— Ele não é meu pai — retruquei, vendo que o olhar de Adam se prendia na gargantilha que passei a usar.

— Como o encontrou? — Ele se mostrou confuso ao reconhecer o pingente. — Eu nunca o...

— Hannah o deixou para mim — expliquei. — Junto com uma carta.

— Uma carta? Mas ela nunca disse nada.

— Acho que é porque não queria que você a lesse. — E era a verdade, pensei, ao me levantar também, aproximando-me da margem do lago com Adam em meu encalço. — Hannah morreu sabendo que éramos irmãs. Você também sabia?

Adam sacudiu a cabeça, em uma negativa.

— Não, só fui descobrir quando Michael me contou no hospital. Eu não tinha ideia.

— Se soubesse, teria me contado? — Adam hesitou, o que para mim foi uma resposta. — Claro que não. — Revirei os meus olhos e coloquei outro passo de distância entre nós dois.

Era mais seguro dessa forma.

— Mesmo se eu soubesse, Georgia, não era um segredo meu para contar. Era do seu pai.

— Michael — lembrei-o. — Ele nunca foi o meu pai. Agora, se isso é tudo o que tinha para dizer eu vou entrar. Está frio. — Virei-me, querendo me afastar o mais rapidamente possível, e acho que o teria feito se Adam não tivesse me segurado pelo braço.

O choque que senti em reação ao seu toque, me abalou. Fazendo-me lembrar dos motivos pelos quais eu não poderia ceder a esse homem, porque se o fizesse, ele sempre teria todo o controle sobre mim.

— Fica — murmurou com a voz rouca. — Eu quero consertar as coisas entre nós dois, quero tentar...

— Tentar o quê? — perguntei baixinho. — Quebrar o meu coração de novo?

— Tentar fazer você feliz! Quero que fique não apenas agora, aqui comigo. Quero que me dê uma chance, Georgia. Que nos dê uma chance!

— Acho que eu já te dei todas as chances possíveis, Adam. E você nunca fez a coisa certa.

— Não é fácil... eu...

— Amber jamais me aceitaria. Grace jamais me aceitaria. Essa cidade...

— Não se trata deles, trata-se da gente. De nós dois.

Seria fácil, se ele já não tivesse me provado mil vezes que a atração que sentíamos não era suficiente para que ficássemos juntos. Eu o amava, com todas as minhas forças, mas e quanto ao que Adam sentia por mim?

— Eu acho que não. — Sacudi a cabeça de um lado a outro. — Porque eu me recuso a ser o seu segredinho sujo outra

vez, entende? Sem segredos, sem esconder das suas filhas... Você conseguiria me dar tudo isso? — perguntei, sabendo a resposta. — Se Amber disser que me odeia, que não será capaz de me aceitar em sua vida, você vai me escolher da mesma forma? — Sacudi a cabeça, inconformada. — E se eu quiser ter... ter um bebê. Ou dois, eu não sei. Mas eu quero ser mãe, quero ter a chance de algum dia segurar meu filho nos braços, mas e quanto a você, Adam? Você quer aumentar sua família? Passar por tudo isso de novo? Ou pior, entrar em uma guerra com a sua mãe por minha causa? Eu nem ao menos sei por que estamos tendo essa conversa.

Saber que ele jamais seria capaz de me dar o que eu desejava, era o que mais doía. Adam me queria em sua vida, mas não da forma como eu gostaria de estar.

— Estamos tendo essa conversa, porque eu quero você comigo isso é tudo o que importa! — Adam me segurou pelo rosto, com cuidado.

E se a saudade que ele sentia da minha boca fosse tão grande quanto a que eu sentia dele, eu entendia o desespero em seus olhos.

— Você já me quis antes, e onde isso nos levou? — Antes que ele pudesse abrir a boca, e dizer algo que se arrependeria mais tarde, como uma promessa que não conseguiria cumprir, eu fui mais rápida. — Deixe-me pensar um pouco em tudo, Adam. Tomar o meu tempo. *Ficar com você, não ficar.* Eu não estou pronta para tomar essa decisão agora — menti, porque a decisão já estava tomada.

Havia apenas o medo de que, ao dizê-la a Adam com todas as letras, ele fosse tentar me convencer do contrário. E quando se tratava de nós dois, eu nunca fui boa em dizer que não.

## ***Adam***

Assim que Georgia se afastou, escolhendo o caminho mais fácil, Michael se aproximou. Observamos a mulher loira caminhando às margens do lago, a distância, enquanto parecíamos pensar o mesmo:

*Ela havia desistido de nós dois.*

— Achei que o tivesse aconselhado a não vir.

— Eu precisava — admiti, sem encará-lo, certo de que não havia nada para falarmos um ao outro. Georgia, por sua vez, pareceu tão decidida a se distanciar de mim como do próprio pai.

— Adiantou de algo? Além de pressioná-la?

— O que está dizendo?

— Georgia deseja ir embora, Adam. — Eu o encarei, apreensivo. — Prometi que a ajudaria no que precisasse, e isso foi o que ela me pediu.

— Ajuda para ir embora? — perguntei, não querendo acreditar. — Você disse que não, certo? — quando ele não me respondeu, eu enlouqueci. — Michael?

— Eu prometi que faria o que ela quisesse. — *Covarde filho da puta.*

— Georgia não tem ideia do que ela quer ou precisa! Aquela mulher... ela precisa estar aqui, perto de pessoas que se preocupem e se importem. — Diante do seu silêncio, eu continuei. — O que acha que vai acontecer se ela for embora, Michael? Que Georgia o perdoará por ter feito a vontade dela? Não! Está na cara que o que ela quer é se destruir. E eu estou aqui para garantir que não faça isso.

— A decisão é dela, Dr. Preston — me lembrou. — Além disso, eu ainda tenho a esperança de que Georgia caia em si e desista dessa ideia absurda. Mas para tanto, preciso que se mantenha longe. Não acho que seja por minha causa que ela queira partir, de qualquer forma.

— É por minha causa — constatei ao fitar Georgia de longe. As mechas loiras de seu cabelo esvoaçavam, conforme ela olhava para trás e nos enxergava. O corpo pequeno parecia ainda mais frágil.

— Eu quero que a minha filha fique tanto quanto você, acredite em mim. Eu quero a chance de ser um pai para ela, mas...

— Você acha que eu posso atrapalhar.

Ele deu de ombros.

— Você fez sua escolha.

— E se eu te disser que fiz a escolha errada? — Encarei-o, sério. Admitindo a verdade em voz alta pela primeira vez na vida. — Não sei como consertar as coisas com Georgia, não sei como dizer o que eu sinto por ela desde, sem trair a lembrança de Hannah. Porque eu a amei, Michael. Eu amei a minha esposa, mas nunca deixei de... merda! Eu nunca fui capaz de esquecer Georgia.

E hoje eu compreendia que o *pensar insistentemente nela*, nada mais era do que arrependimento.

Com dois tapinhas nada amigáveis em meus ombros, Michael demonstrou querer entrar.

— É bom que descubra como a convencer, então, Dr. Preston. Antes que seja tarde demais.



# **Georgia**

## ***Dias depois...***

— Então, a melhor funcionária que já passou pelo *Coyote*, vai mesmo me deixar. — Ethan comentou, vestindo a camisa rapidamente enquanto caminhava até a mesa em que eu o esperava.

Cheguei aqui, cerca de vinte minutos atrás, o tempo que ele levou para terminar o que fosse que estivesse fazendo no quatinho dos fundos com a mulher da noite. Ou da manhã se fôssemos levar em conta o horário.

— Impossível que eu tenha sido a melhor — brinquei. Sentindo em Ethan um cheiro absurdo de baunilha... e morangos. Que só encontrei em uma única pessoa.

— A mais sexy, com certeza. — Ele piscou, mas soube que não falava sério. Todo esse charme era apenas parte da bagunça que esse homem era.

— Baunilha, hem? — Eu me inclinei para frente, cruzando as minhas mãos e sorrindo. Vir até aqui fora uma tentativa desesperada de deixar a casa e a contestante vigilância de Michael, nem que fosse por alguns poucos instantes.

Ele havia passado os últimos dias, mais atento ao que eu fazia, do que eu gostaria. Nunca convivi com ninguém que demonstrasse se importar tanto. Michael me esperava para que pudéssemos almoçar juntos, ele se sentava ao meu lado para assistir qualquer besteira que estivesse passando na TV, e mais do que tudo: ele se preocupava se eu estava bem ou não.



— O quê? — Indagou, confuso.

— Seu cheiro, Ethan. Você parece ter rolado por toda a madrugada em um montante de açúcar e baunilha. — Sua boca se comprimiu em uma linha fina. — Você e a pequena confeitadeira estão tendo um caso, é isso?

— Não é um caso. — Meus olhos se arregalaram, em surpresa.

— Eu imaginei que não. E se quer saber, isso me deixa realmente feliz. Emily é...

— Complicada.

— Eu diria que ela é doce, mas isso você já descobriu. — Relaxado, Ethan se acomodou melhor na poltrona circular.

— Tem certeza de que quer mesmo ir embora? — Ele se referiu aos jornais a nossa frente, estendidos sobre a mesa, em que eu andei circulando alguns apartamentos fora da cidade. Tudo, infelizmente, parecendo-me perto demais.

E essa era a razão pela qual, eu pensava cada vez mais na possibilidade de viajar até a outra extremidade do país.

*Nova Iorque.*

Ser engolida pela *big apple* pareceu-me uma boa ideia. Lá eu seria apenas outra mulher, recomeçando. O dinheiro que Michael me entregou pelo estúdio, sem grandes complicações, me ajudaria na missão de me tornar outra Georgia.

— Eu preciso. — Ethan segurou a minha mão por cima da mesa.

— Nunca achei que fosse ver Adam daquela maneira de novo, Georgia. Sei que o relacionamento de vocês é cheio de idas e vindas, mas se me perguntar, eu ainda acho que vocês

deveriam se sentar e conversar como adultos. Fugir não é a solução, principalmente porque dessa vez você tem escolha.

— Qual? Ficar e torcer para que ele seja capaz de me amar?

Ethan recostou contra a poltrona. Encarando-me como se eu estivesse errada.

— Esse é o problema, Georgia, eu acho que ele já te ama.  
— As palavras que saíram de sua boca, deixaram-me enjoada enquanto eu rejeitava a possibilidade.

— Eu só vim aqui para...

— Conversar. E é o que estamos fazendo, mas ao que parece você já se decidiu, certo? Não vai dar uma chance a ele.

— Ethan voltou a olhar para o jornal.

— No meu lugar, você daria? — perguntei baixinho

— No seu lugar, eu tentaria. — Ele apoiou as folhas cinzas sobre a mesa, e me encarou.

— Diga a Emily que eu mandei um oi — falei ao me levantar.

Dei as costas a ele, e voltei para casa de Michael. Um percurso rápido, graças ao *lata velha* que finalmente voltara para as minhas mãos. Ao chegar em frente a sua casa, no entanto, eu hesitei no instante em que me deparei com Amber. Sentada nos degraus da varanda da frente.

*Só faltava ela ter fugido de novo.*

Aproximei-me devagar, e subi os degraus. O olhar hesitante, mostrava que a minha presença aqui não era de todo desconhecida. Mas não acho que era por causa do avô que ela se mostrou insegura, e sim por minha causa.

A minha reação a ela.

— Você viu... o meu avô? — perguntou, baixo. — Eu vim visitar ele, mas não o encontrei.

— Michael está no centro — respondi, lembrando da correria que tinham sido os últimos dias. Com uma obstinação que me surpreendeu, Michael vinha fazendo o possível para arrancar Bob London da cadeira de xerife. Minha denúncia abriu um precedente, e ao que parece o *meu pai* estava empenhado em reunir depoimentos de pessoas que sofreram o mesmo em algum momento de suas vidas.

Justiça com as próprias mãos era o que ele pretendia fazer. Quanto a Grace, bem, tudo o que eu sabia a respeito daquela mulher era que ela nunca chegou a dar as caras. Ainda que morasse ao lado de Michael.

*O que para mim estava ótimo.*

— Vai ficar aqui para sempre? — inclinei o meu rosto, para baixo, ao vê-la agir na defensiva.

— Por quê? — rebati, chateada. — Além de ter que ficar longe do seu pai, eu também não posso chegar perto do seu avô?

Os olhos de Amber, pareceram assustados. Acho que ela não estava pronta para ter essa conversa comigo ainda.

— Hannah. — A voz de Michael soou atrás de nós duas, de repente. No melhor momento possível, eu diria. — Aí está a mocinha que eu procurava — Ele nos interrompeu, abraçando-a e me lançando um olhar de carinho. — Por que não entramos e preparamos um pouco de chocolate quente para todos nós? Eu quero mesmo contar uma história a você.

Michael se afastou com a neta, e quando eu me vi prestes a subir para o quarto de Hannah, acabei me detendo ao escutá-los. Não que o avô dela estivesse fazendo tentativa de manter a conversa em segredo.

— Coloque chocolate para três. — Ele pediu a neta. — Georgia tem estado ocupado com a mudança, um pouco *disso* vai fazê-la bem.

— Ela... vai se mudar? — O avô concordou. — Para onde?

— Nós não sabemos ainda — respondeu, conforme as minhas mãos se fechavam no redor corrimão.

— Seu pai me disse que Ava a traria hoje, mas não pensei que seria tão cedo.

— Porque ela ainda tá aqui, vovô? — Amber estava mais interessada em descobrir o que eu fazia na casa de Michael, do que sobre o seu atraso.

— É sobre isso que eu quero conversar com você, querida. — O escutei arrastar uma cadeira, como se sentasse próximo a Amber.

Michael então contou a filha de Adam tudo a meu respeito, de que ele também era o meu pai, e que eu era a irmã de sua mãe. Amber a todo momento permaneceu em silêncio. Até que fez a pergunta que eu sempre me perguntei quando criança.

— Por que não ficou com ela? A mãe dela era horrível, vovô, e você a deixou sozinha!

— Eu sei. Isso é o que estou tentando consertar aqui.

Não fiquei para escutar o restante da conversa, apenas subi e coloquei os jornais sobre a cama. O telefone marcado do

apartamento que eu pretendia ver em dois dias, foi discado no meu celular. O dono esperava apenas pela minha confirmação, e era o que pretendia dar a ele. Enquanto esperava que me atendessem, porém, a porta foi aberta.

— Meu avô é o seu pai — falou, de repente, esperando que eu confirmasse.

— Sim, ele é — respondi, deixando para depois o telefonema.

— Você o perdoou?

*Eu o tinha feito? Duvido.*

*Eu iria algum dia? Era possível que sim, mas não*

— Eu estou tentando — foi tudo o que respondi.

— Por isso quer ir embora? Porque a gente te chateou, não foi?

— Por a gente, você se refere a toda a sua família, certo?

— Acho que sim — admitiu, triste. — Eu não quis gritar com você aquele dia, mas a minha avó... ela disse tantas coisas que eu fiquei com raiva, Georgia. Achei que quisesse roubar o papai da gente, como quis roubar da minha mãe.

— Eu nunca quis roubá-lo da sua mãe. Nunca. Fui embora dessa cidade, justamente por... não querer atrapalhar a felicidade deles, Amber.

Ela pareceu surpresa.

— Mas você gosta do meu pai?

— Eu amei o seu pai. — Não iria mentir para ela, somente para poupá-la.

Se Amber podia machucar alguém, da forma como ela me fez, então ela poderia escutar a verdade também.

— Não ama mais?

Neguei, mentindo para nós duas. Mentir, aliás, era tudo o que eu vinha fazendo nos últimos dias. A mentira pelo menos me protegia de tudo o que eu não queria ter de enfrentar.

— Ele vai ficar irritado se você for embora — revelou. — Ele anda triste, é como quando a mamãe morreu, só que pior. — Ela me encarou.

— Por que é pior? — Eu não deveria ter perguntado. *Não deveria.*

— Porque agora ele não se esforça em parecer que está bem. Antes, meu pai ainda fingia. — Seus olhinhos se encheram de lágrimas.

— Adultos nem sempre estão bem, Amber. Mas não se preocupe, porque o seu pai vai voltar ficar bem.

Homens como ele sempre ficavam.

Mais cedo ou mais tarde Adam se daria conta, outra vez, de que eu jamais seria como Hannah. *Meu drama*, como sempre me acusou de ter, não combinava com a sua vida perfeitamente organizada.

## ***Adam***

Segurando o porta-retratos do antigo quarto em que Hannah e eu dormíamos, eu escutei os passos de Amber e Charlotte ao entrarem. As duas mostrando-se com a expressão confusa ao se darem conta da bagunça instalada no cômodo.

— O que está fazendo, papai? — Lotty perguntou, olhando as caixas onde eu havia guardado as antigas roupas de Hannah.

Uma limpeza que ia além do que parecia, porque a cada caixa que embalei e recordação com que tive que lidar, eu senti como se estivesse me despedindo de Hannah.

De uma maneira, já não tão dolorosa.

Hannah era o tipo de pessoa que teria sorriso, e dito que *tudo bem, estava mesmo na hora de você me deixar ir.*

— Guardando as coisas da mamãe.

Amber me encarou. Desde o dia anterior, quando seu avô a deixara em casa, minha filha parecia triste e calada.

— Por quê? — Foi a minha caçula quem me perguntou. — Vamos vender igual a *Geogia* vendeu as coisas de Adeline? *Tamo* sem dinheiro também?

— Até onde eu sei não, meu amor. Não estamos sem dinheiro, fique despreocupada.

— Ufa! Você me assustou, papai. — Charlotte sorriu, pulando na cama de casal. Mas não foi o seu susto por *estarmos sem dinheiro* que me preocupou, e sim a expressão no rosto de sua irmã.

— Quer me ajudar? — perguntei, baixo, vendo-a se aproximar sem dizer nada.

E, ainda assim, aceitando a oferta. Vestidos foram guardados, sapatos. Os livros de Hannah. Suas joias.

— Você entende por que estamos fazendo isso? — perguntei baixo, diretamente a ela.

— Acho que sim — respondeu, encarando-me com os grandes olhos azuis. Que agora eu percebia, tinham mais a ver com os de Georgia do que com os de sua própria mãe. — Você quer outra esposa.

— Não é isso, Amber. Eu percebi que... já não podemos viver presos ao passado.

— Então você não quer uma nova esposa? — voltou a questionar, com interesse real no assunto.

— Eu ainda não sei, mas digamos... que eu tenha planos para o futuro. Você veria problemas nisso?

— Planos que envolvem a Georgia? — perguntou, de forma direta.

E ainda que eu nunca tivesse pensado em como tratar o assunto com as duas, eu achei melhor ser honesto. Abrir meu coração para elas, para que pudessem me entender.

— Sim, esses planos envolvem, Georgia. Ela é importante para mim e... a única mulher com quem eu gostaria de recomeçar. — Ambas me olharam. — Vocês veriam problema se eu decidisse me casar com ela?

— Eu não vejo não, papai — Lotty gritou, animada como sempre. — Eu gosto muito da *Geogia*. Ela é bonita, e loira. E gosta de bolos também...

Sorri, aliviado. Ainda que a minha preocupação nunca tenha sido com Charlotte, e sim com Amber, que levou seu



tempo pensando no que eu havia acabado de dizer a elas.

— Eu também gosto da Georgia.

— O pai da minha melhor amiga teve outro bebê. — Charlotte voltou a falar, descontrolada. — Aí teve que se casar de novo e sair da casa da Alicy. Porque a mãe dela não gostava do bebê novo, ele não era dela, entende, papai? Era da outra, da nova mamãe. A família ficou grande.

Observei minha filha falar com desenvoltura sobre um evidente caso de traição.

— Estão todos felizes agora. Tenho certeza — Lotty disse, e acho que nada tiraria dela a alegria em que estava.

— Eu amava a mãe de vocês — recomecei, puxando Lotty para o meu colo, para que ela parasse quieta e me escutasse. — E ela sempre será uma lembrança em nossas vidas, talvez não seja fácil no começo. Mas quero que tentem aceitá-la, porque eu...

— A Georgia vai embora — Amber revelou, algo que já havia sido dito por Michael. — O vovô quem disse.

*Imaginei.*

— Eu não vou permitir que ela se vá. Ok?

Amber assentiu, insegura. E fato de ela ter procurado compreender o que Georgia significava na minha vida, mostrou-se um grande avanço. Conhecendo-a como eu o fazia, eu esperava por uma reação infinitamente pior.

Naquela noite, depois que as minhas filhas se recolheram em seus quartos, eu aproveitei a solidão da casa para me servir de uma dose de vinho seco. Enquanto pensava em como convenceria Georgia a dizer que *sim* para mim.

Em todos os sentidos.

Sentado em frente à vista, com o celular em mãos, eu me peguei incerto sobre telefonar ou não para ela. Na medida do possível, eu procurei me afastar. Dar a ela o tempo que me pediu, mas nós já tínhamos perdido muito dele para ficarmos nessa incerteza. Por isso arrisquei, discando o seu número.

A chuva no lado de fora, caía com tanta intensidade quanto a minha inquietação. E enquanto esperava que me atendesse, eu percebi que uma das razões pelas quais nunca permiti amar Georgia, era porque tive medo que esse amor me desorientasse.

Tirasse-me o controle da minha vida.

Na segunda tentativa feita, a linha voltou a chamar até cair, em uma declaração silenciosa de que Georgia não pretendia me atender.

A possibilidade de que Georgia talvez pensasse ser tarde demais para nós dois, foi o que me levou a engolir o vinho da taça de uma só vez.



## **Georgia**

Desviei os meus olhos da chuva a cair no lado de fora do quarto de Hannah, focada nas decisões que teria que tomar daqui em diante. Não que fossem muitas, tudo o que eu possuía poderia ser levado em uma mochila, não muito maior do que a que eu trouxe para East Village.

Eu teria poucas horas para me despedir de todos: Emily, Ethan. As filhas do Adam. E ainda não estava certa sobre como o fazer. Principalmente, porque eu não sabia se conseguiria olhar para Charlotte e Amber e dizer adeus. Despedidas nunca foram fáceis, fugir, no entanto...

Quanto mais pensava acerca desse assunto, mais fácil soava simplesmente ir embora.

Com um suspiro alto e contrariado, eu olhei para a tela do celular que tocava pela terceira vez em poucos minutos. O nome de Adam piscou como um lembrete do homem que eu também teria de deixar para trás.

Será que algum dia eu seria capaz de pensar nele, sem sentir o meu coração sangrar?

— Posso entrar? — A voz de Michael, parado no batente da porta, afastou Adam da minha cabeça. Por quanto tempo, eu não saberia dizer.

Assenti sem graça, vendo-o entrar e se sentar à minha frente. No outro lado do *futon* em que eu e sua filha passávamos horas de nossas vidas adolescentes conversando e fofocando, fazendo planos para o futuro.

Sem dizer nada, Michael estendeu um envelope com a logomarca do seu escritório em minha direção.

— O que tem aqui dentro?

— A assinatura do juiz confirmando a medida protetiva contra Connor. — *Como ele havia conseguido tão rápido?*

— Mas... — Tudo aconteceu tão rápido.

— Foi um favor que pedi a um amigo. Não se preocupe. Connor, a essa altura, deve ter sido informado. Se depender desse papel e dos meus esforços, ele não chegará perto de você nunca mais.

Meus dedos apertaram o envelope, com um misto de alívio e raiva. Porque no fundo, eu sentia como se tudo fosse minha culpa. Eu que escolhi estar com ele, assim como ignorei os sinais. Escapei, acreditando que nunca mais o veria na minha frente, apenas para... descobrir estar errada.

— E quanto a Grace?

— Eu estou cuidando disso também, não quero que se preocupe. Não há provas que liguem Connor a ela, mas há inúmeras formas de fazer com que aquela mulher prove do seu próprio veneno, Georgia. É só questão de tempo.

Observei Michael, vendo uma faceta de sua personalidade que até então me era desconhecida. *Essa era a sensação de ter alguém que se importava com você? Nunca mais ter que se preocupar com nada?*

— Eu a odeio — admiti a verdade. Grace nunca teve compaixão por mim, ou pelo bebê que eu carregava. — Ela me tirou tudo o que eu amei nessa vida, Michael. Nunca me deixou ser feliz, e somente porque...

— O marido dela teve um caso com Darana.

— O senhor sabe.

— Adam me contou. — *Então ele sabia*, e ainda assim, veio atrás de mim aquele dia.

Michael tocou a minha mãe.

— Você não é a única que a odeia, querida. Por isso eu não vou desistir até conseguir tirá-la da cadeira que aquela mulher ocupa, o pior para Grace... ela já recebeu.

— O que? — perguntei confusa.

— Perder o amor e o respeito do filho. Adam a tem mantido afastada, assim como as minhas netas. — *Ele tinha feito mesmo isso? Cortado o laço?*

Isso destruiria Grace.

— Como ela está lidando com o afastamento dele?

— Da pior maneira possível, mas isso não é problema nosso. Desde, é claro, que ela se mantenha distante de você e das minhas netas. — Respirei fundo, mal acreditando. *Adam se afastara da mãe.* — E Georgia? — Michael chamou. — Bob London foi afastado da delegacia essa manhã. Um novo xerife irá assumir o condado, dentro de alguns dias.

— Obrigada. — Sei que boa parte do que vinha acontecendo era graças a Michael.

Eu não estava sendo ruim ao desejar o pior a essa mulher, apenas humana. E que castigo poderia ser pior do que ter Adam, a quem ela tanto tentou proteger, distante dela?

O toque insistente do meu telefone, agora pela quarta vez, fez-me afastar Grace da minha mente. Sem sequer conferir, eu soube que se tratava de Adam.

— Até quando vai ignorá-lo? — Michael desejou saber.

— Até que eu não precise mais? — rebati a pergunta, dando de ombros.

— O seu medo é o que a está enviando para longe, Georgia. Quando vai perceber?

— Com todo respeito, Michael, mas eu não quero falar sobre Adam. Você jamais entenderia a forma como eu me sinto em relação a ele. — *E o pavor que eu tenho de não ser forte o suficiente dessa vez.* — Tudo o que eu quero, e vou fazer, é esquecer o meu passado.

E o faria até não restar nada que pudesse ser lembrado, ou usado para me machucar. E, no instante em que pisasse fora dessa cidade, eu me tornaria outra mulher. Não haveria Adam, Grace. As filhas de Hannah. Nem mesmo Michael.

— Sei que já tomou a sua decisão, e você sabe o que penso a esse respeito, mas se ir embora é o que deseja, Georgia, você deveria contar ao Adam. Porque se ele descobrir somente depois...

— Não — rejeitei de imediato a ideia, nervosa. — Eu não vou contar.

*Não seria justo comigo.*

Sendo bem honesta, eu estava assustada sobre partir, mas muito mais quando pensava na possibilidade de ficar.

— Algumas pessoas levam anos para compreender certas coisas, Georgia. Espero que você não seja uma delas, porque a verdade é que nós não podemos passar a vida fugindo.

— Será a última vez — prometi a mim mesma.

— Há tantas coisas que poderia tentar dizer a você para te convencer do contrário, mas não farei. Tudo o que eu quero é que seja feliz, e se a única chance de isso acontecer, for longe de *East Village*...

— É — garanti, na esperança de que com isso, Michael compreendesse a minha urgência e necessidade em ir embora. Que não tentasse me convencer a ficar apenas mais alguns dias, porque a mochila cheia de objetos pessoais sobre a poltrona, era prova mais do que suficiente de que o momento havia chegado.

Todo o dinheiro que eu possuía, estava na conta bancária. Meu carro com gasolina e condições suficientes para que me levar até o aeroporto.

Eu só precisava encerrar um último ciclo.

Ao me ver sozinha, eu retornei o olhar até o telefone sobre o estofado. E o segurei enquanto o escutava tocar, dessa vez, porém, eu apertei o botão de recusa antes que a ligação caísse na caixa postal. A insistência de Adam em falar comigo, deixou-me irrequieta e nervosa. Mas não a ponto de impedir que eu me levantasse, calçasse o par de botas mais confortáveis que possuía, e saísse.

A fim de cometer o maior de todos os erros.



## ***Adam***

Descalço, eu me aproximei da janela inteiriça do quarto e afastei as cortinas, para que pudesse assistir a chuva cair de forma intensa no lado de fora. O encontro da tempestade com a serenidade do lago era extraordinário. A distração momentânea, porém, não fez nada para aplacar o nervosismo em que eu me encontrava.

Quatro ligações a Georgia, duas taças de vinho e a porra de uma vontade de estar com aquela mulher, era o que me tinha acordado. Com o punho apoiado na vidraça, eu respirei fundo, buscando pelo autocontrole que perdi no instante em que ela retornou a minha vida.

*Semanas.* Foi o tempo que Georgia precisou para virar tudo de cabeça para baixo. Ainda assim, eu era incapaz de me lembrar a última vez em que me senti tão vivo. Cada emoção que trouxe à tona, raiva, tesão. Saudade.

Vontade dela.

Cerrando o meu punho, eu me detive ao escutar o som da campainha no andar inferior. Aguardei por um instante antes de descer, querendo a confirmação de que não estava enlouquecendo e o celular, agora sobre a cama, apitou. Anunciando a chegada de uma mensagem.

Atravessei o quarto, e o peguei. Sentindo a porra do meu coração acelerar ao ler as palavras:

*Eu estou aqui embaixo. Deixe-me entrar.*

Qualquer resposta que eu tivesse digitado a Georgia naquele momento, não teria sido clara a ponto de fazer com que ela entendesse que eu a queria. E que, se estivesse disposta a cometer a loucura de me proporcionar outra chance, eu provaria a essa mulher a verdade:

Que, no fundo, ela sempre foi a minha escolha.

**30**

## **Georgia**

Adam escancarou a porta de forma exasperada, deparando-se comigo e o insistente tremor do meu corpo, tomado por um nervosismo aparente. Procurei em seu rosto por alguma evidência que mostrasse que eu não era bem-vinda, ou que vir aqui, a essa hora da noite, fosse uma péssima ideia, mas tudo o que enxerguei na expressão que carregava era tormenta.

Como se Adam esperasse por mim a noite inteira.

*Eu compreendia a sensação.*

— Eu telefonei para você — grunhiu, em um murmúrio grave, fazendo-me compreender que a minha recusa em atendê-lo era o que o tinha deixado nesse humor instável e agitado.

— Eu s-sei — respondi da única forma que pude: com um ofego. — E está frio aqui fora.

Adam cedeu espaço para que eu pudesse entrar, sem dizer nada. E ao me observar, minuciosamente, eu tive medo de que ele acabasse descobrindo a verdade através dos meus olhos.

Dentro de sua casa, eu me detive, querendo olhar tudo pela última vez. Os detalhes, as lembranças... Tudo o que eu levaria comigo de qualquer forma.

O voo marcado para a noite do dia seguinte tinha o peso de uma tonelada, que eu carregava agora mesmo sobre os meus ombros. Esse peso, que tornava os meus passos hesitantes e a minha decisão de estar aqui, era um ato de desespero.

— Como pode estar com frio? — perguntou ao me olhar.  
— Você está tremendo e está um calor dos infernos, Georgia.

Ele não estava errado, e ainda que a garoa fosse fraca, o tempo seguia abafado. Acho que, no final, não era apenas as pessoas dessa cidade que eram loucas, o clima também não cooperava.

— Acho que estou nervosa. Vir aqui... — Adam me deu as costas, dirigindo-se à cozinha enquanto acenava para que eu o acompanhasse.

Por mais confusa que eu estivesse por dentro, por fora não conseguia deixar de encarar as costas largas desse homem. Nem a forma como a calça de moletom pendeu em seu quadril. Os pés masculinos estavam descalços, e nada, nunca, pareceu-me tão sexy quanto a visão de Adam confortável em sua própria cozinha ao me servir uma dose do que imaginei ser conhaque.

Ele o mantinha guardado em um dos armários acima da bancada.

— Beba um pouco, fará com que se acalme e pare de tremer.

Não tive certeza sobre o ser *capaz de me acalmar*, mas ingerir um pouco que fosse de álcool me esquentaria por dentro.

Parado à minha frente, Adam foi incapaz de afastar os seus olhos, observando-me atentamente enquanto eu bebia o conhaque de uma só vez. O líquido escuro desceu queimando e arranhando a garganta. Fiz uma careta por conta do gosto forte.

— Sei que me pediu um tempo, Georgia, mas não acha que já o perdemos demais? — indagou, de repente, o que me pegou de surpresa. — Eu não preciso pensar em nada, porque sei o que quero. E está bem aqui na minha frente.

Encarei-o, meu corpo reagiu com nervosismo as suas palavras, meu coração principalmente. O meu cérebro, no entanto, era o que me impediu de acreditar nele, porque transformou suas palavras em um borrão, que se espalharam sem fazer sentido algum. A verdade é que eu estava cansada de ter esperanças, fazer planos... e desejar o impossível. Apenas para descobrir que nunca teria o que sempre desejei: Adam na minha vida.

— Suas filhas estão dormindo? — perguntei em vez de respondê-lo. Adam assentiu, encarando-me como se soubesse exatamente o que passava em minha cabeça.

— O que está acontecendo? — Senti o aperto suave das suas mãos em meu rosto. A possibilidade de que ele estivesse procurando por sinais de *outra coisa* me deixou nervosa.

Outra razão que me levava a querer fugir, porque eu não queria ter que ver sempre o olhar de desconfiança no rosto dele. Isso me mataria.

— Acho que a gente precisa conversar, Georgia. De forma definitiva.

Rejeitei a ideia, balançando a cabeça de um lado ao outro enquanto me aproximava dele com coragem, mas também com uma boa dose de loucura.

— Essa noite... eu não quero pensar no passado ou no futuro. Quero apenas sentir você. — Fiquei na ponta dos pés e envolvi sua nuca, querendo que Adam compreendesse o meu pedido. — Foi por isso que eu vim.

Admirei a mudança de humor que ocorreu em seus olhos, a preocupação cedeu ao desejo ainda que se mostrasse resistente.

— Você está dolorida ainda — disse com cautela. — Os hematomas podem estar desaparecendo, mas por dentro tudo ainda está sensível, Georgia.

Adam acariciou a lateral do meu rosto, mais precisamente a área marcada que a maquiagem cobria, porque, além de odiar me lembrar do que Connor fez, eu não queria que Adam olhasse para o hematoma.

Algo me alertava para o fato de que, se ele o fizesse, a última coisa que faria seria me tocar.

— Não dói mais — falei, o que era uma *meia verdade*. Porque, dependendo do esforço feito, doía sim. — Além disso, eu confio em você.

Os olhos verdes se estreitaram quando rocei a minha boca na sua. A rigidez tensa desse homem fez com que a necessidade de senti-lo dentro de mim, ainda que pela última vez, se tornasse urgente.

*Um desespero sem fim.*

Infelizmente, ou não, Adam era uma muralha resistente, difícil de ser ultrapassada, mas profundamente intensa ao se render. E com as mãos ainda envoltas do seu rosto, quis aprofundar nosso beijo, o que ele não permitiu, pois me impediu de qualquer tentativa ao me segurar pelos pulsos.

— O que você quer, Georgia? De verdade? — Fitei o rosto masculino com toda a atenção do mundo, e o teria feito pelo resto da vida, se não doesse tanto.

— Eu quero você, já falei. Mas se não me quiser... — Ao me sentir vulnerável, tentei ganhar algum espaço.

Principalmente ao me dar conta de que, no que se referia a Adam, eu nunca teria o controle. O que me assustou além da conta.

— Você sabe que eu quero, mas não é só isso, eu preciso que entenda que nós temos que conversar.

— Depois — barganhei. — Nós podemos conversar depois, nós temos todo o tempo do mundo, Adam — menti, querendo que ele parasse de falar e raciocinar. Que não tentasse me ludibriar com promessas que jamais seria capaz de cumprir.

Afastei-me, como pretendido, e busquei apoio na bancada. O meu recuo empurrou Adam na minha direção, que foi o único a eliminar toda a distância entre nós dois. *A velha dança* que sempre fizemos.

— Você me quer? — grunhiu, de forma severa enquanto os seus dedos faziam um caminho contrário ao deslizar suavemente pela minha pele enquanto eu lutava para respirar.

— S-sim.

Adam se aproximou de forma tão enérgica, que foi preciso olhar para o alto para poder encará-lo. E ao fazer, ele segurou meu queixo para que eu não olhasse para nenhuma outra direção. Seu polegar se arrastava pelo meu lábio como uma premissa do que aconteceria.

Antes que a sua boca me tomasse, Adam apoiou a testa na minha. Não apenas tomou o seu tempo, como também recuperou o fôlego que eu sequer pensei que ele havia perdido.

— Eu te darei o que quer, *baby*, mas preciso que jure que irá me escutar depois. Palavra por palavra do que eu tenho para



te dizer, Georgia. Você não vai embora antes que eu termine, você não vai gritar. E não vai se recusar a me ouvir, entendeu?

Assenti, nervosa.

— Eu entendi — consegui dizer, sentindo o meu coração afundar por dentro ao imaginar tudo o que esse homem teria para me dizer, e que eu não queria ter de escutar.

Atordoada com a forma punitiva e exigente com que ele me beijou, eu fraquejei. Um arrepio me atingiu do dedinho do pé até o último fio de cabelo. A palma da mão de Adam se espalhou pelo meu rosto, fazendo-me lembrar de que tudo nele era dessa forma: grande, imperativo.

*Controlador.*

Deixei que me beijasse com a mesma vontade que me dilacerava por dentro. Ora suave, como se quisesse me provar aos poucos, temendo que eu não fosse real; e ora rápido, sem cuidado e paciência alguma, permitindo-se levar pelo tesão.

Respirei em meio ao beijo, abalada com a forma como esse homem nublava a minha cabeça tão facilmente.

Não que seus beijos e a pressão feita pelo membro duro e excitado, que pressionava minha barriga, fosse de alguma forma... *pouco*. Longe disso.

— Meu quarto. Agora! — rosnou. Envolveu a minha mão com a sua e me levou até o andar superior, que se encontrava inteiro apagado.

Olhei para os quartos das meninas rapidamente, vendo que elas dormiam com as portas abertas, e me detive ao ver que Adam se dirigiu até o último quarto do corredor, e o abriu.

Entrei receosa, não vou negar. Agi como se estivesse prestes a conhecer os segredos mais obscuros desse homem, e realmente o fiz. A cama à minha direita era imensa, com vista privilegiada para o lago. As cortinas seguiam abertas, o que me permitiu enxergar todo o lado de fora.

— É lindo! — exclamei, impressionada. A garoa fraca, que atingia os vidros, pareceu algo mágico. Aproximei-me, sem esperar por ele, e deixei que o meu dedo acompanhasse o caminho do que me pareceu serem lágrimas caídas diretamente do céu. — Você consegue ver todo o lago daqui. — Eu voltei para Adam, que continuou a me observar. O seu silêncio deixou-me apreensiva. — É a vista mais linda que eu já vi, Adam.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça devagar. Puxou-me pela mão para que eu descesse o degrau de madeira. A mão áspera afastou o meu cabelo do rosto, enquanto me forçava a olhar dentro de seus olhos.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi. — Sorri contra a sua mão, apreciando a sensação que era estar aqui. Tão próxima de tudo o que o importava e prestes a me entregar a ele. — Tem ideia de quantas vezes imaginei você aqui, dentro desse quarto? Eu a recriei em minha mente, Georgia, tantas e tantas vezes, que passei a me deitar todas as noites duro de vontade.

— O que você imaginou? — perguntei, baixo, formigando inteira, ao sentir seus dedos deslizarem pelos meus ombros.

— Você nua. À minha mercê. — *Merda!* Adam puxou fora a jaqueta que eu vestia e que era dele. — Minha boca na sua, meu pau profundamente enterrado em seu calor... — A ponta áspera do seu dedo subiu e percorreu o caminho da veia

pulsante em meu pescoço. Perguntei-me se ele conseguia sentir o efeito que o seu toque causava ao meu corpo. Se o sangue a correr, agora um pouco mais rápido, era perceptível para ele.

— S-Seu pau... d-dentro de mim. E o que m-mais? — gaguejei, nervosa, o que o fez rir. O som grave me arrepiou.

— Depende até onde estaria disposta a ir. Você me daria tudo? — As narinas de Adam, dilataram, em excitação.

— Tudo o que você quiser.

Seu olhar suavizou.

— Isso é o que eu sempre amei em você, porra! — Adam me beijou de forma lenta e apaixonada, e deixou-me rapidamente zozza. — Você nunca diz *não*, nunca se afasta quando eu a empurro. Você grita e esperneia, Georgia. Diz a que veio apenas com um olhar. É uma das mulheres mais fortes que conheci em minha vida. E isso me assusta pra caralho, porque não estou acostumado a não ter o controle... Não quero que Hannah esteja entre nós dois, não aqui dentro desse quarto, mas preciso que entenda que nunca foi assim com ela.

Eu estaria nervosa de estar aqui, nesse cômodo em específico, se não tivesse descoberto, através das meninas, que Adam já não dormia há muito tempo no quarto que dividiu com Hannah.

Dando-se conta de que a minha mente seguia em direção aos nossos fantasmas, Adam segurou o meu queixo para garantir que eu olharia somente para ele.

— O maior arrependimento que eu tenho nessa vida é não ter me permitido encarar a verdade antes. Não vou dizer que as exigências de Grace e do meu pai não influenciaram em minhas

decisões, porque influenciaram. No fundo, sempre quis que eles se orgulhassem, eu queria ser o que o meu pai foi para essa cidade. Tudo o que fiz foi espelhado nele, mas meu pai era humano assim como eu. E sendo humanos, nós somos fadados ao erro, Georgia. — Engoli em seco. — Alguns são imperdoáveis, eu só espero que os meus erros mereçam absolvição. E que eu consiga fazer o certo dessa vez.

Angustiada, cobri a sua boca com a palma da minha mão porque queria que ele parasse de falar e me atormentar.

— Hoje não, por favor. — Era o meu direito decidir o que estava disposta a levar comigo. E conversas assim, que me arrastariam facilmente ao fundo do poço, não entrariam na bagagem. Até porque a mera possibilidade de que Adam estivesse dizendo a verdade, era um risco.

E foi, ao querer me proteger, que voltei a ficar na ponta dos pés, e o beijei de modo sôfrego e desesperado.

Se Adam percebeu a urgência de meus beijos, não demonstrou. Mas a cada tentativa em fazer-me ir devagar, eu o beijei com mais afinco. Com *mais fome de nós dois*. Queria levar tudo desse homem comigo quando eu me fosse, para que não me faltassem memórias nossas.

— Calma, Georgia, espera... — Adam me empurrou lentamente, ao se dar conta de onde os meus beijos apressados nos levariam. Notei o cuidado ao me segurar pela cintura, e a hesitação em que estava em simplesmente me apertar como sempre o fez.

*Adam não queria me machucar.*

— Eu não sou tão frágil — protestei, agoniada entre as pernas e completamente insana da cabeça. — Você não vai me machucar se encostar em mim. — Retirei a minha blusa mostrando Adam que eu ainda era a mesma mulher que ele tantas vezes tocou, meus hematomas não me tornavam fraca, pelo contrário.

A forma como passou a fitar o meu corpo, me fez perceber o quanto ele se encontrava perto da borda. O olhar duro deslizou pelo sutiã de renda preto, que de tão fino não fez nada para esconder os mamilos intumescidos. Observando um pouco mais para baixo, Adam cerrou o maxilar com violência. Se por conta da região arroxeadada, quase imperceptível agora, ou se por conta do tremor persistente do meu corpo, não dava para dizer.

E como se desejasse ter o poder de apagar o hematoma da minha pele, Adam o tocou. Encarou-me enquanto o fazia, à procura de algum sinal de dor. Qualquer careta minha, ele teria parado, se afastado, sem discussões.

— Eu deveria ter matado o infeliz — grunhiu baixo, nervoso com a lembrança.

— De que adiantaria? — Sacudi a cabeça. — Suas filhas ficariam sem o pai, e eu... sem você.

— Lamento não ter chegado antes... Se eu não fosse tão estúpido, teria ido te buscar naquela noite e...

— Você chegou no momento certo — garanti, tocando a mão ainda sobre o meu abdômen. — Eu estou aqui, não estou? Viva. Respirando.

— Sim, você está — soltou em uma respiração pesada enquanto parecia tentar convencer a si mesmo de que era o que

importava.

— Por que então, estamos perdendo tempo com fantasmas, Adam? — inquiri. — Connor, Hannah... quando tudo o que eu quero é você. É nisso que deveríamos estar focados.

— Sem fantasmas — grunhi rouco ao emaranhar as mechas grossas dos meus cabelos entre os seus dedos. — Desde que você pare de se esconder atrás dessa armadura, Georgia. Estou cansado de te ver na defensiva.

— Eu pareço na defensiva agora? — perguntei enquanto me despia do sutiã expondo os meus seios pesados ao homem na minha frente, que se esforçava para ir com calma.

Antes que seu olhar endurecesse um pouco mais, foi o *engolir em seco* que o denunciou. Adam acompanhou a forma como descii o meu short pelas pernas, fascinado. Como se nunca tivesse me visto arrancar as minhas roupas na sua frente.

A ponta de sua língua molhou a aridez em que seus lábios ficaram. Um gesto simples que fez com que eu me desse conta de que, a partir daquele momento, Adam se rendia.

Entregou-me a sua boca, o seu corpo e as mãos que eu tanto desejava sentir sobre a minha pele.

— Você parece com alguém querendo problemas.

Sorri, afastando os meus lábios, que a essa altura deveriam estar marcados com o mesmo batom com que eu o havia marcado a boca.

— Você está certo, Adam. Eu quero todo e qualquer tipo de problema... com você.

## ***Adam***

Georgia tentou me empurrar até a cama, mas a impedi no último minuto. Seu corpo coberto somente pela calcinha negra era uma tentação de se olhar, mas duro eu já estava desde o instante que senti o seu cheiro. Como um sopro ao meu redor, tornava-se cada vez mais intenso.

— Adam? — perguntou, atordoada ao ser carregada e deitada na cama em seguida.

A reação do seu corpo, arrepiado e molhado nos lugares certos, me incentivou a ir com calma enquanto a certeza de que haveria tempo para que fôssemos devagar, infiltrava-se em meu cérebro.

A verdade era que eu desejava provar essa mulher sem a urgência que sempre nos dominou.

Com as costas sobre o colchão e os olhos imensos de tão arregalados, Georgia me observou tirar a calça de moletom liberando o meu pau da pressão feita pelo tecido grosso e o deixando livre para latejar sem contenção.

— Deus, eu acho que nunca vou me cansar de ver você desse jeito — falou, assanhada. — Suas mãos, o seu tórax... seus pés... tudo em você é... de outro mundo, Adam.

— Tudo, hein?

— Você sabe que sim. — Ela se apoiou em seus cotovelos enquanto eu me ajoelhava na cama e a beijava fazendo com que sentisse meu pau duro entre as suas coxas macias.

Detendo-me com os braços, um de cada lado dela, eu evitei me deitar por completo sobre Georgia. Em vez disso, levei

o meu tempo percorrendo cada curva gostosa do seu corpo com o olhar.

Desde os seios inchados e arrepiados, até a barriga contraída de apreensão e desejo. Caralho, eu teria dado tudo apenas para conseguir apagar a marca em seu abdômen, mas Georgia estava certa.

*Ela estava aqui.*

Não que eu acreditasse, que a postura defensiva da qual a acusei possuir tivesse sido abandonada. Pelo contrário, Georgia sempre foi boa em esconder os seus medos e inseguranças... com a sensualidade. As risadas altas e escandalosas, o batom vermelho e o olhar assassino eram apenas camadas de proteção que essa mulher usava diariamente como um escudo.

E aí se encontrava o problema, porque eu não queria Georgia despida somente de suas roupas, eu a queria despida de cada armadura. Cada muro que ergueu tão fortemente à sua frente, que ela parecia já não saber como arrancá-los.

Por isso, ainda que tenha se mostrado ansiosa por me sentir dentro dela, eu procurei ditar o ritmo essa noite. Iria tão devagar quanto seria capaz sem perder a cabeça.

De forma lenta, deslizei os meus dedos pelo seu tornozelo, subindo vagarosamente. Senti-a se contorcer e abrir um pouco mais as pernas dando-me a visão completa da boceta coberta pela renda preta. A umidade podia ser vista ainda que o tecido filtrasse parte dos fluidos que a melavam.

— O que eu faço com você, *baby*? — inquiri, rouco, excitado pra caralho.



O carinho deixado agora em suas coxas, intensificou-se ao ser praticamente capaz de rodeá-la com a ponta dos dedos, o que levou Georgia a gemer baixinho diante da intensidade do toque.

— Faz amor comigo, Adam — pediu, sedenta. — Nós temos a noite inteira.

— Acho que está errada... nós temos é a vida inteira.

E essa mulher, nua e excitada sobre os meus lençóis, era tudo o que eu desejava.

— Prove-me então — pediu, como se implorasse para que eu a convencesse. — Prove, Adam, o quanto você me quer.

Inclinei-me sobre Georgia, incapaz de ignorar o que seus olhos me pediam e a sua boca não tinha coragem. E a beijei. Primeiro, sobre o hematoma, sentindo-a prender a respiração; e, em seguida, sobre o cócs de sua calcinha.

O gemido que lhe escapou deixou-me zozzo. Seus dedos emaranharam-se em meu cabelo curto em uma tentativa de garantir que eu terminaria o que comecei. O que eu fiz.

Cobri a virilha úmida com a boca, e a chupei por cima do tecido delicado de sua calcinha. Fiz movimentos suaves, que a fizeram se contorcer enquanto eu a segurava pelas coxas, que insistiam em se fechar de cada lado da minha cabeça.

Inebriado pelo gosto, eu me esforcei em arrastar a boca para o outro ponto de seu corpo. Querendo provar cada centímetro de Georgia antes de ceder a essa mulher.

Quando não suportei mais a tortura, e o tesão se tornou insuportável, eu me deitei sobre Georgia. Suas pernas abraçaram-me fortemente enquanto nossas bocas buscavam por

um encaixe que nos deixaria satisfeitos. A volúpia de sua resposta me fez apertá-la, cravar meus dedos em sua pele e ofegar contra a sua boca.

— Por que está tão nervosa? — perguntei, baixo. E empurrei meu membro duro em sua entrada, sem entrar por completo, o que deixou Georgia completamente instável.

— Como eu poderia não estar? — sussurrou, em um ofego. — Depois de tudo?

O roçar dos seus lábios em minha boca a cada palavra dita foi o que me levou a morder sua boca inchada com voracidade. Aquela foi o adeus de toda e qualquer tentativa de ir devagar.

Com um único impulso, escancarei as suas pernas um pouco mais e afundei em sua boceta, sentindo-a contrair e gritar. Gemendo o meu nome, com tamanha entrega, que foi como se tivesse passado a noite inteira ansiando pelo momento em que não saberíamos mais onde um começava e o outro terminava.

— Caralho, *baby*, como pode duvidar que eu seja louco por você? — Não entrava na minha cabeça o fato de Georgia não ser capaz de enxergar a verdade, quando a própria Hannah o fez. — Eu não posso mudar o passado, Georgia — falei, mantendo-a imóvel abaixo de mim. Talvez essa fosse a única forma de fazê-la me escutar até o fim. O problema foi que, a cada palavra, eu a senti pulsar, apertar o meu pau, como se me respondesse loucuras. — Mas posso mudar o nosso futuro, e eu quero mudar.

— Como? — murmurou, entre um beijo mais desesperado do que o outro. — Como, Adam?

— Sendo perdoado por tudo o que eu te fiz, recebendo outra chance... Você pode fazer isso?

Georgia não respondeu, mas chorou. Com o meu pau enterrado profundamente dentro dela, a boceta quente pulsava ao meu redor e todo o seu corpo estremecia pela intensidade de suas lágrimas.

Em um esforço, eu me mantive apoiado sobre o colchão enquanto passei a beijar o seu rosto e boca, tudo ao mesmo tempo.

— Só me beije, por favor — pediu, segurando o meu rosto.  
— Só me beije e me faça sua.

Eu a beijei, até que nossas bocas incharam. E o seu corpo convulsionou abaixo do meu. Eu a beijei, como desejava ser capaz de fazer pelo resto de minha vida. Eu a beijei, como se, em sua boca, estivesse todas as chances que eu precisava para fazer essa mulher feliz.

Georgia só precisava acreditar em mim.

## Georgia

Nos braços de Adam, eu tentei me concentrar na vista que tínhamos a partir da posição em que nos encontrávamos. Deitada de conchinha, eu me vi completamente envolvida por ele. Meu corpo nu foi aquecido por cada centímetro desse homem. Depois da loucura que fizemos, intensa e profunda, Adam me puxou para os seus braços. E, sem pressa alguma de apagar o meu cheiro do seu corpo, ele afundou o rosto em meus ombros e se permitiu ficar deitado comigo.

Seus olhos estavam fixos na mesma direção que os meus: a vista privilegiada do lago que a sua casa possuía. Essa era toda a razão pela qual Charlotte disse que o *lago era dele*, porque Adam o tinha inteiramente daqui.

Inquieta e ciente de que não conseguiria descansar, eu apertei a sua mão envolta da minha cintura. Recordei-me da ausência da aliança que o prendeu a Hannah por anos.

— Você a tirou — murmurei, sentindo a barba grossa em meu ombro. — Por quê?

— Eu precisava — respondeu, taciturno. — Eu amei a minha esposa, Georgia. Dizer o contrário seria uma mentira. — Adam me segurou com um pouco mais de força assim que o nome de Hannah escapou de sua boca. — Mas eu a amei, ciente de que, se algum dia você voltasse... o meu mundo viraria de cabeça para baixo. Porque eu nunca te esqueci, *baby*. Não fui capaz quando você foi embora, nem quando, dia após dia, eu tentei me convencer de que estava vivendo a vida que sempre desejei. Eu tinha uma esposa que me amava, filhas lindas, uma

carreira promissora. Mas nada disso me arrancou a sensação de que eu não era um homem completo. — Diante do meu silêncio, Adam continuou: — A verdade é que eu sempre fui tão louco por você, que briguei com Ethan e com cada filho da puta do time que ousou olhar em sua direção na época da escola. Não satisfeito, eu briguei com a Grace. E teria brigado com o mundo inteiro somente por sua causa, ter noção disso foi o que me fez recuar — admitiu, deixando-me nervosa. — Eu nunca quis ser esse tipo de homem, e cresci acreditando que a vida dos meus pais era perfeita, desejando o mesmo. E você, de alguma forma, pareceu tão maior do que essa cidade e dos planos que fiz, que temi que nunca fosse se encaixar. Que, em algum momento, o meu coração é que seria quebrado.

— Então você me deixou.

— E essa foi a pior decisão que tomei na vida: deixar você. — Fechei os meus olhos e o deixei me apertar porque eu precisava do seu calor e de uma boa razão pela qual não ir embora naquele exato momento.

— E por que está me contando tudo isso agora, Adam?

— Achei que já tivesse entendido, eu quero você na minha vida.

A ideia de que ele *pensasse* que me queria me entristeceu, mas também me irritou. Forcei-me a virar em sua direção e ficar cara a cara com o homem que sempre foi bom em me magoar.

E então, não foram apenas nossos corpos a ficarem próximos um do outro, mas as nossas bocas também.

— Você não me conhece para dizer que me quer. Não sabe metade do que tive que fazer em todos esses anos para sobreviver, Adam. Tudo o que *você* conhece é o que está vendo. Um corpo...

— Isso não é verdade — grunhiu, segurando fortemente o meu rosto. — Você sabe que não é!

— E se eu te disser que, antes do Connor, eu tirei a roupa para uma centena de homens que pagavam para me ver dançar nua? — Revelar a verdade doeu mais em mim do que em Adam. Mas eu precisava que ele soubesse, porque suas promessas sempre vinham com condições. E eu não sei se Adam iria me querer quando descobrisse quem era a *verdadeira Georgia*. — Fiz isso por tantos anos, Adam, que a dança perdeu o sentido. Eu já não a fazia por amor, já não me importava se os meus tornozelos e pés doíam. Então, eu me enfiei em todos aqueles remédios, porque eles me ajudavam a não sentir nada... e, Deus, sentir sempre acabou comigo. Eu senti a sua falta, sentia a de Hannah. Eu senti pelo meu bebê... tudo o que eu fiz nessa vida foi sentir, Adam. E eu estava cansada. — As palavras foram saindo, uma atrás da outra, como se eu finalmente pudesse colocá-las para fora sem medo.

Com a certeza de que, dessa vez, eu não ficaria para ver Adam me rejeitar de novo.

— Estar sob a minha pele sempre foi a coisa mais difícil que tive que fazer. Desde pequena, eu precisei lidar com a forma como todos me olhavam e desprezavam. A minha mãe e aqueles homens... eu só queria desaparecer, Adam. Quantas vezes você

acha que eu não pensei em... como seria bom não sentir nada, nunca mais?

— Georgia. — Adam afastou o meu cabelo e aproximou-se do meu corpo ainda que permanecêssemos deitados um de frente para o outro.

— Deixe-me falar, ok? Eu... preciso falar. — Ele assentiu, recusando-se a afastar a mão quando tentei. Porque Adam soube, ele percebeu que eu estava perto de escorregar por entre os seus dedos. — Eu os amei, Adam. Você e Hannah. Os amei tanto e com tanta intensidade que, quando os perdi, eu quase enlouqueci. Então voltei, e foi como se eu ainda fosse a velha Georgia. Assustada, com medo e lutando fortemente para não se deixar abalar com tudo o que essa cidade fez comigo. Mas cada vez que tentei ser forte, a cada tentativa de superar o passado, você aparecia na minha frente. Ora com raiva, ora exigindo tudo de mim, fazendo promessas que eu sabia que jamais poderia cumprir. Porque eu não sou ela, Adam.

— Eu não quero *ela*, eu quero você, porra!

— Mesmo sabendo o que sabe agora? — inquiri, em dúvida. — Eu fiquei nua para...

— Eu entendi, Georgia. E sim, eu te quero mesmo sabendo o que sei agora. Que parte do “eu te quero na minha vida”, você ainda não entendeu? Eu te amo, caralho! Está tão difícil assim de compreender?

Meu coração parou naquele exato momento. Ou assim pareceu. De repente, era como se ele sequer soubesse o que fazer. Os sons ao redor tornaram-se apenas um zunido ensurdecedor.

— V-você...

— Eu te amo. — *Não!* Ele não podia dizer coisas assim para mim. Não era justo. — Eu te amei quando você fez tudo para chamar a minha atenção naqueles corredores da escola. — Tentei me desvencilhar, mas Adam manteve-me onde eu estava. E entrelaçou as pernas fortemente nas minhas, a um passo de me segurar contra o colchão para que eu não me levantasse. — Eu te amei quando você me beijou pela primeira vez e, em seguida, voltou para me beijar de novo. Você se lembra do que me disse?

— *Se a gente nunca mais se beijar, eu sempre vou me lembrar.*

— Então, eu te puxei e nós nos beijamos outra vez. Por um ano, Georgia... Você esteve na minha vida por um ano, e foi o suficiente para que eu te mantivesse dentro de mim por outros dezessete, *baby*. — Fechei os meus olhos, sentindo que novas lágrimas molhavam a minha pele. *Quando elas teriam fim?* — Você me ouve, Georgia? Você entende o que estou te dizendo?

— Mas...

— Eu te amei quando você me entregou a sua virgindade, confiou o seu corpo a mim. Eu te amei quando a vi sorrir a cada noite que te convidei para ficar em minha casa. Porque o seu sorriso não era apenas de alívio, era... de devoção. E por mais louco que pareça, eu te amei quando te deixei, porque tive medo de que, tudo o que eu sentia, fosse muito para eu ter que lidar. Eu tinha dezoito anos, Georgia, a vida toda pela frente e tantas expectativas em minhas costas, que senti como se não tivesse escolha.



— Pareceu fácil.

— Não foi, eu te juro que não foi. Quando Hannah contou que você foi embora, fui eu quem quase enlouqueci. Porque não havia ninguém com quem falar e admitir o meu erro. Eu tive que fingir que tudo estava bem... quando não estava.

— Você teve a Hannah ao seu lado, eu não...

— Sim, ela me ajudou. E ainda que, no fundo, Hannah soubesse a verdade... ela ficou, Georgia. — *E eu não*, pensei ao olhar dentro de seus olhos enquanto meus dedos passeavam pelos cachos nas pontas de seu cabelo, um pouco maior do que estava quando o vi na última vez.

Havia bem mais do que mágoa dentro de mim naquele momento e as emoções eram tão densas, que escolhi não ter que lidar com elas.

— Eu te amo — falei de volta, porque talvez fosse a minha última chance. — Acho que desde que eu era pequena. Eu amei o garoto que você foi, mas acho que amo muito mais o homem que se tornou. Ver você com as suas filhas, você é... *quase* perfeito, Dr. Preston.

— Quase?

— Seria completamente se não tivesse me feito chorar tantas vezes.

— Eu sinto muito — falou atormentado. — E tudo o que eu quero é uma chance de mostrar a você que o seu lugar é na minha vida. — Adam se inclinou sobre mim, fazendo-me olhar para cima para que pudesse enxergar o verde de seus olhos.

— Mas e se não for? Não se trata somente de nós dois agora, Adam. As suas filhas, e se elas não me aceitarem? — Eu

as amava e sabia que, se passasse mais tempo com elas e algum dia tivesse que deixá-las, eu morreria.

— Minhas filhas irão aceitar o que me faz feliz, Georgia. Elas irão entender.

— E se eu não for capaz? E se aqui dentro... — aponte para o meu coração — já não houver forças para tentar de novo?

Adam me avaliou, seus dedos deslizaram pelos meus braços. A boca macia, mordida de meus beijos, aproximou-se da minha testa com um toque suave que não escondeu a tormenta dentro desse homem.

— Então, eu irei esperar até que você tenha, mas eu não pretendo desistir, Georgia. Não dessa vez e não agora, quando finalmente me dei conta de que não quero viver sem você ao meu lado — Adam voltou a dizer, querendo que eu entendesse o seu ponto. — E se você sente o mesmo, *baby*, então nós faremos dar certo, com medo ou sem medo.

Engoli em seco e me deixei ser levada outra vez para os seus braços. E, ao afundar o rosto contra a sua pele, senti o coração desse homem bater violentamente, como se uma tempestade se formasse dentro de si.

Voltamos a fazer amor, eu não teria conseguido sair sem senti-lo pela última vez. E ainda que o meu coração estivesse uma bagunça, assim que Adam adormeceu, virando-se de costas no seu lado da cama, eu me sentei olhando para o quarto escuro enquanto me forçava a ser corajosa.

*Como precisei tantos anos atrás.*

Ao me levantar, eu me vesti rapidamente, permitindo que as lágrimas deslizassem pelo meu rosto. Vir até aqui talvez não

tenha sido a melhor das decisões, porque ir embora agora, depois de tudo o que escutei, se tornou a decisão mais difícil a ser tomada.

Só que falei sério sobre não ter mais forças, eu estava exausta. Cansada de tentar e esperar pelo meu final feliz.

Já no corredor, olhei para o quarto das meninas, exigindo tudo de mim ao arrancar a gargantilha do meu pescoço e deixá-la sobre a cômoda de Amber. E mais ainda, em não sorrir e chorar para o *pitoco de gente* que era a Charlotte.

— Eu sinto muito. — *Realmente sinto*, pensei comigo mesma ao descer as escadas e me deter em frente à maçaneta, ciente de que eu estava indo contra a vontade de Hannah, com o seu único pedido.

Mas não desisti, mesmo que soubesse que, no instante em que saísse por essa porta, não haveria volta. E ao fazê-lo, eu percebi que o que saía era apenas o meu corpo, porque o meu coração ficava inteiro dentro dessa casa.

Loucura ou não, ir embora era o meu grito de cansaço e revolta.

*Eu precisava fazer isso por mim.*

Provar para a velha e a nova Georgia, que eu tinha amor-próprio suficiente, para me colocar em primeiro lugar sempre.

Por mais doloroso que fosse.



## ***Adam***

Despertei como se tivesse acabado de ser arrancado de dentro de uma memória do passado. Georgia chorando pelo nosso filho, sozinha na porra de um lugar que eu não conseguia alcançá-la, por mais que corresse. O susto provocado pelo que só poderia ser um pesadelo me fez procurar pelo seu corpo ao meu lado na cama, apenas para encontrá-la vazia.

Em alerta, fitei os lençóis amassados. O cheiro daquela mulher foi tudo o que senti em um primeiro momento, porque não demorou até que a sua ausência gritasse por todo o quarto.

Fiquei de pé em um impulso, e a procurei no banheiro. Bati a porta com força ao não encontrá-la. A calça vestida, às pressas, cobriu o necessário para que eu procurasse por Georgia no quarto das minhas filhas. Lotty era a única acordada àquela hora. E, enquanto esfregava os olhinhos, eu a questionei:

— Filha, você viu a Georgia?

Lotty estacou, olhando-me confusa. E eu sabia que, sem os óculos, ela não enxergava nada.

— Acho que não, papai, ela não mora aqui.

— Tem certeza, Lotty?

— Que ela não mora aqui? Claro que tenho, né, papai! — Charlotte me seguiu, sem entender nada, enquanto eu voltava até o quarto, apenas para ter certeza de que o que tinha visto ao me levantar não foi uma alucinação.

*A minha jaqueta*, a que Georgia manteve por todo esse tempo, fora deixada para trás.

— Papai, o senhor tá bem?

— Não, Lotty, eu não estou. — Caminhei até a cadeira onde a peguei e a cheirei.

Sentindo o perfume de Georgia por todos os lados, procurei, em um esforço, não enxergar o seu esquecimento como um sinal, mas, ao descer as escadas e procurar pelo seu carro na garagem à frente da casa, eu tive a confirmação que não esperava.

Georgia havia partido.

— Papai, o senhor tá me preocupando. — Lotty apareceu de pijama e com os óculos, que pareceu ter encontrado em seu caminho.

Transtornado, olhei para os dois lados, esperando que aquela mulher fosse aparecer magicamente à minha frente. E enquanto pegava o celular, que recuperei no quarto ao procurar pela jaqueta, eu telefonei para o seu número. Que, dessa vez, sequer chegou a tocar caindo diretamente na caixa postal.

— Você não fez isso, porra — grunhi para o nada, desesperado. — Você não fez!

Outros dezessete anos sem Georgia ao meu lado, e eu estaria louco.

Decidindo de última hora, eu disquei o número de Michael. Olhei para trás e me deparei com Lotty sentada, à espera que eu me acalmasse.

— Onde ela está, Michael?! Onde?! — gritei com o avô das minhas filhas, sem pensar direito. Eu só precisava descobrir se Georgia havia voltado para a sua casa, ou pior, se havia ido embora como o meu coração insistia em acreditar.

A noite que passamos juntos não poderia ter sido uma despedida. Georgia jamais teria sido tão cruel, porra.

— *Eu tinha esperanças de que a minha filha fosse desistir, mas, ao que parece, ela antecipou os seus planos — revelou. — Até onde eu sei, não era para Georgia ter saído daqui até a noite, mas ela chegou tão agitada, Adam, que eu não tive como impedir.*

— Para onde ela foi?

— *Eu não posso dizer, na verdade eu nem ao menos sei direito.*

— Onde, Michael? — insisti, passando a mão pelo meu cabelo de forma agitada.

Ciente agora de que não precisaria de outra década até enlouquecer, eu já sentia que perdia a lucidez naquele momento.

— *Tudo o que sei é que Georgia iria para o aeroporto. E de lá...*

*Aeroporto?*

Desliguei o telefone, após pedir para que Michael viesse ficar com as meninas enquanto eu ia atrás de Georgia. No tempo que levei para entrar com Lotty, acordar Amber e o avô das meninas chegar, eu senti como se estivesse prestes a enfartar.

Todos os malditos sintomas mostravam-se presentes. Desde o coração acelerado, o aperto no peito... a falta de ar. E, o pior, a dificuldade em pensar com clareza. Tudo o que eu sabia era que essa mulher não me deixaria outra vez.

Eu não iria permitir.

— Papai, o senhor vai atrás da *Geogia*?

— Sim, Lotty, eu vou. Mas não quero que se preocupe, o seu avô ficará com você até que eu retorne, tudo bem?

— Não tô preocupada. O senhor que está. — Ela entrou, carregando o dinossauro rosa para dentro, enquanto eu passava feito um louco por Michael.

Ainda que estivesse furioso com o infeliz, eu soube, com apenas um olhar, que ele realmente esperava que eu trouxesse a sua filha de volta.

— Caralho, *baby* — grunhi, ao dar partida no carro.

Dessa vez, com a esperança de ser capaz de convencer Georgia de que o lugar dela era na minha vida e não fora, como essa mulher tentava tão arduamente se manter.



## **Georgia**

Não sei ao certo como consegui dirigir por toda a primeira parte da viagem, sem bater o carro ou jogá-lo no acostamento. As minhas mãos não cooperavam, nem mesmo o choro silencioso que vinha tentando conter desde o instante em que me despedi de Michael.

O que se tornou praticamente impossível, ao ter minha cabeça invadida pela noite passada. Como se houvesse algo me impedindo de seguir em frente com a minha decisão.

No fundo, a voz de Adam me puxava de volta tornando cada quilômetro dirigido um pouco mais pungente.

*Eu te amei quando você me beijou pela primeira vez e, em seguida, voltou para me beijar de novo.*

— Não!

Afastei de imediato a declaração de Adam, recusando-me a ceder. Aquele homem esbravejou tudo o que eu sempre quis escutar, o problema é que ele falou tarde demais, pensei, batendo com força no volante. Estava tão irritada comigo mesma por estar sendo uma covarde, que, em um segundo de distração, quase provoquei um acidente que poderia ter me matado.

Diante da buzina alta da carreta passando ao meu lado, eu joguei o meu carro no acostamento e esperei até que cada batida dentro do meu peito se acalmasse. Respirei fundo, incontáveis vezes, mas soube que, se continuasse sentada no interior do veículo, eu jamais seria capaz de conter toda a agitação na qual me encontrava.

Ao não ter escolha, desci do carro. O ataque de pânico ganhou força, e ele nem era o primeiro que eu sentia. Desde o ocorrido com Connor, episódios assim vinham se repetindo, mas esse pareceu ser o mais violento até então.

E o que me pôs mais medo.

Limpei o choro do meu rosto, andando de um lado ao outro. Ora balançando os braços para me ajudar a respirar, ora buscando apoio em meus joelhos para permanecer de pé.

Quando os primeiros sinais de que *voltava ao meu normal* surgiram, e me dispus a retornar para dentro de onde era seguro, eu notei o SUV diminuindo a velocidade na estrada ao se aproximar.

O tempo que levei na casa de Michael, que me forçou a tomar o café da manhã, cobrava o seu preço agora. Porque, no instante que reconheci o homem por detrás do volante, eu me dei conta de que estava ferrada. A forma como Adam se aproximou, mostrando-se igualmente furioso e aliviado, fez com que as minhas pernas imediatamente falhassem.

Todo o ar que eu havia recuperado, ao me acalmar, extinguiu-se de vez em um piscar de olhos.

A cada passo que Adam deu em minha direção, eu senti como se estivesse prestes a desmoronar. Porque a ideia, ao fugir, era nunca mais ter de olhar em seus olhos. Ou sentir o toque áspero de suas mãos.

Ver-me diante dele agora, faria com que eu perdesse cada gota de coragem que levei tanto tempo para reunir.

Antes de dizer qualquer coisa, gritar comigo ou perguntar por que eu tinha feito o que fiz, Adam me encarou atordoado,

como se mal pudesse acreditar que eu estava à sua frente, deixando-me sem escolha a não ser correr para os seus braços e me permitir ter o meu desespero aplacado. Não era apenas ele que queria me impedir de ir embora, eu também queria que Adam fosse capaz de me convencer a ficar, sem que isso se tornasse uma traição a mim mesma.

— Eu digo que te amo e você foge, porra? — escutei-o grunhir contra o meu cabelo, deixando claro que não me soltaria.

— Eu disse que te amava... e você me deixou — lembrei-o, estremecendo dentro de seus braços. — Foi você quem me deixou primeiro! — acusei-o, nervosa. — E isso me destruiu, Adam. — Quis que ele compreendesse por que eu tinha feito o que fiz. — Como posso confiar em alguém depois do que aconteceu? Como posso acreditar que eu mereço ser amada? Tudo o que eu tive por anos foram homens *amando* o meu corpo, desejando a minha casca, mas e o meu coração? Nenhum deles quis o meu coração!

— Eu quero, *baby*. Escute quando eu digo, porque eu quero — falou com calma. — Imaginar que você estava prestes a ir embora de novo me fez ter a certeza de que você não está ouvindo o que eu te digo.

Nervosa, não consegui respondê-lo, principalmente porque Adam estava certo. As coisas que me dizia já não eram assimiladas. Porque estava com receio de escutá-lo e, mais do que isso, de acreditar em suas palavras.

— Eu estou com medo — admiti. — Medo de me permitir acreditar e perder tudo de novo. Você, as suas filhas... Eu quero

tanto essa vida e fazer parte da sua família, que estou morrendo de medo, Adam. Se algo acontecer e eu tiver que...

— Se você ficasse, veria que nada vai acontecer — grunhiu, revoltado com a minha teimosia. — Mas, porra, você não me dá a chance de te escolher, Georgia. Você não *me deixa* te escolher! E sabe por quê?

Neguei, atordoada.

— Porque sempre vai embora antes. Você me acusa de ser um covarde, mas o que é isso que estava prestes a fazer?

— Acha que é fácil para mim?

— Eu acho, porque se não fosse você teria ficado e lutado pelo nosso amor. Teria pelo menos tentado!

Confusa, sacudi a cabeça de um lado a outro. A lembrança do nosso passado era o que me afastava dele. Voltei a me sentir mal, a precisar de espaço. E foi o que tentei colocar entre nós dois.

— Você não consegue me perdoar, não é? — Adam exigiu saber.

— Não é você que eu não consigo perdoar, é o que a sua decisão fez comigo. O inferno que eu vivi... Você pode me chamar de covarde, e talvez eu seja. Mas que escolha eu tenho que não a de me proteger?! — gritei.

Não era somente medo o que eu sentia, era desespero, pensei, ao me afastar dando-lhe as costas sem pensar nas consequências. Estava tão desnortada, que voltei a andar de um lado para o outro.

— E o que eu faço com o desejo de me casar com você? Você vai me deixar porque quer se proteger, e como eu esqueço

os planos que fiz para nós dois?

Eu me detive e, lentamente, olhei para trás.

— Case-se comigo, Georgia. — Foi o pedido mais inesperado que recebi na minha vida, e também o mais exaurido. — Se nada do que falei até agora te convenceu do meu amor, isso tem que te convencer. Não foi dessa forma que planejei pedi-la para que seja a minha esposa... — Adam apontou para o ponto da estrada em que estávamos e as roupas que vestíamos. — Ver você tão disposta a me deixar fez com que eu compreendesse que nem tudo é como a gente quer que seja. Então eu te peço. — Ele caminhou até onde eu, teimosamente, me encontrava e segurou o meu rosto. — Case-se comigo, *baby*, e seja a minha esposa. Nem que leve mil anos até que acredite no que te digo, mas preciso que entenda que eu amo tanto a mulher que você se tornou. Posso não ter tomado a decisão correta no passado, mas eu me recuso a não tomá-la agora.

Adam estava tão perto, com suas mãos apertadas em meu rosto, que não tive outra opção que não a de encará-lo.

— V-você ia mesmo me pedir em casamento?

Ele assentiu, com confiança.

— Pela manhã, quando você acordasse ao meu lado. E então nós teríamos feito amor, e eu teria mostrado a você que cada palavra que sai da minha boca é verdadeira. Quando digo que a quero na minha vida, é porque a quero na minha cama. Na minha casa, vivendo comigo e com as minhas filhas. Nada menos do que isso.

— Sua... sua casa? — *Ele estava mesmo dizendo todas essas palavras?*

*Pedindo-me em casamento?*

— A nossa. A partir do momento que você disser que sim, ela será *nossa*. Assim como tudo o que possuo. E não me refiro ao dinheiro, eu me refiro as minhas filhas e a tudo o que construí...

— As suas filhas... — Depois de Adam, elas eram tudo o que importava para mim.

— Sim.

— Eu sou apaixonada por elas, Adam. Se você soubesse como foi difícil deixá-las para trás essa manhã...

— E quanto a mim? Não foi difícil?

— Foi tão difícil que eu pensei que morreria — admiti, sem fôlego.

— E, ainda assim, você entrou nesse carro e partiu. — Beijou-me a boca com uma força e saudade, que sequer tivemos tempo de sentir. — Essa é a última vez que você faz algo assim, me ouviu? Sem partidas súbitas, e sem tentativas de quebrar o meu coração, *baby*. Eu estou velho demais para brincar disso.

— Mas eu ainda não disse que *sim*. — Adam me encarou, sério. — E não vou dizer até que você prometa que vai cuidar de mim, como eu mereço ser cuidada. — Se fugir já não era uma opção, então eu daria a esse homem condições para me ter em sua vida.

Era tudo ou nada.

— Eu prometo, e...

— Deixe-me terminar, calma — pedi, nervosa. — Eu quero ter um filho. Quero um bebê seu, Adam. — Seus olhos suavizaram, o que me deixou surpresa.

Talvez Adam não somente me amava, como também queria ter filhos comigo.

— Nada me faria mais feliz do que ver um bebê meu crescendo dentro de você. — Eu poderia ter parado com as exigências ali, com aquela promessa, mas eu queria mais.

Dessa vez, eu não me contentaria com pouco.

— Eu também quero que você me prometa, Adam Preston, que me fará feliz para sempre.

— Essa não é uma promessa, Georgia, é um juramento, que eu faço a você e a família que vamos construir juntos. Entende isso?

Adam afagou a pele do meu rosto e com um ímpeto, antes que eu pudesse respondê-lo, me beijou de forma tão apaixonada, que senti como se fosse o nosso primeiro beijo.

E talvez fosse mesmo, mas o primeiro do restante de nossas vidas.

— A minha resposta é sim, Adam. Eu aceito ser a sua esposa.

Ele sorriu, com seus dedos emaranhando-se em meu cabelo, enquanto pareceu respirar profundamente pela primeira vez desde que saiu do seu carro e me salvou de cometer o maior erro da minha vida. E, ao me beijar, não foi apenas a sua boca que eu senti sobre a minha.

Foi todo o seu amor. E ele tinha o gosto, a cor e o cheiro do meu próprio conto de fadas.

# Epílogo



## ***A gravidez***

Segurei o teste em minhas mãos, mais nervosa do que algum dia achei que estaria. Sentada no chão do quarto, com as costas contra a janela, eu tinha acabado de viver os cinco minutos mais incertos da minha vida... apenas para me descobrir grávida.

*Eu iria ter um filho do Adam.*

Depois de tantos anos, a vida me proporcionava uma nova chance. E, ao mesmo tempo que desejei chorar por toda a emoção, eu também quis correr para os braços de Adam e não o soltar nunca mais. Mesmo incapaz de prever qual seria a sua reação.

Adam e eu falávamos sobre filhos, mas não sobre *os ter agora*. E definitivamente, não com o nosso casamento marcado para daqui a apenas três meses, noventa dias que nos separavam de um dos meus maiores sonhos.

Ao escutar a entrada abrupta de Charlotte no quarto, que nunca batia ou mostrava a que veio, levando seu pai e eu a mantermos a porta sempre fechada durante a noite, eu a encarei perplexa tentando imaginar como seria a reação das meninas e, mais do que isso, como seria o rostinho do irmão ou irmã delas.

*Ele seria parecido comigo? Ou com o Adam?*

*Meu Deus*, fazia apenas quatro meses que estávamos realmente juntos. Adam conseguiu me convencer a me mudar para a sua casa antes do casamento e, enquanto ele se dividia entre a clínica e o hospital, onde acabou por voltar a ala cirúrgica, eu passava o meu tempo dividindo-me entre as meninas e a

reforma sendo feita no estúdio. Nos dias em que Adam precisava ir até *San Francisco*, nós quase sempre ficávamos com Michael, a quem eu, pouco a pouco, começava a perdoar.

E ainda que ele tenha se mostrado reticente à minha mudança a princípio, Michael desejou que fôssemos felizes, mas também fez questão de garantir que sempre estaria ao meu lado. *Não importa o que acontecesse*. Eu era grata pelo seu apoio, mas sabia que Adam e eu seríamos para sempre.

O tempo que passou desde a *minha fuga* e o pedido de casamento, fez-me confirmar algo que sempre soube: que Adam era o homem da minha vida.

— *Georgia?* Tá tudo bem? — Lotty perguntou ao se aproximar. Eu tinha buscado elas mais cedo na escola e, após o almoço, enquanto elas começavam o dever de casa, eu subi por alguns minutos apenas para fazer o bendito teste. Que a essa hora, toda a cidade deveria estar sabendo da minha possível gravidez.

Segredos não se mantinham em *East Village*, essa era a verdade.

— Você tá chorando? — Ela se ajoelhou, ficando cara a cara comigo. — Machucou?

— N-não. Eu só... — Amber entrou atrás da irmã, e se deteve ao olhar para o teste que eu segurava. Ela já não era nenhuma criança, mas me surpreendeu ao se dar conta do que se tratava o objeto nas minhas mãos.

— Você está grávida. — Não foi uma pergunta e, antes de confirmar, eu a observei esperando, no fundo do meu coração, que ela se mostrasse feliz.

Sei que o nosso início não estava sendo fácil. As meninas nunca tiveram que dividir a atenção do pai com nenhuma outra mulher, e agora, de repente, eu estava morando na casa delas e dormindo com o pai delas.

E tendo um bebê que seria o irmão delas.

— Eu estou. Acabei de descobrir.

Lotty sorriu, me abraçando.

— O papai colocou um bebê aí dentro, não foi? — perguntou, afastando-se apenas o suficiente para ver a minha barriga ainda plana. — Por onde entrou, *Geogia*? Conta para mim, por favor.

Charlotte procurou ao meu redor, como se de alguma forma esperasse que o bebê tivesse sido colocado na minha barriga através do quê? *Um cano*? Era difícil acompanhar a cabecinha agitada dessa garota.

— Eu... eu não sei bem por onde ele entrou, Lotty. Só que ele está aqui. — Ela me olhou confusa, como se achasse estranho que uma adulta não soubesse por onde os bebês entravam.

— Eu vou perguntar ao meu papai, não se preocupa. Nós vamos descobrir, tá?

Abri a boca para dizer a Charlotte que não perguntasse antes que eu pudesse contar ao Adam sobre o bebê, mas Amber falou primeiro.

— Quando vai contar ao meu pai? — perguntou baixinho, sentando-se ao meu lado, ombro a ombro, como sempre fazíamos. O fato de Amber usar o pingente de sua mãe me

deixava emocionada. Porque, de certa forma, ele era uma parte de nós duas.

*Hannah e eu.*

— Eu ainda não sei, talvez essa noite?

Ela me encarou, interessada.

— Você esta feliz, não é?

— Muito. Eu sempre quis ter um bebê, e eu amo o seu pai, Amber. — Não tinha como ser de outro homem.

— Ele também te ama. — A escutei sussurrar de volta e apoiar a cabeça no meu ombro. Em uma demonstração clara de que também estava feliz, e mais do que isso, tranquila com a novidade.

Aquele foi o momento que Adam escolheu para entrar. E como, às terças e quartas-feiras, ele costumava passar o dia em *San Francisco*, sempre tentava chegar mais cedo em casa no dia anterior, como uma recompensa a nós três, que em breve nos tornaríamos quatro.

De alguma forma, que não compreendi naquele momento, Adam pareceu saber toda a verdade.

— Papai, senta aqui e explica uma coisa para a gente. — Charlotte apontou para o degrau e, por mais que eu desejasse ser a única a contar ao Adam sobre a minha gravidez, não fui capaz de impedir a sua filha de continuar. — O seu bebê entrou na *Georgia* e nós não sabemos como foi, não é? — Charlotte me encarou esperando pela confirmação, mas tudo o que consegui enxergar a minha frente era o Adam e a expressão indecifrável em seu rosto.

— Então é verdade — ele falou ao se aproximar e estender a mão para que eu me levantasse.

— Não achei que fosse ser tão rápido — expliquei, querendo que ele acreditasse que não foi planejado. Se bem que, mais cedo ou mais tarde, algo assim acabaria acontecendo dada as vezes em que fizemos amor sem camisinha. — Mas... como descobriu?

— A mãe de Emily apareceu na clínica e conversou com a Ava, que me chamou e perguntou.

— Claro.

— Deu positivo? — Adam quis a confirmação.

— S-sim.

— Está feliz?

Eu estava mais do que Adam poderia imaginar.

— Muito, e você? — Seus dedos afagaram o meu abdômen com um ardor que me deixou com a garganta tão seca, que somente os seus beijos foram capazes de aplacar a sede repentina que me vi sentindo, uma sede que, naquele momento, eu tive que controlar porque Charlotte e Amber permaneciam no cômodo.

Não que ele se intimidasse em demonstrar o seu amor e carinho na frente das filhas, pelo contrário. Era como se Adam quisesse que elas entendessem o quanto eu era especial em sua vida.

— Isso responde a sua pergunta? — indagou ao se afastar, enquanto eu recuperava o meu fôlego.

— Não sei... talvez eu precise de outro beijo.

— Georgia. — Havia um aviso em sua voz, que deixou claro que ele sanaria qualquer dúvida que eu tivesse mais tarde. Mas em nossa cama, e sem a pequena plateia que tínhamos.

— Acho que estou nervosa. Sei que parece besteira, mas eu não estava esperando por uma gravidez. Não agora.

— Não é besteira depois de tudo o que passamos, é absolutamente normal.

— E o casamento? — perguntei baixo, vendo que Amber e Charlotte brincavam pelo quarto. — Nós marcamos a data e eu estarei enorme.

— E vai estar linda. — Adam procurou me acalmar. — Não abro mão de me casar com você, e nem pretendo adiar.

— Quer que eu me case grávida? — Eu estava tão acostumada a ter as pessoas falando a meu respeito, que já podia imaginar os comentários.

— Nada me deixaria mais feliz. — Ele pareceu mesmo feliz, além de tranquilo. E foi essa tranquilidade que fez com que eu me acalmasse, enquanto eu me deixava ser confortada pelos seus braços. — Quero que esse momento seja especial para você, Georgia. Nós vamos ao médico, faremos todos os exames e tudo dará certo. — Eu o encarei, apaixonada. — Não precisa ter medo.

— Como sabe que estou com medo?

— Porque você é a minha mulher, e eu a conheço. — *Sua mulher*. Adam e eu já vivíamos como marido e esposa, mas não era a esse tipo de *ser sua* a que ele se referia e sim ao de pertencermos um ao outro.

E isso nós fazíamos mesmo.

— Nada dará errado, ou sairá de controle, porque dessa vez eu estarei aqui. Cuidando de vocês dois, entende?

Nada me deixava mais emocionada do que quando Adam demonstra me conhecer tão bem. E ao sentir novamente o toque suave de sua mão, eu fechei os meus olhos.

— Então é oficial, a nossa família vai aumentar.

Depois de três testes, tinha de ser.

— Eu gosto da forma como você fala: a *nossa família*. Faz com que tudo pareça real.

— E é, *baby*. Acredite em mim quando eu digo que nós somos reais. O meu amor por você, principalmente.

## ***O pedido***

Uma semana antes do meu casamento, Grace entrou pela porta do estúdio que vinha sendo reformado a fim de se transformar em uma escola de dança para crianças e adolescentes. Com a lesão persistente em meu tornozelo, dançar era inviável. Então por que não passar à frente tudo o que aprendi com Adeline?

Acho que, no final, esse era o caminho que Madame quis que eu tomasse. Como se, ao me entregar o seu estúdio, ela também me desse uma segunda chance de fazer o que eu tanto amava.

— Grace Preston — Michael fez o possível para que Grace perdesse a chance de se reeleger, ao contar em detalhes a toda a cidade o que aconteceu no passado. Ele o fez, no entanto, com a ajuda de Rosalyn, que não se importou em disseminar a fofoca à sua maneira. Unindo o útil ao agradável. Já que ela nunca foi uma fã da Sra. Preston.

Com os olhos verdes focados em meu abdômen estendido e inchado, o meu corpo retesou em apreensão.

Depois que Adam a afastou de nossas vidas, Grace perdeu o chão. A família sempre foi tudo para essa mulher, e ser afastada do que a mantinha de pé ao mesmo tempo em que passava a ser odiada pela cidade, atingiu diretamente o seu orgulho. Ela ter se tornado a segunda pessoa mais odiada em *East Village* não foi uma surpresa. E nem nessa categoria, a Sra. Preston alcançou o primeiro lugar, porque no topo da lista estava



Darana. Que mesmo depois de descobrir a respeito do meu retorno, não fez qualquer tentativa de aproximação.

Não que eu tivesse desejado vê-la outra vez. Sendo bem honesta, tudo de tóxico e ruim que eu conseguisse manter longe das meninas e do meu bebê, eu o faria sem culpa alguma.

*Charlotte e Amber*, pensar nelas me deixava com o coração aquecido. Eu as amava como se fossem minhas, e eu tivesse passado a vida inteira as esperando. *A maior gestação já conhecida.*

— Adam sabe que a senhora está aqui?

Seu filho deixou claro que a queria longe de todos nós.

Observei-a de longe, incapaz de confiar nela ou em sua presença repentina após tantos meses.

— Ainda não, mas você provavelmente irá contar.

— A senhora está certa, eu vou. — Afastei-me, por precaução conforme ela adentrava o estúdio com o olhar atento a cada mudança feita nas últimas semanas.

A ideia era dar aulas para crianças com a idade próxima a de Charlotte, uma oportunidade que eu também pretendia dar a crianças carentes, que viviam no outro lado de *East Village* e que precisavam de distração e carinho em suas vidas. Apesar da euforia de Charlotte em começar a dançar, era Amber quem havia se animado com o projeto.

— De quanto tempo está? — Ela me avaliou, ao perceber que continuei receosa com a sua presença.

— Cinco. — E o peso da barriga já era sentido, assim como as mudanças em meu corpo: seios e pés inchados, dor nas

costas e uma barriga maior do que a Scarlet esperava para o meu período de gestação.

Tudo, graças ao tamanho e o peso do meu bebê. Que, de acordo com ela, puxaria os atributos do pai. A princípio, quando Adam pediu que eu me consultasse com a médica, eu não tive tanta certeza em aceitar, mas ele garantiu que Scarlet era uma excelente obstetra e que não havia motivos pelo que ter ciúmes.

— Já sabe o sexo?

— O que faz aqui, Grace? Sinceramente?

Adam e eu decidimos juntos não descobrir o sexo do bebê ainda. Eu, mais do que todos os outros, desejava ser surpreendida.

— Sei que errei — começou, mostrando-se vulnerável pela primeira vez desde que a conheci. — E que te devo desculpas pelo que fiz a você...

— Por ter transformado a minha vida em um inferno, a senhora quer dizer.

— Também. — Grace respirou fundo. — Eu sinto muito por tudo, mas vim aqui hoje com a esperança de que talvez... você pudesse conversar com o meu filho. Quero me redimir pelo que fiz a vocês dois, mas ele se recusa a me escutar. — Não vinha sendo fácil para Adam, e a forma que ele escolheu para lidar com as maldades de sua mãe foi não tocando em seu nome na minha frente.

— Eu não mereço o perdão dele, ou o seu, mas... — Ela fez como se fosse se aproximar, deixando-me alarmada. Depois de Connor, a minha desconfiança aumentou. Por isso, depois de

uma longa conversa com Adam, eu tomei a decisão de procurar uma terapeuta.

E aos poucos, conforme eu abria o meu coração a psicóloga, comecei a me dar conta de que a maior parte das minhas inseguranças e decisões ruins tomadas ao longo da vida, foram ocasionadas pelo estrago psicológico que Darana fez na minha cabeça desde que eu era pequena.

A mudança não viria de um dia para o outro, mas, até então, eu saía das sessões como se um peso enorme tivesse deixado os meus ombros. E seria assim até que toda a carga emocional do meu passado desaparecesse.

— Vocês são a minha família, Georgia. A única que eu tenho.

— Agora eu sou parte da sua família? — indaguei magoada. — Depois de tudo.

— Eu sinto muito — voltou a repetir, ousando me segurar ainda que suavemente. Acho que eu nunca a tinha visto tão desesperada. — Eu só queria proteger o meu filho, você será mãe em breve, irá entender do que somos capazes... mas eu percebo hoje que ultrapassei todos os limites para proteger o Adam de...

— De alguém como eu.

— Eu não queria que ele sofresse, Georgia. Meu filho era louco por você, mas era apenas um garoto, com a vida inteira pela frente. — Engoli em seco, porque ouvir isso dela não era fácil. — Vocês dois eram jovens demais para viverem tudo aquilo. Um bebê, uma relação intensa como aquela.

— Eu amava o seu filho.

— Eu sei. Hoje eu sei. Mas foi por amar o Adam, que errei tanto. Por isso peço que me escute, Georgia. Converse com o meu filho, diga a ele que eu estou arrependida e que desejo fazer parte da vida das minhas netas e desse bebê.

— Mesmo que para isso você precise engolir a minha presença?

— Sim, quero dizer, não. Eu não me importo que você esteja com Adam, desde que eu tenha acesso a minha família.

— Você tentou colocar Amber contra mim.

— Eu nunca mais farei nada como isso, nem perto.

Sacudi a cabeça, incrédula.

— Você o perdoou? — Grace perguntou de repente.

— Eu estou esperando um filho do Adam, estou morando com ele. Eu me casarei com ele, Grace. Então, é claro que eu o perdoei. Por tudo.

— Tente se colocar no meu lugar então. O que você seria capaz de fazer por esse bebê que espera? Ou pelas meninas?

— Tudo — respondi rapidamente. — Mas nunca, Grace, eu nunca machucaria ninguém para que eles fossem felizes. Principalmente, alguém que não tinha nada como eu.

— Eu não tinha ideia do que a sua mãe fazia com você, não... ao ponto de te machucar. Quando Michael me contou, eu me senti horrível.

— Você pensou que eu era como ela. — Isso sempre foi que o mais me feriu. Ser comparada a Darana.

— Foi um erro. Porque você não é como a sua mãe, você é uma mulher infinitamente mais forte, Georgia. — Ao perceber que eu seguia desconfiada, Grace respirou fundo e agiu como se

estivesse prestes a desistir de tentar me convencer. — Desculpe-me ter vindo, por um momento eu achei que valeria a pena tentar, mas você está certa. O que eu fiz foi horrível.

A Sra. Preston se afastou, não sem antes olhar para o meu abdômen uma última vez. Não com o ódio que sempre me destinou, mas com pesar e tristeza.

*E se ela estivesse dizendo a verdade? E se quisesse realmente fazer parte da vida do meu filho?* Eu não tive nada perto de uma família quando era criança: avós que cuidassem de mim, ou pessoas que se importavam. Fui tão descaradamente ignorada que gostaria que o meu bebê tivesse a chance de ser amado e protegido.

— Grace? — eu a chamei na calçada, esperando estar fazendo o certo. Pelo menos, eu poderia dizer que era o que o meu coração pedia. — Eu não garanto nada, mas posso tentar.

A expressão em seu rosto suavizou, como se a simples promessa já a deixasse imensamente feliz.

— Eu serei eternamente grata se você conseguir fazer com que o meu filho me perdoe, Georgia. Nada me faria mais feliz do que poder fazer parte da *sua* família.

Voltei ao estúdio depois que ela partiu e olhei ao redor pensando nas palavras de Grace.

*Adam e as meninas, eles eram a minha família.*

Distraída e feliz, eu admirei a pintura e a iluminação nova do estúdio. Cada novo detalhe.

Quando decidi ficar em *East Village*, a primeira coisa que fiz foi tentar devolver o dinheiro a Michael, que não aceitou. E,

em vez disso, me propôs entrar como o meu sócio se eu o aceitasse.

Então éramos sócios no futuro estúdio de dança *East Village Studio*. Um sonho que nunca foi meu, mas que, quanto mais tomava forma, mostrava-se como algo que eu teria desejado se tivesse tido a chance antes.

*O meu próprio estúdio.*

Ao verificar o relógio em meu pulso, eu peguei a minha bolsa e me dirigi até a cafeteria de Emily, que sorriu ao me ver entrar.

— Como está a minha grávida favorita?

— Eu sou a única que você conhece, Emy. E estamos famintos.

Minha amiga hesitou, como se quisesse me dizer algo desagradável e não soubesse como.

— Adam me pediu para controlar os doces para você.

— Eu sei, ele não quer que eu tenha diabetes gestacional. — Não depois do aviso que Scarlet nos deu, ao nos alertar de que era uma possibilidade a partir dos exames feitos. Minha alimentação vinha sendo regradada, assim como cada passo que eu dava. — Mas é só um pedacinho.

Ela negou.

— Infelizmente, eu concordo com o Adam. Nós temos que cuidar de você, por isso acabei abrindo uma exceção. — Emily me trouxe uma fatia de bolo e a colocou sobre a mesa em que me sentei desconfortavelmente por causa da barriga. — Prove.

Experimentei o bolo, e adorei.

— É sem açúcar — explicou. — Teremos uma sessão especial para você e para a Charlotte também. Adam também quer que ela diminua o açúcar...

— Adam se preocupa demais.

— Adam te ama demais, você quer dizer? Porque foi o que eu ouvi daqui. — Sorri, sentindo dois ou três chutes seguidos. Ficar muito tempo de pé, sempre deixava o meu bebê agitado.

— Grace foi me procurar — revelei, comendo outro pedaço do bolo sentindo na ponta da língua a diferença, ainda que ele estivesse uma delícia.

— Não me diga que ela foi tentar te irritar.

— Não, pelo contrário. Grace foi me pedir desculpas, à maneira dela, é claro. Além de pedir ajuda para convencer Adam a escutá-la.

Emily se inclinou sobre a mesa, interessada.

— E você?

— Eu prometi a ela que iria tentar — revelei, ao observar as senhoras de *East Village* entrarem e sorrirem na minha direção como se tudo, de repente, fosse maravilhoso.

*Eu carregava o filho do Dr. Preston e, então, tudo estava bem? Era isso?*

— E você vai mesmo? — Emily pareceu receosa diante da minha resposta, eu também estaria se tivéssemos tido essa conversa semanas atrás quando os hormônios da gravidez ainda não controlavam todo o meu corpo e mente.

— Se fosse apenas por mim, eu não gastaria o meu tempo sequer cogitando a possibilidade de ter aquela mulher em nossas

vidas. Mas ela é a avó das meninas e, querendo ou não, é a do meu filho. E eu morro de medo de estar sendo injusta, Emily.

Emily estava prestes a dizer o que pensava a respeito dessa nova informação, quando Ethan entrou na cafeteria e suas bochechas ficaram vermelhas.

Era realmente fofo de se ver.

Encostada contra a poltrona, eu presenciei a troca de olhares entre eles. Minha amiga reagiu como se o homem estivesse nu a nossa frente, ela já o tinha visto dessa forma, de qualquer forma.

— Eu vou...

— Imagino que você vai mesmo, fique tranquila. Eu ficarei quietinha aqui com o meu bolo sem açúcar. Charlotte e Amber ficaram de me encontrar. Então, não se preocupe.

— Eu só vou pegar o pedido dele — justificou, levantando-se.

— Claro, porque Ethan adora doces — falei, revirando os meus olhos para a sua tentativa de encobrir o fato de que os dois eram incapazes de se manterem por muito tempo longe um do outro.

E, enquanto ela se afastava rapidamente, eu observei que os dois entravam na cozinha a fim de pegar o *pedido* de Ethan longe da vista de todos.

Sorrindo, eu continuei a comer o meu bolo. Detive-me ao escutar o sino acima da porta, no momento exato que as minhas duas meninas entravam na cafeteria.

O mundo parecia um lugar muito melhor com elas em minha vida.



— *Geogia!* — Lotty se sentou ao meu lado, e beijou a minha barriga com todo o carinho. — Como está o meu irmãozinho?

— *Ele ou ela*, estão ótimos.

— Eu acho que é ele, *Geogia*. — Charlotte me encarou, cansada de ter de repetir o mesmo: que o bebê que eu esperava era um menino. Não importa quantas vezes o seu pai e eu tenhamos explicado a ela que só saberíamos quando o bebê nascesse. — Eu já tenho uma irmã, entende? Não preciso de outra.

Amber riu a nossa frente.

— Não é assim que funciona, Charlotte — explicou a irmã e olhou para o bolo que eu comia com a mesma preocupação que o seu pai.

— Não tem açúcar, não se preocupe. Agora me digam, como foi a aula das duas mocinhas?

— Chata, *Geogia*. Muito chata. A professora nunca entende o que eu tento dizer. — Eu podia apostar que não, às vezes, nem mesmo eu compreendia o seu raciocínio lógico. E eu a amava um pouco mais por Charlotte ser tão especial.

*Inteligente, esperta. A mil por hora.*

— Foi legal — Amber revelou quando eu a encarei esperando por uma resposta, que veio em forma de duas bochechas vermelhas, como as de Emily haviam ficado.

— Ela fez um amigo, *Geogia* — Charlotte a dedurou.

Com isso me fez encarar a garota ruiva à minha frente com um pouco mais de curiosidade. Tão doce quanto a sua mãe, e tímida também. A amizade que vínhamos construindo

lembrava-me muito a que tive com Hannah. Ainda que eu soubesse que o papel de madrasta me exigiria no futuro, decisões que uma amiga jamais teria.

O fato de ela e Charlotte terem me aceitado tão facilmente em suas vidas, me fazia ter vontade de chorar. Como praticamente tudo nos últimos tempos.

— Sério?

— É só um garoto, ele é novo. — *Ah, esses são os piores, meu amor.* — Eu vou ajudar com a matéria, para que ele não fique atrasado.

Preocupada com ela, eu segurei a sua mão por cima da mesa desejando ter tido alguém no passado, para falar sobre *corações partidos e meninos* comigo.

— Me promete uma coisa? — pedi baixinho. — Quero que cuide bem do seu coração, Amber. E que nunca deixe que ninguém te machuque, mas se algo assim acontecer... se qualquer coisa acontecer, e você se sentir sozinha, ou com raiva e triste, eu quero que converse comigo, me ouviu?

Amber tinha acabado de completar onze anos, e essa foi a idade em que eu me apaixonei pelo seu pai. Para mim, ela ainda era só uma criança. Mas tudo o que vivi nessa mesma idade me atingiu tão fortemente que as consequências eram sentidas até hoje. Eu não queria que fosse assim com ela.

— Ele é só um amigo, Georgia. Sério.

— Você não me prometeu.

— Eu prometo — disse por fim, fazendo a irmã bisbilhoteira sorrir ao meu lado.

— E eu, mamãe *Geogia*? O que quer que eu prometa?

*Mamãe Geogia.*

Acho que eu nunca esqueceria a primeira vez que Charlotte me chamou dessa forma. Adam estava em *San Francisco*, em uma viagem a trabalho, e eu as deixei dormir comigo em nossa cama. Segurando uma mecha do meu cabelo, Lotty abriu os olhinhos em meio à escuridão do quarto e tomou o meu coração todo para ela naquele momento.

*Dorme bem, mamãe Geogia. Você e o meu irmãozinho.*

E foi com os olhos marejados, que eu a encarei agora.

— Você tem que me prometer que não vai chamar os seus coleguinhas de lentos na escola. Não é porque você é... muito esperta, e muito inteligente... e muito rápida em tudo, que os seus amiguinhos têm que ser.

— Eu sei, o meu papai já me explicou. Ele disse que eu sou além do meu mundo.

— Como? — Sua irmã e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Além do meu mundo.

— É tempo, Lotty. Além do seu tempo — Amber a corrigiu.

— Isso, eu sou isso. Não é legal? Um *pincesa* além do seu tempo? — *Que será médica, bailarina e loira...*

— É bem legal, meu amor.

— Eu sei — ela falou, como se não precisasse de confirmação alguma. E se sentou literalmente à mesa, pegando um pedaço do meu bolo.

Quando Emily retornou à cafeteria, não era apenas o seu pescoço vermelho... era ela inteira.

Envergonhada, ela esperou até que sua pele voltasse ao normal, enquanto Ethan se sentava ao meu lado. Ainda que o seu olhar permanecesse em Emily e o que fosse que os dois estivessem se tornando, era gostoso de ver.



No fim daquela noite, depois de colocarmos as meninas para dormir e trancarmos a porta do quarto, Adam e eu nos recolhemos.

Cansada do dia, depois de passar boa parte dele em pé, eu saí do banho e estiquei as minhas pernas na cama, sentindo-me inteira inchada. Ao meu lado, Adam aproveitou para ler um livro novo que ele tinha estado à espera desde que foi lançado e que tratava sobre cirurgias coronárias de alto risco, não que eu achasse que ele tenha conseguido se concentrar integralmente. Não depois que comecei a espalhar hidratante pelo meu corpo.

— Por que eu acho que você quer me dizer alguma coisa?  
— inquiriu, olhando-me por sobre os óculos.

Eu tinha o meu próprio *deus nórdico, sexy e inteligente* ao meu lado na cama. E se não estivesse tão cansada, eu teria adorado me esbaldar nele esta noite.

— Por que acha isso? — Fiz-me de desentendida, mas Adam estava certo.

Eu queria mesmo pedir algo a ele.

— A calcinha — falou, sério. — Sempre que você quer alguma coisa, que as chances de ouvir um *não* são grandes, você põe a menor calcinha que tem. — Eu não tinha pretensão de montar nesse homem hoje, nem pedir para que ele fizesse amor comigo, mas escutá-lo dizer tudo aquilo de forma tão séria, deixou-me excitada.

E Adam percebeu, a ponto de pegar o hidratante das minhas mãos e se aproximar.

— Deixe que eu termino. — Ajudou-me a mudar de posição e puxou a blusa que eu usava para o alto. O toque que teve início em meus ombros e pescoço, desceu rapidamente para os meus seios, que era a região em que eu mais hidratava por conta dos mamilos e o tamanho que eles tinham alcançado com a gravidez.

Ofeguei com o toque, que, a essa altura, tinha que ser extremamente delicado.

— Diga o que tem para me dizer.

— Hum, não sei... está tão gostoso. — Joguei a cabeça para trás.

— Eu imagino que esteja, estou duro só de te ver dessa forma, *baby*. Mas Scarlet pediu para que fôssemos com calma.

— A culpa não é minha. O seu bebê que é enorme.

— Diga — exigiu de novo, enquanto sua mão escorregava até a minha barriga inchada.

— Sua mãe veio me procurar hoje.

Adam se deteve, como imaginei que o faria no instante em me escutasse.

— O que Grace queria? — Ele me encarou de frente, a ideia da massagem foi deixada de lado imediatamente. — Georgia? — sou preocupado. — Não me diga que ela teve a ousadia de ir até o estúdio para te ofender ou...

— Não! Não foi isso. — Eu o acalmei. — Sua mãe queria apenas pedir para que eu conversasse com você, Adam. Ela quer te pedir desculpas.

— Não — rejeitou a ideia antes que eu tivesse a chance de contar tudo a ele. — Grace não vai entrar nessa casa, não depois do que nos fez. Mas, principalmente, depois do que ela fez a você, Georgia.

— Ela também me pediu desculpas. — Ele me encarou, cauteloso. — Adam, eu sei que é uma situação difícil, mas...

— Meu amor, me escute. — Perdi o fôlego, com a intensidade com que me fitou. — Eu estou feliz, vocês *estão* felizes. E isso é tudo o que me importa no momento. Eu não quero que Grace se envolva na nossa vida, ok?

— Eu também não, mas ela é a sua mãe. E as meninas sentem falta dela...

— Eu sei, mas ainda não estou pronto para dar esse passo. Talvez amanhã eu decida que quero me sentar e conversar com ela, deixar que Grace faça parte de nossas vidas, mas não hoje. E não agora.

Odiando vê-lo nervoso, eu me ajoelhei na cama e o beijei. A boca fechada em uma linha fina rapidamente se rendeu a minha tentativa de o levar para o mau caminho.

— O que você decidir a respeito desse assunto, está decidido. — Meu perdão a Grace não viria nem mesmo se mil anos se passassem, mas não era nas minhas necessidades que eu pensava, e sim em Adam e nos nossos filhos. Eu poderia lidar com ela, desde que Grace estivesse realmente disposta a mudar e ser uma boa avó.

— Esqueça esse assunto e se deite aqui — Adam pediu, beijando-me com intensidade e carinho. O ardor em seus olhos deixou claro o que ele pretendia. — Eu te amo. — Eu sabia que sim, em todos os dias em que estivemos juntos não houve uma só manhã ou noite em que esse homem não tenha repetido essas mesmas palavras.

E mais do que dizer, Adam demonstrava. E, naquela noite, meu futuro marido demonstrou todo o seu amor ao afundar o seu rosto entre as minhas pernas e me chupar.

## O filho

Andei de um lado ao outro, completamente agitado. A fim de não deixar Georgia nervosa, fui aconselhado a esperar no corredor do hospital enquanto a minha, agora *esposa*, dava à luz ao nosso filho. Era estranho acostumar-me a chamá-la dessa forma, mas o título não poderia ter caído melhor nela. Georgia era tudo o que eu pensei que fosse, mas era, principalmente, a responsável por fazer com que eu me sentisse vivo.

A cerimônia de nosso casamento foi íntima. Com pouquíssimas pessoas presentes, mas com tudo o que eu poderia tê-la proporcionado naquele dia. Georgia riu, dançou. Foi feliz. E o sorriso que me lançou ao final daquele dia ficaria registrado em minha mente pelo resto de meus dias.

Cada momento desde então, nos trouxe até aqui. Onde Georgia, mesmo após a madrugada inteira em trabalho de parto, sentindo cada uma das contrações, continuava a sentir dor e gritar, levando-me a questionar o porquê de tanta demora. Como médico cirurgião, o meu primeiro pensamento foi o de encaminhá-la para uma cesárea, apenas para que a expressão de dor em seu rosto desaparecesse.

E teria feito tudo para que ela não sentisse qualquer desconforto, mas não cabia a mim tomar a decisão. E Scarlet, como médica dela, sugeriu que eu saísse da sala de parto e me juntasse ao restante da família, que também se mantiveram à espera.

Para que tudo ocorresse tranquilamente, eu não abri mão que Georgia tivesse o nosso bebê no *Califórnia Medical*. Um



hospital que atenderia a qualquer possível complicação ou imprevisto que viéssemos a ter. Não era como se eu gostasse de ser assim, mas era da minha personalidade pensar em tudo. Positiva ou negativamente. E, quando se tratava de Georgia, eu queria sim estar preparado para tudo.

Uma vida inteira de dúvidas, para que, com apenas alguns meses, eu tivesse a confirmação: eu amei Hannah, mas nunca dessa forma. Tão intensa, desesperada e apaixonada.

E ainda que me culpasse por tudo o que aconteceu, com as duas, eu tentava aceitar algo que minha esposa vivia repetindo: *nós tivemos que passar pelo inferno, para estarmos juntos hoje. E isso só me faz te amar ainda mais.*

Eu também a amava muito mais hoje, porque sabia como era a vida sem essa mulher ao meu lado.

— Adam, meu filho. — Grace se aproximou.

O trabalho de parto havia começado a dar seus primeiros sinais durante o meu jantar com as meninas e Georgia, no início da noite passada. Nós estávamos em *San Francisco* há cerca de três dias e a ideia era ficarmos na cidade até que o nosso filho nascesse.

Ao descobrir que estávamos no hospital, Michael e Grace haviam pegado o primeiro voo até *San Francisco*. Ambos haviam chegado há cerca de quatro horas, quando eu ainda não estava tão nervoso. Sem outra opção, eu a deixei ficar, preocupado com a forma abatida e mais magra com que Grace vinha se mostrando nos últimos tempos.

E ainda que Georgia desejasse essa aproximação, eu tinha certeza de que minha esposa jamais a perdoaria. E ela não

era a única, porque, cada vez que me lembrava do que poderia ter acontecido sem a interferência de Grace, eu voltava a ser dominado pela raiva com a mesma intensidade que a do primeiro dia.

— Você precisa se acalmar. — Ela pareceu genuinamente preocupada, não apenas comigo, mas com a Georgia. *Doze horas, droga!*

Essa não era a minha primeira vez. Eu acompanhei o parto das meninas de perto, mas ambas nasceram de cesárea, por escolha de Hannah.

— Eu estou calmo.

Grace tentou me tocar, mas desistiu no último momento ao se dar conta de que aceitar a sua presença em minha vida não era o mesmo que ser capaz de perdoá-la.

Para tanto, eu precisava de bem mais do que palavras.

*Sabe o que diferencia a sua mãe da minha? Georgia disse certa vez. Grace parece disposta a mudar, ela se arrepende, Adam, e isso é nítido. Diferente de Darana, que nunca... mostrou qualquer arrependimento com o que me fez. Não estou dizendo porque quero que você a perdoe, mas que pense apenas.*

— O seu parto também foi demorado — falou saudosa, ao se recordar. — Você nasceu pesando 4,5 kg, era o maior bebê do berçário. Mas o mais lindo também.

Eu a encarei, notando a emoção em que se encontrava.

— Georgia é forte, vai ficar tudo bem. — A assisti se afastar e voltar para onde Amber e Charlotte seguiam sentadas

conversando entre si.

As meninas não tinham ideia do que havia acontecido com a avó, mas pareciam ter escolhido um lado: o de Georgia. Charlotte principalmente, que, a cada tentativa de Grace em se aproximar, optava por ficar em silêncio.

*Eu lidaria com isso depois*, explicaria que, independente de tudo, Grace era a sua avó e que ela sempre teria que respeitá-la. Mas não podia deixar de ser grato pelo fato das minhas filhas tomarem as suas próprias decisões e, mais do que isso, de saberem como e contra quem se defenderem.

— Adam? — Olhei para trás e me deparei com Frederick, que começava o seu plantão agora. — Nada ainda?

— Ainda não. Estou quase entrando para verificar o que está acontecendo, o que acha? Quero dizer, doze horas, Frederick. Quem passa doze horas em um trabalho de parto?

Meu amigo sorriu, com a felicidade estampada em seu rosto por estar vivendo um novo amor ao lado de Kimberly.

— Você fica aqui, Adam. E deixe de pensar como médico, e comece a pensar como um marido à espera...

— Mas como acha que estou agindo? O médico já teria entrado naquela sala e exigido uma cesárea.

Ele riu, achando graça.

— Claro que teria, mas não vamos ser tão intransigentes ou apressados, ok? Dê ao seu filho o tempo que ele precisa para vir ao mundo.

Eu não iria entrar, não porque temia ser arrastado para fora, mas porque um parto humanizado era o que Georgia queria.

E, meu Deus, não havia nada nesse mundo que essa mulher me pedisse eu não fosse capaz de dar a ela.

— Dr. Preston? — Uma das enfermeiras chamou, de repente, fazendo-me olhar para trás. — Tem uma pessoinha aqui dentro que parece ansioso para conhecer o pai. — Encarei-a, atordoado, e a segui pelo corredor.

O *ansioso* usado por ela, revelou tudo o que eu precisava saber. Georgia e eu conversamos por diversas vezes sobre possíveis nomes, e, caso Charlotte estivesse mesmo certa a respeito de ser um menino, nosso filho seria chamado de Harry.

Escutei o choro estridente, que pareceu se espalhar por todo o hospital, já no corredor. E cada passo que dei até a sala onde a minha esposa estava, teve o impacto de mil outros. Meu coração acelerou, não vou negar, e eu quase podia sentir a camada fina de suor cobrir a minha testa.

Todo o nervosismo, no entanto, desapareceu no instante em que eu os vi. Georgia parcialmente sentada com o *nosso filho* nos braços, segurando-o como se ele fosse a coisa mais preciosa que ela já tivesse tocado.

*E ele era mesmo*, pensei ao me aproximar, vendo o mar de lágrimas deslizarem pelo seu rosto enquanto minha esposa olhava encantada para o bebê de cabelos loiros e abundantes.

— Adam — Georgia murmurou, exausta, mas também emocionada. — Ele é lindo. — *Ela era linda*, toda ela, constatei ao me inclinar em sua direção e beijar sua testa com tanto carinho e cuidado, que foi impossível eu mesmo não me emocionar.

— Eu estava enlouquecendo lá fora, mas agora entendo o porquê da demora. — Minha esposa sorriu, esfregando o nariz no bracinho gordo do filho.

— Obrigada. — Georgia me encarou, com um olhar que teria feito com que eu a amasse, se já não o fizesse tanto. — O meu bebê, a nossa família. Isso foi tudo o que sempre quis, Adam. Era o meu sonho.

Caralho, não era ela quem tinha que agradecer. *Eu* era o sortudo da história, o que recebeu uma segunda chance.

— Se tem alguém que tem que agradecer hoje, sou eu, Georgia. Você é a mulher da minha vida, e ainda que eu diga todos os dias o quanto eu a amo, você nunca vai ser capaz de entender o tamanho desse amor.

— Eu acho que entendo sim, porque eu te amo com a mesma intensidade — murmurou, olhando-me da única forma que sabia.

Como se eu fosse todo o seu mundo. O que entendi perfeitamente, porque ela também era o meu.

Do início dele até o fim.

*E, como todas as histórias de amor, eles foram felizes para sempre... exceto às terças.*

*Às terças, Grace Preston aparecia para jantar com o filho, a nora e os netos.*

*E era um inferno de jantar!*

## Próximo lançamento

# RUBI DE SANGUE

A HISTÓRIA DE CELESTE SALVATORE

O lançamento de **Rubi de Sangue: A história de Celeste Salvatore** – o *spin-off* do livro *Sangue Real* – está previsto para o segundo semestre de 2021.

Acompanhe a autora em suas redes sociais, para mais novidades.



---

[1] A versão americana do ENEM. O Scholastic Aptitude Test (Teste de Aptidão Escolar), ou como é mais conhecido – SAT, é um dos exames mais comuns dos EUA, utilizado pelas universidades estadunidenses em seus processos de admissão para graduação.

[2] Balas azedinhas, vendidas nos EUA.

[3] Fundada em 1865, a *Cornell University* é uma das instituições que compõem a [Ivy League](#).

[4] Monterey é uma cidade na acidentada costa central da Califórnia.

[5] *You've got a heart as loud as lions so why let your voice be tamed? Maybe we're little different, there's no need to be ashamed. You've got the light to fight the shadows so stop hiding it away.* (Read all about it – Emeli Sandé).

[6] *Wanna sing. I wanna shout. I wanna scream till the words dry out. So put it in all of the papers, I'm not afraid. They can read all about it, read all about it oh.* (Read all about it – Emeli Sandé).

[7] **Ganesha**, quando usado para distinguir status de "senhor" é um dos mais conhecidos e venerados deuses do hinduísmo.

[8] Espécie de pássaro.